UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

**TESE**

# O BILINGUISMO PORTUGUÊS/POLONÊS NA CONSTITUIÇÃO DISPOSICIONAL E NA PRÁTICA: PERFIS SOCIOLÓGICOS DE CINCO DESCENDENTES DE POLONESES NO MUNICÍPIO DE DOM FELICIANO/ RS.

**Rozele Borges Nunes**

Pelotas, março de 2018.

**Rozele Borges Nunes**

# O BILINGUISMO PORTUGUÊS/POLONÊS NA CONSTITUIÇÃO DISPOSICIONAL E NA PRÁTICA: PERFIS SOCIOLÓGICOS DE CINCO DESCENDENTES DE POLONESES NO MUNICÍPIO DE DOM FELICIANO/ RS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profª Drª Eliane Peres

Pelotas, março de 2018.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N972b Nunes, Rozele Borges

O bilinguismo português/polonês na constituição disposicional e na prática : perfis sociológicos de cinco descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano/ RS / Rozele Borges Nunes ; Eliane Peres, orientadora. — Pelotas, 2018.

254 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Bilinguismo português/polonês. 2. Constituição disposicional. 3. Perfis sociológicos. 4. Repertórios. 5. Dobraduras do social. I. Peres, Eliane, orient. II. Título.

CDD : 410

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

## BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Eliane Peres – Orientadora/ PPGE/UFPel

Profª. Dra Ana Ruth Moresco Miranda – PPGE/UFPel

Profª. Dra Lisiane Sias Manke – UFPel

Profª. Dra Patrícia Weiduschadt – PPGE/UFPel

Profª. Dra Terciane Ângela Luchese – UCS

## *Agradecimentos*

A palavra que define esse momento é gratidão. Sou imensamente grata às pessoas que estiveram comigo nessa trajetória e auxiliaram, direta ou indiretamente, para que esse momento se concretizasse.

À minha orientadora, professora Eliane Peres por ter acreditado na importância desse tema e com isso possibilitado que esse debate faça parte da academia. Agradeço pelo conhecimento compartilhado e pelo exemplo de profissional ética e dedicada que inspira a seguir no trabalho docente.

Aos colegas e amigos do Grupo de Pesquisa Hisales meu muito obrigada pelas experiências vivenciadas nesses quatro anos no grupo. Foi muito importante as trocas adquiridas.

Ao IFRS/Campus Rio Grande pela concessão dos três anos de afastamento para estudos, sem o qual não seria possível realizar a pesquisa de campo.

À minha família, meu pai Oscar e minha mãe Laura, por sempre me incentivar a estudar, mesmo não tendo as mesmas oportunidades de inserção na cultura escrita no passado, vocês foram propulsores dessa trajetória. Agradeço à minha irmã Rosimeri e meu cunhado Cristiano que não mediram esforços para me ajudar na busca por materiais e no contato com os componentes desta pesquisa.

Agradeço ao meu marido André, que é meu companheiro em todos os momentos e sempre me incentivou nos momentos de dificuldades. Obrigada por acreditar que todos os sonhos são realizáveis. Ao meu filho Henrique, que nasceu junto com a tese, és meu incentivo, o melhor da existência, motivo pelo qual eu quero ser uma pessoa e profissional melhor a cada dia. Meu pensamento esteve contigo em todos os momentos de realização deste trabalho. Ele é dedicado carinhosamente a ti.

Aos meus sogros, Mara e Albio, que ficaram com meu filho para participar das atividades do grupo de pesquisa.

Às professoras que irão compor a banca final deste trabalho: Ana Ruth Miranda, Lisiane Manke, Patrícia Weiduschadt, Terciane Luchese. Com certeza será enriquecedor aprender com vocês.

Agradeço à pesquisadora polonesa Karolina Bielenin Lenczowska que gentilmente traduziu os cantos entoados nos velórios poloneses. Agradeço também Leônia Bystronski que traduziu as lápides dos túmulos com escrita em polonês. Muito obrigada às duas pela solidariedade com a pesquisa.

Aos atores entrevistados nesta pesquisa: Eva, Maria, Lorena, Leônia e Márcio, agradeço por terem me recebido em suas residências, dispensado seus tempos e compartilhado suas trajetórias de vida, o qual foi material essencial para realizar este trabalho.

## Resumo

O presente trabalho tem como tema o bilinguismo português/polonês e como objetivo principal investigou, através da constituição de retratos sociológicos: (1) como ocorre a constituição disposicional para o bilinguismo nos descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano e (2) como a disposição para o bilinguismo é colocada em ação através da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita, sendo o social o *locus* onde se imprime essas amassaduras singulares, culturalmente constituídas. Os pressupostos teóricos desta pesquisa vinculam-se, principalmente à teoria da ação e aos conceitos discutidos pelo sociólogo francês Bernard Lahire. No entanto, também foi importante o conceito de vocalidade com base na teoria de Paul Zumthor (1993), para entender a permanência da oralidade no município através dos cantos mantidos pela tradição oral, que ultrapassam a temporalidade, pela historicidade no uso da voz. Além disso, utilizou-se o conceito de bilinguismo de Grosjean (2008). Os indivíduos pesquisados para compor essa pesquisa foram adultos, quatro mulheres e um homem com idades variáveis entre 33 anos, o mais jovem, e 77 anos, a mais idosa, em que os únicos critérios utilizados para fazerem parte da investigação foi a descendência polonesa. Dessa forma, foram investigadas as trajetórias de Maria, Eva, Lorena (residentes do campo), Leônia e Márcio (residentes da cidade). Eles constituíram os perfis sociológicos na primeira parte deste trabalho e indicaram a importância de uma investigação na esfera social, a qual foi realizada na segunda parte da análise de dados. O aporte metodológico vinculou-se à análise em *escala vertical* com a finalidade de entender a pluralidade interna dos indivíduos pesquisados através da realização de entrevistas em profundidade. Dessa forma, os resultados desta pesquisa demonstraram que a constituição da disposição bilíngue pelos descendentes, na maioria pertencente à terceira geração, possui relação com as experiências *disposicionais* incorporadas na infância, principalmente no contato com os avós, que foi capaz de construir esquemas de ações (resumos de experiências) específicos como os *repertórios* (cantos entoados em velórios, cerimônia do "*Oplatek"* e tradição das comidas tradicionais). As *dobras singulares* de cada indivíduo, constituídas através de *fatores contextuais*, analisadas neste trabalho através dos materiais escritos (o jornal "*Lud*'' e "*Gazeta Polska*", a permanência da escrita no cemitério); como também a importância da escola, a qual foi responsável por deixar a língua em determinados períodos em *estado de vigília,* foram aportes conceituais que auxiliaram no entendimento da prática bilíngue da região.



**Palavras-chave:** Bilinguismo português/polonês. Constituição Disposicional. Perfis Sociológicos. Repertórios. Dobraduras do Social. Estado de Vigília.

**Abstract**

The present work has as its theme the Portuguese/Polish bilingualism and as main objective investigated, through the constitution of sociological portraits: (1) how the dispositional constitution for bilingualism occurs in the descendants of Poles in the municipality of Dom Feliciano and (2) as the disposition for bilingualism is put into action through oral and written comprehension and oral and written production, being the social the *locus* where it is printed these singular kneading, culturally constituted. The theoretical assumptions of this research are mainly related to the theory of action and to the concepts discussed by the French sociologist Bernard Lahire. However, the concept of vocality, based on Paul Zumthor's (1993) theory, was also important to understand the permanence of orality in the municipality through the chants kept by oral tradition, which transcends temporality, through historicity in the use of voice. Besides that, the concept of bilingualism of Grosjean (2008) was used. The individuals researched to compose this research were adults, four women and a man with variable ages between 33 years, the youngest, and 77 years, the oldest, in which the only criteria used to be part of the research was the Polish descent. This way, the trajectories of Maria, Eva, Lorena (countryside residents), Leônia and Márcio (city residents) were investigated. They constituted the sociological profiles in the first part of this work and indicated the importance of an investigation in the social sphere, which was performed in the second part of the data analysis. The methodological contribution was linked to the *vertical scale* analysis in order to understand the internal plurality of the individuals surveyed through the execution of in-depth interviews. In doing so, the results of this research demonstrated that the constitution of the bilingual disposition by descendants, mostly belonging to the third generation, is related to *dispositional* experiences incorporated in childhood, mainly in the contact with grandparents, that was able to construct specific schemes of actions (summaries of experiences) such as the *repertoires* (chants intoned in wakes, "*Oplatek*" ceremony and tradition of traditional foods). The *singular folds* of each individual, constituted through *contextual factors*, analyzed in this work through the written materials (the newspaper "*Lud*" and "*Gazeta Polska*", the permanence of writing in the cemetery); as well as the importance of the school, which was responsible for leaving the language in certain periods in wakefulness, were conceptual contributions that helped in the understanding of the bilingual practice of the region.

**Keywords**: Portuguese/Polish bilingualism. Dispositional Constitution. Sociological Profiles. Repertories. Folds of the Social. Wakefulness.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Estanislava Topaczewski tinha 91 anos na época das entrevistas e pertencia a 1ª geração de descendentes poloneses nascidos no Brasil, seus pais vieram crianças da Polônia. Participou ativamente das entrevistas realizadas com sua filha no ano de 2016 e 2017 e veio a falecer em janeiro de 2018 .....13

**Figura 2:** Primeira capela construída pelos poloneses em 1891 na sede da Colônia São Feliciano.....27

**Figura 3:** Colonos poloneses de dom Feliciano voltando da missa.....28

**Figura 4:** Vista do município de Dom Feliciano no início do processo de formação, com as primeiras casas de comércio .....30

**Figura 5:** Vista do municípo de Dom Feliciano atual, realizada no local da Cruz dos Imigrantes.....30

**Figura 6:** Carta Topográfica do município de Dom Feliciano.....33

**Figura 7:** Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa.....35

**Figura 8:** Altar-mor com o quadro de Nossa Senhora de Czestochowa.....35

**Figura 9:** Casa da Cultura do Imigrante de Dom Feliciano.....36

**Figura 10:** Sociedade Águia Branca.....37

**Figura 11:** Sociedade São Estanislau Kotska.....38

**Figura 12:** Sociedade da Linha Assis Brasil com poloneses .....39

**Figura 13:** Sociedade da Linha Assis Brasil atualmente .....40

**Figura 14:** Escola Estadual de I e II Grau Dom Feliciano .....41

**Figura 15:** Galpão onde eram ministradas as aulas na propriedade da família Rembowski, na localidade de Caminho Novo .....42

**Figura 16:** Escola Municipal Rural desativada na localidade de Caminho Novo .....42

**Figura 17**: Antiga sociedade polonesa São Feliciano e ao fundo a escola de Ensino Fundamental Padre Constatino Zaikowski .....43

**Figura 18:** Tempero, *majeranek*, indispensável para a preparação da czernina presente na horta de dona Eva. .....63

**Figura 19**: Casa construída pelos bisavós de Maria vindos da Polônia, Maria também residiu nesse local na infância.....81

**Figura 20:** Márcio na foto à direita em entrevista concedida sobre os poloneses em Dom Feliciano a revista “Posnaj Swiat” (Conheça o mundo) ..... 104
**Figura 21:** Livro de orações em polonês herdado da avó de Leônia, o qual pertenceu aos bisavós imigrantes.. ..... 124
**Figura 22:** Livro que possui cantos entoados em velórios, no entanto mesmo havendo o suporte escrito Lorena utiliza a tradição oral ..... 145

**Figura 23:** Livro de Canções, com cantos que são entoados em velórios .....169
**Figura 24:** Livro de Canções, com cantos que são entoados em velórios .....172
**Figura 25:** Anotação do canto polonês que não está no livro de canções .....174
**Figura 26:** Frente da folha de cantos natalinos pertencente ao acervo da igreja ...177
**Figura 27:** Verso da folha de cantos natalinos pertencente ao acervo da igreja ....178
**Figura 28 e 29:** Cantos entoados em polonês e que possuem tradução para o português em outra folha de cantos para o Natal.....179
**Figura 30:** Cerimônia do “*Oplatek”* realizada em 2011 na Casa da Cultura e do Imigrante Polonês. Acima a abertura do cerimonial, abaixo a benção do pão realizada pelo padre e ao lado o grupo de cantos da igreja, “Spiewajmy Panu” (Cantemos ao Senhor) e o Terno de Reis, “Orzel Byali” entoando cantos natalinos em polonês.....182
**Figura 31:** As fotos representam a partilha da hóstia pelos descendentes, em que todos devem repartir o pão ázimo, desejam votos de fraternidade e posteriormente ceiam em comunhão .....183
**Figura 32**: Jornal polonês *“Lud*”, pertencente ao convento dos padres vicentinos no Paraná.....188
**Figura 33:** Leitores do “*Lud*” nas colônias do Paraná.....189
**Figura 34**: Jornal “*Gazeta Polska w Brasilji*” do ano de 1941 .....190
**Figura 35:** Vista geral do cemitério de poloneses, localizado na cidade de Dom Feliciano.....194
**Figura 36:** Vista geral do cemitério dos alemães, localizado na Linha Amaral Ferrador, localidade do município de Dom Feliciano .....195
**Figura 37:** Túmulo da família Lysakowski, com a escrita em polonês.....196
**Figura 38:** Lápide de Wilhelm Schroder, com a escrita em alemão .....197
**Figura 39:** Túmulo da família Bystronski, com a escrita em polonês.....199

**Figuras 40 e 41:** À esquerda lápide dos bisavós paternos de Maria, imigrantes poloneses. À direita lápide dos avós maternos de Maria, que vieram pequenos da Polônia .....200
**Figura 42**: Lápide do pai de Maria, com o sobrenome “Borowicz”.....201
**Figura 43**: Primeira página do Plano de Desenvolvimento Educacional de 1964 a 1990 mostrando as escolas que ainda funcionam nas sociedades e suas respectivas localizações.....204
**Figura 44**: Parte da ata de construção da Sociedade São Feliciano, na Linha Amaral Ferrador, redigida em português com evidência para o ano de 1941, fazendo menção a Getúlio Vargas, em pleno regime do Estado Novo.....206
**Figura 45**: Parte da ata de construção da Sociedade São Feliciano, na Linha Amaral Ferrador, redigida em polonês .....207
**Figura 46:** Cartilhas polonesas utilizadas na alfabetização de Leônia, com datas de publicação de 1962 e 1966 .....210
**Figura 47**: Parte interna de uma das cartilhas “Cwiczenia – Elementarzowe II” com os registros do preenchimento escrito.....211
**Figura 48:** Cartão recebido da Polônia com a descrição: “Para toda nossa família no Brasil” .....212
**Figura 49:** Cartão a ser enviado para a Polônia com a descrição “Para toda a família distante do Brasil”.....212
**Figura 50:** Capa do dicionário de Gramática.....213
**Figura 51:** Bilhete encontrado dentro do livro.....213
**Figura 52:** Rascunho no interior do livro com palavras em polonês e seu significado em português .....213

**SUMÁRIO**

***Encontros e (re)encontros*** **.....14**

**INTRODUÇÃO .....19**

**1. O CONTEXTO DA AÇÃO .....24**

1.1. Caracterização da comunidade polonesa em Dom Feliciano.....24

1.2. Dom Feliciano – de colônia a município.....29

1.3. O início do processo educacional em Dom Feliciano.....36

1.4. O contexto educacional atual em Dom Feliciano .....40

**2. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.....44**

2.1. Composição dos perfis sociológicos .....52

2.2. Os atores da pesquisa.....56

2.3. Materiais escritos no contexto familiar e social: reflexo da ação .....60

**3. PERFIS SOCIOLÓGICOS .....62**

3.1. *Eva KUCHARSKI* .....63

3.1.1. A disposição bilíngue incorporada na infância e mantida de forma permanente na vivência cotidiana .....66

3.1.2. Disposição permanente, *estado de vigília*, repertório e dobradura do social ..76

3.2. *Maria TOPACZEWSKI* .....81

3.2.1. Uma disposição marcada por permanências e rupturas em contato com a educação.....83

3.2.2. Disposição bilíngue em consonância com a constituição da personalidade nos espaços de socialização familiar e escolar, trânsfugas, repertórios e dobraduras do social .....96

3.3. *Márcio ROSIAK* .....104

3.3.1. Uma disposição transformada em constante atualização e vinculada ao senso prático. .....106

3.3.2.Uma disposição permanente, transformada ao longo do tempo; disposições para crer e para agir; interferência do efeito diacrônico e sincrônico; estado de vigília;desejo inibido; disposição humanista; repertório e dobradura do social .....118
3.4. *Leônia BYSTRONSKI* .....124
3.4.1. Uma disposição vinculada à religião, na gênese e na ação. .....126
3.4.2. Disposições para agir e para crer, *estado de vigília*, transponibilidade dos esquemas de ações, estilo de vida, repertório e dobradura do social .....138
3.5. *Lorena SLAWSKI* .....145
3.5.1. Uma disposição vinculada ao convívio familiar e em declínio a cada geração. .....147
3.5.2. Disposição em transformação a cada geração: a mudança de forte para fraca; repertório; desencadeador; *estado de vigília* e dobradura do social. .....158

**4. O BILINGUISMO NA PRÁTICA SOCIAL .....163**

4.1. REPERTÓRIOS .....163
4.1.1. A teoria de Paul Zumthor.....164
4.1.2. Os cantos entoados nos velórios poloneses: conjunção entre oralidade e escrita.....169
4.1.3. Os cantos entoados na igreja: repertórios individualizados que aproximam oralidade, leitura e escrita .....176
4.1.4. A cerimônia do “Oplatek”: atualização do passado incorporado .....181
4.2. AS DOBRAS SINGULARES DO SOCIAL.....186
4.2.1. Leitura: O jornal polonês *"Lud"* e "*Gazeta Polska*" .....187
4.2.2. A escrita no cemitério como registro da vida.....193
4.2.3. *Estado de vigília:* a língua silenciada no contexto educacional.....202

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....215**

**REFERÊNCIAS.....226**

**APÊNDICES .....230**
**ANEXOS .....241**

**Figura 1** : Estanislava Topaczewski tinha 91 anos na época das entrevistas e pertencia a 1ª geração de descendentes poloneses nascidos no Brasil, seus pais vieram crianças da Polônia. Participou ativamente das entrevistas realizadas com sua filha no ano de 2016 e 2017 e veio a falecer em janeiro de 2018.
**Fonte:** Autora, 2016.

*"Eu lia muito o jornal polonês para meus avós, principalmente para meu avô que era analfabeto, isso é o que fica para a vida".*

*Relato de Estanislava, durante a 2ª entrevista (In memoriam).*

*"[... ] Esses estudos de caso não são simples ilustrações de contextos teóricos, mas mostram esquemas interpretativos na prática. Podem ser lidos tanto a partir dessa perspectiva reflexiva quanto como se fossem retratos sociológicos de pessoas com histórias singulares".*

(LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos*. Prólogo XII, 2004).

## *Encontros e (re) encontros*

> Somos todos pedaços (de terra) e com uma contextura tão informe e diversa, que cada pedaço, em cada momento, faz o seu jogo. E encontramos em nós próprios tantas diferenças como entre nós e os outros. *Magnam rem puta unum hominem agere*.
>
> (MONTAIGNE, Essais, Segundo Livro *apud cit* Lahire, 2003, p. 39).

O interesse por essa pesquisa surgiu há muito tempo, caracterizado por vivências no interior do município de Dom Feliciano/ RS. Mais do que vivências, na verdade, caracteriza as experiências de uma vida, desde a infância até vida adulta. A relação com o objeto de pesquisa e as motivações que me levaram a investigar o bilinguismo português/polonês em cinco descendentes de poloneses teve início em 1990 quando ingressei na primeira série de uma escola rural na localidade de Caminho Novo, município de Dom Feliciano.

As investigações com a comunidade polonesa já se efetivaram em outros dois momentos e essa pesquisa busca aprofundar achados de duas análises anteriores: uma de caráter monográfico (NUNES, 2008), realizada para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a outra realizada no mestrado em Geografia (NUNES, 2011), junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). No primeiro estudo buscou-se compreender a importância da educação – escolar e familiar – para a construção da identidade cultural dos descendentes de poloneses. Nessa pesquisa uma das conclusões principais é de que a família e a escola não possuem o mesmo papel para a manutenção dessa identidade. Constatou-se que, enquanto a família incentiva e resgata certos valores culturais, a escola não questiona a importância dessas diferenças e tendia a certa homogeneidade cultural. Esse trabalho focou, principalmente, o contexto familiar, na qual foi realizada a pesquisa de campo.

De forma resumida, com a realização daquela pesquisa (2008) foi possível constatar que a identidade cultural dos descendentes de poloneses passou por muitas alterações nesses 124 anos que separam do início do processo imigratório em 1890, e isso não poderia ser diferente. Essas modificações puderam ser

identificadas, principalmente, considerando uma diminuição no uso da língua oral pelas novas gerações, paralelo ao enfraquecimento na prática da religião, uma importante influência cultural entre os imigrantes. No entanto, no ambiente familiar, entre as primeiras gerações de descendentes, há importantes elementos simbólicos que permanecem, especialmente a valorização de objetos religiosos trazidos da Polônia pelos imigrantes. Na família, embora os pais ainda se comuniquem em polonês, as crianças sentem vergonha em falar essa língua. Isso, provavelmente, se deve ao fato de se sentirem diferentes diante das pessoas que não falam, constituindo indício de negação dessa origem. Esses foram alguns dos resultados encontrados na primeira pesquisa realizada sobre o tema.

Em um segundo momento, na investigação de mestrado (2011), foi analisado o contexto escolar, no qual se investigou como a escola pública trabalha a diversidade cultural dos alunos, como forma de confirmar ou refutar a ideia de que a escola contribui de alguma forma, na negação do pertencimento cultural dos alunos. Após a análise dos dados pesquisados, concluiu-se que a presença cultural polonesa é muito forte no interior do município e que existe também outros núcleos marginalizados nesse local. A causa desse problema é a falta de atenção às manifestações culturais e, principalmente, à linguagem oral polonesa, ou seja, muitos alunos do campo chegavam na escola falando polonês e acabavam sendo discriminados em razão disso.

Retornando às justificativas que me fazem pesquisar o bilinguismo atualmente, destaco, ainda, que no primeiro dia de aula, na década de 90[1], a "diferença" em relação aos meus colegas me chamou a atenção. Em uma turma multisseriada, havia alunos de diferentes idades, mas o mais interessante era a diversidade que constituía a sala de aula. O meu estranhamento se dava porque havia nesta classe colegas que falavam em polonês e eu, obviamente, nada entendia. Com o tempo, o grupo de alunos foi criando afinidade entre si e acabavam por se comunicar em polonês quando lhes era conveniente: como se fosse um código secreto entre eles para que os demais colegas e o professor não pudessem desvendar.

As inquietações que tal realidade me despertou ultrapassava os muros da escola e chegava ao ambiente da casa. Com o tempo, percebi que suas

[1] Ingressei na escola Municipal Dom Pedro II em 1991 em uma turma multisseriada.

particularidades caracterizavam, mais do que a linguagem, mas uma disposição incorporada no próprio ambiente familiar. Passei a frequentar este ambiente e, pouco a pouco, comecei a entender um pouco mais de suas experiências. Com o passar do tempo, devido ao convívio, já ensaiava algumas palavras em polonês motivada pelos meus amigos de turma. Além disso, as comidas, com suas particularidades também era um universo a parte para mim. Certa vez fui convidada a almoçar e experimentar uma *czernina*, comida típica produzida com sangue de pato que me gerou certa "estranheza", mal sabendo que se tratava de uma iguaria tradicional muito utilizada em períodos de guerra para dar vitalidade aos combatentes.

No período da Páscoa, era época de decorar os *Pisankis*, tradição polonesa de pintar os ovos de galinha com motivos tradicionais, e minha mãe não entendia porque eu precisava de tantos ovos para levar à escola. Na adolescência e na vida adulta percebi que as festas e as missas estavam impregnadas também de particularidades desse grupo étnico: nas missas os cantos em polonês e nas festas muitas bandinhas e músicas tradicionais.

O tempo foi passando e eu queria saber mais dessa realidade, desvendar o "código secreto" que meus colegas utilizavam em aula e percebi também que existia em mim uma relação intrínseca com a realidade desse grupo, pois me constituí entre eles. Meus colegas de aula daquele período, em sua maioria, já constituíram família com outros descendentes de poloneses, uma das tantas tradições mantidas entre o grupo.

Entender verticalmente essa realidade, agora traçando perfis sociológicos dos descendentes (LAHIRE, 2004) que residem no município a fim de analisar como a disposição[2] para a manutenção do bilinguismo é mantida, na constituição e na ação,

---

[2] O conceito que guia a construção teórica desta pesquisa é o de disposição e de prática, baseada na teoria de Bernard Lahire, segundo o qual a interpretação do sistema disposicional é capaz de captar a maneira do indivíduo ver, sentir e agir. Para isso, é necessário um trabalho interpretativo denso para analisar a origem dos comportamentos, sentimentos e práticas. Quando se aborda ao longo desse trabalho o termo "prática", o seu entendimento envolve de acordo com Lahire (2005) a ação como produto de experiências sociais anteriores. Cabe destacar que a abordagem sociológica de análise do indivíduo de forma vertical não restringe a ação à prática ou vice-versa, pois o seu entendimento envolve a análise das estruturas cognitivas, psíquicas ou mentais, de disposições, de *habitus* que são incorporados por cada indivíduo de forma única. Dessa maneira, na segunda parte desse trabalho quando se estuda os perfis sociológicos o termo "prática" é analisado sob diferentes perspectivas de acordo com a análise disposicional dos entrevistados. Ele aparece vinculado, por exemplo, à forma de cozinhar, de cuidar dos temperos, de falar, de ler, de escrever, de cantar, de traduzir cantos, de operacionalizar a pequena propriedade rural, etc. Esses conceitos são detalhados no capítulo 3.

é o objetivo pesquisa. Para isso é necessário compreender o contexto social, seu universo simbólico e material e tudo o que não pode ser desvelado pelo senso comum. Esse propósito me leva a investigar no curso de Doutorado em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (FaE/ UFPel) na linha de pesquisa Cultura escrita, Linguagens e Aprendizagens (CELA), a relação desse grupo étnico com a língua. Afinal, devido ao longo período que nos separam do início do processo colonizatório na região se torna importante compreender os meios pelos quais essa disposição é posta em ação, se há registros escritos na língua polonesa, ou se é uma comunidade que mantém especialmente a oralidade como forma de manutenção da linguagem.

Muito dessas inquietações são particulares, devido as relações que estabeleci com o espaço rural, onde reside grande parte das famílias polonesas. No entanto, mais do que isso, esta pesquisa se tornou uma possibilidade de analisar a realidade de um grupo étnico ainda não pesquisado em profundidade, trazendo à tona um universo singular que está à margem do mundo acadêmico, permitindo que através do escrito se materialize a realidade cotidiana desse grupo, que utiliza a língua como forma de pertencimento étnico, mas que, ao que tudo indica, pode desaparecer nas próximas gerações.

Para a compreensão da realidade cultural do indivíduo é preciso um estudo aprofundado, pois “o caráter heterogêneo do leque individual de práticas e de gostos só pode ser explicado levando em conta a pluralidade de lógicas contextuais e disposicionais que guiam os comportamentos culturais” (LAHIRE, 2006, p. 28). É com essa perspectiva teórica que embasou-se a proposta investigativa, pela análise cultural individualizada, capaz de compor retratos sociológicos que entrelaçam o passado e o presente em uma abordagem complexa do campo social. Dessa forma, a análise não pode mais ser superficial, considerando apenas as vivenciadas da infância, embora elas me constituam como pesquisadora e auxiliaram a investigar o campo empírico. O quadro teórico embasado no sociólogo francês Bernard Lahire (1997; 2002; 2003; 2004; 2005; 2006), sugere ir à origem da constituição disposicional para desvendar o que o senso comum não consegue aprofundar.

Interpretar “partes” que constituem o ator plural polonês e entender como se constituiu produto matizado das experiências que viveu, das memórias que guardou em família e dos registros que mantêm conservados para interpretar sua realidade é

a finalidade dessa pesquisa. Ao fazer esse processo, também me (re) encontro, em partes, com as experiências que vivi.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal analisar como ocorre a manutenção do bilinguismo português/polonês em cinco indivíduos bilíngues do município de Dom Feliciano/ RS, procurando interpretar como essa disposição se constituiu e é colocada em ação atualmente. Para entender essa rede complexa que envolve a disposição para o bilinguismo, utilizou-se a "teoria do ator plural" embasada em Lahire (1997; 2002; 2003; 2004; 2005; 2006), para qual o ser humano é formado por uma multiplicidade de disposições incorporadas em diferentes períodos, se constituindo como produto complexo dos múltiplos processos de socialização.

Com esse aporte teórico a pesquisa supõe uma análise vertical para o entendimento da realidade circundante, que vai ao encontro do universo de análise, uma vez que, o município de Dom Feliciano/RS teve seu processo de formação ligado à imigração polonesa no ano de 1890. A cena social que se interpretou nesse local foi a disposição para o bilinguismo, procurando desvendar como e porque após 124 anos que separam do início do processo colonizatório essa prática ainda é mantida por alguns indivíduos e suas famílias no município. A contextualização dessa realidade está vinculada à importância que as matrizes sociológicas tiveram na constituição disposicional de cada indivíduo. Dessa forma, o entendimento do social e de suas estruturas planas é necessário para desvendar as amassaduras singulares em cada indivíduo.

Sendo assim, são considerados relevantes para essa análise conceitos com base na teoria de Bernard Lahire, como a metáfora da dobradura, em que o indivíduo é comparado a um papel amassado no qual vai imprimindo ao longo da vida, de forma diferenciada, a complexidade dos processos sociais; o conceito de repertório, em que as disposições são armazenadas em locais diferenciados e podem ser reativadas a qualquer momento por desencadeadores de sua efetivação, como uma comida, um aroma, uma celebração, etc; o conceito de *estado de vigília* quando a disposição fica curtos ou longos períodos em silenciamento devido ao desajustamento entre o que o foi incorporado pelo ator e o que a situação presente exige dele. A apreensão do singular de forma individualizada tangencia o olhar para

os múltiplos processos sociais incorporados pelo sujeito, que pela descontinuidade temporal entre apreensão das disposições na infância e abordagem prática, no tempo presente ocasiona um patrimônio de disposições não unificado que varia de acordo com o contexto no qual o indivíduo está inserido. Se por um lado a teoria de Bernard Lahire é o “carro chefe” dessa pesquisa, por outro, é também importante o conceito de vocalidade, com base na teoria de Paul Zumthor (1993), para entender a permanência da oralidade no município através dos cantos mantidos pela tradição oral, que ultrapassam a temporalidade, pela historicidade no uso da voz. Além disso, utilizou-se o conceito de bilinguismo de Grosjean (2008).

A fim de entender essas dissonâncias, coube traçar alguns objetivos fundamentais nesse processo de pesquisa a fim de investigar através da constituição de retratos sociológicos a relação dos descendentes de poloneses com o bilinguismo português/polonês e em que medida o passado incorporado contribui para que essa disposição seja posta em prática. Dessa forma, esta pesquisa procurou investigar (1) como ocorre a constituição disposicional para o bilinguismo nos descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano e (2) como a disposição para o bilinguismo é colocada em ação através da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita, sendo o social o *locus* onde se imprime essas amassaduras singulares, culturalmente constituídas.

O conceito de bilinguismo que rege esta pesquisa segue a linha de análise de Grosjean (2008), para qual o bilinguismo é um fenômeno comum em diferentes países, sendo que a maioria das pessoas não são fluentes em duas línguas. A maioria adquire suas línguas em diferentes momentos das suas vidas e muitos falam uma língua não tão bem como a outra e leem ou escrevem em apenas uma língua que falam. Dessa maneira, utilizando essa abordagem será considerado bilíngue o indivíduo que tenha o domínio de pelo menos uma das habilidades linguísticas (leitura, escrita, fala e audição) em polonês e português.

Os indivíduos pesquisados para compor essa pesquisa são adultos, quatro mulheres e um homem, com idades variáveis entre 33 anos, o mais jovem, e 77 anos, a mais idosa, em que os únicos critérios utilizados para fazerem parte da investigação era a descendência polonesa, o fato de utilizarem a língua polonesa em suas vidas e estarem dispostas a participarem de vários encontros com a pesquisadora até que todas as dúvidas sobre suas trajetórias sociais pudessem ser

sanadas. Esses cinco atores: Maria, Eva, Lorena, Leônia e Márcio constituíram os perfis sociológicos na primeira parte deste trabalho e indicaram a importância de uma investigação na esfera social, a qual foi realizada na segunda parte da análise de dados. Cabe destacar, que, assim como a perspectiva de Lahire (2004, p. 34) adverte, “é importante frisar que os pesquisados não foram escolhidos de forma a poder entrar no leito do Procusto de uma teoria da pluralidade disposicional”, ou seja, são pessoas comuns analisadas na perspectiva da teoria do ator plural, na busca por entender o reflexo do mundo social sobre elas e sua interiorização, no que tange ao bilinguismo.

Considerando a realidade bilíngue da região, mantida pelas primeiras famílias de descendentes de poloneses que se estabeleceram na Colônia de São Feliciano e perpetuada no contexto atual em configurações diferentes daquela época a tese na qual essa proposta se estrutura é de que a disposição bilíngue é mantida, principalmente através da fala, com maior proeminência quanto mais próximo for o fator geracional em relação aos imigrantes e quanto maior foi o contato desses antepassados com o material escrito e com as tradições trazidas do país de origem, ou seja, mesmo que atualmente a língua seja basicamente oral ela possui relação com a interferência que o escrito teve no local em que esses imigrantes se estabeleceram e, além disso, possui influência com os aspectos simbólicos mantidos pelas tradições. Portanto, a constituição da disposição bilíngue pelos descendentes, na maioria pertencente à terceira geração, possui relação com as experiências incorporadas na infância, principalmente no contato com os avós, que foi capaz de construir esquemas de ações (resumos de experiências) específicos como os repertórios (cantos entoados em velórios, cerimônia do “*Oplatek”*, tradição das comidas tradicionais), que ficaram estocados aguardando condições específicas para serem novamente postos em ação. Outro aspecto preponderante para entender o uso da língua nesse local são as dobras singulares de cada indivíduo, constituídas através de fatores contextuais, como o acesso dos antepassados aos materiais escritos como o jornal “*Lud*’’ e “*Gazeta Polska*”, a permanência da escrita no cemitério como registro da vida, a importância da escola, a qual foi responsável por deixar a língua em determinados períodos em *estado de vigília* e o fator religioso que também influencia a constituição disposicional e a forma dos indivíduos agirem em sociedade. Dessa forma, a disposição bilíngue ainda é mantida atualmente

porque o passado incorporado se faz presente no modo de vida das famílias de descendentes de poloneses através de desencadeadores mobilizados em situações específicas que conduzem formas particulares de ver, sentir e agir, caracterizando-os como indivíduos singulares e pluralmente heterogêneos a tantos outros, pelas vivências próprias que cada um interiorizou em seus contextos de socialização.

Esses aspectos, aliados ao aporte teórico-metodológico, orientam o eixo investigativo desta pesquisa. No primeiro capítulo desta proposta, apresento dados históricos, a fim de caracterizar a comunidade polonesa em Dom Feliciano/RS desde a vinda dos primeiros imigrantes em 1890, a política que envolveu o processo colonizatório, as promessas de incentivo de vinda para o Brasil, assim como as condições precárias que encontraram ao estabelecerem-se em seus lotes coloniais. Na sequência é feito um panorama da educação no município, nos primórdios com o ensino realizado nas residências dos poloneses, após nas chamadas “sociedades” e, finalmente, no sistema educacional que o município dispõe.

Após o entendimento do contexto de estudo, no segundo capítulo são apresentados os procedimentos de pesquisa embasados na proposta teórico-metodológica de Bernard Lahire, a fim de produzir “retratos sociológicos” de cinco indivíduos bilíngues, tanto na cidade como na área rural do município de Dom Feliciano, procurando interpretar como ocorre a incorporação dos esquemas de ações para o bilinguismo e como este é colocado em prática. Fator fundamental para entender esse contexto, como mencionado, é o conceito de disposição (LAHIRE, 2004), que pressupõe captar a singularidade e subjetividade dos comportamentos sociais.

Em conjunto com a construção metodológica do estudo e com os indivíduos da pesquisa são definidos os conceitos norteadores do trabalho como bilinguismo e, principalmente, é dada ênfase à teoria de Bernard Lahire, para qual cada indivíduo está sujeito a diferentes formas/princípios de socialização, podendo incorporá-los, ao longo da vida, de maneira diversa. Por meio de estudos de casos, que se constituem em retratos sociológicos, ocorre a relação entre aspectos do passado e do presente, sendo possível através da maneira de pensar, de sentir e de agir criar interpretações para a realidade vivida.

No terceiro capítulo são analisados cinco perfis sociológicos dos descendentes de poloneses em Dom Feliciano. De forma geral, em um primeiro

momento se analisa o relato individual dentro das matrizes socializadoras utilizadas como aporte metodológico, uma vez que os relatos não apresentam uma sequência temporal e, nesse primeiro momento, o objetivo era dar uma sequência espaço-temporal para conseguir posteriormente interpretar o uso da disposição. Em um segundo momento, com base na teoria do ator plural buscou-se interpretar, a partir das categorias de análise, os distintos momentos de permanência e ruptura no uso da língua polonesa, com a finalidade de entender a constituição disposicional para o bilinguismo e sua atuação prática em diferentes momentos da trajetória individual.

No quarto capítulo abordou-se o uso do bilinguismo na esfera social, na busca por interpretar os meios pelos quais ele é colocado em ação. Essa análise é feita com base em três categorias: os repertórios, as dobraduras do social e o *estado de vigília*. No primeiro segmento são analisados os cantos mantidos pela tradição oral nos velórios dos descendentes de poloneses; os cantos natalinos entoados na igreja e a Cerimônia do "*Oplatek*", que passou de uma esfera familiar para a esfera pública. Na segunda categoria são analisados aspectos relacionados às marcas da ação mantidas através da leitura e da escrita. Para isso, são investigados jornais poloneses que tiveram circulação no município e a escrita polonesa mantida como registro especialmente no cemitério. Por fim, na terceira categoria analisou-se a importância do fator educacional, permeado pelas políticas públicas, que foi responsável por deixar a língua polonesa em *estado de vigília*, restringindo-a ainda mais ao contexto familiar.

Portanto, captar a pluralidade interna dos descendentes de poloneses através do aporte teórico-metodológico em escala individual, utilizando-se das dobraduras que o social imprimiu, dos momentos de silenciamento da língua e dos repertórios que armazenaram ao longo de suas trajetórias pode revelar um universo à parte das suas diferentes formas de socialização, em que o bilinguismo foi constituído, guardado, silenciado e colocado em ação.

# 1. O CONTEXTO DA AÇÃO

## 1.1. Caracterização da comunidade polonesa em Dom Feliciano/ RS

Contextualizar o processo colonizatório[3] polonês não é tarefa fácil, uma vez que a maior parte da bibliografia existente enfatiza o processo colonial alemão e italiano no Rio Grande do Sul. Essa ênfase talvez esteja vinculada à maior expressividade de imigrantes ou devido a posição mais privilegiada que ocupavam esses países no período imigratório para o Brasil. No entanto, daremos atenção ao processo colonizatório polonês para o Estado, pois estes foram os responsáveis pela fundação da colônia e, posteriormente, do município de Dom Feliciano. Com o fim da escravatura em 1888, os imigrantes eram atraídos por uma política que pretendia a formação de colônias e o fim do isolamento de determinadas regiões. Segundo Barros e Lando (1980):

> A ação colonizadora do Governo Imperial e do Governo da União constituiu um dos elementos mais importantes de atração de imigrantes para o Brasil, além do financiamento do transporte marítimo do imigrante. Confirma esse fato o desenvolvimento que teve a imigração para o Rio Grande do Sul, onde se efetuou a maior colonização oficial do país, que se iniciou com a fundação, em 1824, da Colônia de São Leopoldo. Saliente-se ainda que, com a colonização oficial, visava o Governo garantir a posse e exploração de regiões menos povoadas, conturbadas por questões de limites (BARROS; LANDO, 1980, p.21).

Outro fator que contribuiu para a formação da pequena propriedade no Rio Grande do Sul foi a Lei de Terras de 1850, pela qual a terra não poderia ser obtida por outro meio que não fosse a compra. Esses dois fatores – a Lei de Terras e a Lei Áurea – foram decisivos para a desintegração do sistema latifundiário no Rio Grande do Sul e possibilitou a consolidação da pequena propriedade rural baseada em novas

---

[3] Cabe aqui fazer uma distinção entre colonização e imigração. Para Barros e Lando (1980) são políticas diferenciadas, pois a colonização buscava a formação de colônias de estrangeiros, com a finalidade de ocupar regiões vazias e a imigração estava associada a uma iniciativa particular e aos interesses da grande lavoura para suprimento da mão de obra. Dessa forma, a colonização se concentrou na região sul e a imigração na região sudeste do país, principalmente atendendo a produção de café.

relações de produção e fortemente vinculada à agricultura familiar, com a produção de gêneros agrícolas destinados à subsistência[4] (BARROS & LANDO, 1980).

A pequena propriedade aumentou consideravelmente com a vinda dos imigrantes, os alemães em 1824, os italianos em 1875 e, também, os poloneses no final do século XIX. Os colonos poloneses tinham o intuito de vir para o Brasil para melhorar de vida e alguns já traziam o dinheiro para comprar terras na nova colônia. Outros vinham para produzir, obter lucros e assim poderem pagar as terras que aqui adquiriram. Muitos fugiam das situações precárias, pois a Polônia naquela época enfrentava fortes conflitos internos, uma vez que no século XVII fora invadida pelos seus três poderosos vizinhos – Rússia, Áustria e Prússia. Quando a imigração polonesa começou para o Brasil não existia o Estado Polonês, somente a nação[5]. Portanto foram das regiões ocupadas que partiram os primeiros imigrantes (GARDOLINSKI, 1958).

Além das dificuldades de deslocamento houve alteração de nacionalidade quando chegaram ao Brasil. A quantidade de poloneses vindos para o Brasil segundo Gardolinski (1958) e Gritti (2004), era muito maior, havendo colonos dessa nacionalidade inseridos entre os austríacos, alemães e, principalmente entre os russos[6], pois a Polônia era domínio russo até o ano de 1918. De acordo com Gritti (2004), os imigrantes poloneses que vieram para Dom Feliciano, no Rio Grande do Sul, pertenciam a uma região ocupada pela Rússia e eram da mais baixa camada social, reflexo do sistema econômico:

> Dos 4.568 imigrantes chegados a Dom Feliciano, 2.970 eram russos; 1.194 alemães; 326 espanhóis; 53 italianos. Desse total, foram instalados 2.258. Importante chamar a atenção para o fato de que os imigrantes poloneses que chegam em 1.891 são registrados como russos (GRITTI, 2004, p. 85).

Nessa mesma linha, Gardolinski (1958) enfatiza que o número de colonos em São Feliciano aumentou consideravelmente após 1890, chegando a 3.600

---

[4] Essas pequenas propriedades possuem como característica a produção de diferentes culturas e a multifuncionalidade, uma vez que, o proprietário trabalha e é o gestor de toda a sua produção.

[5] Por Estado entende-se a unidade administrativa de um território, formado pelas instituições públicas que o representam. Já a nação está ligada a característica do povo que a compõem, com laços culturais semelhantes.

[6] De acordo com Stawinski (1976), essas três potências iniciaram um processo de despolonização de seus territórios. Em conjunto, veio a proibição do uso da língua nas escolas e igrejas e até mesmo de dar continuidade aos estudos. Os que vinham de uma classe mais abastada buscaram refugio na Europa, principalmente na França, já a classe popular não tinha outra saída a não ser deixar o país.

imigrantes, sendo que o estancamento desse processo imigratório se dá após a 1° Guerra Mundial e com a independência da Polônia.

De acordo com a bibliografia local, os poloneses enfrentaram inúmeras dificuldades ao chegarem no Rio Grande do Sul, pois encontraram uma região de ocupação bem diferente da que lhes fora prometida. Dessa forma tiveram que adentrar nas densas matas do Escudo Cristalino Sul Rio-grandense[7] e abrir caminhos para se estabelecer com os seus familiares, conforme relata Stawinski (1976):

> [...] Os que imaginavam encontrar aqui casas de moradia e terras já trabalhadas para o plantio de cereais, ficaram sabendo que seriam enviados para florestas sem casas, sem estradas, sem igrejas, sem escolas, sem hospitais... Daí, o primeiro impacto com a dura realidade deixou-os apreensivos, alarmados. Não tendo outra saída, viram-se obrigados a aceitar quaisquer condições. Nessa conjuntura nada mais os interessava, a não ser o fixarem-se, quanto antes, num pedaço de terra e aí organizar a própria vida. Por isso não cabiam em si de contentes, quando, embarcados em paquetes, deixavam a Ilha das Flores em demanda dos lotes que lhes tinham sido destinados. Nem todos, porém, eram encaminhados para o mesmo destino [...]. A maioria, porém, era encaminhada para Porto Alegre. Findava, assim, a segunda etapa do penoso calvário dessa leva de imigrantes poloneses (STAWINSKI, 1976, p. 25).

Foi no ano de 1890 que a imigração polonesa para o Brasil, a “Nova Polônia” de acordo com Gardolinski (1958), atingiu seu ponto máximo. Até 1894 vieram cerca de 63.500 colonos poloneses[8]. O fluxo migratório era favorável tanto para a Polônia que passava por um processo de ocupação, como para o Brasil que incentivava a vinda de colonos como forma de suprimento de mão de obra. Dessa leva surgiram no município de Encruzilhada do Sul importantes colônias polonesas como as de São Feliciano, constituída inicialmente por 600 famílias; Mariana Pimentel[9], 300 famílias; e Barão do Triunfo[10] com aproximadamente 100 famílias.

---

[7] Estrutura geológica mais antiga do Rio Grande do Sul, constituída de relevo acidentado.

[8] Conforme Stawinski (1976) anterior a essa data em 1870 começou o movimento migratório de poloneses para o sul do Brasil quando se estabeleceram nos estados de Santa Catarina e Paraná. Nesse mesmo período teria se estabelecido uma leva de poloneses na Colônia Conde d’Eu (atualmente o município de Garibaldi), que se desenvolveu com a vinda de outras correntes como de alemães, franceses, italianos. Em 1877 há registros desses descendentes também na Colônia Caxias. Nesse contexto, há muitas informações distorcidas, por aportarem no Brasil com registro de outro país, que somente pode ser desvelado com a análise dos documentos históricos e dos registros de casamentos e óbitos nessas primeiras colônias. Conforme Gritti (2004) foi a partir de 1890 que esse processo se intensificou e surgiram as principais colônias polonesas como as de Dom Feliciano, Mariana Pimentel, Guarani das Missões, Ijuí, São Marcos e Erechim.

[9] Pertence, atualmente, à microrregião Porto Alegre.

[10] Pertence, atualmente, à microrregião de São Jerônimo. Existe também o município de Triunfo que pertence à microrregião de Porto Alegre.

Já instalados na colônia de São Feliciano, a falta de instrumentos agrícolas tornava desgastante as atividades nas lavouras, a mesma que o colono costumava desenvolver na Polônia. Com o passar do tempo tiveram que abrir estradas com o pouco material que dispunham para não ficarem, em determinadas regiões, totalmente isolados na floresta[11]. Aos poucos o espaço geográfico se reconfigurava, ganhando formas, originando a vila e, posteriormente, a cidade de Dom Feliciano.

Todo esse processo foi alicerçado pela fé, de acordo com Tworkowski (1984, p. 14): "[...] Logo ao chegarem, reclamaram ao Bispo de Porto Alegre, D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, um sacerdote que lhes desse assistência espiritual. Foi erguida uma capela provisória, de madeira, localizada na zona baixa, perto do Arroio Forqueta" (Figura 02). Após a construção dessa capela de madeira, em 1906 os colonos deram início a construção da capela de alvenaria (Figura 3), construída com o auxílio de toda a comunidade. Até hoje o município dispõe de religiosos originários da Polônia e no início eles incentivaram o surgimento das capelas, igrejas, escolas, hospitais e centros comunitários para que houvesse a estruturação da vida social.

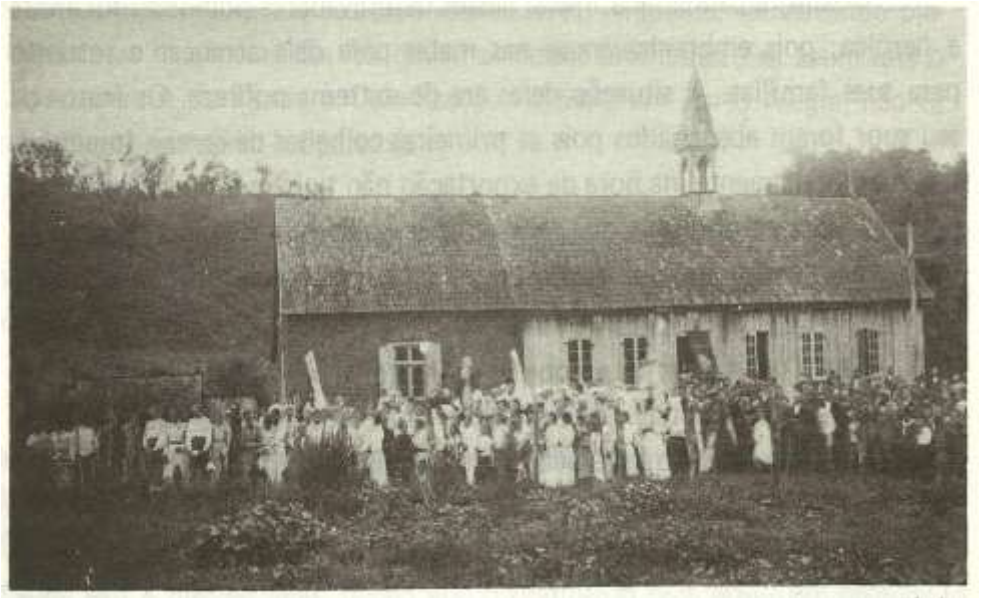


**Figura 02:** Primeira capela construída pelos poloneses em 1891 na sede da Colônia São Feliciano.

[11] DacanaL (1980) contextualiza a distribuição dos lotes, em locais de difícil acesso, para os imigrantes: "A verdade é que eles, em sua maioria sem qualquer fortuna, não tinham outra escolha. A Fronteira, os Campos de Cima da Serra, o Distrito das Missões e o Litoral – em resumo, todas as terras próprias para pecuária e, posteriormente, para o arroz – estavam ocupadas. Só restavam as matarias, e, nestas, as melhores eram – num tempo em que os meios de comunicação eram incipientes – as mais próximas do porto ou as servidas por rios navegáveis". (DACANAL, 1980, p. 274).

**Fonte:** Tworkowski, 1984.

**Figura 03:** Colonos poloneses de Dom Feliciano voltando da missa.
**Fonte:** Gardolinski, 1958.

A necessidade de construir a capela e a igreja nos dá elementos para compreender que a religião era referência indispensável entre os imigrantes. Na capela e em torno dela ocorria a vida religiosa e também a vida social, pois os imigrantes viam nesse local uma maneira de se reunir e conviver com outros integrantes da comunidade em conversas, bailes, festas, casamentos etc. Essas práticas são mantidas até os dias atuais, em maior proporção no interior do município de Dom Feliciano, nas localidades, antigas linhas em que os colonos se estabeleceram. Nesses centros comunitários as famílias se reúnem nos finais de semana em atividades vinculadas às capelas, como jogos e festas do padroeiro das comunidades.

Assim, pode-se dizer que os poloneses se distribuíram por diferentes regiões do Rio Grande do Sul, mas reproduziram um modo de vida distinto de outras comunidades, pela sua língua, o convívio em comunidades, a educação dos filhos, a acentuada religiosidade, as comidas tradicionais, que marcam sua identidade social até os dias atuais.

## 1.2. Dom Feliciano – de colônia a município

O município de Dom Feliciano (Figura 4 e 5) está localizado na Região Sudeste do Rio Grande do Sul, na encosta do Escudo Cristalino Sul Rio-grandense. Em dois de abril de 1861 o presidente da Província de São Pedro, criou a Colônia de São Feliciano[12]. A ocupação camponesa da região se deu em 1874, quando vieram os imigrantes franceses, os quais se transferiram para Pelotas com o intuito de melhor comercializar os seus produtos. Somente em 1890 chegaram os primeiros imigrantes poloneses que se estabeleceram nessa região (TWORKOWSKI, 1984).

Quando chegaram em Porto Alegre, o Departamento de Terras e Colonização logo os encaminhou para a Colônia de São Feliciano. Alguns viajaram a pé, outros em carroças e em burros carregados de balaios. As sementes de cereais foram distribuídas gratuitamente para o primeiro ano de plantio. Já em 1908, a sede da colônia possuía 30 casas, das quais oito eram de comércio. O total de pessoas era 153 e havia um moinho, uma ferraria, uma olaria, uma escola, uma estação telegráfica, uma agência de correios[13] e um posto pluviométrico. (TWORKOWSKI, 1984).

[12] Em 1891 a Colônia de São Feliciano passou a ser 5º distrito de Encruzilhada do Sul, no ano de 1938, passou a se chamar Dom Feliciano em homenagem ao primeiro bispo do Rio Grande do Sul, Dom Feliciano José Rodrigues Prates, vindo a emancipar-se no ano de 1963.

[13] De acordo com a obra local de Lempek (1998) os imigrantes poloneses enviavam cartas à Polônia. De acordo com esse autor essas cartas estão reunidas em uma obra rara “Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych” (Cartas de Imigrantes Poloneses do Brasil e Estados Unidos), que reúne 361 cartas de imigrantes poloneses do Brasil e Estados Unidos, enviadas durante o primeiro semestre de 1891. Nesse acervo há oito cartas que foram enviadas de Dom Feliciano, que relatam a viagem para o Brasil, as condições e instalação na Colônia e alertando os que pretendiam vir das condições climáticas e precária da região.

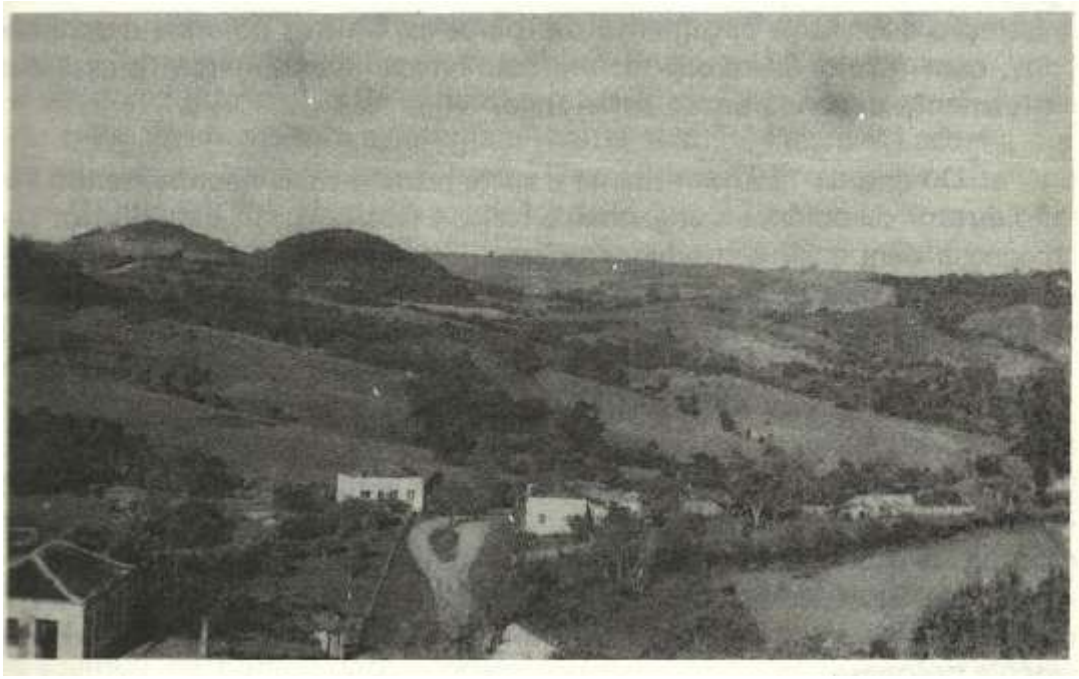


**Figura 04:** Vista do município de Dom Feliciano no início do processo de formação, com as primeiras casas de comércio.
**Fonte:** Topaczewski, 1961.

**Figura 05:** Vista do município de Dom Feliciano atual, realizada no local da Cruz dos Imigrantes.
**Fonte:** Autora, 2011.

De acordo com Stawinski (1976), os poloneses estabeleceram-se geograficamente a margem direita do arroio Sutil, afluente do rio Camaquã, que

podia ser navegado durante o inverno, formando um povoado. Eles poderiam utilizar o rio para o escoamento da produção, comercializando com as regiões vizinhas e que eram mais prósperas. Nesse local iniciaram também as chamadas “linhas”, e em cada uma delas formaram uma comunidade, com escola e capela. Além dos franceses e após a sua saída para Pelotas, havia pequenos grupos de famílias alemãs, italianas e luso-brasileiras, mas a etnia mais influente foi mesmo a de poloneses. Segundo Stawinski (1976):

> [...] Mais de 600 famílias de agricultores poloneses estabeleceram-se em lotes ou colônias de 30 a 40 hectares. Cada lote colonial era avaliado em 500$ (quinhentos mil réis), quantia essa que o colono beneficiário devia reembolsar ao Governo no prazo de dez anos. As principais linhas em que se fixaram os imigrantes poloneses, foram as seguintes: Evaristo Teixeira, Lopes Neto, Federal, Amaral Ferrador, Cavadeira, Laurentina, Guaraxaim, Marmeleira e outras (STAWINSKI, 1976, p. 44).

A respeito dessa distribuição em lotes, que viria a formar as primeiras localidades, não há registros no município de como ocorreu essa distribuição dos imigrantes. Segundo Lempek (1998, p. 80), no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul encontra-se a listagem no Livro 227 no qual consta a relação dos imigrantes que foram destinados para a colônia de São Feliciano. De acordo com esse estudo, essa relação foi extraída do cadastro de concessão de Lotes que foram corrigidos em 1904, devido a troca por parte dos imigrantes das linhas e lotes que foram inicialmente destinados. Esse panorama (Anexo A) nos ajuda a entender a localização inicial das famílias Bystronski, Rosiak, Sczilewski, Kucharski, Topaczewski e Slawski que foram investigadas nessa pesquisa. O único sobrenome que não consta nessa listagem é o da família Topaczewski, embora Topaczewski (1961) constata que seus descendentes foram destinados para a Linha Assis Brasil, mesmo local que a maioria reside atualmente.

O processo colonizatório em Dom Feliciano deu-se há 124 anos e nesse período houve uma redistribuição dos descendentes pelo município. Dessa forma, entrevistou-se Leônia Bystronski, Márcio Rosiak e Alice Sczilewski que atualmente residem na cidade de Dom Feliciano. Além desses três atores[14] residentes na área urbana, também foram pesquisadas os que residem no meio rural, entrevistando a senhora Eva Kucharski, residente na linha Amaral Ferrador, Maria Topaczewski

[14] Utiliza-se o termo “atores”, em conformidade com a teoria do ator plural, para a qual esses indivíduos são os sujeitos da sua própria trajetória.

residente na Linha Laurentino Freire e Lorena Slawski residente na Linha Assis Brasil, todas essas localidades situam-se geograficamente próximas, conforme a Figura 6. Essa separação entre cidade/campo[15] é relevante para analisar os distintos modos de apropriação da língua polonesa.

[15] Utiliza-se nesse trabalho a terminologia cidade e campo para distinguir as diferentes territorialidades constituídas no município de Dom Feliciano. A base para a utilização desses conceitos foi a constituição brasileira que define a cidade como critério administrativo, sendo que a sede municipal de acordo com Soares, 2008 dá nome ao município, conforme o Decreto Lei número 311 de 02 de março de 1938, a qual determina 200 moradias para a sede municipal e 30 para os distritos, sendo que o campo é o espaço determinado pelas atividades agrícolas e agropecuárias. Sabemos que essa definição é extremamente limitada para o contexto atual devido as transformações socioespaciais que envolvem a cidade e o campo atualmente, uma vez que os estudos da ciência geográfica apontam para uma aproximação entre cidade e campo atualmente. Segundo Ferreira (2008) mesmo que ocorra a existência de contiguidades na maioria das cidades brasileiras ainda existe diferentes dimensões, racionalidades que se manifestam nas práticas sociais dos habitantes do campo e da cidade. Soares (2008) reitera que o conceito de urbano e rural vincula-se ao critério censitário, considerando na situação de "urbano" as pessoas e domicílios recenseados nas sedes municipais e "rural" os que estão recenseados fora dos limites urbanos. Para além dessas definições há no campo de estudos geográficos uma corrente que se preocupa em investigar a ideia de uma nova ruralidade no Brasil e no mundo. Entre esses pesquisadores Graziano da Silva (1997) trabalha com o conceito de *rurbano* enfatizando a influência do urbano no rural como consequência da modernização da agricultura, vinculadas à mecanização da agricultura, complexos agroindustriais, novas atividades agropecuárias voltadas a um mercado mais sofisticado. Como podemos perceber esse conceito não possui relação com a realidade do município de Dom Feliciano, no qual a população do campo desenvolve atividades vinculadas à fumicultura em grande parte com mão de obra braçal e a população da cidade possui um baixo contingente populacional que sobrevive do comércio, mas dependente da renda dos habitantes do espaço rural. No III Plano Diretor Municipal de Pelotas aparece o conceito de *rururbano* como categoria normativa para caracterizar uma determinada área que fez parte do projeto de expansão da cidade sobre o espaço rural com a existência de produtores de alimentos no espaço urbano de Pelotas. Dessa forma, as diferentes abordagens teóricas abordadas aqui, de forma suscita, reiteram a dificuldade de conceituação para casos específicos como esse que envolve a realidade estudada, que necessitaria de uma análise específica do local, considerando para além da realidade socioespacial a realidade vivida de seus atores.

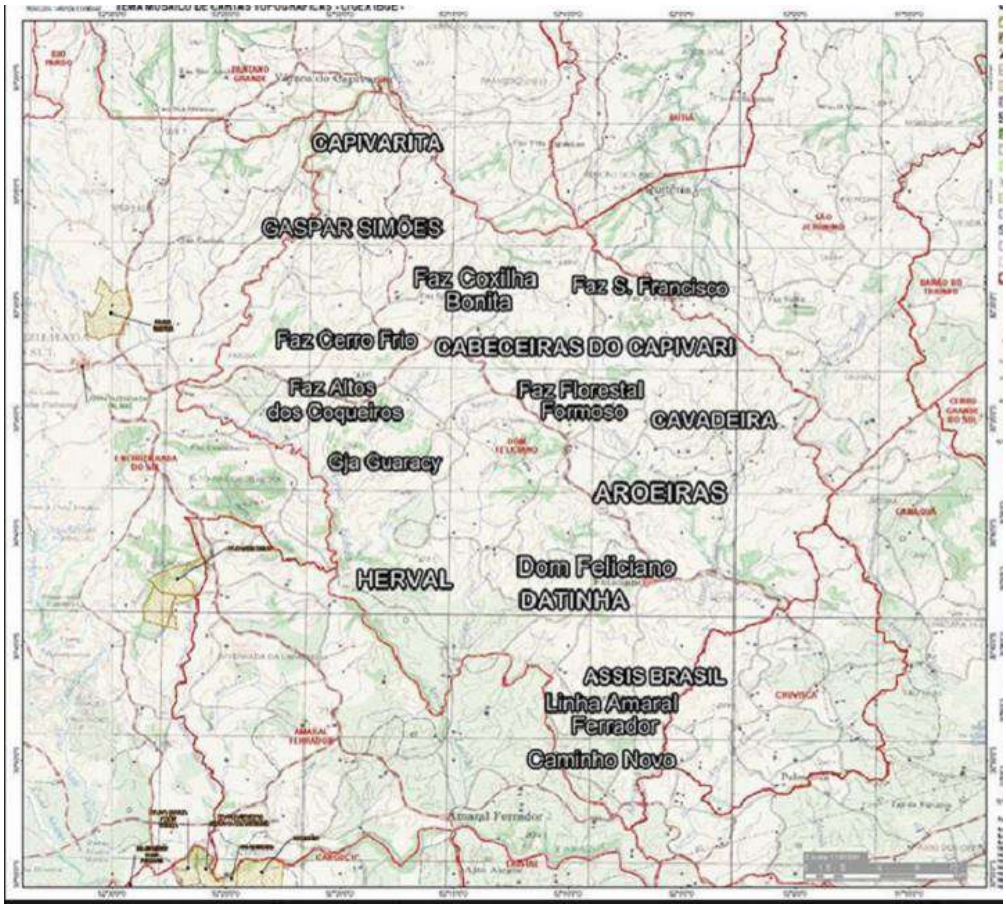



**Figura 6:** Carta topográfica do município de Dom Feliciano.
**Fonte:** http://www.geoportal.eb.mil.br (adaptada pela autora).

O município de Dom Feliciano possui a população total de 14.380 habitantes, localiza-se a uma latitude de 30º42'15" sul e longitude 52º06'27" oeste, estando a uma altitude de 154 metros de acordo com dados do IBGE[16], 2014. A maioria da população, 11.039 é residente do campo, e o restante 3.334 da cidade. Mesmo havendo essa distinção entre a sede do município e as linhas, que fazem referência aos antigos lotes em que foram distribuídos os imigrantes, o município é tipicamente rural. É caracterizado pela pequena propriedade, com utilização de trabalho familiar tendo como principal atividade agrícola a fumicultura.

A área plantada referente a cultura do fumo é de 4.850 hectares em uma unidade territorial do município de 1.356, 171 Km². Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 2010/ IBGE, o município é um dos únicos do RS que possui um índice baixo, com um percentual de 0,587 em uma variável de 0 a 1,

[16] http://www.ibge.gov.br

no qual são avaliados a longevidade (percentual em Dom Feliciano de 0,8), a renda (percentual de 0,6) e a educação (obteve um percentual de 0,3). Dessa forma, a educação se mantém como ponto crítico no município, sendo que uma dessas causas, a evasão escolar, foi discutida em estudo anterior (NUNES, 2008), chegando-se a conclusão que a maioria das crianças residentes do campo são atendidas em escolas da cidade que não acolhem as particularidades locais da língua oral e interpretação da realidade características do meio rural. A distância que as separa dos locais em que as escolas se encontram e a necessidade de ajudar a família em atividades vinculadas a fumicultura também faz com que desde cedo elas abandonem a escola (NUNES, 2008).

Ainda a respeito da caracterização do município de Dom Feliciano e seus marcos históricos, é importante salientar que o município tem a Cruz dos Imigrantes - marco em homenagem aos imigrantes poloneses, junto ao qual celebraram sua chegada em Dom Feliciano. Atualmente, nesse local, também existe um monumento a Nossa Senhora de Czestochowa (padroeira do município), inaugurado no ano de 2007, marcando mais uma vez a fé dos poloneses nesse local. Como já foi destacado, em 1906 iniciaram a construção da igreja matriz (Figura 7). No seu interior existe um suntuoso altar-mor (Figura 08) esculpido em madeira, de acordo com Tworkowski (1984), pelo imigrante polonês Sr. Alexandre Szostakowski, pois entre os imigrantes agricultores havia alguns profissionais como pedreiros, carpinteiros e artistas.

**Figura 07:** Santuário de Senhora de Czestochowa.
**Fonte:** Nunes, 2011.

**Figura 08:** Altar-mor com o quadro de Nossa Senhora de Czestochowa.
**Fonte:** Nunes, 2011.

Havia também o interesse dos padres e moradores pela educação das crianças e dos jovens. Após a construção das capelas, imediatamente erguiam as escolas, onde os moradores que detinham mais conhecimento eram escolhidos para ensinar os outros. O ensino era, na maioria das vezes, orientado por padres, o que permite concluir que a educação estava diretamente relacionada ao catolicismo.

Atualmente a cidade também dispõe da Casa da Cultura do Imigrante, com característica arquitetônica típica do sul da Polônia, que integra a Biblioteca Pública e o Museu Municipal (Figura 09). O Museu possui peças antigas doadas pelas famílias que residem há mais tempo na cidade, possibilitando compreender alguns aspectos do modo de vida no período em que vieram para o Rio Grande do Sul.

**Figura 09:** Casa da Cultura do Imigrante de Dom Feliciano.
**Fonte:** Autora, 2011.

## 1.3. O início do processo educacional em Dom Feliciano

A educação desde o início foi uma preocupação dos colonos. De acordo com Topaczewski (1961, p.19), “numa centena de imigrantes, dificilmente encontravam-se dois ou três que soubessem assinar seu nome”. Como não havia escolas, as aulas eram ministradas em suas próprias casas, barracões e até mesmo galpões. Depois em escolas – sociedades – mantidas pelos próprios colonos, chamadas de particulares. Sendo assim, até o ano de 1916, de acordo com Tworkowski (1984), havia somente escolas particulares, pois os pais não queriam que os filhos passassem pelas mesmas condições que eles na Polônia, quando não puderam mais estudar, pois as escolas foram fechadas pelo governo russo.

Na sede da colônia também existia o empenho dos moradores pela educação, havendo muitas turmas sob orientação de padres[17] e aulas sendo

[17] Em 1924 chegou à Colônia de São Feliciano o Pe. Constantino Zaikowski. Este em diversas linhas, onde funcionavam as aulas, reorganizou o ensino escolar e a catequese, introduzindo novos métodos de ensino e estimulando a frequência das crianças às escolas. Havia também aulas ministradas pelos professores Francisco Valdomiro Lorenz e Carlos Muszynski em suas residências e eram ministradas em polonês e português. (Tworkowski, 1984, p. 17).

realizadas em residências particulares. Estas aulas eram ministradas em português e em polonês.

A maioria das escolas se organizou nas linhas, maneira usada para dividir o município, mas na Sede da colônia ao lado da capela de madeira funcionava também uma escola em condições muito precárias. Na linha Evaristo Teixeira, ocorreu primeiro a fundação de uma escola, em 1904, na propriedade de um imigrante, o Sr. Sobierajski, que segundo Topaczewski(1961):

> [...] com mutirão da vizinhança levantou no seu terreno uma sala bastante espaçosa de pau-a-pique, e coberta de sapé... E a escola estava de pé! Rústicos eram os bancos e a mesa, mas a aula funcionou [...]. As crianças de Marmeleira também freqüentavam a escolinha (TOPACZEWSKI, 1961, p. 17).

Esta foi a primeira escola polonesa do município de Dom Feliciano e nessa linha, em 1890, estabeleceram-se uma leva de imigrantes, cerca de trinta famílias polonesas vindas da ocupação russa, principalmente de Lublin (Topaczewski, 1961). A afirmação de que as crianças da Linha Marmeleiro também iam a essa escola, leva a crer que não havia uma escola em cada localidade, mas que estas reuniam, também, as crianças das regiões próximas. Nessa mesma localidade, com a fundação da sociedade Águia Branca (1919), as aulas passaram a ser ministradas nesse local (Figura 10).

**Figura 10:** Sociedade Águia Branca.
**Fonte:** Tworkowski, 1984.

Essas sociedades começaram a ser organizadas também em outras localidades. Os colonos davam início as aulas em algum lugar que fosse viável e

depois iniciavam a construção da sociedade. Esta servia, muitas vezes, para realizar missas e festas, tendo assim um forte caráter comunitário e de desenvolvimento da vida social, havendo também a arrecadação de subsídios para o pagamento das aulas ao professor, que era escolhido pelo próprio grupo para ensinar as crianças.

Na Linha Laurentino Freire, onde havia mais de sessenta famílias de origem polonesa, vindas do Vistula, Wieprz e de Pilicy[18], Topaczewski (1961) enfatiza que:

> A primeira escolinha particular na linha Laurentino nasceu em 1903. Serviu para tanto a casinha abandonada do retirante Reszler. [...]. Aqui recolhiam-se as parcelas para subsídio do professor, e cotizavam-se para ir providenciando material para construir um estabelecimento de ensino de regra.
> Não demorou muito e já em 1905 realizava-se a festiva inauguração da nova escola, toda ela de material. Simultaneamente, formou-se a sociedade São João Câncio (TOPACZEWSKI, 1961, p. 30).

Segundo Topaczewski (1961), essa foi a realidade também da Linha Lopo Neto em 1911 – os poloneses que nesse local se estabeleceram também vieram de regiões ocupadas pela Rússia – onde as aulas, primeiramente, foram ministradas em um barracão, que atendia provisoriamente a necessidade dos moradores, posteriormente fundaram a sociedade São Estanislau Kotska (1922) e a escola então se mudou para esse local (Figura 11).

**Figura 11:** Sociedade São Estanislau Kotska.
**Fonte:** Topaczewski, 1961.

[18] Rios que cortam a Polônia e dão nomes a determinados povoados.

Cabe enfatizar que estas foram as primeiras escolas existentes no interior do município, mas nos anos seguintes outras localidades também aderiram a essas iniciativas, segundo Topaczewski (1961). O mesmo processo ocorreu na localidade de Júlio de Castilhos com a Sociedade Rei João Sobieski, na Linha Federal houve a fundação da Sociedade Cultura, na linha Perdiz organizaram a Sociedade São Casemiro, na linha Correia Neto formaram a Sociedade Santo Estanislau Bispo, na linha Amaral Ferrador fundaram a Sociedade São Feliciano e na linha Assis Brasil, região onde foram instaladas quarenta famílias polonesas oriundas da Kongresowka, e conforme Topaczewski[19] (1961), “eram aldeões dos arrabaldes de Lublin, de Lomza e de Plock”. Estas famílias organizaram, em 1922, a Sociedade Santo Isidoro (Figuras 12 e 13).

**Figura 12:** Sociedade da Linha Assis Brasil com poloneses.
**Fonte:** Topaczewski, 1961.

[19] Ladislau Topaczewski era professor em 1929 e destaca em seu livro, que a maioria das crianças eram bem educadas e salienta que “umas poucas era renitentes e mal educadas. A cada mestre cabia, porém, extirpar os erros dos pais, endireitar o mal. Nossa obrigação era levar as almas novas para a luz e para o bem.” (Topaczewski, 1961, p. 48). Para garantir o pagamento dos professores em uma sala da sociedade havia uma cantina. Organizaram também uma biblioteca polonesa com ambiente para leitura, em que a turma se reunia nos domingos para orar.

**Figura 13:** Sociedade da Linha Assis Brasil atualmente.
**Fonte:** Nunes, 2011.

Esta sociedade atualmente está desativada e os alunos da localidade são direcionados para a escola polo mais próxima, Padre Constantino Zaikowski, localizada na linha Amaral Ferrador, que também abrigou de acordo com Topaczewski (1961, p. 27), “umas 40 famílias polonesas, várias alemãs e alguns autóctones. Em 1941, surgiu aí a Sociedade polonesa sob o título de São Feliciano”.

## 1.4. O contexto educacional atual em Dom Feliciano

No que corresponde à sede da colônia de acordo com Tworkowski (1984), em 1944 o grupo Escolar da Colônia de São Feliciano, que funcionava em casas alugadas, passou a chamar-se grupo escolar Conde de Porto Alegre, pertencente ao município de Encruzilhada do Sul. Com isso, foi construído um prédio para a realização das aulas na própria Colônia de São Feliciano. Com a emancipação do município, em 1963, ficou evidente a falta de escolas do então I e II Graus. Devido a essa necessidade, em 1979 foi criada a escola Estadual de II Grau Dom Feliciano (Figura 14), tendo sua inauguração em 1982. Atualmente essa ainda é a única escola que oferece o ensino médio no município e atende pela manhã, majoritariamente, alunos oriundos do meio rural.

**Figura 14:** Escola Estadual de I e II Grau Dom Feliciano.
**Fonte:** Autora, 2011.

No que tange à educação municipal, antes da emancipação, havia no campo escolas municipais mantidas principalmente pelo município de Encruzilhada do Sul, mas em locais em que estas não existiam os moradores se organizavam e ensinavam em suas próprias residências (Figura 15). Com a emancipação do município, outras escolas foram implantadas para atender as necessidades dos moradores residentes do campo. Essas escolas mantinham o ensino de 1ª a 4ª série e tinham sempre o mesmo padrão no interior do município (Figura 16).

**Figura 15:** Galpão onde eram ministradas as aulas na propriedade da família Rembowski, na localidade de Caminho Novo.
**Fonte:** Autora, 2011.

**Figura 16:** Escola Municipal Rural desativada na localidade de Caminho Novo.
**Fonte:** Autora, 2011.

Atualmente, no campo, há poucas escolas com ensino de 1ª a 4ª série em funcionamento, pois estas foram desativadas e os alunos foram direcionados para escolas polo – também localizadas no interior do município – com o argumento de que oferecem melhor infraestrutura para os alunos. Existe a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Terezinha na localidade de Faxinal; E.M.E.F. Nossa Senhora de Fátima na Vila Fátima; E.M.E.F. São João Batista na localidade de Ariovaldo e E.M.E.F. Padre Constantino Zaikowski (Figura 17), localizada na linha Amaral Ferrador. Primeiramente, nessa localidade, as aulas eram ministradas na Sociedade São Feliciano, atualmente Sociedade Linha Amaral.

**Figura 17**: Antiga Sociedade polonesa São Feliciano e ao fundo a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Constantino Zaikowski.
**Fonte:** Autora, 2011.

Na sede do município, atualmente existe, além da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Feliciano, a Escola Municipal Catulino Pereira da Rosa que desenvolve suas atividades no antigo prédio da ex-escola Cenecista Cristo Redentor, fundada em 1967. Assim, os alunos que moram distante de escolas polo do município são transportados para esta escola na cidade.

Após esse panorama histórico e educacional da comunidade realizado com objetivo de entender o contexto da ação, desde a constituição da colônia até os dias atuais é apresentado o aporte metodológico que orienta esta pesquisa.

## 2. APORTE TÉORICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para a proposição desta pesquisa foi necessário definir os procedimentos metodológicos, a fim de compreender os conceitos a serem utilizados na investigação. A opção de análise direciona-se para os critérios estabelecidos em um estudo de caso, uma vez que permite compreender de forma minuciosa os contextos sociais das pessoas selecionadas para essa investigação. Assim, a pesquisa vincula-se à proposta metodológica definida por Lahire (2004), na qual os estudos de casos não se direcionam para “pessoas singulares”, mas na análise incorporada do reflexo do mundo social sobre elas. A cena social que se investigou foi o contexto individual e social. As particularidades apresentadas no contexto individual foi capaz de direcionar a investigação para a comunidade, uma vez que, ocorrem práticas na esfera social importantes para a manutenção do bilinguismo.

Os hábitos ou esquemas de ações (de percepção, sensório-motor, de afetividade, etc) dependem da coerência dos processos de ação que o sujeito interiorizou ao longo de sua vida. Essas disposições, no caso em análise, vinculadas ao bilinguismo, muitas vezes, revelaram-se contraditórias, pelo fato de existirem processos de socialização em espaços diferenciados pelo qual o indivíduo passou ao longo de sua trajetória.

Para a contextualização dessa análise é importante destacar o conceito de bilinguismo que estará sendo utilizado como aporte dessa pesquisa.

A maioria dos estudos sobre bilinguismo se inserem na Sociolinguística, ciência que se encarrega de estudar a linguagem e sua diversidade na sociedade. Segundo o precursor dos estudos linguísticos, Willian Labov (2008), as línguas variam de acordo com a situação e são condicionadas por fatores extralinguísticos como a faixa etária, etnia, classe social, gênero/ sexo, grau de instrução, como tantos outros que irão influenciar o uso da língua no cotidiano. De acordo com Alkmin (2005):

> Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada

> em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos (ALKMIN, 2005 apud ROSA, 2011).

Segundo Labov (2008), existem visivelmente dois grupos principais de estudos linguísticos: os que se preocupam em considerar os fatores internos e os que se preocupam em contextualizar os fatores externos ou contextos sociais. No primeiro caso a análise se restringe a fatores estruturais e psicológicos e separam a comunicação afetiva ou social da comunicação de ideias, assumindo a comunidade como monolíngue (homogêneo). No segundo grupo ocorre uma preocupação com os fatores sociais para investigar a mudança linguística em progresso, enfatizando a importância da diversidade linguística das comunidades.

No caso em estudo, ocorre alinhamento com os pressupostos do segundo grupo, uma vez que os descendentes aprendem a língua materna polonesa em casa com os pais e com os avós levando em consideração o contexto colonial da região e a diversidade linguística da comunidade. A comprovação de que são bilíngues se deu em estudos anteriores (NUNES, 2008, 2011), em que os pesquisados enfatizaram a importância do polonês como fator essencial de manutenção da identidade na região.

Ainda quanto ao conceito de bilinguismo, cabe destacar que, em pesquisa realizada no portal da Capes e Domínio Público[20], majoritariamente, os estudos

[20] Fez-se, também, como parte da pesquisa, a revisão em publicações na busca de trabalhos que abordem esse tema. Para isso foi consultado o endereço eletrônico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), primeiramente, para investigar como essa teoria de Bernard Lahire vem sendo abordada através da pesquisa científica. Nesse sentido, a tese de Manke (2012) é de importância fundamental por utilizar a teoria do ator plural na relação com a leitura e escrita. A teoria sociológica de Bernard Lahire não se restringe à área da sociologia da educação e seu método é utilizado também na área do ensino de Física (Lima Junior, 2013); de comunicação (Oliveira, 2013); do ensino de música (Reis, 2014) e em várias outras áreas do conhecimento, conforme análise no Portal da Capes. Em um segundo momento buscou-se trabalhos que vem sendo produzidos sobre bilinguismo. Nesse sentido, o trabalho de Rosa (2011) é importante, pois analisa os fatores de manutenção e regressão da língua alemã em Missal, no Paraná. O trabalho de Bom (2012) pela proximidade de estudo e pelo o corpo teórico relacionado ao bilinguismo, em que analisa a relação entre escola e cultura italiana no município de Celso Ramos (SC). Junior (2011) faz um estudo sociolinguístico sobre as línguas de contato português/ticuna, contemplando uma pesquisa de caráter etnográfico, com corpo teórico pautado na educação bilíngue. Em nível do doutorado, a abordagem de Couto (2012) é importante pela constituição do corpo teórico sobre bilinguismo, a fim de problematizar os currículos vigentes em duas escolas nas fronteiras entre Brasil – na cidade de Jaguarão, no Brasil e Rio Branco, no Uruguai. Após essa triagem em 55 trabalhos pelo termo bilinguismo e sua análise em diferentes áreas, ocorreu a busca também no portal do Domínio Público pelos termos educação e cultura, educação e imigração. Conforme salientado anteriormente, não há trabalhos com correspondência direta com o foco de abordagem de pesquisa, há proximidades com o

sobre esse tema são da área de Letras, em que as pesquisas versam sobre os graus de bilinguismo em diferentes etnias, o que não será o foco de análise desse trabalho, que pretende um olhar antropológico e sociológico para a questão da língua na comunidade. No entanto, os conceitos utilizados são da sociolinguística.

Posteriormente foram pesquisados trabalhos já consolidados no meio acadêmico e que são utilizados como referencial em diferentes pesquisas, tendo por pauta a realidade polonesa. Assim, é relevante os estudos de Von Borstel (2005), realizado em uma comunidade polonesa em Marechal Cândido Rondon/PR. Segundo a autora, ocorre nesse local um conflito interlinguístico no uso do português/polonês, uma vez que a utilização da língua materna vernácula é automaticamente estabelecida no padrão de fala cotidiana. Como os imigrantes se organizaram em núcleos coloniais puramente étnicos, eles deram origem a pequenos grupos linguísticos de fala do polonês mesclado com o falar português de base rural. A interação comunicativa na língua polonesa se dá entre o contexto familiar e entre amigos e vizinhos de mesma descendência, tendo na cultura e, principalmente, na comida um retorno às origens. Segundo Von Borstel (2005):

> Para que um grupo étnico possa sobreviver com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido, através de narrativas de suas histórias identitárias de um passado, distante e ao mesmo tempo presente, com um hibridismo étnico e cultural fragmentado de suas origens, procurando resgatar a sua identidade, principalmente, através dos fatores sócio-culturais e identitários (VON BORSTEL, 2005, p.05).

Também analisando a temática polonesa, o estudo de Renk (2009) aborda o processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná e analisa a realidade comum de muitas comunidades de descendentes de imigrantes que é de aprender a falar a língua portuguesa na escola. De acordo com ela, os filhos dos descendentes encontraram dificuldades com a língua portuguesa:

> Não entender a língua nacional no país em que se nasceu era uma situação comum nas comunidades étnicas no Brasil. Com a familiaridade de comunicar-se em língua estrangeira, para alguns a língua nacional é que se tornou a segunda língua. Ante a situação de constrangimento de não

---

corpo teórico, metodologia ou com o objeto de pesquisa. Dessa forma, essa pesquisa se constitui em uma abordagem nova sobre o bilinguismo e sua constituição como sistema disposicional embasada na teoria de Bernard Lahire. Todos os trabalhos encontrados estão expostos no Apêndice B[20].

> compreender a língua nacional na escola, muitos alunos e professores não se entendiam (RENK, 2009.p.62).

Segundo a autora, esse constrangimento em não entender a língua nacional fez com que muitas famílias deixassem de ensinar a língua materna aos filhos. Já os imigrantes, assim como na Colônia São Feliciano, tinham as aulas ministradas nas duas línguas. Renk (2009, p. 19) destaca que nas primeiras escolas polonesas, “um elemento comum nessas diferentes escolas era o ensino ministrado na língua materna do grupo ou o bilinguismo, bem como a manutenção de uma identidade cultural”. Cabe destacar que a organização comunitária dos poloneses no Paraná assemelha-se também com a organização polonesa no município de Dom Feliciano, Rio Grande do Sul. De acordo com Renk (2009):

> Nas colônias étnicas, a família, a escola, a rede de sociabilidades, os laços de parentesco, as associações culturais e a igreja foram fundamentais para a conservação da língua do país de origem e a manutenção da identidade étnica. Muitas atividades desenvolvidas pela associação eram partilhadas pelos membros da comunidade (RENK, 2009. p. 52).

A religiosidade também é muito influente entre os descendentes poloneses em Dom Feliciano desde que chegaram à região e como característica, nos dias atuais, as missas são ministradas por padres poloneses. Em datas comemorativas como, por exemplo, no Natal e na Páscoa são rezadas na língua polonesa. Renk (2009, p. 53) também destaca essa proximidade nas colônias polonesas no Paraná, segundo ela: “a religiosidade dos eslavos manteve-se nas colônias no Paraná. Os ritos e as celebrações religiosas, como o Natal e a Páscoa, eram aqui reproduzidos à semelhança da Europa”.

Retornando ao conceito de bilinguismo, cabe salientar que este é variável e sua definição é difícil de ser dada devido à complexidade de análises que o termo sugere, havendo abordagens e critérios diferentes para caracterizar situações de bilinguismo. No entanto, a grande maioria dos estudos considera bilíngue o indivíduo com habilidade para falar duas línguas. Essa habilidade, segundo os estudos de Grosjean (2008), é relativa, pois o bilinguismo é um fenômeno comum e as pessoas, na maioria dos casos, não apresentam o mesmo grau de fluência na fala e na escrita em ambas as línguas.

Nessa abordagem de estudos são consideradas bilíngues as pessoas que usam regularmente duas línguas, mesmo que não possuam a fluência de um nativo,

mas que não podem ser consideradas como monolíngues. De acordo com Grosjean (2008), essa realidade levou pesquisadores a proporem outras definições de bilinguismo, como a habilidade em produzir enunciados significativos em duas (ou mais) línguas, o domínio de pelo menos uma das habilidades linguísticas (leitura, escrita, fala, audição) em outra língua, o uso alternado de duas línguas, etc. Assim, são consideradas bilíngues as pessoas que usam duas (ou mais) línguas ou dialetos, diariamente. Grosjean (2008) salienta que:

> Os pesquisadores estão começando, agora, a ver o bilíngue não mais como a soma de dois (ou mais) monolíngues, completos ou incompletos, mas como um falante-ouvinte específico, completamente competente e que desenvolveu uma competência comunicativa equivalente à do monolíngue, embora de natureza diferente. Essa competência pressupõe o uso de uma língua, de outra, ou das duas juntas (na forma de fala mista), dependendo da situação, do tópico, do interlocutor, etc. Essa nova postura, por sua vez, tem levado a uma redefinição dos procedimentos utilizados para avaliar as competências do bilíngue. Os bilíngues estão sendo, agora, estudados em termos de seu repertório linguístico total, de seus domínios de uso e das funções que as línguas consideradas exercem (GROSJEAN, 2008, p. 166).

É com essa linha de raciocínio que os descendentes de poloneses foram investigados, na medida em que convivem com o português/polonês. Esses estudos supracitados permitem que o bilinguismo seja redefinido e analisado tanto individualmente, como também considerando a interferência do social, as alterações que ocorrem com a mudança de ambientes e interlocutores. Em situações diferenciadas a competência linguística do bilíngue e suas habilidades também são modificadas.

Dessa forma, essa pesquisa teve por foco responder *como* os descendentes de poloneses mantêm sua disposição para o bilinguismo e *como* essa disposição é colocada em ação atualmente. Na busca por captar a pluralidade interna dos descendentes de poloneses procurou-se reconstruir (por meio de diferentes fontes[21]) a variação individual em diferentes contextos sociais bilíngues. Dessa forma, a teoria do ator plural, a metáfora da dobradura, o conceito de repertório e porque a língua ficou períodos em estado de vigília, foram importantes aportes utilizados para interpretar o sujeito social, como já foi mencionado.

---

[21] Foram realizadas entrevistas em profundidade, observação, anotações em caderno de campo, análise de materiais no ambiente familiar, registro em áudio e filmagens.

Antes de analisar esses conceitos é preciso entender que esses alinham-se a pressupostos metodológicos de pesquisa que buscam interpretar a realidade cultural dos sujeitos em escala microanalítica, tendo por base conceitual principalmente a teoria do ator plural de Bernard Lahire, a qual se assenta na teoria da prática (habitus+ação). Pretendeu-se, dessa forma, analisar a pluralidade de lógicas de ação e a incorporação do social através da disposição para o bilinguismo. Essa teoria se assenta no campo de estudos sociológicos que, segundo Lahire (2002, p. 12), "desemboca no programa de uma sociologia psicológica, que fornece as condições de um estudo sociológico cada vez mais singular do social".

A interpretação desse ator plural procura revelar que um mesmo indivíduo pode ter incorporado um repertório diferenciado de papéis ao longo de sua trajetória. Dessa forma, dentro de um mesmo grupo, ocorre apropriações diversas do social. Nesse sentido, Lahire (2002, p. 20) destaca que "o que pode parecer terrivelmente homogeneizador num caso (a sociedade) parece incontestado no outro (o hábito, o estilo de vida)". Assim, as diferentes teorias da ação se embasam em polos diferenciados, existem as que priorizam a unicidade do ator e as que se pautam na fragmentação interna, a caracterização de cada uma delas dependerá das condições sócio-históricas em análise. A multiplicidade de hábitos incorporados ao longo de nossa trajetória será definidor da unicidade ou da fragmentação interna do ator. Nesse contexto cabe explicar que:

> A coerência dos hábitos ou esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...), que cada ator pode ter interiorizado, depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização aos quais esteve sujeito. Uma vez que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos, às vezes até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então trata-se de um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir (LAHIRE, 2002, p. 31).

Assim, cada indivíduo está sujeito a diferentes formas/princípios de socialização, podendo incorporá-los, em certos casos, de forma contraditória. Esses momentos diferenciados de socialização se dão em momentos diferentes da vida social, na família, na escola, na igreja, no trabalho e na sociedade de modo geral. Dentro do próprio universo familiar podem ocorrer essas variações. Lahire (2002),

explica que as disposições (esquemas de ação) são colocadas em repertórios diferentes uns dos outros, mas que possuem interligação entre si e possuem elementos em comum. Esses esquemas não são necessários em todos os momentos e contextos, eles ficam armazenados, "estocados", a disposição para o momento em que for necessário utilizá-los. Dessa maneira, são colocados temporariamente ou por um longo tempo em reserva, aguardando os desencadeadores de sua efetivação. Diz o autor:

> [...] Os repertórios de esquemas de ação (de hábitos) são conjuntos de sínteses de experiências sociais que foram construídas/incorporadas durante a socialização anterior nos âmbitos sociais limitados/delimitados, e aquilo que cada ator adquire progressivamente e mais ou menos completamente são tanto hábitos como sentidos da pertença contextual (relativa) de terem sido postos em prática. Aprende/compreende que aquilo que se faz e se diz em tal contexto não se faz nem se diz em outro contexto (LAHIRE, 2002, p. 37).

Esses repertórios são formados pela participação em processos sociais diferentes, quanto mais repertórios forem armazenados maior será a pluralidade interna dos atores, devido aos esquemas de ação que incorporou ao longo do tempo. Como esses repertórios são geridos em períodos diferentes permitem interpretar experiências passadas: o passado incorporado em experiências socializadoras anteriores e desencadeados pela configuração da situação presente. Esse retorno ao passado permite interpretar a origem do bilinguismo, as situações, as vivências em que foi posto em ação, se perpetuando até o momento atual de uma geração a outra, ou seja, "a pluralidade das lógicas de ação nas quais o ator foi e é levado a se inscrever" (LAHIRE, 2002, p. 47).

O contato com um determinado lugar, com uma comida ou qualquer detalhe pode desencadear uma lembrança e ativar um esquema de ação, um hábito[22] que estava em *estado de vigília* e passa a ser ativado para a ação. Muitos desses esquemas que são construídos no convívio familiar passam por um processo de ruptura no universo escolar, principalmente no que corresponde ao ensino da língua.

---

[22] Segundo Lahire (2002), só existe hábito e esquema de ação se houver repetição voluntária ou involuntária. Portanto, a teoria do *habitus* explica a lógica das práticas, que muitas vezes são marcadas pelo domínio simbólico, podendo haver a distinção entre "*habitus práticos*" (funcionam no domínio prático) e *"habitus reflexivos*" (funcionam no domínio simbólico).

Lahire (2002) destaca, em pesquisa feita com crianças de diferentes níveis sociais, que existem diferentes maneiras de apreensão da escrita e da leitura de acordo com a maneira em que são instigados pela família. Assim, as crianças incorporam, implicitamente, certos hábitos à sua relação com a escrita e leitura, e a família acaba se tornando modelo de identificação. Nesse caso peculiar das famílias polonesas em Dom Feliciano, em que a família possuiu uma relação diferente com a língua, as formas de apropriação se tornam ainda mais difíceis, pois muitos falam a língua portuguesa associada ao polonês[23].

Nesse sentido, a língua é ferramenta importante para interpretar os fenômenos sociais e os processos de incorporação[24] dos hábitos, pois, para Lahire (2002, p.162), é preciso "dar à linguagem (às suas diferentes formas e às suas diferentes funções sociais e mentais) o seu lugar certo na análise dos fenômenos de incorporação de hábitos e de esquemas de ação". Negligenciar o seu papel e as práticas de uso é obscurecer a relação dos sujeitos com o mundo, pois a língua está na gênese de todas as formas de vida social.

Dessa forma, os sujeitos modificam-se de acordo com os contextos sociais que são levados a percorrer durante a sua trajetória social, são produto de suas experiências vividas. Para interpretar esses múltiplos contextos, Lahire (2002) utiliza a metáfora da dobradura social para interpretar as experiências acumuláveis e até mesmo contraditórias que os indivíduos interiorizaram em seus múltiplos contextos. Segundo ele:

> A metáfora da dobra ou da dobradura do social é duplamente útil para nós. Antes de tudo, a dobra designa uma modalidade particular de existência do mundo social: o social (e suas lógicas plurais) em sua forma incorporada, individualizada. Se nós representarmos o espaço social em todas as suas dimensões (econômicas, políticas, culturais, religiosas, sexuais, familiares, morais, esportivas, etc., dimensões essas grosseiramente designadas e que são em parte indissociáveis e em parte decomponíveis em subdimensões) na forma de uma folha de papel ou de um pedaço de tecido (trata-se, pois, geometricamente, de uma estrutura plana), então cada indivíduo é comparável a uma folha amassada ou a um tecido amarrotado. (LAHIRE, 2002, p. 198)

---

[23] A língua polonesa faz parte do cotidiano dos alunos entrevistados durante a pesquisa de mestrado (NUNES, 2011).

[24] Cabe destacar que Lahire (2002) crítica a teoria de Bourdieu, quando ressalta que as "estruturas sociais são incorporadas", pois para ele o indivíduo é singular e interioriza "esquemas de ação", de percepção, de habilidades sensório-motrizes, esquemas estratégicos etc. Dessa forma, o *habitus* não é coletivo e sim individual.

Com essa interpretação podemos ter uma análise complexa da sociedade. Para ele, a dobra representa uma modalidade individualizada do social. Dessa maneira, cada indivíduo, devido as suas experiências é comparado com um papel amassado, dobrado, em consequência da complexidade dos processos sociais (planos) interiorizados. Cada indivíduo reagirá de forma diferente às imposições sociais e caberá ao pesquisador interpretar essas particularidades, essas dobraduras individuais que faz de cada ator um ser único e podem nos revelar o entendimento da sociedade de forma complexa, pois o "interior" nada mais é do que o reflexo do "exterior" dobrado.

Assim, pode-se compreender o perfil do descendente polonês atualmente, quais os múltiplos processos que o engendram, os contextos em que utiliza a prática bilíngue e as permanências e rupturas que foram transmitidos pelo grupo familiar que pode se manifestar de forma diversa, através da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita.

## 2.1. Composição dos perfis sociológicos

A ideia de Lahire (2004, p. 43) de trabalhar com séries de entrevistas tem como principal finalidade perceber as dissonâncias e contraditoriedades na trajetória individual, entender "partes ou momentos da experiência que não são necessariamente da mesma natureza". Dessa forma, justifica-se a importância da análise em *escala vertical* para analisar a variedade de informações levantadas nas entrevistas em profundidade.

Para a composição dos retratos sociológicos realizou-se uma análise criteriosa dos relatos individuais, os quais foram compostos através de uma modelação sociológica retendo apenas parcelas de vida baseadas no relato das práticas. Dessa forma, cabe ao pesquisador compará-las, analisando as coerências e contradições a partir do estudo dos indivíduos em diferentes cenários (ambiente familiar, escolar, profissional, cultural, etc.) a fim de compreender a "variação social dos comportamentos individuais segundo os contextos de ação" (LAHIRE, 2004).

Além dessa análise em escala vertical de cada indivíduo entrevistado, investigou-se a realidade circundante, buscando através de uma descrição densa[25] compreender o mundo material e simbólico constituintes dos indivíduos entrevistados, com a finalidade de interpretar os cenários nos quais imprimem suas ações cotidianas. Segundo Lahire (2004), um dos benefícios que esse tipo de pesquisa permite é compreender a complexidade disposicional do indivíduo, que pode não ser o mesmo em diferentes contextos da vida social.

Segundo Lahire (2004), cada indivíduo é produto de suas ações socializadoras múltiplas e compreender como essas experiências constituíram o indivíduo polonês, através do seu sistema depositário de disposições de pensamento, sentimento e ação, em distintos momentos da trajetória individual, é tarefa dessa pesquisa. Para isso, as entrevistas em profundidade, com questões abertas são essenciais para captar as permanências e rupturas que ocorreram/ ocorrem no seu processo de manutenção da língua. Nesse sentido, o conceito que guia essa interpretação é o de disposição, cabendo ressaltar que:

> Na verdade, uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores da disposição (LAHIRE, 2004, p. 27).

Essa análise do sistema disposicional vai além da descrição dos relatos, mas carrega um viés interpretativo levando em consideração toda a singularidade e subjetividade que envolve estudar os comportamentos e análise das práticas através do passado incorporado pelos atores sociais. Dessa forma, o autor argumenta que, devido a complexidade do termo, é preciso que o pesquisador compreenda as limitações empíricas que esse conceito impõe e quais correlações metodológicas e teóricas devemos ter para utilizá-lo. Assim, Lahire (2004) destaca sete passos a seguir:

---

[25] [...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” [...] (GEERTZ, 1978, p15)

1) Toda a disposição tem uma gênese que devemos nos esforçar para situá-la (momentos de socialização) ou reconstruí-la (modalidades de socialização). Ou seja, é preciso interpretar como as disposições foram constituídas/ incorporadas.
2) A utilização do termo disposição supõe que seja possível observar uma *série* de comportamentos, atitudes e práticas que sejam coerentes. Ou seja, a noção de disposição está ligada a recorrência dos acontecimentos e práticas, apenas a ocorrência ocasional de um comportamento impossibilita deduzir uma disposição.
3) A disposição é o produto incorporado de uma socialização (explicita ou implícita) passada e somente se constitui devido a repetição *de experiências relativamente semelhantes.* Ou seja, sua constituição é de longa duração e a incorporação de hábitos não ocorre de uma só vez.
4) Mesmo que a noção de disposição implique em uma coerência de comportamentos e práticas, não se deve pensar que ela precisa ser ativa em todos os momentos da vida dos atores. Ou seja, a disposição pode ser específica de um contexto particular ou geral.
5) Uma disposição não se trata de uma resposta simples a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir ou agir que se ajusta a diferentes situações. No entanto, nem sempre, ela se ajusta e pode ficar inibida em *estado de vigília* ou *transformada,* devido a sucessivos reajustes.
6) É importante não reduzir tudo a uma noção vaga de “disposição”, que pela amplitude pode perder a sua importância. Ou seja, é necessário distinguir realidades e situações diferentes, reservando o termo para situações em que há tendência, inclinação e recorrências.
7) A natureza da organização do patrimônio individual das disposições deve ser estudada por meio do trabalho empírico. Ou seja, não deve haver generalizações e sim investigação para não distorcer as realidades e tornar incoerente as experiências socializadoras.

De acordo com as orientações de Lahire (2004), cabe destacar a importância de uma definição consciente do termo disposição para um encaminhamento investigativo coerente. O primeiro item tem correlação com o objeto em análise, uma

vez que, essa disposição foi repassada pelos primeiros imigrantes no passado e se constitui como suporte identitário no presente. No segundo ponto, cabe destacar a importância de investigar a recorrência dessa disposição se manter no ambiente familiar, procurando compreender porque ela se faz presente em determinados locais e em outros não, e que repertórios precisam ser reativados para colocá-la em ação. O terceiro ponto é importante para a análise dos momentos de socialização em que essa incorporação de hábitos ocorreu, cabendo distinguir as permanências e fragmentações que ocorreram com a manutenção da linguagem. No quarto ponto é preciso verificar como ocorre a transferência de disposições de um contexto para outro, principalmente em contextos diferenciados. No quinto item, mesmo que o indivíduo não fale mais em polonês é possível analisar a causa/ consequência dessa disposição ter sido colocada em *estado de vigília* ou o motivo de ter sido modificada ou reformulada. Por fim, os dois últimos coadunam para a importância de uma investigação profunda, a fim de captar como se constituiu a singularidade das disposições de acordo com os contextos de ações.

Para chegar na interpretação dessas disposições, Lahire (2004) trabalha com a construção de grades[26] de entrevistas, buscando interpretar os efeitos causados nos indivíduos pelas grandes matrizes socializadoras que são a família, a escola, o universo de trabalho, assim como todas as esferas sociais: políticas, culturais, religiosas, etc, que o indivíduo faz parte. No entanto, cada uma dessas matrizes não pode ser vista de forma isolada, pois a socialização nesses espaços pode aparecer entrelaçada. Outro aspecto relevante é o cuidado para não homogeneizar os contextos, procurando diferenciar pessoas importantes para o indivíduo pesquisado, a fim de captar as grandes variações intra-individuais de um universo para outro e compreender o lugar que o indivíduo ocupa em diferentes situações e a importância

[26] De acordo com Lahire (2004, p. 39) “cada grade da entrevista tem um caráter mais os menos biográfico: a grade “família” parte da infância e chega à vida conjugal e paterna eventualmente vivida pelo pesquisado; a grade “escola” começa com a escola maternal e abrange toda a carreira escolar do entrevistado; a grade “trabalho” reconstrói todo o percurso profissional; a grade “sociabilidade” abrange desde as amizades de infância até as mais recentes; “lazer-cultura” remonta às primeiras experiências de socialização cultural e tenta situar no passado a origem das práticas de lazer e de cultura atuais; a grade “corpo” capta as mudanças das práticas esportivas, dos gostos alimentares através do tempo...Existem essencialmente duas razões para essa escolha biográfica: por um lado, a vontade de captar as variações intra-individuais, tanto de um ponto de vista **discrônico como sincrônico** e, por outro, na medida do possível, **a tentativa de abordar a questão da gênese de disposições, apetências e competências que fazem parte do patrimônio individual atual dos pesquisados**. (*Grifos meus)*

das pessoas com as quais convive. A diversidade de vivências captadas em momentos distintos das entrevistas revelou como o esquema de disposições foi construído ao longo da trajetória individual.

Para entender as questões referentes ao fator geracional Labov (2008), destaca que é importante compreender a disposição bilíngue em diferentes faixas etárias (até 14 anos, 14-30, 31-45, 46-60, 61-75 e acima de 75 anos), para posteriormente considerar o fator geracional. Labov (2008) salienta que os estudos linguísticos se utilizam da distinção por gerações a fim de analisar as diferenças linguísticas de forma minuciosa, como os estudos pioneiros de Gauchat (1905) que tabulou a diferença na fala de três gerações do dialeto de Charmey, na Suíça de língua francesa. De acordo com Labov (2008, p. 42) foram investigados: “falantes com mais de 60 anos, entre 30 e 60, e abaixo de 30”. Essa mesma distinção por gerações é realizada nos estudos de Rosa (2011) sobre os fatores de manutenção da língua alemã no município de Missal no Paraná. Na comunidade investigada utilizou-se os mesmos referenciais construídos para a distinção geracional, no entanto, de acordo com a realidade vivida pelos descendentes de poloneses que se autodenominaram pertencentes a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª geração de acordo com os primeiros imigrantes que aportaram na região.

## 2.2. Os atores da pesquisa

A abordagem teórica em questão está associada, também, a uma metodologia de pesquisa específica, que através de entrevistas em profundidade[27], procura interpretar a forma de incorporação dos esquemas de ações produzindo “retratos sociológicos” dos indivíduos envolvidos na pesquisa. Para compor esses retratos é necessário compilar diferentes informações de um mesmo indivíduo que somente pode ser feito através de várias entrevistas com a mesma pessoa. Para isso, a análise precisa ser realizada em sentido “vertical”, cruzando diferentes dados sobre a trajetória individual de cada indivíduo. Como a proposta teórica de análise é

[27] São entrevistas em profundidade porque são vários encontros, de 4 a 6 de acordo com a teoria, que procuram captar a variação das disposições de um contexto ao outro. Como as entrevistas são densas, no caso em estudo, em duas entrevistas foram necessários dois encontros, pois a durabilidade de cada encontro foi de mais de 2 horas.

singular, não ocorre o cruzamento de dados entre os indivíduos, o que caracteriza uma pesquisa “horizontal” e vai de encontro a constituição dos retratos sociológicos, que pretende interpretar as singularidades dos sujeitos pela multiplicidade de vivências que cada indivíduo incorporou. De acordo com a teoria, somente dessa maneira é possível captar as cenas particulares do campo social.

Alguns dos indivíduos[28] que foram investigados já tiveram um contato em pesquisa anterior de cunho monográfico (NUNES, 2008). Foram realizados de dois a quatro encontros com esses sujeitos, a fim de compreender a disposição para o bilinguismo em suas formas interiorizadas. Houve uma divisão dessas famílias de acordo com a localização geográfica do município para perceber as permanências e rupturas do bilinguismo em diferentes contextos.

Nesse sentido, foi investigada na cidade de Dom Feliciano Leônia Bystronski, que possui um vínculo religioso com a língua polonesa e, até hoje, a família, recebe cartões da Polônia nas celebrações de Natal e Páscoa. Também na cidade foi entrevistado Márcio Rosiak, que atualizou a língua polonesa ao longo de sua trajetória social, tendo no trabalho o vínculo para aprimorar a disposição. A senhora Alice Sczilewski que estudou em uma das primeiras escolas com alfabetização polonesa, mas não foi utilizada como sujeito dessa pesquisa, pois nunca praticou o bilinguismo, por não ser descendente de poloneses[29]. No campo foi entrevistada a senhora Eva Kucharski, que reside na Linha Amaral Ferrador, a qual possui uma incorporação do bilinguismo à sua prática cotidiana, de forma que sua disposição está intrínseca ao seu espaço de convivência, desde sua infância. A dona Maria Topaczewski, que revelou modificações no uso da língua de acordo com a situação

---

[28] Utiliza-se o termo “indivíduo” pela singularidade de análise que o aporte teórico propõe. No entanto, em alguns casos a entrevista ocorreu cercada pelos integrantes da família. Dessa forma, mesmo que apenas uma pessoa respondesse os questionamentos, havia interrupções, complementos dos demais familiares e busca de materiais que iam sendo citados pelo entrevistado.

[29] Dona Alice foi investigada na pesquisa pelo fato de ter estudado em uma das primeiras escolas de alfabetização polonesa, na qual foi aluna do professor Francisco Valdomiro Lorenz que produziu um dicionário de português/polonês para auxiliar na alfabetização dos descendentes na região sul. Além desse fato de ter estudado na escola de alfabetização polonesa, ela possui o sobrenome Sczilewski, o que supunha-se ser descendente de poloneses. No entanto, na entrevista detectou-se que ela adotou esse sobrenome do marido, que era descendente de poloneses. Sua assinatura completa é Ody Alice Martins Sczilewski. Dessa forma, só veio a ter contato com a língua polonesa quando casou-se, mas apenas o marido falava com a família dele e ela não criou a disposição bilíngue. Na escola de alfabetização polonesa comentou que o professor auxiliava os descendentes a entender o português. No caso dela, não foi alfabetizada na língua polonesa e sim no português. Dessa forma, não constituiu a disposição bilíngue ao longo de sua trajetória e sim outras disposições como a da costura e da leitura.

vivenciada na infância, na escola, no pós casamento e no contexto atual. Por último, a senhora Lorena Slawski, que reside na Linha Assis Brasil e notou-se um enfraquecimento no uso da língua tendo como consequência o fator geracional.

Para além dessas peculiaridades que marcam os indivíduos indicados, é preciso salientar que estes foram investigados porque, em alguns casos, como a família Kucharski, Rosiak e Slawski já fizeram parte de investigações anteriores e as demais, após contato realizado, mostraram-se disponíveis a participar desta investigação, previamente sabendo que poderiam ser realizados até seis encontros. O critério para localizar essas famílias foi a descendência polonesa.

Foram realizadas no total 15 entrevistas, na qual uma delas, como já mencionado anteriormente, não foi utilizada nessa pesquisa. A maior parte delas foi realizada no espaço familiar, na residência dos entrevistados. Somente uma delas ocorreu no ambiente de trabalho, no escritório do entrevistado. Cabe ainda destacar que todas elas ocorreram no município de Dom Feliciano, no qual houve o deslocamento da pesquisadora para a casa de familiares, que residem no campo, com a finalidade de realizar a investigação com essas famílias. O acesso a residência dessas famílias foi realizada por estrada de chão e alguns quilômetros precisaram ser percorridos para encontrar os entrevistados. Na tabela abaixo podemos ter a dimensão do percurso realizado para realização das entrevistas:

| **Sujeitos da pesquisa/Localização** | **Número de entrevistas** | **Distância percorrida desde a localidade de Caminho Novo.** |
|---|---|---|
| 1. Leônia (Cidade) | Março e julho de 2016. | 16 km |
| 2. Márcio (Cidade) | Março e julho de 2016. | 16 km |
| 3. Alice (Não utilizada/ cidade) | Março de 2016. | 16 km |
| 4. Eva (Linha Amaral Ferrador/campo) | Março e agosto de 2016; fevereiro de 2017. | 12 km |
| 5. Lorena (Linha Assis Brasil/campo) | Março e agosto de 2016; fevereiro de 2017. | 9 km |

| | | |
|---|---|---|
| 6. Maria (Linha Laurentino Freire/campo) | Março e julho de 2016; fevereiro e julho de 2017. | 15 km |

A maioria das entrevistas aconteceu em conjunto com um familiar da pesquisadora. Esse foi um fator que não ocasionou inibição aos entrevistados, pelo contrário, por serem conhecidos na região isso possibilitou maior disponibilidade em participar da entrevista. Já as realizadas na cidade foram realizadas somente entre a pesquisadora e os entrevistados.

No primeiro contato com os entrevistados utilizou-se por base o roteiro de entrevistas (Apêndice A) no qual foram utilizadas questões amplas sobre o uso da língua na família, na escola, na esfera profissional e social. Mesmo havendo esse roteiro, as entrevistas ocorreram na forma de um diálogo em que o entrevistado abordou toda a sua trajetória de vida desde a infância até o momento da entrevista. Na segunda entrevista notou-se que algumas questões destacadas pelos entrevistados começaram a ser repetidas e ocorreu o direcionamento em pontos específicos que precisavam ser esclarecidos da entrevista anterior. Com os entrevistados que tiveram o terceiro e quarto encontro realizou-se questões pontuais que ficaram pendentes e análise de material que havia sido citado nas entrevistas anteriores. As entrevistas duraram no mínimo uma hora e no máximo três horas e meia. A maioria delas durou duas horas e 30 minutos. Após a primeira entrevista todas elas foram transcritas pela pesquisadora e assim ocorreu, sucessivamente, com as demais entrevistas, o que totalizou 150 páginas transcritas em documento do word, fonte Arial 11, espaçamento simples, que compõe o material utilizado como fonte de pesquisa em conjunto com os relatos orais gravados em áudio. Para registrar as diversas intercorrências no desenvolver da entrevista, os momentos de fuga de um determinado assunto, motivação para outros, análise da relação com os familiares, silenciamentos e emoções, descrição do local das entrevistas e a forma como se desenvolveram utilizou-se um caderno de anotações, que foi muito importante para o fechamento da análise de dados e principalmente para confirmar ou não a recorrência da disposição bilíngue.

## 2.3. Os materiais escritos no contexto familiar e social: reflexo da ação

Além das entrevistas em profundidade realizou-se também observação detalhada do ambiente familiar, fontes escritas, documentos e fotografias, disponibilizadas pelos entrevistados que complementaram os dados empíricos, caracterizando, assim, uma investigação de cunho etnográfico[30] para perceber o contexto cultural familiar. Essa abordagem ancora-se na obtenção de dados descritivos devido ao contato direto do pesquisador com a situação estudada.

Para alicerçar essa investigação utilizou-se de uma descrição densa de todas as percepções do ambiente familiar, comportamento dos indivíduos, relações familiares, rupturas, omissões e fugas nas entrevistas, interesse por um assunto e refutação de outros. Essa descrição foi complementada pelo registro em áudio, fotográfico e filmagens, como nos momentos de entonação dos cantos utilizados de forma oral nos velórios, por exemplo. A coleta de materiais escritos também fez parte do processo, a fim de documentar passagens importantes da incorporação dos esquemas de ações pelos descendentes.

Dessa maneira, o processo de pesquisa foi se delineando a partir dos diferentes momentos e eventos de aproximação com os indivíduos e as vezes em contato com o grupo familiar. Como existe uma proximidade com o local da pesquisa e com a realidade das comunidades foi necessário captar e descrever o contexto individual sob outra lente, pois, segundo Lahire (2002), é necessário “olhar com outros olhos” aquilo que parece banal na comunidade, a fim de interpretar a realidade individual.

Para além da pesquisa em ambiente familiar, após a constituição dos perfis sociológicos, foi necessário explorar o contexto social, a fim de investigar as marcas do bilinguismo nesses segmentos. Dessa forma, dados foram coletados na Casa da Cultura e do Imigrante Polonês, na Secretaria de Educação de Dom Feliciano, na Prefeitura Municipal de Dom Feliciano, na Sociedade Linha Amaral Ferrador, na Escola Municipal Padre Constantino Zaikowski, no Cemitério Municipal de Dom

[30] Lahire (2004, p. 33) destaca que a composição dos retratos sociológicos ocorre em conjunto com uma pesquisa etnográfica: “Em todos os casos, foram realizadas anotações etnográficas sobre a forma como o contato foi estabelecido, o local das entrevistas e a maneira como se desenvolveram”. Dessa maneira, foi observado em suas pesquisas o ambiente familiar, as refeições e certas atividades pessoais, que contribuíram para reforçar as dúvidas ou certezas sobre a recorrência das disposições evidenciadas por meio das entrevistas.

Feliciano, no Cemitério de Alemães na Linha Amaral Ferrador e na Igreja Matriz Nossa Senhora de Czestochowa. Além de visita nesses locais ocorreu uma entrevista com a diretora da Casa da Cultura e do Imigrante Polonês, Luciana Terezinha Novinski, que forneceu importantes informações sobre a Cerimônia do *Oplatek*. No mesmo espaço da Casa da Cultura foi entrevistado o integrante do Terno de Reis, Paulo Sérgio Lasek, que disponibilizou as marchinhas de casamentos, mantidas como tradição desde os primeiros imigrantes poloneses. Também foi entrevistada a integrante do grupo de cantos poloneses, Lúcia Rosinski, que forneceu importante informações sobre os cantos entoados na igreja e na Cerimônia do *Oplatek*.

Podemos inferir que a tessitura metodológica correlacionada com o aporte teórico pode interpretar o bilinguismo em sua constituição disposicional e prática, mantido pelos descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano.

# 3. PERFIS SOCIOLÓGICOS

*"O mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós. Na origem de nossas desgraças e de nossa felicidade, tanto individuais como coletivas [...]. Modelados por esse mundo que contribuímos para modelar, não escapamos dele de forma alguma: conformistas ou marginais, dominantes ou dominados, todos fazemos (diferentemente) o que ele fez de nós e aquilo que podemos fazer em função das situações em que nos encontramos imersos. No jogo perpétuo das relações entre o que interiorizamos (através de nossa experiência de mundo) e o que enfrentamos continuamente como novas situações, dificilmente aprendemos a nos conhecer, por vezes nos surpreendemos e, em todos os casos, nunca somos detentores de uma espécie de "verdade pessoal" (daquilo que "realmente" seríamos). A sociologia, da forma como a vejo e imagino, pode nos ajudar a progredir no conhecimento de nós mesmos e dos outros."*

(LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos*. Prólogo XIII, 2004).

## 3.1. Eva KUCHARSKI

**Figura 18**: Tempero, *majeranek*, indispensável para a preparação da *czernina* presente na horta de Eva.
**Fonte:** Autora, 2016.

Para a análise contextual e disposicional de Eva buscou-se levar em consideração a constituição das práticas e comportamentos que formam seu passado incorporado. Para captar a constituição da disposição bilíngue foi necessário investigar vários traços, coerentes e contraditórios da sua trajetória social. O que será abordado aqui pressupõe um trabalho interpretativo realizado a partir de três longas entrevistas que duraram de duas a três horas, realizadas em sua residência. As três entrevistas realizadas ocorreram, respectivamente, em março e agosto de 2016 e fevereiro de 2017.

Cabe considerar que nessa descrição a seguir, embasada na teoria sociológica e metodológica de Bernard Lahire (1997; 2002; 2003; 2004; 2005; 2006), o ator entrevistado não tem consciência das determinações internas e externas que o fazem pensar, sentir ou agir de uma determinada maneira, sendo que a constituição do perfil se dá em busca de tentar formular o princípio que dá origem a esses comportamentos, que no caso estudado, constituem a disposição bilíngue. Dessa maneira, é possível fazer aparecer o que Lahire (2002, 2003, 2004) destaca em sua obra “os princípios geradores da aparente diversidade das práticas”.

Na época das entrevistas Eva possuía 77 anos e pertence a 3ª geração de descendentes poloneses no Brasil, o que significa dizer que seus bisavós eram imigrantes. Ela viveu toda a sua infância, adolescência e vida adulta na Linha Amaral Ferrador (espaço rural do município de Dom Feliciano), onde casou e constituiu família de seis filhos, um homem e cinco mulheres

Na primeira entrevista o horário marcado foi de muita chuva, mas Eva estava esperando disposta a participar da entrevista. A casa entre muitos arvoredos escondia uma pessoa humilde e de olhar sereno, a tranquilidade daquele local era contrário ao que ela revelaria a seguir na entrevista: uma infância difícil com inserção na vida adulta de forma precoce, devido o trabalho braçal que desde criança suas condições no ambiente familiar a levaram fazer. Eva estava envolvida no preparo do café e o cheiro do pão fresco invadia a casa. No início conversamos sobre o tempo, a chuva que estava fazendo falta para as plantações e sobre a colheita do fumo, pois seu filho estava na lavoura com o temporal e ela estava muito preocupada, só foi possível começar a entrevista quando ele retornou com uma carga de fumo. Em seguida chegaram sua neta e nora, as quais estavam presentes

no desenvolver da entrevista, as vezes participavam e as vezes questionavam Eva se de fato o que ela falava tinha acontecido.

Na segunda entrevista Eva não estava bem de saúde e a entrevista foi menos intensa do que no primeiro contato, ela estava menos disposta a falar, incomodada por uma dor na perna. De início já destacou que as dores são resultado de uma vida de trabalho árduo na lavoura, como bem colocou “uma perna que tanto tapou cova de milho um dia tem que dar problema”. Destacou que trabalhou demais e não teve infância em consequência disso, pois precisava trabalhar muito com a doença da mãe. A cozinha de Eva é marcada pelos cheiros, na primeira entrevista de pão, na segunda de um doce de goiaba[31] (*chimia*, como ela mesma destacou) que ela estava preparando. Notou-se durante a entrevista uma preocupação com o doce no fogo que poderia queimar. Ela mostrou ser muito ativa nos afazeres domésticos e se sente preocupada em ficar doente, o que impossibilitará seguir sua rotina, principalmente manter os cultivos em sua horta produzidos para o gasto familiar (prática recorrente na família). Mostrou também sua produção caseira de sabão, para não precisar comprar, feito com sebo de porco.

No terceiro encontro, Eva estava muito doente e abatida. Sua condição havia mudado e estava de muleta, no entanto como sempre estava muito prestativa em participar da entrevista. Durante todo o tempo ressaltou que não consegue fazer nada e sente muita falta dos afazeres domésticos, da horta e do cuidado com as plantas no jardim.

Todas as entrevistas ocorreram em sua residência na cozinha de sua casa, de onde podia-se avistar os demais cômodos e da sala era possível enxergar na parede um quadro religioso com escrita em polonês, herdado de sua sogra, em conjunto com fotos antigas de casamentos. Eva se sentia a vontade com os questionamentos, com boa interpretação e as entrevistas ocorreram em forma de um diálogo. Os trechos transcritos na constituição do perfil são considerados na íntegra.

[31] Geléia feita de frutas.

### 3.1.1. A disposição bilíngue incorporada na infância e mantida de forma permanente[32] na vivência cotidiana

Eva faz parte de uma família de quatro irmãos, três mulheres e um homem, sendo a mais velha da família, o que será fator constituinte de momentos marcantes que vivenciou, principalmente, na sua infância e adolescência. Filha de pais agricultores, seguiu desde muito cedo a rotina diária dos seus pais. Teve uma infância marcada pelo contato familiar com os bisavós, avós, pais e irmãos e seu círculo social se restringia ao ambiente familiar e ir aos domingos nas missas e cultos na igreja[33], quando sua mãe permitia.

A base de subsistência da família era a agricultura e por ser de origem humilde e a mais velha entre os filhos trabalhou tanto na lavoura como nos afazeres domésticos desde muito cedo. Lembra que na infância plantavam batatinha, feijão, milho e trigo. O contexto econômico que Eva destaca, nos dá a ideia de como viviam por volta de 1946, quando ela tinha seis anos de idade no espaço rural do município de Dom Feliciano:

> "Nós plantava e o pai tirava tudo para vender fora, carroceava para São Lourenço, para Encruzilhada, as vezes para Camaquã, juntavam uns 4 carroceiros e juntavam carga e iam trazer comida, traziam café, traziam açúcar, sabão, vendiam e compravam, aqui não tinha, não tinha nem venda, naquele tempo não tinha nada, nem um papel para enrolar não tinha".

Essas condições em que viviam é sempre colocada por Eva em contraponto com o período atual em que as condições da maioria das famílias e suas condições mudaram e existe inúmeras opções de compra e venda de produtos. No entanto, sempre destacou que no passado era melhor de viver, posteriormente vamos entender o motivo dessa ambiguidade.

De acordo com os dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), o município de Dom Feliciano aparece no cenário agropecuário a partir de 1970. Há censos em décadas anteriores, mas Dom Feliciano não faz parte do cenário econômico do RS, talvez por ter uma produção

---

[32] Lahire (2001) utiliza a teoria do *habitus* de Bourdieu para explicar a constituição das disposições permanentes que coadunam com uma maneira própria de ser e agir, vinculados a formação da sociedade tradicional *cabila* estudada por Bourdieu.

[33] Os descendentes de poloneses em Dom Feliciano são devotos da religião católica.

inicial ou por ter se emancipado em 1963. Na análise dos dados de 1970 o município aparece com uma produção incipiente de fumo e soja. As culturas com maior produtividade são o trigo e o milho para esse período, produtos os quais a família de Dona Eva se dedicava ao plantio (Tabela 1 – Apêndice C). Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos dá esses índices de produção, considerando todo o cenário do Rio Grande do Sul e não por município (Figura 1- Apêndice C).

As dificuldades na infância eram tão intensas que Eva se deslocava cerca de 20 km a cavalo para buscar comida na sede do município, na venda do Catulino[34]. Mesmo com medo do percurso ela ia para não desobedecer as ordens da mãe. Quando precisava ir no dentista se deslocava também a cavalo e destacou como eram as condições médicas nesse período em uma cidade pequena e distante da capital:

> "Ele tinha um lampiãozinho aquele Shuman e botava aquela água ou colocava a água naquele forninho e já dava aquela injeção, aquilo era tão dolorida e aquilo doía uns quantos dias sabe. Não tinha anestesia, não era com agora que tiram e a gente não sente, eu chegava até a cruz que meu deus do céu. Depois chegava em casa e ia pra cama porque não aguentava".

Eva ressalta que viveu a infância na casa que os bisavós imigrantes construíram, uma casa muito simples de madeira e com poucos cômodos, "era tudo construído pela família, tinham de botar primeiro a roça pra depois do mato fazê a casa porque isso tudo era mato, cortavam as árvores pra fazê a casa porque não tinha lugar". Quando os filhos ficaram maiores ajudaram a construir uma casa de alvenaria, o número de filhos era visto como importante mão de obra nas famílias do meio rural. Essa foi a realidade que a maioria dos imigrantes encontrou como foi destacado no capítulo 1. O contexto de apropriação do espaço também é abordado por Eva e nos mostra quem era o proprietário ou sesmeiro antes de ser realizada a distribuição de terras entre os poloneses nesse período: "tinha um Amaral que era o dono aqui e mandava desmata, dizem que com índios e tudo". De acordo com

---

[34] Catulino Pereira da Rosa foi prefeito de Dom Feliciano em três gestões: 1ª gestão: 12.04.1964 a 31.01.1969; 2ª gestão: 31.01.1973 a 31.01.1977; 3ª gestão: 01.02. 1983 a 31.12.1988. Dados disponíveis no site: http://www.domfeliciano.rs.gov.br/municipio/28/galeria-de-ex-prefeitos.html, acesso em 24.01.2018.

Topaczewski (1961), essa região da Linha Amaral Ferrador pertencia a um único fazendeiro que vendeu suas terras para abrigar nesse local cerca de 40 famílias polonesas.

As condições econômicas precárias se refletiam também nas condições sociais, pois devido ao fato de Eva ter que ajudar na lavoura só conseguiu ir para a escola mais tarde do que as outras crianças, com 8 ou 9 anos e tendo esse percurso escolar interrompido inúmeras vezes devido a doença da mãe, outro fator muito marcante na sua trajetória. A doença da mãe fez com que precocemente tivesse que realizar atividades incomuns para a sua idade, “dos quatro anos para cima eu nunca mais brinquei, tinha de trabalha porque a mãe não podia, né? Então a mãe botava nóis e tinha de trabalha”.

Recorda que nos longos períodos que sua mãe ia para o médico em Camaquã, de 12 a 13 dias, ela ficava sozinha com os irmãos e inúmeras vezes não tinha o que comer. Seu pai acompanhava sua mãe, então sendo ela a mais velha tinha que cuidar dos irmãos e dar conta dos afazeres da casa e lavoura: “tinha que fazê pão no forno, eu lavava a louça e subia no banquinho porquê de primeiro não tinha pia era mesa, balde e não tinha água encanada e nem nada, tinha de busca no poço, né? Que trabalhera”.

Nesse contexto de dificuldades econômicas da infância foi criada a sua disposição bilíngue, pois no ambiente doméstico só falavam em polonês. Diz ela: “Quando estava na casa dos pais tudo era em polonês, chegava visita era em polonês, na volta os vizinhos tudo era polonês, depois começou a se misturá”. Eva recorda que o bisavô não sabia falar em português, mesmo sendo muito pequena ela teve contato com ele, pois morou na casa dos seus pais quando sua bisavó faleceu[35]. Os avós também tinham o hábito de falarem somente em polonês. Uma prática que era intensificada nos momentos em que a família se reunia, principalmente em casamentos e em velórios. Voltou-se nesse quesito posteriormente, mas primeiramente vamos entender toda a conjuntura contextual de Eva para conseguirmos entender a constituição de sua disposição e os mecanismos em que é diretamente e implicitamente colocada em ação.

Fator importante e que esteve na gênese do comportamento de Eva é a rigidez em que sua mãe a tratava, com divisão de tarefas para serem cumpridas e

[35] Nesse período já residiam onde dona Eva mora atualmente.

nunca questionadas. Ressalta que quando a mãe ia para o médico, o qual chama de “reserva”, ela era a responsável pela organização da propriedade: “Reserva era o médico que ela ia em Camaquã e o pai ficava lá, tinha de cuida dos cavalos, pagava a pastagem e nóis ficava aqui cuidando da casa e trabalhando na lavoura pequena, deus me livre se a mãe chegasse e não tivesse em ordem”. Em outra entrevista ela chega a usar o termo “malvada”, mas logo ressalta que isso era consequência do problema de saúde que ela tinha, que hoje se sabe que é depressão, mas na época não sabiam. Sua nora que esteve presente em duas das três entrevistas interfere e comenta que: “era malvada, não deixava nem ir pra missa, isso é o cúmulo, mandava lavar roupa no aroio, isso a sogra me disse, é verdade”. Em outro momento Eva comenta da dificuldade que tinha, ela e os irmãos, para conseguirem sair nos finais de semana e participarem dos bailes na comunidade, pois sua mãe lhes obrigava a trabalhar no outro dia muito cedo:

> “Nóis para ir pra um baile, os baile eram no domingo então nóis tinha que chora muito perto do pai, o pai era bom, aí ele tanto caminhava que levava nóis, mas a mãe dizia assim: “antes do sol nasce aranca feijão, então o que adiantava, o baile começava cedo, antes do sol entra já gaita tinha, podem ir, mas pode sabe antes do sol nasce tem feijão para aranca. Nóis ia um pouco, mais 11 horas vinha, tinha de obedece se não no outro não ia”.

O perfil de seu pai é colocado em contraponto ao de sua mãe, pois era considerado uma pessoa amável, muito bondoso e sempre disposto a ajudar os filhos, já a mãe é marcada pela rigidez com que os tratava.

As mulheres polonesas na região de Dom Feliciano são vistas como as que governam o lar e gerem o setor financeiro da propriedade por serem muito autoritárias. Eva, de forma inconsciente, herdou essas características de sua mãe, o que Lahire (2004) chama de disposições ascéticas, as que requerem disciplina e autocontrole em contraponto as disposições hedonistas, as relacionadas diretamente ao prazer. Eva nos dá indícios desse ascetismo herdado da mãe quando comenta que os filhos sempre a respeitavam e bastava um olhar para eles a obedecerem: “eles já sabiam, às 5 horas, do colégio, saíam e a caroça de pasto já tinha que tá cortada que de noite o falecido trazia, já era tarefa deles”. Ao longo da entrevista ela estava preparando uma *chimia* e sua nora gentilmente foi mexer e Eva pediu que deixasse que ela sabia o ponto correto do preparo. Além desses aspectos, que mostram disposições ascéticas semelhantes às de sua mãe, Eva é

uma pessoa organizada e rígida com as refeições, que ela gosta de cozinhar, além de cuidar da horta para ter os produtos de consumo provenientes de sua propriedade. Esses aspectos são importantes pois são elementos constituintes de sua personalidade e de suas disposições para agir.

Eva ressalta que teve muitas dificuldades na alfabetização porque foi para a escola falando somente o polonês, pois era só o polonês que falavam em casa. Antes de ir para a escola tinham aula de polonês/português, mas quando foi, um pouco mais tarde do que as crianças da sua idade, era somente o português e a língua polonesa já era proibida. Ela estudou na Sociedade da Linha Amaral Ferrador e no ano de 1948[36] ingressou na primeira série: “No colégio tinha que fala em brasileiro, mas chegava em casa e era só o polonês. Na primeira série falava só em polonês, depois a gente aprendeu. A Delfina foi nossa primeira professora aqui e falava em brasileiro, a gente tinha que lê muito livro e aprendeu na mara”. Ela lembra de ir a pé para a aula que era em turno integral, tinha que levar o almoço e um lanche para passar o dia e destaca que era tudo com muita dificuldade diferente dos tempos atuais que as escolas possuem toda uma estrutura para atender os alunos. Em consequência da doença da mãe teve que deixar de ir para a escola para ajudar em casa, mas posteriormente retornou e completou a 4ª série, que era o ensino máximo que tinha na região. Eva relatou que o primeiro professor da sociedade era o Biesta[37] que dava aula nas duas línguas. Topaczewski (1961, p. 28) confirma essa afirmação e destaca que José Bieszczad foi o primeiro professor da sociedade e lecionava em ambas as línguas.

Em vários momentos é destacado a rigidez em que eram as aulas no período de ingresso e da represália em relação a língua polonesa: “No colégio não podia conversar em polonês porque a aula era só em brasileiro e tinha brasileiro misturado e então não podia. Os professor davam laço nos alunos, davam castigo, iam na rua traziam areia e ajoelhavam na areia e a varinha pegava seguido”. Quando saíam da escola, no caminho para casa, como a maioria dos colegas eram poloneses, eles retomavam a fala em polonês. Nesse período na escola a língua polonesa de Eva e

---

[36] Esse período da década de 40 coincide com a nacionalização compulsória do governo Getúlio Vargas. Ver mais em: SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: Repensando o Estado Novo.Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

[37] Escrito conforme a pronúncia de Eva.

de seus colegas era colocada temporariamente em *estado de vigília*, pois não havia as condições favoráveis para ser colocada em ação dentro do contexto escolar.

O contexto das aulas e dos materiais didáticos-escolares da década de 1940 são descritos de forma detalhada por Eva, que recorda como eram os bancos de madeira, todos os seus colegas sentavam juntos nas fileiras e não havia separação entre meninos e meninas. Ela recorda que não existia caneta, caderno e que escreviam na pedra (ardósia), o que fazia que utilizassem muito a memorização porque para desenvolver outra atividade tinham que apagar a pedra:

> "Depois da pedra, bem depois apareceu as caneta e tu tinha que escrever levizinho porque ela abria, né? E tinha as garafinha assim e tinha aquela tinta, nos banco a gente fazia assim: colocava aquela garafinha para não virá, pegava de mansinho e escrevia levizinho porque já estragava aquela caneta. Isso já tinha melhorado porque antes era na pedra. Tinha algumas pedras boas, outras não prestavam, né? Não limpava bem. Assim como esses quadro grande agora. A pedra eu trazia para escrever em casa, as vez até quebrava porque era bem fina, era tudo gravado".

Esse relato nos dá a ideia do contexto educacional que fez parte da trajetória escolar de Eva.

Outro aspecto muito destacado é a organização do casamento na família polonesa, realizado, preferencialmente, entre poloneses para não enfraquecer as tradições. Os preparativos para a festa começavam com uma semana de antecedência, "começava nas roscas, terça fazia cuca, quarta mais doce, quinta matava o leitão, na sexta matava o boi, tinha cozinheira, traziam ajudante, traziam ovo, ajudavam, faziam bolo, tudo em casa. O bolo era só um bolinho de noiva, não tinha bolo". Segundo a tradição, de acordo com Eva, o casamento começava bem cedo, no dia clarear e durava até o outro dia de manhã quando os convidados começavam a ir embora. Questionada do porquê de um casamento tão longo ela respondeu que era porque demoravam um dia para ir e voltar da cidade, uma vez que se deslocavam à cavalo, o meio de locomoção da época, e por isso o casamento durava 24 horas. Tinha que ter muita comida, mas era uma honra para a família dar esse tipo de festa. Existia toda uma particularidade na confecção do vestido da noiva que era feito na própria família pelas costureiras mais experientes. Falar o polonês nesses momentos de festa era muito comum, pois a maior parte dos convidados era da família.

O serviço pesado que Eva desenvolvia na casa dos pais deu continuidade depois do casamento, os seis filhos que teve foram desde cedo inseridos também na rotina da família porque Eva não podia deixar de ir para a lavoura trabalhar, então os levava junto. Segundo ela:

> "Eu criei meus filhos indo pra lavoura, eu botava eles na caroça e botava tolda e se vinha sol eu colocava galhos por cima, levava mamadeira, colchãozinho e um cuidava o outro. Quando eu vinha pra casa eu vinha na frente pra fazê a comida e eles quando chegava já tinha almoço, um atrás do outro. Eu tinha eles pequeno, mas nunca faiei de trabalha na lavoura".

Nota-se que como na infância foi criada trabalhando nos dois ambientes, doméstico e lavoura, ela teve e tem preocupação em atender essas duas demandas diferentes depois do casamento.

O nível econômico da família muda, consideravelmente, quando ocorre a introdução da cultura do fumo na região. Eva casou em 1959 e mais ou menos dois anos depois a família começou a plantar fumo. No início recorda de ter sido difícil porque não tinha para quem vender, mas depois quando as crianças já eram maiores e ajudavam a economia da família mudou para melhor. A cultura do fumo, como ressaltado anteriormente, com a análise dos dados da FEE, fazia parte da produtividade agrícola da região de forma muito incipiente, ou seja, eram poucas famílias que estavam iniciando esse tipo de produção, diferente do contexto atual em que o fumo é o principal produto agrícola do município.

A característica de uma família que trabalhava arduamente na agricultura mantém a notoriedade que os poloneses têm na região de serem muito trabalhadores e realizarem todo tipo de serviço braçal. Quando Eva se refere ao marido é como uma pessoa que trabalhava muito: "era uma pessoa boa, não fumava, não tomava e só cuidava de trabalhar. Nóis ia para Dom Feliciano tanto de caroça e depois de caro e ele dizia: vou botar gasolina e depois nóis vamo pra casa pra trabalha e já pegava o chapéu e já ia". Quando se refere aos filhos a relação estabelecida também é com o trabalho, que todos são muito trabalhadores e dedicados ao que fazem. Quando Eva fala de si e da infância sempre retorna a esse ponto principal: "Eu trabalhava muito na minha infância, aqueles trigos pra junta, tudo. Tinha empreiteiro pra corta tinha, mas pra junta era com a gente, tudo". Não há como não frisar esses elementos contextuais, pois eles são constituintes da maneira de Eva interagir com o mundo e repercutem nas suas ações cotidianas atualmente.

Fator importante para a atualização da língua polonesa foi o contato com a sua sogra. Eva destaca que ela era uma leitora assídua e tinha muitos livros, como se dava muito bem com ela e conversavam muito se supõe que sua disposição bilíngue teve momentos de atualização com ela, ou seja, ela aprendeu com os bisavós, avós e pais – em que todos aprenderam entre si – e mais tarde quando se casa atualiza essa disposição herdada na infância. “Ela tinha muito livro e lia bastante, ela faleceu e ninguém sabe desses materiais, dicerto botaram fogo. Era tudo material da Polônia, da mãe dela. [...] Ela vinha aqui e visitava e posava e fazia pão. [...] Nóis só falava em polonês e ela falava muito bem”. A única pessoa na família detentora de materiais escritos, com práticas de leitura era a sogra, como tinha muito contato e falavam em polonês, possivelmente Eva atualizou sua fala com ela.

Outra pessoa que é recorrentemente referida nas entrevistas e importante para Eva colocar a disposição em ação é um colega de infância, o Antônio, ele é lembrado como o colega com quem falava em polonês nos momentos fora da escola, quando iam a pé para casa e não havia mais a proibição imposta pela professora. Essa amizade se mantém na vida adulta até seu falecimento e é uma pessoa com quem falava em polonês quando ia visitá-la. Ele tocava violino e músicas polonesas nos bailes em que ela frequentava. Eva recorda que iam de tamanco, um tipo de calçado alto e de madeira e o colocavam só na chegada da escola para não gastar o calçado, já que não tinham condições de comprar outro. Essa amizade foi tão duradoura que Eva mantem relações de amizade com a filha dele, que vai esporadicamente visitá-la e costumam, também, falar em polonês.

Quanto as comidas polonesas, estas são destacadas, como parte do cardápio da família, mas aparecem misturadas com comidas brasileiras e mostra que a necessidade econômica modificou a culinária polonesa. Os seus avós comiam mais comidas polonesas, com a miscigenação e o cultivo pela família do feijão, milho, batata e verduras, essas são incorporadas no cotidiano da família.

As receitas são feitas sem anotações escritas o que mostra que se trata de uma prática – a de cozinhar – que foi transmitida oralmente no grupo familiar. “Das comidas polonesas me lembro que fazia arroz, feijão, batata, batatinha, *czarnina,*

carreteiro, fazia de tudo assim. *Czarnina* fazemo até hoje, *pirogue*[38]: pastel de leite, a *quisca*[39]: quando mata porco a gente faz, faz linguiça, queijo, cuca". As comidas polonesas não estão vinculadas a uma data especial no calendário anual, a *czernina* (sopa de sangue de pato) se faz quando tem pato gordo, o *pierogi*[40] (pastel de queijo) se faz quando tem bastante leite e a morcilha quando se mata o porco, ou seja, as tradições polonesas estão vinculadas a um modo de vida específico e à forma de operacionalizar a propriedade, pois para produzir as comidas é necessário ter esses produtos na residência.

Eva ressalta que a *czernina* não pode ser feita sem a existência de dois temperos, o "marianek" e a "cruska". Ela aprendeu a usar esses temperos com os avós e estes não podem faltar no preparo da *czernina*, se não de acordo com ela "perde o gosto". Quando questionada a quais temperos se referia no português ela não soube responder, pois só sabe em polonês. Com outra entrevistada que lê e escreve um pouco em polonês, ela traduziu que "marianek" é a manjerona e "pietruska", a "cruska" destacada por dona Eva é a salsa. A escrita[41] dessas palavras é "pietruszca", com acréscimo de um "z" e "majeranek" em relação a "marianek". Como é uma sociedade basicamente de tradição oral, a escrita foi modificada ao longo do tempo e passou a ter, na comunidade, as mesmas características da fala.

Para ter esses temperos durante todo o ano há todo um cuidado de Eva com a horta: "eu gosto de lidá e oiá se tá crescendo bota um estrume, junta o estrume e leva, cebola planta, tenho tanta cebola pindurada, tenho fava assim grandona, minha horta tem de tudo e abastece o ano todo". O seu tempo disponível divide-se entre os cuidados com a horta e com o jardim, onde também cultiva alguns temperos porque ficam mais próximos da cozinha. Eva sempre ressaltou que sua nora também sabe fazer as comidas polonesas e quando sobra tempo das tarefas da lavoura ela faz *czernina* para vender. Quando questionada se toda a família come esses pratos típicos ela ressalta que antigamente tinham que comer e que não existia o não

---

[38] *Czarnina*, *pirogue* e *quisca* foram descritos no relato da entrevista conforme a pronúncia de Eva.
[39] Morcilha branca, feita de carne suína para comer fria, nos casamentos era utilizada como aperitivo.
[40] As palavras *czernina* e *pierogi* estão escritas de acordo com pesquisa realizada no google tradutor: https://www.google.com.br e no Dicionário português/polonês – polonês/português: http://www.etranslator.ro/pt/dicionario-polones-portugues-online.php, realizada em 25.08.2017.
[41] A escrita dessas palavras foi realizada através de pesquisa no google tradutor e no Dicionário português/polonês – polonês/português, conforme nota anterior.

gostar, mas que atualmente a neta não come porque os tempos mudaram e a educação é outra.

Eva é uma pessoa religiosa e sua vida social se restringe em ir às missas e festas do padroeiro na Sociedade Linha Amaral ou em ir nas missas na Igreja matriz. A relação religiosa da família sempre foi muito forte e com participação ativa desde seus antepassados: “Quando faziam essa igreja ali não tinha com o que carrega tijolo, então meu bisavô carregava no saco lá da Federal[42] tijolo pra fazê essa igreja”. A igreja matriz foi construída pelos descendentes posteriormente ao momento que se instalaram na região[43]. Além de uma participação ativa na comunidade, Eva é chamada para cantar em polonês nos velórios da família, pois segundo ela são poucos que ainda sabem os cantos: “antes os velório eram em casa, nós rezamo em polonês e mandam eu começar, o tio era polonês, era casado com a irmã do falecido”, referindo-se a um velório recente na família. Eva ressalta que se a pessoa é polonesa tem que cantar em polonês na hora da despedida do corpo, ou seja, há momentos específicos do velório em que cantam em polonês.

Durante as entrevistas ela ressalta que a nora, ministra na igreja e responsável por encomendar o corpo, também sabe cantar, a nora diz que: “não, em polonês não, só uns cantos que decorei o refrão”. A prática apreendida de forma oral e mantida de cor, sem uso do escrito, é reaprendida no contexto atual, mas a íntegra do canto vai se perdendo ao longo do tempo e se aprende somente as partes mais importantes[44]. Eva aprendeu esses cantos nas missas e velórios com uma tia que morava perto da sua casa. Posteriormente analisou-se esses cantos como parte da categoria repertório.

Os materiais escritos na família são escassos, em polonês são inexistentes. Os livros que existem pertencem a nora de Eva e são livros religiosos do curso que fez para ser ministra na igreja.

Uma infância com muitas dificuldades e uma passagem tumultuada pela escola, em decorrência do problema de saúde da mãe, foram fatores que a distanciaram do contato com a cultura escrita. Eva destacou que escreve muito pouco em polonês: “se deixo um recado em polonês eles não compreende”. Na

---

[42] Outra localidade muito distante da cidade de Dom Feliciano.
[43] Esse tema é tratado no capítulo 1
[44] Análise dos cantos entoados em velórios no próximo capítulo.

realidade a escrita não faz parte do cotidiano da família como pôde ser visto com a questão dos temperos. A questão geracional, as dificuldades em frequentar a escola e o distanciamento com os materiais escritos foi fundamental para que isso acontecesse na família: “o bisavô lia e escrevia, mas o vovô acho que nem no colégio foi”, o que não foi diferente com os seus pais: “os pais eu acho que pouco nem assinavam, não sabiam”. Quando Eva destaca que liam e escreviam refere-se ao português, o polonês era somente mantido de forma oral. Somente a sua sogra tinha contato com materiais escritos em polonês. Atualmente Eva mantém a oralidade com o filho e com a nora que não fala, mas se esforça para entendê-la, já a neta, que participa de um grupo de danças polonesas, não tem interesse em aprender a língua.

### 3.1.2. Disposição permanente, *estado de vigília*, repertório e dobradura do social

Em todos os aspectos Eva ressalta que os tempos mudaram, no entanto, mesmo com tantas modificações ela destaca que antigamente era melhor. Ela aborda essa contradição quando fala da economia e do que plantavam antigamente; quando fala da estrutura das escolas, que antes os alunos faziam tudo e hoje tem uma série de funcionários; quando trata da educação da neta, que antigamente obedeciam e hoje tem tudo e não respeitam. Eva vive no presente, mas na presença do passado, porque no passado suas disposições eram melhores aceitas do que no contexto atual e mais fáceis de serem colocadas em ação porque as demais pessoas do convívio tinham um histórico semelhante ao dela.

Nesse contexto foi criada sua disposição bilíngue, em um ambiente de dificuldades, por isso atualmente ela não consegue deixar de trabalhar, mesmo que não tenha mais condições físicas e suas condições econômicas mudaram para melhor, parece se sentir bem em um ambiente com condições semelhantes às que viveu a sua infância, ou seja, um ambiente com trabalho constante. No contexto familiar, por haver um ambiente favorável ao que sua disposição foi criada, sua disposição bilíngue pode ser constantemente ativada e ela faz isso durante o desenvolvimento de suas atividades domésticas e no contato com o filho e nora: “eu com o meu filho só falo em polonês, com a Vera eu converso e ela não sabe o quê”.

Dessa forma a disposição bilíngue é permanente e transponível de um contexto a outro, “porque o seu ser é, antes de tudo, uma certa forma de ser, um *habitus*, uma disposição permanente e geral diante do mundo e dos outros”. (BOURDIEU e SAYAD, 1964 apud cit LAHIRE, 2003, p. 34).

Outro aspecto importante para entender o modo de ser de Eva e sua forma de se relacionar como mundo e com os outros é o ascetismo herdado da mãe, mesmo implicitamente e de maneira subjetiva, faz com que ela haja, sem perceber, da mesma forma de sua mãe. Há indícios de que isso acontece quando não aceita o que a nora faz e quando questiona a educação pouco rígida em que tem sua neta, “não é como agora, ela não almoça quando nóis almocemo porque não é isso que ela quer, quando se lava a louça ela diz que tá com fome”. Esse ascetismo herdado de forma implícita e colocado em ação por Eva também de forma subjetiva no contato com as pessoas mais próximas repercutiram também na educação dos seus filhos. Lahire (2004) destaca que essas disposições chegam ao herdeiro como herança, de forma essencialmente “imaterial”, constituídas da maneira de ver, de dizer, de sentir e de agir, gerando uma construção de disposições mentais e comportamentais por meio da participação direta em atividades recorrentes.

Quando foi para a escola passou a viver experiências diferentes e sua língua materna, mais importante forma de identificação social, não pôde mais ser colocada em ação e sua disposição bilíngue fica a curto prazo colocada em *estado de vigília*. Nesse sentido, de acordo com Lahire (2003), Eva foi colocada em uma situação heterogênea, em contradição com os princípios de socialização desenvolvidos no universo familiar. A coerência dos esquemas de ações está relacionada aos princípios de socialização os quais o indivíduo foi submetido. A partir do momento que os mecanismos de socialização da escola são diferentes aos do universo familiar, temos um ator com um *stock*[45] de ações ou de hábitos não homogêneos e com práticas que variam de acordo com o contexto social no qual está inserido. Lahire (2003) explica que:

> A ausência dos desencadeadores dos acontecimentos ou dos contextos em questão (ou a presença de outros tipos de desencadeadores) tem o *poder negativo* de deixar no *estado de vigília (*ou de letra morta) ou de inibir,

[45] Lahire (2002; 2003) usa o termo *“stock*” no sentido de reservatório de disposições quando se refere ao repertório.

> segundo os casos, lembranças, competências, disposições, atitudes, hábitos, esquemas de acção. (LAHIRE, 2003, p.73)

No caso de Eva os fatores externos, contextuais, impostos pelo ambiente escolar tiveram o poder de inibir a sua disposição bilíngue, pois nesse espaço ela não poderia ativar os desencadeadores dos seus esquemas de ações que utilizava em família e com seus colegas poloneses no percurso para casa.

A disposição bilíngue passou por momentos de modificação (prática) com a sogra. Quando Eva ressalta que ela lia muito em polonês e falava muito bem, supõe-se que Eva notava que ela falava diferente dos demais e possivelmente notava o que precisava melhorar na fala.

Outra pessoa com a qual mantem a disposição por longo período, desde a infância até a vida adulta é seu amigo Antônio e essa disposição ganha continuidade após seu falecimento no contato com a filha dele, que vai esporadicamente visitá-la. Lahire (2003, p.74) destaca que "o passado incorporado se actualiza" desde que tenha condições para que isso aconteça.

No que compete a alimentação, ela também vai ser modificada ao longo do tempo devido as condições econômicas da família, que passa a se alimentar do que produzem na propriedade e passam a inserir seus cultivos em conjunto aos pratos típicos poloneses como a *czernina, pierogi e* a morcilha branca*,* a *quisca*[46], esses por sua vez são feitos sem utilização de receita, "*tudo de cabeça"*, como Eva salientou. Lahire (2003, p. 160) destaca que esse modo próprio de cozinhar sem a utilização da escrita designa hábitos não reflexivos[47] que resultam do sentido prático. Dessa forma, o "*fazer assim*", como o autor destaca, trata de um "ajustamento pré-reflexivo de um corpo socializado (*habitus*) a uma situação social". Não há nenhuma sofisticação nesse modo de cozinhar as comidas polonesas, assim como nenhum meio de escrita, pois foi apreendida de forma oral no ambiente familiar e se mantém através da memorização. Dessa forma, há todo um contexto, como o contato com o ambiente familiar em que essas comidas eram preparadas, e também com a

---

[46] Escrito conforme a pronúncia, pois não foi possível encontrar a escrita correta no dicionário polonês/português, como no caso da *czernina* e *pierogi*.

[47] Lahire (2003, p. 189) distingue dois tipos de hábitos, os *habitus práticos* e os *habitus reflexivos*. Os primeiros funcionam de um modo geral mais no domínio prático e o segundo funciona mais no domínio simbólico.

disposição bilíngue utilizada nesses espaços que constituem recursos para que essa prática seja colocada em ação e recupere esse *habitus* do passado.

Com a questão dos temperos é possível verificar a questão da disposição bilíngue vinculada ao senso prático. Para Lahire (2002), a disposição está na origem da prática, da ação e do comportamento. A importância que esses temperos possuem para a produção da *czernina*, o fato de saber pronunciar esses temperos somente em polonês, sem saber operacionalizar a escrita e nem como esses temperos se chamariam em português nos revelam que a disposição de Eva possui vínculo com experiências passadas individuais que foram incorporadas. Ela interiorizou esquemas de ações perceptivos e práticos e é capaz de mobilizá-los no contexto atual, em situações semelhantes as que vivenciou na sua infância, sem consciência dessa mobilização, ou seja, há uma transponibilidade dos esquemas de ações de forma incisiva vinculada à sua disposição.

Outro aspecto que merece destaque são os cantos mantidos pela tradição oral nos velórios da família. A manutenção desses cantos no contexto atual possui uma matriz geradora ligados aos princípios de socialização de Eva, o que fez com que suas várias vivências em situações semelhantes armazenassem esses cantos em um esquema de ação de forma homogênea e coerente, em um repertório individualizado. De acordo com Lahire (2003, p. 47), “os repertórios de esquemas de acção (de hábitos) são conjuntos abreviados de experiências sociais, que foram construídos-incorporados ao longo da socialização anterior em quadros sociais limitados-delimitados”. O repertório diferente da disposição está ligado a um contexto situacional, ou seja, “aquilo que se faz e se diz em certo contexto não se faz e não se diz num outro diferente”. Dessa forma, depende do contexto encontrado pelo ator para resgatar esse repertório individualizado. No caso dos cantos, a mobilização desse repertório está ligada a uma celebração e a um momento específico que é a despedida do familiar, ou seja, fica armazenado aguardando esses desencadeadores da sua mobilização para colocá-los em ação.

Dessa forma, a maneira de ver, sentir e agir de Eva é resultado de suas experiências acumuláveis ao longo de sua trajetória. É consequência da forma em que ela interiorizou a interferência das estruturas planas ao longo de sua vida e de como incorporou diferentes situações no espaço comum de sua vida cotidiana, pois o social é a relação de todos esses fatores, externos e internos reciprocamente, que

irão constituir as dobras individuais de cada ator. A relação ao longo de seu percurso com o fator econômico, de uma família que sobreviveu várias gerações da agricultura será determinante na constituição do seu modo de viver, sempre vinculado ao trabalho árduo para estar satisfeita. Esse fator repercute no modo de vida de toda a família e Eva precisa, também por ser a mais velha dos irmãos, desde muito cedo atender a esfera doméstica e da lavoura, como resultado das relações que foram estabelecidas com a sua mãe e herdadas por ela de forma involuntária. A matriz família será essencial para a constituição da sua disposição bilíngue, mas essa disposição é mantida até hoje pelas relações que foram estabelecidas com um modo de vida no campo, que torna possível a presença constante do passado no presente, através da comida, das relações familiares e na forma de operacionalizar a pequena propriedade.

A escola foi outra matriz importante pela ruptura no uso da língua naquele espaço o que ocasionou um caráter particular de uma língua mantida no espaço familiar, entre amigos e nas celebrações. A igreja também precisa ser destacada pela manutenção do vínculo religioso dos antepassados. De acordo com Lahire (2002, p.198), compreender essas amassaduras permite interpretar o indivíduo como “um ser relativamente singular e um ser relativamente análogo a muitos outros”. Isso acontece porque se parte do singular para o geral e vice-versa para interpretar o social desdobrado.

## 3.2. Maria TOPACZEWSKI

**Figura 19**: Casa construída pelos bisavós de Maria vindos da Polônia, Maria também residiu nesse local na infância.
**Fonte**: Autora, 2016.

As entrevistas com Maria foram realizadas em março e julho de 2016 e fevereiro e julho de 2017. Todas elas ocorreram na sua residência, local em que morava com sua mãe, Estanislava, que tinha 91 anos e pertencia a 1ª geração de descendentes poloneses; seus pais vieram crianças da Polônia, com 8, 9 anos e casaram-se no Brasil. As entrevistas ocorreram sempre na companhia de sua mãe, que veio a falecer em janeiro de 2018. Ela contribuiu com seus pontos de vista e forneceu referências contextuais do período em que viveu em contato com seus antepassados. Maria tem 66 anos e pertence a 2ª geração de descendência polonesa, sempre residiu no espaço rural, morou mais próximo da cidade de Dom Feliciano na Linha Laurentino Freire até se casar e, posteriormente, passou a residir na Linha Assis Brasil distante, aproximadamente, 10 km da cidade. Atualmente com a morte do marido e devido os cuidados que precisava ter com a mãe idosa retornou a residir na casa da mãe.

A casa em que moram fica aos fundos da casa em que os bisavós moravam e atualmente está em ruínas. Mesmo com a precariedade da construção, sem telhado e sem algumas janelas é impossível não se ater a atmosfera do local, ela ainda está impregnada por vestígios de um tempo que ficou para trás. As paredes grossas, feitas com tijolos de barro, o assoalho que era de madeira dá lugar a escombros. Caminhando por esse local, após a realização da terceira entrevista, os espaços ganharam vida novamente. É impossível não ligar essa materialidade aos relatos detalhados de Maria e de sua mãe. A sala grande onde foi realizado seu casamento ao som das marchinhas polonesas e onde foi velado seu saudoso pai ganham eco novamente. A cozinha, mesmo sem ter nenhum móvel guarda os vestígios onde os móveis eram colocados devido a fumaça do fogão a lenha que deixou marcas mantidas pelo tempo na parede de cal. A casa realmente era relativamente grande para o período, contendo quatro quartos, uma cozinha, um banheiro, uma dispensa para guardar os mantimentos e uma varanda. Em uma ponta do assoalho levantado da sala foi possível avistar várias garrafas de vidro, verdes, velhas, possivelmente de cerveja e confirma a ideia da sala grande como um espaço para a celebração.

Na primeira entrevista Maria estava esperando na varanda de sua casa no horário previamente marcado, ela e sua mãe faziam crochê, cercadas por três cães enquanto me esperavam. A entrevista ocorreu nesse espaço externo e em nenhum momento ocorreu um convite para entrar na residência. A inquietação dos motivos

pelos quais me levava aos questionamentos também se fez presente em vários momentos, no entanto no decorrer do diálogo o relato do modo de vida da família surgiu pouco a pouco.

Na segunda visita ocorreu o convite para fazer a entrevista dentro de casa e essa ocorreu próximo ao fogão a lenha, pois estava muito frio. Em cima da mesa havia uma massa caseira sendo preparada e logo Maria ressaltou que estava fazendo "*pirogue",* pastel de queijo, que sua mãe gosta muito, ela, muito lúcida para a sua idade, já foi dando "dicas" do que era necessário colocar na massa para se ter um bom pastel e comenta que os brasileiros não sabem fazê-lo, ficando evidente um certo privilégio na sua fala aos que são de descendência polonesa em detrimento dos demais.

No terceiro contato Maria estava no pomar com a mãe e os questionamentos ocorreram nesse local, mas, posteriormente, quando a abordagem se referia a leitura e a escrita fui convidada a conhecer sua biblioteca pessoal, localizada em seu quarto, e manusear alguns de seus materiais.

No quarto e último encontro, a mãe de Maria estava doente e foi um contato mais rápido para saber a localização da família no cemitério municipal de Dom Feliciano.

### 3.2.1. Uma disposição marcada por permanências e rupturas em contato com a educação

Maria é a única filha de uma família de 3 irmãos, estudou até a quinta série na escola das Irmãs[48] em Dom Feliciano e, posteriormente, em uma situação privilegiada para a época, foi cursar o ginasial na escola das irmãs Bernardinas, em Camaquã[49], onde estudou em regime de internato. Após esses quatro anos estudando fora da cidade, de acordo com ela, retornou e fez um curso de três meses oferecido pelo prefeito da época, Catulino Pereira da Rosa, para realizar um

[48] De acordo com Topaczewski (1961), no início do processo educacional as aulas na colônia de São Feliciano funcionavam em diferentes locais até ser construído o prédio ao lado da casa paroquial no ano de 1929, o qual ficou sob a direção das Irmãs Bernardinas. Esse prédio recebeu, posteriormente a denominação de Escola Maria Santíssima, pertencendo à paróquia.

[49] A cidade de Camaquã está distante 45km de Dom Feliciano e aproximadamente 130 km de Porto Alegre.

concurso e atuar como professora municipal. De uma família humilde, que vivia do cultivo do trigo (a base econômica da época na região, de acordo com a Tabela 1 – Apêndice C), a família economizava para que a filha pudesse estudar nos melhores colégios da região. Quando retornou a Dom Feliciano, com 19 anos de idade, passou a lecionar no interior do município, conheceu seu esposo e casou-se, tendo dois filhos. Sua vida será basicamente dedicada à docência e ao trabalho na lavoura para manter a subsistência da família.

As recordações que Maria têm da primeira infância estão vinculadas ao contato material que ainda possui com as ruínas da casa antiga do seu bisavô paterno. Desse local, guarda os momentos de vivência em família, mas também os momentos vinculados a leitura e escrita em polonês, pois isso fazia parte do cotidiano da família. De acordo com ela:

> "Nós morava nessa casa da frente, está aos pedaços, ainda não derrubou, mas estamos planejando. A minha infância foi muito boa, a gente tem saudade daquele tempo, porque vivíamos em família mesmo e só se falava em polonês, só, não conhecia outra língua".

Essas vivências no lar são reveladas por Maria como a época em que mais falava em polonês. Isso decorre por ter o contato com os bisavós e avós, que liam e escreviam em polonês, como também por ter os espaços de convivência restritos ao lar, sem contato com a escola e em consequência disso, não ocorrer o contato com outra língua diferente da materna.

Maria sempre ressaltou que mesmo com todas as dificuldades da época, seu pai fez um grande esforço para que ela fosse estudar em Camaquã e, mesmo com tantas dificuldades vivenciadas, conseguiu estudar sempre em escola particular. Esse período que ficou no internato é revelado em todos os encontros como um momento traumático na sua vida, pelo preconceito que passou devido seus traços de descendência polonesa e principalmente seu sotaque polonês, que a tornava diferente dos demais. Ela diz que:

> "Foi muito difícil, agora falam essa palavra *bullying*, só que naquele tempo a gente não dava bola, me queixei em casa e meu pai disse para mostra quem tu é estudando, pelas tuas notas, aí tu vai ter respeito e foi o que aconteceu, mas no início foi difícil. Eu tinha muito sotaque polonês, aquelas gurias em Camaquã, paravam perto de mim e começavam: Maria, Maria fala, fala e eu acanhada, que meu deus, era gordinha, era loirinha, com sotaque polonês, pronto".

O momento de ruptura com o contato familiar, foi também de ruptura no uso da língua polonesa de forma temporária, pois no período em que estava estudando em Camaquã, não podia colocar sua disposição em ação, ficando esta em *estado de vigília.* Maria destaca que sofreu represália dos colegas por ser polonesa e por ser do interior, porque naquele tempo as pessoas que viviam em espaços rurais eram marginalizadas. Ressalta que conseguiu superar esse problema porque era muito dedicada e tirava boas notas, o que fez com que seus colegas se aproximassem dela por interesse em realizar bons trabalhos. Analisou-se esse aspecto posteriormente utilizando o conceito de trânsfugas de classe utilizado por Lahire (2003).

A escola é colocada por ela como um espaço onde ocorreram muitas adaptações, tanto pelo preconceito que sofreu quando estava na cidade de Camaquã, quanto pelas dificuldades em compreender outra língua, quando ingressou na primeira série na escola das Irmãs em Dom Feliciano. Maria, quando adulta, consegue inverter os papéis e revive o passado no presente quando se torna professora no interior do município, na Linha Assis Brasil e passa a receber alunos fluentes somente no polonês, de acordo com ela:

> “Depois nós fomos para a escola, que dificuldade de compreender, e depois eu tinha lá na Linha Assis Brasil o mesmo caso de crianças de pais que me entravam na escola só com o polonês e eu para conseguir alfabetizar e conseguir introduzir eu falava com aqueles toquinhos de gente em polonês, eles se sentiam tão bem, acolhidos, que não tinha problema, mas entravam no português e só ia, porque o português comparado ao polonês é fácil”.

Como Maria já tinha passado por momentos semelhantes na sua infância tentava amenizar para seus alunos essa ruptura, quando assumiu o lugar de educadora. Atualmente, a utilização do polonês como língua materna ainda é comum nas famílias polonesas, principalmente as que habitam o campo. No papel de educadora Maria, salienta que: “eu me lembro, que as vezes, em provas na primeira série com nomes de frutas e verduras eles colocavam em polonês. Agora está diminuindo muito, mas ainda tem, eu ainda vejo famílias que só falam em polonês no interior”.

As vivências de infância também são marcadas pelos momentos de dificuldades e Maria sempre frisou, em todos os encontros, que tudo era com muito

sacrifício, havia economia na alimentação, com os materiais escolares e com o vestuário: “nós botava o calçado na pasta e ia de pé no chão e lá perto de Dom Feliciano tinha uma sanguinha, se lavava os pés e botava os tamanco [risos]. E a gente levava tudo na esportiva”. Pelos seus relatos, seus colegas de infância também procediam dessa maneira. Essas vivências, mesmo de forma indireta irão repercutir no modo de ser de Maria na atualidade:

> “Para comprar uma roupa era difícil de comprar, a roupa que era de domingo era de domingo ninguém mexia, eu até quando era professora era assim, roupas de andar em casa nessa gaveta, roupas da escola aqui e roupas de sair aqui, então a gente não tinha assim toda hora. Como era com muito suor, era bem cuidado”.

Maria ativa constantemente, na sua vida, em ações cotidianas, esses esquemas de ações que tiveram origem em sua infância e irão marcar traços importantes da sua maneira de ser e agir, pois a família e a escola estiveram juntos nessa constituição da sua personalidade por terem impresso uma maneira de educar semelhante, baseada nos valores e na disciplina: “Desde que fui para a escola comecei a ser organizada, mas estudei em escola de freira [risos], tudo cronometrado, desde o levantar, nas irmãs é assim, não tem, é tudo organizado”.

As experiências de Maria ocorrem em consonância com a língua polonesa e recorda que o marido, mesmo sabendo falar muito bem a língua, tinha resistência em falar no espaço doméstico com os filhos, devido as dificuldades que tinha passado na infância, segundo ela:

> “O meu marido tinha um trauma porque eles falavam tanto o polonês em casa que ele tinha dificuldade com o português. Ele tinha muita dificuldade quando vinha para Dom Feliciano de falar e ele sempre dizia que não queria que os filhos dele passassem o que ele passou”.

Em consequência disso, mesmo sendo uma família que praticava muito o polonês no espaço familiar, optaram por não ensinar os filhos, restringindo o uso da língua no espaço doméstico. Maria recorda das dificuldades que o marido tinha para fazer compras e ser entendido pelas pessoas, relembra que para fazer a carteira de habilitação não conseguia passar na prova teórica porque não lia em português, tinha ido para a escola e era alfabetizado, mas “o polonês dele era muito enraizado”.

Maria é proveniente de uma família que falava diariamente o polonês, dá seguimento a essa utilização da língua quando se casa, pois o marido utiliza o polonês como a língua principal, no entanto, ela tem uma modificação no uso da disposição quando nasce seus filhos e seu marido não quer que eles aprendam o polonês.

Da infância recorda da mãe como a pessoa com maior domínio da língua: “a mãe lia muito, lia, os pais dela já eram assim, assinavam o jornal, então o meu avô era analfabeto e a avó não, mas aí ele queria saber as notícias e de noite a mãe tinha que pegar o jornal e ler tudo”.

O jornal que Maria comenta era quinzenal, *Lud*[50], editado em polonês e de acordo com o site a “Gazeta do Povo”, “tal e qual os demais[51], o jornal cumpria a tarefa de manter viva a língua materna, informava a comunidade sobre o país de origem e colaborava na formação da nova identidade em terra estranha[52]”. De acordo com Maria, vinha partes da história e sua avó recortava e formava um livro, “meu avô queria logo que a mãe lesse para saber a continuação da história”. Além das notícias sobre os acontecimentos da Polônia, Maria destaca que vinha notícias em polonês e em português[53]. Cabe destacar que partes das histórias que ela comentou estarem publicadas no jornal podem ser semelhantes a um almanaque de acordo com o site “Gazeta do Povo”, pois a história dava continuidade em outra edição[54].

---

[50] De acordo com o Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba esse jornal teve uma grande representatividade em Curitiba onde era editado e circulava por várias colônias polonesas: “Em Curitiba desenvolveu-se no passado uma rica atividade editorial polônica. Já em 1892 era publicado o jornal "*Gazeta Polska w Brazylii*". Na capital do Paraná era publicado igualmente o "*Nowy Lud*" (publicado a partir de 4.9.1990 como herdeiro do "*Lud*" - que circulou desde 28.9.1921, quando uma Sociedade Editora assumiu o que havia restado do "*Polak w Brazylii*"). Infelizmente, alguns anos depois a publicação do "Nowy Lud" foi interrompida. No decorrer da história polonesa nessa cidade, foram editados mais de cem periódicos diversos”. Disponível em: http://www.kurytyba.msz.gov.pl/pt/comunidade_polonesa_no_brasil/, acesso em 29/04/2017.

[51] Referindo-se aos jornais da época da imigração escritos para estrangeiros.

[52] Esse jornal entre 1940-1946 passa por perseguições e os redatores padre João Palka e Henrique Zerek são chamados à Delegacia de Ordem Política e Social. Perseguição do governo Vargas a grupos de imigração, iniciada em 1938, leva direção do *Lud* a interromper circulação. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbg , acesso em 29/04/2017.

[53] De acordo com a Gazeta do Povo em 1947 o jornal *Lud* reinicia suas atividades, em novo formato gráfico e bilíngue e chega a ter 3,6 mil assinantes. Talvez a família de Maria mantinha a assinatura do jornal nesse período que se tornou bilíngue. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbg , acesso em 29/04/2017.

[54] O jornal polonês *Lud* teve circulação, de acordo com a Gazeta do Povo até 1940 e chega a ter um público de 25 mil leitores. Em 1933 começa a circular o Kalendarz Ludu (Almanaque do *Lud*) – à

Quando Maria se recorda do pai, lembra-se dele como uma pessoa muito bondosa, mas que nem por isso deixou de ser exigente com os filhos:

> "Tu acha que nós para sentar para o almoço e para a janta, não se dizia "eu não gosto disso", não tinha, o que era botado, tinha que comer, não existia essa coisa e tudo era controlado assim, fiscalizado, mas eu não me arrependo por essa educação, a gente aprendeu a poupar, a comer de tudo, não tinha isso de comer e dizer "eu não quero".

Atualmente ela diz ser controladora com os gastos da casa, pois aprendeu na infância e isso repercutiu também na criação dos seus filhos que foram educados dessa mesma maneira. Maria recorda que para se arrumar em datas festivas da escola a sua mãe arrumava uma cesta de ovos para ela vender e juntar dinheiro; os seus materiais escolares eram comprados com sacrifício também e o pai era responsável por fiscalizar todos os dias se não estava faltando nada do que tinha sido levado para a escola, controlando até as pontas dos lápis para não gastar e apontando-os em casa. Com a alimentação, da mesma forma, não poderia ocorrer desperdício: "se nós não conseguia comer o pai mandava guardar e comer da outra vez a mesma, ele sempre dizia: serve o que tu come". Maria recorda de momentos marcantes da infância vinculados a rigidez que era exigida com a alimentação e que a obrigava, muitas vezes, a comer o que ela não gostava:

> "Me lembro que a gente comia muito leite coalhado, os poloneses adoram esse leite coalhado, aquilo como se fosse uma salada, comiam com comida, ai meu deus, aquilo era um sacrifício pra mim, mas foi foi que eu aprendi porque a mãe colocava no prato separado para cada um, aquele tanto e tinha que comer e comam".

Por ter tido uma educação rígida Maria comenta que não conseguiria ser professora atualmente, pois os jovens não respeitam mais os mais velhos e os professores. Ela gostaria muito de continuar trabalhando, pois se aposentou pelo tempo de serviço. Como começou muito cedo, aos 19 anos, se aposentou muito

---

maneira dos demais almanaques brasileiros, com curiosidades, humor, fases da lua, orações, informações ligeiras. A publicação vai até 1973. Talvez as partes que Maria comenta que a avó recortava são deste período. Em 1989 *Lud* ganha nova reformulação, passando a se chamar *Nowy Lud*, sob direção do padre Jorge Morkis, Miecislau Surek e Paulo Filipak e em 1999 sofrendo retaliações políticas o jornal deixa de circular. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbg , acesso em 29/04/2017.

jovem com um pouco mais de quarenta anos. Diz ela: “quando eu trabalhava era ótimo, eu caí em depressão quando eu saí da escola, a maior tristeza do mundo foi essa aposentadoria, meu Deus do céu, mas eu caí em depressão, mas naquele tempo a professora era mãe”.

As disposições que fazem Maria ser controlada com os gastos e muito trabalhadora, nos dá indícios de disposições herdadas de forma involuntária, principalmente do seu pai. De acordo com ela, o pai “era uma pessoa espetacular, trabalhador [...] ele trilhava[55] muito para fora, o sistema dos colonos é assim, tu chega e a primeira coisa é o trago e o pai com aquela poeira da trilhadeira, com 64 anos faleceu”.

A educação rígida que tinha em casa teve sequência também na escola, pois iniciou os estudos na escola das irmãs Maria Santíssima[56]. Maria recorda que elas eram muito exigentes e que seu pai preferiu colocá-la nessa escola do que na pública, que estava recém começando suas atividades na época e não era organizada, segundo ele. Maria mesmo não sabendo falar o português conseguiu se alfabetizar no primeiro ano. Essa educação tinha também um caráter fortemente religioso, pois as professoras eram freiras e era comum rezarem antes e depois da aula e terem a aula interrompida para irem à missa. Maria estudou nessa escola até a 5ª série e depois foi fazer o Ginasial na cidade de Camaquã, como afirmei, que era mais quatro anos de estudo. Comenta, nas entrevistas, que gostaria de ter dado sequência nos estudos e ter feito o Curso Normal, mas que as condições financeiras da família a impossibilitaram, o que a fez retornar para Dom Feliciano e começar a sua atuação como professora.

O período histórico-político em que o país vivia transpassa os seus relatos e Maria recorda que quando estudava em Camaquã havia uma represália das Irmãs para que os alunos não falassem em política em sala de aula: “eu me lembro que eu estudava em Camaquã e a irmã pedia para não falar o nome de Brizola e João Goulart, Deus me livre, a escola seria fechada, proibiu todos os alunos de falar em política e deputados que nem fossem pronunciados”.

---

[55] Trilhadeira é um tipo de máquina agrícola utilizada para descascar o trigo, arroz, feijão, milho, etc.
[56] De acordo com Maria tinha um prédio de dois pisos dessa escola, onde agora é pátio da paróquia e abrigava mais de 200 alunos naquele tempo e era uma escola particular.

Como Maria entrou para escola com oito anos e cursou cinco anos na escola das irmãs em Dom Feliciano, quando foi para a escola em Camaquã, com 14 anos, estava em vigência o período ditatorial (1964-1985). Quando Maria comenta que não podia falar em João Goulart e Leonel Brizola era porque eram contrários ao golpe. Como se sabe, João Goulart foi o presidente deposto em 1964 e Brizola, deputado federal do Partido Trabalhista na época, fez várias frentes de oposição a esse regime.

Maria comenta, também, que quando começou a atuar em sala de aula, na Linha Assis Brasil, também havia um desconforto para ensinar como resquícios da ditadura militar. Segundo ela:

> "Quando eu fui professora era a mesma coisa, ainda tinha 31 de março[57] que tinha que dar o dia da integração nacional, foi o dia em que eles tomaram posse, ainda tinha que falar para os alunos, a gente ditava essas partes para não gerar problema, para as crianças não serem prejudicadas".

Retomando a constituição de suas disposições ascéticas, vinculadas a uma educação disciplinar na família e na escola, que irá repercutir no seu modo de agir no cotidiano e também em sala de aula. Ela comenta que tratava os alunos com carinho, mas que não deixava de ser exigente e gostava que trouxessem seus temas prontos, pois ela mesmo se dividia entre as tarefas de casa e da lavoura, pois trabalhava na colheita do fumo e sempre preparava aula de noite para o outro dia, segundo ela: "nunca fui para a escola sem ter aula pronta". Sua descrição durante os seus relatos é sempre ligada à organização e uma prática coerente com sua conduta em sala de aula, "eu quando fazia reunião dos pais dizia: quem não gosta de mim tudo bem, não é obrigado, se vocês querem falar sobre meus erros falem entre si e não perto das crianças". Para os filhos ocorreu o mesmo tipo de educação, exigente com os gastos, com a organização e exigindo uma boa conduta em sala de aula. Em consequência de uma educação rígida vivenciada na família e na escola Maria se considera uma pessoa moralista, mas que com o passar do tempo começou a aceitar algumas coisas que antes eram inconcebíveis: "pra mim a separação de um casamento era um tabu pra mim. Porque eu sempre vivi em lares

[57] Esse dia foi a deposição do presidente da república em 1964 e marcava o fim do regime democrático no Brasil.

e parei em casas onde as famílias se davam bem [...], agora não, muita coisa que eu não aceitava eu aceito".

Durante a entrevista poucas vezes Maria fala em como era sua mãe, talvez pela presença constante dela no decorrer dos relatos sobre a sua trajetória. Quando refere-se à ela é comentando sobre um outro assunto, mas mesmo assim é possível evidenciar alguns traços de sua personalidade como uma mulher forte, responsável pelo gerenciamento familiar. Ela diz: "a mãe ajudava em casa e na lavoura, na lavoura por parelho [entusiasmo ao falar], a mãe cozinhava e fazia a frente em tudo ainda". Aqui reforça a ideia da mulher polonesa como a gestora da família, mesmo que o pai fosse organizado e trabalhador cabia a mulher fazer a frente em praticamente tudo. Na educação dos filhos a figura da mãe também aparece como principal: "a mãe ia nos surrar, eu me lembro, nós subia com os pés sujos debaixo das cobertas e ele agasalhava, aquela briga e ele agasalhava". Nessa passagem Maria refere-se a figura do bisavô paterno que os protegia quando sua mãe era mais ríspida com ela e os irmãos.

Outra figura importante na vivência de Maria é a sogra, com quem ela comenta que atualizou a língua polonesa, pois falava muito em polonês durante a infância, mas posteriormente foi estudar na cidade de Camaquã e devido a pressão de seus colegas manteve a língua inibida. Quando se casou o marido não gostava de falar o polonês em família por causa dos filhos, mas no contato com a sogra ela modifica (coloca em ação) essa disposição:

> "Até os sete anos era tudo em polonês e depois que eu casei eu fui estudar e como não podia falar, esqueci, mas quando eu casei a minha sogra era só em polonês, então nos domingos quando a gente saía, visitava, quase todos os domingos nós passava lá na sogra e era só em polonês".

De acordo com Maria, a sogra falava muito bem o polonês porque lia muito: "ela lia bastante coisa da Polônia e ela praticava todos os dias [...] escrevia muito bem também". Segundo dona Estanislava, a sogra de Maria falava bem o polonês, lia e escrevia, porque veio adulta da Polônia para o Brasil, diferente dos seus pais que vieram crianças. Diz ela: "a grande diferença é que eles vieram adultos da Polônia, já casados e por isso tinham mais conhecimento da língua do que a nossa família". Esse aspecto levantado por dona Estanislava faz sentido, uma vez que a sogra de Maria já veio para o Brasil com a disposição para falar polonês formada,

diferente de Estanislava que formou essa disposição no Brasil, não tendo contato direto com a língua em todos os segmentos sociais como era a Polônia.

Sobre a personalidade da sogra, ela era a responsável também por dar as ordens na família, “autoritária, facão na bota, ela não falava uma palavra em português, o que ela dizia tinha que fazer”. O único material em polonês que Maria conserva em sua biblioteca pessoal, o Dicionário de Gramática Polonês/Português[58], pertencia a sua sogra. Ela possuía muitos livros e de acordo com Maria o livro pertenceu ao sogro dela, Ladislau Topaczewski, utilizado como referência sobre o processo de colonização nesse trabalho. Segundo dona Estanislava:

> “Esse Topaczewski não veio junto com a imigração, eles vieram da Polônia só que depois, eu acho que esse Topaczewski sozinho veio, veio para escapar da guerra, podendo escapar ele escapava. Ele primeiro foi para os Estados Unidos, muitos fugiram para lá para depois fugir para cá para o Brasil”.

Os relatos de dona Estanislava aproximam de um momento distante da história e nos fazem pensar em como ocorreu o processo imigratório, marcado também por perseguições.

Em todos os relatos em que Maria recorda dos momentos marcantes vivenciados em família, ocorre também a rememoração do espaço físico da casa dos bisavós em que viveu a sua infância:

> “A nossa casa era uma casa grande, essa era enorme, para aquele tempo era uma casa regular, não posso me queixar, eu tinha o meu quarto, os meus irmãos também tinham, meus pais também. Tinha uma enorme sala, porque naquele tempo os velórios e casamentos eram aqui, o meu foi aqui, meu casamento foi no tradicional, na casa, com a benção dos pais, a gente saia com aquelas músicas em polonês, aquelas marchas e choravam, mas era bonito, familiar”.

Os momentos marcantes de sofrimento também estão vinculados à casa antiga, como o velório do bisavô e do seu pai, que foram nesse local, mas Maria falou brevemente sobre o assunto, pois considera a perda do pai mais sofrida do que a do marido, pelo fato do pai falecer repentinamente e o marido ter tido um problema crônico de saúde.

---

[58] Abordamos mais sobre esse material no capítulo 4.

Ainda sobre seu casamento, uma cerimônia realizada em casa, havia uma atribuição de sentido muito grande dada pelas tradições em família que marcavam esse momento. De acordo com Maria:

> “Aquele tempo era diferente, primeiro os noivos, a gente recebia os convidados, os dois, eu com o noivo, o casal que chegava, a família que chegava a gente saia a receber, a gente convidava, tocava a marcha e os pais levavam eles para tomar o café. Para ir para a igreja era a mesma coisa, os pais abençoavam, botavam uma mesa com água benta, tanto os pais dos noivos como da noiva abençoavam os noivos e a gente saia para a igreja com a música tocando aquelas marchas”.

Quando retornavam do casamento eram recebidos novamente com a marcha (Anexo B), que era uma música polonesa tocada por músicos da região e o casal era novamente abençoado pelos pais com vinho, sal e pão para que tivessem fartura na vida comum. Maria recorda que a casa antiga, em ruínas, a faz lembrar do dia do seu casamento: “agora 24 de julho eu olhei para a casa e até o dia era igual, quentinho assim, me lembro que eu não senti frio, aquelas marchas tocavam ainda na minha cabeça”. A casa é para Maria um importante desencadeador de memórias dos momentos vividos no passado.

Os casamentos deveriam ser realizados entre poloneses. Quando a entrevistada se refere à sua família destaca que “todos casaram aqui com famílias tradicionais polonesas”, e que seus filhos também mantiveram essa tradição, embora um deles se casou com uma moça que não é totalmente de origem polonesa ou seja, a mãe dela é brasileira, sem descendência polonesa. Contudo, Maria e a mãe comentam que “é melhor casar com brasileiro do que com alemão” na sua família, principalmente nas gerações anteriores, pois carregavam essa rivalidade em consequência da supremacia alemã que se tornaram visíveis com a invasão da Polônia na 2ª Guerra Mundial. Como vimos no capítulo 1, a Polônia no período imigratório não existia como um estado soberano e estava dividida entre a Áustria, Rússia e Prússia, sendo recriada em 1919 quando recebe territórios perdidos em disputas para o império alemão. Ainda sobre essa influência do contexto europeu, Estanislava acrescenta que “aqui era coisa feia, não era tão bom não, tinha uma rixa que trouxeram de lá”.

Maria explica que essa rivalidade foi maior que um aspecto meramente pessoal: “o que eu me lembrei agora, que uns imigrantes alemães se instalaram no Amaral, até tem o cemitério deles, eu fui com um padre, que a mãe dele era alemã e

tem um cemitério, e aí eu fui assim nos túmulos e é só de origem de sobrenome alemão". Esse cemitério de fato existe na Linha Amaral Ferrador e a partir do relato de Maria e da materialidade do cemitério é possível entender que os fatores contextuais que envolveram inúmeras disputas territoriais na Europa no século XIX e XX repercutiram e tiveram interferência em um modo específico de viver no sul do Brasil. Foi transladado de forma muito incisiva um sentimento patriótico, sendo capaz de formar novas territorialidades espaciais no interior do município de Dom Feliciano, como no caso dos cemitérios, pois mesmo na morte o desejo era de continuar entre os de sua origem étnica e distante dos considerados rivais.

Maria destaca que para os poloneses não existe um cemitério específico, mas que no tempo dos bisavós e avós a família comprava um terreno e as repartições eram feitas pelo sobrenome da família. Os parentes de sua mãe, até hoje são enterrados todos juntos porque possuem um terreno destinado a eles no Cemitério Municipal, já a família do seu pai não tem esse terreno e cada um é sepultado em um local diferente no cemitério.

Quanto à escrita em polonês nos túmulos, Maria ressalta que no caso dos bisavós[59] todas as lápides são escritas em polonês, mas que nas gerações mais recentes isso não acontece mais. Ela afirma: "Os da família da minha mãe, Niemczewski, é ali bem perto da capela, dos Borowiecki, pais dos meus pais já não tem, aí fica um túmulo aqui outro lá, já da família da mãe são enterrados tudo junto".

Ainda sobre os sobrenomes da família, Maria destaca que o bisavô, que veio da Polônia, se chamava João Bil, questionada sobre esse sobrenome ser de fato polonês Maria comenta ser um sobrenome polonês: "esse sobrenome eu não sei por que, mas é da Polônia que ele veio, puro polonês, é BIL, sem o Y no final, o sobrenome é mesmo estranho". Provavelmente ocorreu nessa família o que foi destacado no capítulo 1, que muitos poloneses imigravam com sobrenome alemão, austríaco ou russo, pois a região que os poloneses eram provenientes nesse período fez parte de regiões dominadas, até 1918. Significa que vinham para o Brasil com a identificação de outra nacionalidade.

Quanto às comidas polonesas, Maria comenta que faz muitos pratos típicos e que aprendeu a fazer com sua avó materna e com a mãe. Atualmente ainda

[59] Após a localização dos túmulos dos bisavós no Cemitério Municipal constatou-se que a escrita das lápides estão em português.

conserva o hábito de preparar a *czernina* (sopa de sangue de pato), *pierogi* (pastel de queijo) e *rósol* que é uma sopa de galinha sem osso: "a *czarnina*[60] tem que ter porque ela foi criada assim, o repolho também, muita coisa a gente ainda mantém. Ah, os *pirogue,* oh! Me lembro da minha infância, só que muita coisa se deixou para trás, bah que meus pais faziam ficou para trás".

A família não possui livro de receita e Maria aprendeu a fazer observando a avó e a mãe fazerem: "foi uma coisa que ficou na cabeça da gente e tem que fazer assim porque é assim mesmo, a gente foi criado assim, mas com o tempo vai ir se perdendo". Maria acrescenta que há uma particularidade para a preparação da *czernina*, que é ter os produtos disponíveis na propriedade para fazer. Relembra que quando morava na Linha Assis Brasil fazia muita *czernina*[61] porque tinha muita criação de ganso, o ideal é de pato, mas como criava ganso não achava muita distinção no paladar final. Ela ressalta que, primeiro, tem que retirar o sangue do pato ou ganso, esse sangue é reservado e depois da carne cozida é misturado junto. Para servir, os poloneses costumam comer com massa feita em casa. Outra particularidade no preparo do prato é a utilização de um tempero especial que não pode faltar, o *"marianek*", que Maria não sabe a que tempero refere-se no português, mas que sempre possui em sua horta. Na entrevista com Eva evidenciou-se essa mesma particularidade e vimos que se trata da manjerona com escrita no polonês, *"majeranek*". Maria recorda que o pai era um apreciador da *czernina* e gostava com o preparo da massa bem grossa, os momentos marcantes em família são sempre vinculados a figura paterna.

Outra particularidade que pode ser observada no relato do preparo da *czernina* por Maria é que no tempo dos seus bisavós e avós as famílias eram muito

---

[60] Czarnina e pirogue foram transcritos conforme a pronúncia no relato da entrevista.

[61] Maria fala detalhadamente como costuma preparar a czernina de acordo com o que aprendeu com sua avó: "tem que matar o pato, limpar bem ele, pode ser pato, marreco, ganso...o pato tem que cuidar porque cria aqueles pelinhos, aí tu bota para cozinhar, se ele é novo cozinha rápido, eu boto aqui salsa e aquele "marianek", não sei como se chama em português, é um tempero que eu tenho na horta, é uma folinha estreitinha que eu tenho na horta, aquilo que dá um cheirinho bom na czarnina, aí depois que tiver pronto tu tem que arredar e dar uma esfriadinha nela e aí tu prepara o sangue, ele já vem com limão ou vinagre, eu gosto dele com limão, tem os que gostam com vinagre bota um pouco de farinha também, vai do gosto, tem uns que gostam da czarnina mais cremosa aí bota mais farinha, agora eu e a mãe não, nós gostemo dela bem rala, então eu boto só uma colher, uma e meia rasa de farinha, tem que bater bem para desmanchar, quando a czarnina está um pouco tu bota e ferve de novo, tem que cuidar no botar, se ficar muito ralo, coloca o sangue junto e ferve e aí cozinha a massa, se é feita em casa a massa é rápida de cozinhar, se não ela se recozinha, só que a czarnina boa mesmo é a feita com massa feita em casa".

grandes, pois tinham muitos filhos, seu bisavô tinha 11 filhos, então a massa era colocada junto com o sangue para a família comer. Atualmente, como as famílias são menores, ela é reservada e cada um coloca em seu prato o que vai comer: “eu cozinho separada porque nós não comemos tudo de vez e a massa se ficar dentro ela fica emplastada. Então a gente coloca no prato um pouco de massa e um pouco de *czarnina*”.

Outro aspecto importante na trajetória de Maria é a tradição do *Oplatek*, a partilha do pão, realizada no Natal nas famílias polonesas. Maria comenta que, atualmente, participa dessa cerimônia na casa da Cultura e do Imigrante:

> “Antigamente faziam nas casas, é um pão, o padre já traz e aí tu lê uma passagem da Bíblia, do nascimento, canta cantos natalinos, né, e então o chefe da família dá o pão e aí é o momento de pedir perdão e melhorar de vida. E aí cada um dá um pedaço, tu dá um pedaço teu e ele dá um pedaço dele e se abraçam e se perdoam e se deseja boas festas e vai para o outro e faz assim também”.

Essa modificação na realização da cerimônia, que passou do espaço privado para o público, possivelmente ocorreu porque a participação da família não é mais tão efetiva como no período em que seus bisavós e avós eram vivos. Maria nos dá indícios desse processo quando coloca que “os novos já pensam diferente, o mundo globalizado mudou tudo, tem a internet tem tudo, então eles não se interessam mais”. Antigamente, quando as famílias se reuniam, essa cerimônia ocorria antes da janta. Segundo Maria, a família se reunia perto da árvore de Natal e nesse local faziam a leitura de trechos bíblicos e entoavam cantos natalinos poloneses. Dessa forma a cerimônia da partilha era mediada pela leitura em polonês.

### 3.2.2. Disposição bilíngue em consonância com a constituição da personalidade nos espaços de socialização familiar e escolar, trânsfugas, repertórios e dobraduras do social.

A forma semelhante com que Maria foi educada na família e na escola irão repercutir no seu modo de ser, agir e pensar cotidiano. Sua organização e disciplina tiveram gênese na sua infância, proveniente de um ascetismo herdado na família, principalmente da figura paterna. Esses valores serão reafirmados na adolescência

pela rigidez com que continua sendo educada no internato. A relação desses aspectos na formação de sua personalidade e no seu modo de agir é intrínseca pois, de acordo com Lahire (2003, p. 26), para compreender a prática é preciso fugir da ideia de um eu reduzido, pois para procurar a fórmula geradora das práticas de um actor é preciso “reconstruir ‘o’ estilo ‘cognitivo’ ou ‘de vida’ que perdura e se manifesta nos domínios de actividade mais diferentes”. Dessa forma, seus esquemas de ações foram constantemente reativados em momentos e em situações diferentes na família, na escola e na vida adulta como professora, demonstrando ser disciplinada e organizada tanto na vida pessoal como no trabalho.

No contexto em que sua personalidade foi formada, sua disposição bilíngue também será e passará por vários momentos diferentes de permanências e rupturas vinculados as matrizes socializadoras da família e da escola. Maria terá uma infância de forte contato e assimilação da língua polonesa, mas quando vai para a escola das Irmãs, em Dom Feliciano, passa pelo primeiro momento de ruptura com a sua disposição, pois precisa se alfabetizar em português: “eu quando fui para a escola eu não sabia uma palavra em português, a língua portuguesa é ruim de escrever, é um idioma que mais tem regras, mas para falar tu começou e a língua desata”. Quando ingressa no internato, em Camaquã, tem um novo momento de ruptura e sua língua fica silenciada, em *estado de vigília*, nesse período em que se encontra distante da família, pois não há meios para ela ser colocada em ação nesse espaço de socialização diferenciada. Segundo Maria, “depois no internato o português venceu e a língua polonesa é difícil e é muita consoante, né, chega a ter quatro, três consoantes juntas, uma perto da outra, para falar me parece ser mais fácil, mas para escrever é muito difícil”.

Lahire (2003, p. 34) explica que as crianças são colocadas, cada vez mais, em “situações heterogêneas, concorrentes e, por vezes mesmo, em contradição umas com as outras do ponto de vista dos princípios de socialização que elas desenvolvem”. Os universos de socialização os quais Maria foi colocada apresentam, em certos aspectos, relativos ao uso da língua, contradições, o que ocasiona um *stock* de esquemas de ações não homogêneos e com “práticas consequentemente heterogêneas que variam conforme o contexto social no qual está inserida” (LAHIRE, 2003, p. 38), ou seja, Maria criou esquemas de ações diferenciados para utilizar de forma específica em momentos na família e outro para

quando estivesse no universo escolar. O autor supracitado (2003) separa a socialização escolar como primária e a socialização fora desse ambiente como secundária, ou seja, a que ocorre na escola, trabalho e em outros órgãos, podendo o ator desempenhar papéis diferentes nesses universos sociais, como também não haver homogeneidade na socialização em um desses espaços ou entre dois universos diferentes.

Ainda problematizando esse aspecto, Maria destacou que no regime de internato, além das dificuldades de socialização, sofreu represália dos colegas pelas suas características físicas e pela sua disposição bilíngue que a diferenciava dos demais. Lahire (2003, p. 53) analisa experiências socializadoras como essa que podem ser conflituosas no próprio universo familiar ou entre dois grandes universos contraditórios, dando o exemplo dos alunos *"bolseiros*", "alunos internos de colégios admitidos gratuitamente". De acordo com ele (2003, p. 53), esses alunos se tornam "*trânsfugas de classe*", por terem um tipo de socialização no universo familiar popular diferente do universo escolar. Podemos transladar esse conceito para a análise do processo de socialização de Maria no internato, pois ela sofreu preconceito por colocar em contradição universos de socialização distintos, "cujos valores simbólicos são socialmente diferentes no quadro de uma sociedade hierarquizada" (LAHIRE, 2003, p.54).

Maria destacou que essa passagem foi bastante traumática, como tinha muito sotaque polonês seus colegas não a aceitavam e queriam que falasse em polonês para debocharem: "quando me botaram lá, passou um mês, meu pai foi ver, eu não pronunciei uma palavra todo o dia, só chorei, chorava, chorava, o pai queria falar comigo e eu não conseguia".

Ainda de acordo com Lahire (2003, p. 55), "os trânsfugas passam, de facto, permanentemente, durante a sua travessia do espaço social, de uma situação de coexistência pacífica dos hábitos incorporados a uma situação conflitual". Isso ocorre porque o indivíduo está no seio de universos diferentes e precisa acessar esquemas de ações contraditórios. De acordo com o autor (2003) como cada situação social é avaliada a partir de pontos de vista diferentes e concorrentes, a ambivalência cria o sofrimento, como vimos no relato acima. Esse conflito ocorre porque os esquemas de ações opostos não podem corresponder sempre a contextos sociais distintos e separados. O ator plural em uma situação de trânsfuga

precisa obedecer alternadamente a dois códigos culturais distintos e é colocada em evidência as suas múltiplas contradições e a sua heterogeneidade comportamental.

Devido as retaliações que Maria enfrentou no internato, sua disposição bilíngue ficará em *estado de vigília.* Lahire (2002) explica que normalmente uma disposição é colocada em silenciamento movida pela situação e que são raros os casos em que os atores fazem a "escolha" de deixar uma disposição em *estado de vigília.* Como podemos perceber na constituição do perfil sociológico de Maria, sua disposição passou por dois momentos de silenciamento: um no internato, quando a disposição não tinha meios de ser colocada em ação e outra quando nasceram os filhos e ela e o marido optam, fazem a escolha, de não falarem em polonês no ambiente familiar para que os filhos não passassem pelas mesmas dificuldades do pai, que não conseguia se comunicar em português. O resultado dessa escolha é que os filhos não falam em polonês atualmente. Fora do ambiente doméstico familiar, quando Maria vai visitar a sua sogra ela tem momentos de ativação e modificação (prática) da sua disposição, pois como ela veio adulta da Polônia, é fluente na língua e tem aptidão na leitura e na escrita. Dessa forma, a inibição de uma disposição ou sua ativação dependerá, segundo Lahire (2002):

> "[...] desses contextos sociais (institucionais ou não institucionais) que "tiram" de nós certas experiências e deixam outras em estado de gestação ou de vigília. Mudar de contexto (profissional, conjugal, familiar, de amizade, religioso, político...) é mudar as forças que agem sobre nós. (LAHIRE, 2002, p. 59)

Outro aspecto importante vinculado ao uso da língua foi o fato de ter alunos que falavam em polonês quando tornou-se professora no interior do município de Dom Feliciano e revive as mesmas experiências, em um papel diferente de quando ingressou como aluna na escola das irmãs em Dom Feliciano e só sabia falar em polonês, mas precisava ser alfabetizada em português. Contudo, nessa escola não houve um processo de ruptura com a língua como ocorreu quando foi estudar no internato na cidade de Camaquã. Embora tivesse que aprender o português na escola primária, o contexto que estava inserida, no qual seus colegas de classe passavam pelas mesmas dificuldades que ela, tornava o ambiente mais acolhedor.

O peso das experiências que Maria viveu no passado sustentaram as suas ações como educadora quando se depara com alunos na mesma situação que ela viveu e por isso ela conversa com esses alunos em polonês para ajudá-los na

assimilação de uma nova língua. Lahire (2003, p. 60) destaca a importância das experiências socializadoras do passado para constituir e explicar as ações do presente. Diz ele que “a nossa intenção é, por isso, tomar a cargo teoricamente a questão do passado incorporado, experiências socializadoras anteriores, evitando ao mesmo tempo negligenciar ou anular o papel do presente (da situação)”. Dessa forma, Maria espelha-se nas experiências do passado para, por exemplo, tornar mais fácil a alfabetização dos seus alunos quando se torna professora.

Quanto a constituição de seus sistemas de hábitos estocados, os repertórios, que podem ser reativados a qualquer momento pela situação presente, esses são desencadeados através da preparação da comida tradicional polonesa e através da cerimônia do *Oplatek*. A comida tradicional polonesa, *pierogi*, *czernina* e *rósol*, como destacados anteriormente, marcam os momentos de infância em família e, além disso, foram receitas transmitidas de forma oral pela avó e pela sua mãe. A particularidade de elaboração do prato coaduna com a constituição de um esquema de ação que pode ser reativado por uma situação específica: são pratos produzidos para serem consumidos em família. O preparo e o consumo rememoram em Maria momentos vividos na infância. Ela afirma: “eu gosto dessas comidas porque fui criada assim”, ou seja, a sua preparação está vinculada a resumos de experiências armazenadas no passado. Esse *stock* de hábitos incorporados ou esquemas de ações, como ressalta Lahire (2003), não são ativados em todos os momentos, mas em situações específicas que, nesse caso, possuem relação com o ambiente familiar, com as receitas transmitidas oralmente e com um gosto particular herdado na infância. É importante frisar também que, assim como Eva, Maria possui a disposição bilíngue vinculada ao senso prático quando aborda a questão dos temperos essenciais para a preparação da *czernina*, sem saber falar o nome desses temperos em português. Dessa forma, suas experiências socializadoras do passado estão associadas com a importância do tempero e sua pronúncia em polonês.

Outra tradição que constituiu um repertório individualizado para Maria é a cerimônia do *Oplatek*, a partilha do pão realizada em família, que mesmo não havendo mais meios de manter essa celebração na família, pelos seus descendentes não estarem mais aqui, Maria procura continuar participando dessa tradição no espaço público, pela simbologia que essa cerimônia tem para ela. E rememora: “antigamente isso era muito comum na família, mas agora até isso já

está caindo, mas eu não deixo de participar". Maria não consegue deixar de participar dessa prática e transfere seus esquemas de ações, armazenados no passado, no convívio familiar, para o espaço público, no qual seus esquemas podem ser novamente acessados na situação presente. Lahire (2003, p. 47) explica essa transponibilidade dos esquemas de ações na medida em que "as transferências e transposições (analógicas) dos esquemas de acção são raramente transversais ao conjunto dos contextos sociais, mas efectuam-se no interior dos limites – pouco nítidos – de cada contexto social (e, por isso, de cada repertório)".

No que se refere a interiorização das estruturas planas, as dobraduras do social, Maria viveu no contato com os bisavós e avós resquícios do período imigratório e recorda as atividades de leitura que ocorriam com o jornal polonês, *Lud*, o qual era responsável por comunicar a família do contexto político da Polônia na época. Através das atividades que envolviam a leitura do jornal nos mostra também as condições sociais dos imigrantes, que alguns na família dominavam bem a leitura, como a avó de Maria e outros eram analfabetos como seu avô, que gostava de saber as notícias, mas aguardava a leitura em voz alta da mãe de Maria para se manter informado. Isso corrobora o que foi destacado no capítulo 1, que muitos imigrantes vieram da Polônia analfabetos.

O contexto político do Brasil e do Rio Grande do Sul também é destacado no relato de Maria quando coloca que a mãe estudou em escola bilíngue, em português e em polonês, mas depois ocorreu um período de proibição no uso da língua nas escolas. Assim, quando ela mesma foi estudar as aulas já eram só em português: "a mãe falava em polonês em sala de aula e depois que estudou a língua foi proibida". Esse período vincula-se ao conjunto de medidas adotadas no governo Getúlio Vargas durante o Estado Novo com o objetivo de diminuir a influência dos imigrantes no Brasil e integrá-los a nova pátria. A campanha de nacionalização do ensino[62] começou em 1938, na qual foi implantada a obrigatoriedade do ensino em português, com proibição da fala em público, censura a jornais bilíngues e da prática religiosa, etc. Essa política se intensificou a partir de 1942, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial e ocorreu intensa repressão às nacionalidades do Eixo:

---

[62] Ver mais sobre esse período em: SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: Repensando o Estado Novo. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

alemães, italianos e japoneses. Nesse período houve intensa repressão e destruição de livros e jornais, por exemplo. Maria comenta que a sogra se comunicava muito bem em polonês porque tinha habilidades desenvolvidas de leitura e de escrita e um acervo de livros, muitos dos quais pertencia ao sogro dela, que era professor. Sobre esses materiais, Maria comenta que a sogra queimou todos esses livros sem saber o motivo: “eles tinham muito livros, uma fartura, mas eu sei que foi tudo queimado pela sogra”. A causa da sogra ter destruído o acervo em polonês não foi revelado na família, mas talvez os tenha destruído por medo de possíveis represálias.

Outro período político que perpassa os relatos são os vividos durante o regime ditatorial que ocorreu no Brasil de 1964 a 1985. Nessa época Maria estava ingressando no internato e havia uma apreensão por parte das irmãs para que os alunos não pronunciassem os nomes de Leonel Brizola e João Goulart, que eram opositores ao golpe político, com receio de represália por parte dos militares e fechamento da instituição. Quando Maria ingressou na carreira docente, no interior de Dom Feliciano, na Linha Assis Brasil, por volta de 1969, ainda continuava em vigência o regime ditatorial e ela recorda que havia um desconforto para tratar certas temáticas vinculadas a integração nacional que ela preferia reproduzir aos alunos na forma de ditado. Dessa forma, podemos salientar a influência dessas experiências de ordem política nas vivências de Maria, como reflexo dos processos sociais que ela interiorizou.

Há também outra interferência contextual que repercute no modo de vida da família de Maria que é o fato de preferirem casamentos com famílias descendentes de poloneses. Sendo que, ainda assim, é “melhor casar-se com brasileiro do que com alemão”, revelando uma rivalidade trazida pelos imigrantes devido as disputas territoriais que envolveram a Polônia no século XIX e XX. Essa rivalidade ganha materialidade na medida em que nem na morte essas diferentes etnias podem “se misturar”, havendo, no caso da realidade pesquisada, um cemitério só para enterrar descendentes de alemães.

A metáfora da dobradura do social, de Bernard Lahire (2002) é muito importante para entendermos como esses fatores globais ainda regem o modo de vida tão particular no interior do município de Dom Feliciano. É uma explicação plausível, a da constituição individual considerando as experiências externas, ou seja, o “interior” (mental, cognitivo, motor, etc), constituído a partir das interferências

“externas” que irão imprimir uma forma específica de viver em sociedade e serão a amálgama para compor visões de mundo muito peculiares, porque a constituição da origem disposicional de Maria não permite, agir, ser e pensar de outra maneira, exatamente pela interferência na forma de interiorizar as amassaduras do social, nesse caso específico com forte influência da educação familiar e escolar.

## 3.3. Márcio ROSIAK

**Figura 20:** Márcio na foto à direita em entrevista concedida sobre os poloneses em Dom Feliciano a revista “Posnaj Swiat” (Conheça o mundo), sobre a matéria referente aos poloneses no Brasil.
**Fonte**: Autora, 2016.

As entrevistas realizadas com Márcio ocorreram em março e julho de 2016, foram dois encontros: um realizado na sua residência e outro realizado no ambiente de trabalho. Houve o interesse pelo terceiro encontro, mas não foi possível realizá-lo. Os ambientes diferentes em que foram realizadas as entrevistas possibilitaram perceber a interferência que o local possui para o pleno desenvolvimento do diálogo. A primeira delas, realizada no espaço familiar, na sua biblioteca pessoal, basicamente com livro em língua polonesa, possibilitou discorrer sobre diversos aspectos da sua vida, a fim de entender como a disposição bilíngue se manteve nos diferentes segmentos sociais. Já a segunda entrevista, que ocorreu na sua agência de viagens, foi fragmentada, com diversas interrupções de pessoas e do telefone, mostrando o contexto atribulado que tem no ambiente de trabalho e especialmente, naquele momento, sua rotina de candidato a vereador. Em seu local de trabalho havia muitos objetos trazidos da Polônia, como crucifixos e quadros poloneses. A sua agência de viagens tem como público principal descendentes de poloneses que tem desejo de visitar a Polônia, com intuito de revisitar suas origens.

Márcio tem 33 anos e pertence a 3ª geração de descendência polonesa, pois seus bisavós vieram da Polônia. Ele tem as quatro habilidades desenvolvidas em língua polonesa: leitura, escrita, audição e fala. Teve seu sistema disposicional formado na infância e atualizou constantemente seus esquemas de ações através de cursos de idiomas realizados na Polônia. Proveniente de uma família pobre trabalhou, durante sua infância e adolescência, na propriedade da família, na agricultura. Vindo de uma família de muitos irmãos, 7 no total, teve sua realidade modificada pela insistência em atualizar sua disposição bilíngue, fato que o colocou em situação diferenciada dos demais irmãos e como “um ícone”, representante da descendência polonesa no município de Dom Feliciano.

Além desses aspectos, mesmo tendo morado sua infância no interior de Dom Feliciano e ter se dedicado a agricultura, Marcio possui um espírito aventureiro e residiu em diferentes locais na sua adolescência: “morei no interior, Linha Assis Brasil até os 16 anos, depois morei em Rio Pardo, Camaquã, depois em Santiago do Sul, depois em Camaquã[63], depois em Dom Feliciano, depois morei um pouco na Polônia e depois em Dom Feliciano de novo”. Essas várias mudanças e vivências

[63] Todas essas cidades localizam-se no Rio Grande do Sul, exceto Santiago do Sul que é um município do estado de Santa Catarina.

em diferentes localidades são essenciais para entender o modo de vida de Marcio e refletem a sua personalidade, que ajudam a explicar também à constituição de seu sistema disposicional.

### 3.3.1. Uma disposição transformada, em constante atualização e vinculada ao senso prático

Márcio atribui a sua situação social atual, vereador e proprietário de uma agência de viagem, ao vínculo que sempre manteve com a língua polonesa. De acordo com ele:

> "Tu não faz ideia a porta que abre, pra mim o que abriu, sabe? Eu fui por curioso para a Polônia, nos sete irmãos eu fui o que mais falava em polonês, os primeiros só falavam em polonês, mas eles foram ficando com vergonha e foram crescendo e tal, mas eu tinha um desejo muito forte de falar polonês, eu ia sempre perguntando para a mãe, a diferença é que eles pararam na escola e eu continuei, eu nunca tive aula de polonês além dos meus pais, mas depois veio o padre, veio as irmãs e eu ia lá e perguntava alguma coisa".

O fato de estar sempre buscando aprimoramento, faz com que sua disposição bilíngue seja permanente, sendo que nessa busca, perguntando, por exemplo, por palavras que não sabia pronunciar aos padres e irmãs polonesas da paróquia de Dom Feliciano, sua língua foi se atualizando. Em 2004, com acesso à internet começou uma busca para atualizar sua disposição com pessoas da Polônia, a fim de conversar e praticar a língua polonesa. Através desses contatos e com incentivo da prefeitura municipal consegue ir para a Polônia em 2005 e em 2006 realizar curso de idiomas. A partir desse contato com duas realidades, a língua polonesa mantida pelos descendentes em Dom Feliciano e o aprimoramento da língua realizado na Polônia, Marcio tem uma compreensão do que aconteceu com a língua polonesa em Dom Feliciano, na visão dele:

> "Na verdade existe um dialeto, as pessoas falam que não é o polonês, o que nós falamos aqui é o polonês, o que acontece é que eles imigraram em 1890, trouxeram o idioma e o idioma se manteve, isso é um fato, houve evolução do idioma aqui como houve lá. Se tu pegar o português de 1890 falam vos messe, vai estar arcaico, certo. Segundo, dentro da evolução do idioma houve fatores novos, por exemplo, quando imigraram não tinha geladeira, não tinha ar condicionado, não tinha freezer, não tinha energia elétrica, o que ocorreu com os poloneses aqui? apolonizaram o idioma, geladeira ficou geladeira, abrasileirou".

Cabe destacar que a língua polonesa poderia ter sido extinta e substituída pelo português, no entanto as famílias polonesas são muito restritas ao ambiente familiar e religioso, com residências muito distantes umas das outras no interior do município. Dessa forma há um tripé que diminui o contato com as interferências externas: o ambiente doméstico, o contato familiar[64] e a vida no campo. A língua se manteve ao longo do tempo repassada de geração a geração.

Márcio destaca que quando estava na Polônia as pessoas diziam que a maneira que ele falava era a mesma que os avós falavam. Por ter uma atualização permanente destaca que não teve muitas dificuldades em compreender e ser compreendido na Polônia: “eu não tive dificuldade de comunicação em nenhum momento, da formalidade um pouco mais, mas o diálogo sem problemas”. Quanto as novas gerações que não quererem aprender o polonês, Márcio enfatiza que existe um preconceito por parte das pessoas por acharem que estão falando errado e que é uma língua atrasada do tempo dos bisavós.

Márcio não teve contato com os bisavós e teve pouco contato com os avós, pois faleceram quando ele era criança, quando tinha seis anos de idade. Sua disposição bilíngue foi formada no contato com os pais: “eu lembro que quando eu era criança meus pais só falavam o polonês, com 4, 5 anos eu comecei a aprender o português porque eu tinha mais irmãos, mas o polonês foi predominante até a escola, em casa nunca deixou de ser predominante”. Os momentos que viveu a infância estão vinculados ao uso da língua no espaço familiar, no contato com os irmãos que também falavam polonês e a uma rotina densa de trabalho na agricultura, com dedicação à cultura do fumo.

Ainda possui muitas lembranças das vivencias de infância na casa tipicamente polonesa no interior do município, na linha Assis Brasil: “a casa ainda existe, era uma casa grande, praticamente todas as casas eram quase iguais, quadradas, compridas, com uma sala gigante para casamento e para velório, os quartinhos menores, cozinha e varanda, o piso de assoalho”. Esse lugar é importante em sua memória, na medida que o uso da língua polonesa era recorrente: “eu tenho muito a imagem da casa, assim, acho muito bonita e ela me vem muito viva, assim, e colorida e as flores da volta da casa, a casa tinha uma

[64] As visitas, festas e encontros se dão entre as pessoas da família, ou seja, parentes.

alegria, uma simplicidade que faz falta. Apesar da dificuldade que era, era tudo muito bonitinho".

No contato familiar Márcio recorda da rigidez dos pais, principalmente do pai que exigia que ele trabalhasse pesado na agricultura, sem folga nem mesmo aos sábados. Segundo ele:

> "Chegava o sábado e eu queria jogar bola e o pai me dizia: isso é uma vergonha, o que os vizinhos vão dizer...e tinha os brasileiros que jogavam futebol a tarde toda e eu ficava morrendo de vontade de ir, eu não sei se éramos pobres, se tinha até um dinheiro, mas se vivia de forma muito humilde".

Nessa passagem Márcio nos dá indícios de disposições hedonistas, as que se vinculam ao prazer – o fato de querer muito ir jogar - e são colocadas em confronto com as disposições ascéticas do seu pai que queria que ele trabalhasse. Nesse relato, ele refere-se ainda aos "brasileiros" que jogavam, o que revela um sentimento de não pertencer a essa nacionalidade, colocando uma distância entre nós (poloneses) e os outros (brasileiros). Posteriormente, se entenderá a diferença entre as disposições ascéticas e hedonistas e como elas estão vinculadas ao seu modo de vida atual.

Ele destaca que o trabalho braçal na lavoura foi uma constante em sua infância e considera que os descendentes de poloneses trabalham mais que o necessário porque trouxeram isso enraizado de seu lugar de origem:

> "Eu tenho uma tese: a de que os poloneses trouxeram isso com eles, no seu interior essa baixa autoestima e a teoria da falta, do ter que guardar e isso pra mim ficou muito claro quando eu fui para a Polônia visitar famílias no interior e eu até conheci um senhor que não vive mais na Polônia e lá todas as casas tem porão, eles guardavam açúcar porque vai ocorrer outra guerra e não vai ter açúcar, os russos vão invadir a Polônia e nós vamos se esconder no porão, há o sentimento de falta".

Segundo Márcio, a família sempre foi muito humilde, no entanto cultivavam quase tudo na propriedade, mas mesmo assim tinham a preocupação de guardar os alimentos para não faltar em possíveis períodos de crise. O objetivo da família era somente trabalhar, em consequência disso eles não tinham uma vida social, o contato com o ambiente externo era restrito à igreja durante os finais de semana.

Dessa maneira, destaca que teve uma infância muito humilde, mas nem por isso se sentia inferiorizado ou teve algum trauma como consequência dessas

vivências, pois isso ocorria de maneira geral na comunidade em que vivia: “eu lembro quando eu tinha uns 12, 13 anos e eu já trabalhava pra mim, foi quando eu comprei minha primeira calça, uma camiseta, um tênis, assim, o mais barato que tinha, era o melhor que podiam oferecer para a gente”. A falta de conforto vivenciada na infância irá repercutir na vida adulta, pois de forma inconsciente Márcio acumula vários empregos, como o de vereador, de agente de viagens e atualmente de Secretário da Educação, ou seja, há uma busca constante por “melhorar de vida”.

Nesse mesmo sentido, as relações que Márcio estabelece no trabalho são todas ligadas à sua descendência polonesa, pois como agente de viagens faz roteiros para os descendentes viajarem a Polônia e conhecerem o local de onde seus familiares eram provenientes; como vereador faz projetos vinculados ao intercâmbio de jovens poloneses para a Polônia, com o objetivo de estudarem e retornarem qualificados para Dom Feliciano. De acordo com ele:

> “Eu tive a oportunidade de ir, ver e voltar, a minha mente se expande. [...]. As pessoas poderiam viver aqui com muita qualidade de vida. Se conseguíssemos mandar 10 jovens nós teríamos mais de 100 jovens formados, o município pode fazer um convênio de que apoia a ida, encaminha, tem uma secretaria que faz isso e depois tivesse uma contrapartida daqui porque as pessoas se formam e não querem voltar mais, mas se tivesse uma contrapartida para exercer idioma e tudo mais”.

Durante todos os relatos há uma preocupação com o uso da língua polonesa e de que ela precisa ser incentivada no município, pois é o maior vínculo das famílias com a cultura polonesa. Quanto a inserção na cultura escrita, comenta que falavam, em família, praticamente só em polonês, e que não havia nenhum contato com a cultura escolar nesse ambiente: “não tínhamos livros, nada, eu nunca tive acesso a um livro até 2004, quando conheci uma irmã que me deu um minidicionário, depois eu fui para a internet e depois montei a minha biblioteca pessoal”. Márcio realmente tem uma considerável biblioteca com livros em língua polonesa e muito desses materiais conseguiu quando realizou o curso de idiomas na Polônia. Retornou-se nesse aspecto posteriormente.

Sua disposição bilíngue vai ser transformada ao longo da sua trajetória. Recorda-se que quando começou a frequentar a escola teve contato com a língua portuguesa e que não havia nenhum cuidado, por parte das professoras, em fazer essa inserção na cultura escrita de uma forma diferenciada para os alunos que não sabiam falar em português. Nos horários de intervalo conversava com os seus

colegas em polonês, pois havia outros que também não sabiam falar em português. Quando retornava para o ambiente familiar sua disposição era colocada em estágio permanente novamente, pois falava polonês constantemente, principalmente com a sua mãe durante o desenvolver de tarefas rotineiras vinculadas à fumicultura:

> "Perguntava como eram os cantos e eu fui um dos únicos que aprendi essas coisas com a minha mãe, ela classificava fumo e ia cantando, nisso a mãe conseguiu ensinar mais que o pai. Eu queria saber as músicas de Natal e ficava na volta da mãe e quando eu ia na igreja ficava todo orgulhoso que sabia cantar".

Márcio coloca que esse diferencial, em sempre querer saber mais sobre a língua polonesa, o colocou em situação de destaque em relação aos seus irmãos, que não tinham o mesmo interesse. Esse fator analisou-se posteriormente, a fim de compreender a força motriz para atualização de sua disposição.

Após esse momento em que viveu em família e tendo estudado somente até a quarta série, aos 16 anos resolveu que queria ser padre e foi para o seminário estudar, mas desistiu posteriormente. Talvez ele visse no seminário uma alternativa para sair da realidade que vivia. Quando retorna para casa, sua disposição estava mais fraca, pois tinha deixado de praticar a língua durante esse período, ou seja, a disposição ficou em *estado de vigília:* "quando voltei para casa já não era tão presente o polonês, acabei voltando para Dom Feliciano conheci a irmã Estanislava que veio da Polônia que falava pouco português, as vezes eu parava ela na rua e perguntava para ela algumas coisas". Assim, o maior impulso para retomar o uso do polonês em suas vivências parece ter vindo dessa irmã que deu a ele um dicionário português/polonês, com isso ele buscava atualizar sua disposição para falar polonês. No ano de 2004, consegue instalar a internet e com isso vem o desejo de falar diretamente com pessoas da Polônia, revelando que a disposição bilíngue é importante em sua vida, pois em diferentes fases ocorre uma busca constante por atualização da mesma forma que ela é falada na Polônia, ou seja atualizada, pois para ele não basta somente repetir o que é falado em Dom Feliciano. De acordo com ele: "passados alguns meses eu instalei *internet* e *skype* e aí comecei a conversar com as pessoas e as pessoas começaram a escrever bastante, escrevia aportuguesado e as pessoas foram me corrigindo". Esse contato que estabeleceu com pessoas polonesas foi essencial para que em 2006 pudesse ir à Polônia como

tradutor em um projeto de incentivo público para as famílias descendentes de poloneses. Segundo ele:

> “Eu falava mais ou menos e aí me convidaram, era tudo pago e eu acabei indo e lá teve um rapaz que ganhou um curso para o Brasil e não foi e me perguntaram: tu não queres ficar? Tá tudo pago, café da manhã, almoço, janta, só tinha que comprar a passagem. Nesse tempo eu já tinha conhecido algumas pessoas lá que ajudaram, avisei a família e acabei ficando um tempo lá, aprendi a ler e escrever corretamente”.

Nessa passagem da segunda entrevista fica perceptível o processo de modificação no uso da língua que ocorreu com sua estadia na Polônia e que possibilitou uma atualização. Dessa forma, Márcio consegue ler e escrever em polonês. De acordo com Lahire (2004, p. 28), a disposição é o produto incorporado de uma socialização implícita ou explícita que ocorreu no passado, no entanto, ela se constituiu através da duração, isto é, “mediante a *repetição de experiências relativamente semelhantes*”. Nesse sentido, a incorporação das disposições não ocorreu de uma única vez, ou seja, ela tem um caráter de ser transponível de uma situação a outra e, nesse percurso, as disposições podem enfraquecer por falta de treinamento (disposição fraca, segundo Lahire, 2004) ou pode ser constantemente reforçada (disposição forte) devido a uma solicitação contínua. Dessa forma, a disposição bilíngue de Márcio manteve-se presente na maior parte das fases de sua vida, pois ocorreu em diferentes segmentos sociais uma atualização da disposição reconstruída.

No entanto, Márcio não se contenta somente em atualizar sua disposição, mas ele precisa colocá-la em ação. Assim, no retorno da viagem abriu uma escola voluntária em Dom Feliciano com o objetivo de compartilhar sua atualização com demais pessoas do município:

> “Eu tinha 30 alunos no Herval, 30 alunos na Águia Branca, 30 alunos na São Maximiliano Kolbe, as pessoas me esperavam de noite, eu levava vídeo, televisão, livro, distribuía material, fazia gincana. Fiz isso durante um ano. Daí eu ganhei um outro curso na Polônia, comprei a passagem e fiquei lá por quase 4 meses. Depois disso eu voltei e criei um programa na rádio, queria ensinar o polonês no rádio, tocava as músicas em polonês”.

Esse período é revelado, nas entrevistas, como o mais gratificante de sua vida, pelo fato do grande público interessado nas suas aulas serem crianças. Com

isso Márcio acredita que a língua polonesa ainda será mantida por um longo tempo entre as famílias de descendentes.

No retorno do período em que fez novo curso de idiomas na Polônia, ele tem o intuito de atingir maior número de pessoas e com isso criou um programa de rádio basicamente vinculado a cultura polonesa. Mesmo considerando que era muito gratificante desenvolver essas atividades ressalta que o trabalho realizado era basicamente voluntário e que os pais das crianças ajudavam com o que podiam para ele comprar combustível e se deslocar para interior do município. Em razão dessas atividades não serem rentáveis economicamente e tentado mediar a importância da disposição bilíngue em sua vida, Márcio lança sua candidatura como vereador e desenvolve projetos de incentivo à cultura polonesa como o Cinema Popular, no qual disponibiliza filmes poloneses e o Museu Polonês, no qual uma das intenções é possibilitar o acesso da sua "biblioteca polonesa" para maior número de pessoas interessadas. Além disso, possui uma agência de viagens que leva, na sua grande maioria, os descendentes de poloneses para a Polônia, ou seja, as suas atividades cotidianas estão vinculadas ao uso de sua disposição.

Quando questionado sobre o motivo que o levou a se tornar uma referência sobre a cultura polonesa em Dom Feliciano e sua busca incessante em todos os momentos de sua vida em atualizar sua fala, leitura e escrita, ele salienta:

> "Eu acredito que foi por ter sido o primeiro idioma, por ter começado a falar, eu acho que as coisas entram nesse paradoxo da vida, as coisas depois que a gente vai envelhecendo as coisas da infância vão fazendo sentido e aflorando, foi meu primeiro idioma, foi em casa, foi o que fez eu ensinar a minha filha a falar polonês, isso me abriu tantas portas e foi um idioma que nasceu em casa".

Márcio considera que conseguiu ascender socialmente devido o uso da língua e dessa forma, pode-se considerar que ele manteve continuamente sua disposição para o bilinguismo. Posteriormente, analisou-se o efeito que a variação diacrônica possui para compreendermos melhor as variações sincrônicas estabelecidas por ele.

As relações que estabelece com a disposição bilíngue durante sua infância estão diretamente vinculadas à figura de sua mãe com quem aprendeu mais que os irmãos, devido ao fato de ter o interesse constante em aprender. Márcio destaca também que seus pais eram mais velhos e o tiveram com uma idade mais avançada, depois de ter tido seis outros filhos, e em consequência disso a língua polonesa na

família era a língua principal. Quando foi para a escola é alfabetizado em português e passa a se comunicar em duas línguas em espaços diferentes: “eu ia para a escola falava em português e vinha para casa e falava em polonês, normal”.

Lahire (2004) explica que embora a noção de disposição implique uma operação cognitiva que evidencia a coerência de comportamentos, opiniões e práticas diversas, ela não precisa, necessariamente, ser ativa em todos os momentos da vida. Assim, a disposição de Márcio no espaço escolar, por não encontrar meios de colocá-la em ação, porque nesse espaço a língua oficial era o português, passa a ser inibida e fica, temporariamente, em *estado de vigília.* Acrescenta que as relações com a escola poderiam ter sido piores, mas teve uma professora polonesa que compreendia o que ele e os colegas falavam, no entanto, não havia incentivo para que continuassem falando o polonês.

Márcio enfatiza que um fator essencial para restringir o usa da língua é o fato das pessoas terem vergonha de expressarem-se em público: “são pessoas pobres e tal, com dificuldade e as pessoas falavam idiomas interioranos, dialetos que não correspondiam com a intelectualidade maior”. Isso acaba por restringir ainda mais a língua ao espaço doméstico. Quando se refere ao fato de as pessoas serem de uma classe social menos favorecida, Márcio se inclui nesse contexto e interliga esse fator ao contexto imigratório em que a maioria das famílias, que vieram para Dom Feliciano, viviam na Polônia, como foi destacado no capítulo 1 deste trabalho.

Em consequência das suas condições sociais consegue estudar somente até a quarta série e vê essa ruptura com a escolarização como um momento marcante na sua vida:

> “Fiz a quarta série e não tinha condições de vir estudar na cidade porque tinha que pagar ônibus na época, eu parei de estudar na quarta série e depois retornei e fiz um supletivo, aí eu já tinha 17 anos. Eu queria muito estudar e depois eu fui morar em Rio Pardo era uma escola de hábitos rurais voltado para a questão religiosa, católica, era um projeto muito legal, isso não existe mais, saiam de lá e iam para o seminário”.

Ele recorda que ficou sabendo da existência dessa escola para jovens rurais por meio dos padres e, como ficou afastado por um longo período do ambiente escolar, não dominava mais a leitura e a escrita, pois em casa não havia livros que possibilitassem um contato com a cultura escrita: “aos 14 anos fui em um retiro da igreja, tinha que ler e eu tremia, me lembro, eu cheguei em casa e não tinha livros e

eu não sabia ler e eu pensei eu preciso ler". Quando foi morar na escola em Rio Pardo ele volta a ler a escrever mesmo sendo um tipo de escola diferenciada - que segundo seus relatos, nas entrevistas, não era institucionalizada e sobrevivia de donativos - foi capaz de possibilitar esse contato com a cultura escrita, pois havia várias atividades como, por exemplo, aulas datilografia, de música, de teatro. Depois de um período de seis meses morando nessa escola se desloca para a cidade de Camaquã e morou quase um ano com o padre na paróquia, mas desistiu de ser padre, por sentir-se pressionado pelas pessoas que o viam como padre. De acordo com ele:

> "Falei que ia voltar pra casa e ia voltar, que não estava legal, estava sofrendo, estava me deprimindo, então vou dar um tempo em casa e depois pensei, isso era julho, vou ficar até dezembro e depois vou para o seminário de novo, vou pegar outra congregação, vou morar no seminário mesmo, não quero ficar na paróquia, assim. Mas aí vim, acabei trabalhando e acabei não voltando".

Quando questionado se o seminário era uma forma de sair da realidade difícil que vivia na agricultura, ele comenta que achava que tinha vocação para ser padre e achava interessante a vida que eles levavam e que traz, como consequência desse período, uma relação muito forte com as pessoas que o procuram no trabalho. Quando retornou para Dom Feliciano fez o Ensino Médio e concluíu o curso de relações públicas em uma extensão oferecida pela Universidade Federal do Paraná na cidade. Entender esses momentos do contato com o ambiente escolar, os momentos de escolhas são essenciais para o entender o indivíduo em diferentes momentos da vida social. De acordo com Lahire (2004, p. 41), "através da reconstituição da natureza dos diversos vínculos ou afinidades, tentamos apreender, de certa maneira, a pluralidade dos gostos ou inclinações do pesquisado". Posteriormente será abordado como esse período de ruptura escolar repercutiu na vida de Márcio, o que Lahire (2004) chama de "desejos inibidos", e é essencial para compreender suas opções e a vida que ele leva atualmente.

A leitura faz parte do cotidiano de Márcio e diz ler livros de romance em polonês e de aperfeiçoamento de idiomas, como também está realizando um curso de física quântica para se autoconhecer. Segundo ele, "estou estudando física quântica que é uma coisa que eu tenho interesse em terapia holística, uma coisa que eu acredito na espiritualidade, era o que eu estava fazendo nos EUA agora, é

uma coisa que envolve a vida, o pensamento". Márcio comenta que nas relações que estabelece como vereador tem muito contato com as pessoas e que elas têm a necessidade de serem ouvidas e entendidas e por isso acha importante esse curso, tanto pelo aspecto pessoal como também profissional: "eu tenho vontade de usar meus estudos para outras pessoas, mas não me sinto preparado, frequento o psiquiatra me vejo muito pequeno perto deles".

Destaca que tem uma vida muito atribulada com o trabalho de vereador e com a agência de turismo e que a família comenta que herdou essas características do seu bisavô paterno, o Rosiak, que se destacava no comércio por ser muito ágil e trabalhador e triplicou os lotes coloniais recebidos do governo no período imigratório. Márcio possui também uma relação com a música: "quando eu fui morar na escola tinha muita gente que tocava, acabei gostando muito e como tudo que eu gosto eu me dedico muito. Depois fui morar na igreja e dava aula para os coroinhas, na minha banda também tocava em polonês". Quando retornou para Dom Feliciano, depois de ter morado na paróquia em Camaquã se dedicou à música, tocava nas missas da igreja e se deslocava nos finais de semana para tocar nas missas das comunidades no interior do município.

Quanto as festividades na família, essas ocorriam na própria residência e Márcio comenta que sua irmã, que é apenas quatro anos mais velha que ele, teve um casamento tipicamente polonês, segundo ele:

> "A semana toda se preparava o casamento, começava os preparativos na segunda-feira, todo o dia tinha gente, tinha acontecimentos, assim, todo dia era um evento, já matavam boi, o porco e tinha muita gente, envolvia 50 pessoas por dia, o casamento era no sábado, mas no domingo também tinha, para desmontar as coisas, mas não tinha nada para desmontar, era a comida. Na sexta-feira véspera do casamento no civil foi tão grande como o casamento. Tinha a benção, pão, vinho e sal, tinha marchinhas, eu também gravei as marchinhas".

Comenta que essa benção do pão, do vinho e do sal é mantida pelos descendentes de poloneses no interior do município e é uma tradição que ocorre no sábado, na casa da noiva. Os convidados são recepcionados com música polonesa (Anexo B), tocada com gaita e violão e os noivos abençoados pelos seus pais com pão, vinho e sal: "pão e sal que na Polônia se dá até hoje para que nunca se falte alimento e que é o sal que dá sabor à vida, se eu não me engano, na geral aqui se recepcionava com vinho, na Polônia se recepciona com vodka".

Márcio possui um acervo de CDs com músicas tradicionais polonesas e quando casais poloneses o pedem, ele empresta essas marchinhas tradicionais tocadas com pandeiro e violino, especialmente para a entrada e a saída da noiva da igreja:

> “O município inteiro se encantou com isso porque as pessoas passaram a ouvir músicas que não ouviam há 30, 40, 50 anos e na época eu nem busquei da Polônia eu viajei para algumas cidades gaúchas, do RS, a Erechim, algumas cidades que tinham bandinhas polonesas, que gravaram as músicas. Eu inclusive gravei dois CDs com o pessoal daqui e a gente usava isso e as pessoas começaram, “nossa que legal, que legal”. Daqui a pouco fui para a Polônia e trouxe mais músicas e daqui a pouco eu tinha um repertório de 5.000 músicas”.

Além disso, tem entrevistas gravadas com os últimos imigrantes que faleceram na cidade e pretende fazer um estudo com esses materiais, que na verdade são parte da memória do período imigratório desse local. Ele já tem um livro publicado na cidade e está escrevendo outros. Segundo ele, “tô escrevendo 3, 4 livros ao mesmo tempo e quero publicar, faço um trechinho e vou deixando”.

Quanto ao velório na família polonesa, esse era marcado pela tradição de ser no ambiente familiar e com cantos poloneses. Márcio comenta que até os dias atuais a família costuma cantar em polonês:

> “Os velórios também eram marcados pelo idioma, até hoje ainda, essa semana um tio meu e se canta em polonês. Antes era mais do que agora, os velórios mais antigos eram todos em polonês. Meu tio, minha tia mais antigos não tinha o português no velório, os cantos era todos em polonês e as rezas”.

Além desses momentos em família, havia datas comemorativas importantes como o Natal, a Páscoa e a semana santa em que a família se reunia e falava em polonês. Havia também uma tradição de sempre irem nas missas, que Márcio gostava muito de participar por ser o único espaço de socialização que a família compartilhava: “eu acho que eu gostava do encontro com as pessoas, eu gostava da cerimônia também, a gente já crescia doutrinado pra isso, gostava da cerimônia que era um momento muito ímpar, eu gostava do encontro”.

Quanto a comida polonesa, durante a infância os pratos poloneses eram mais recorrentes e faziam parte do cardápio da família. Márcio comenta que a comida polonesa, como o *rósol*, sopa de galinha e a *czernina* eram servidas em conjunto

com arroz e feijão, que são hábitos alimentares “brasileiros”. A comida tradicional na família não está associada a uma data ou momento especial, quando alguém da família tem vontade de comer esses pratos são preparados, principalmente pela sua mãe, que é quem cozinha a comida polonesa com mais frequência. Márcio destaca que a *czernina*, prato conhecido no Rio Grande do Sul como tipicamente polonês, não é tão conhecido na Polônia atualmente:

> “Ela é consumida em uma região que faz divisa com a Lituânia, eu fui duas vezes lá, na Lituânia, uma foi no ano passado e outra no ano retrasado, existe, eu vi um restaurante onde tinha no cardápio *czarnina*. Ela não é tão popular na Polônia, mas ela existe, o que as pessoas falam lá: ah, ela não existe na Polônia, realmente se tu pegar a região de Varsóvia nunca ninguém ouviu falar, mas foi um prato muito conhecido na época da imigração, alguns falam que é pela necessidade de alimento que se aproveitava tudo, outros falam que é pelo hábito, outros falam que é pela energia do sangue que tem, há várias teses sobre isso, também tem aquela tese de que quando o noivo era bem vindo se servia sopa branca e de que quando não era bem vindo se servia sopa preta”.

Como já viajou várias vezes à Polônia tem um amplo conhecimento do local e de algumas particularidades que envolvem o consumo da *czernina*. Na região de Dom Feliciano comentou que é um prato muito consumido no inverno e quando tem pato em casa. Quanto ao preparo desses pratos, ressalta que sabe cozinhar, mas que a comida polonesa é preparada ou pela mãe ou pela esposa que aprendeu a fazer os pratos típicos com sua mãe. Márcio diz, ainda, saber fazer lanches que são consumidos na Polônia atualmente e que traz das viagens muitas sopas prontas de fácil preparo: “eu compro muita sopa pronta na Polônia, tem uma coisa na Polônia que é como uma pizza, que é um pão compridão, compridão, compridão, é uma moda e a juventude come muito na rua, assim e vai um monte de coisa em cima e eu faço aqui”. Podemos perceber que as receitas de comidas polonesas, assim como a língua, também se atualizou e que ele consome os pratos tradicionais quando estes são preparados por sua mãe, do contrário, acaba consumindo lanches rápidos, comidas fáceis de serem manuseadas compradas na Polônia, ou seja, o consumo da comida marca dois polos distintos entre o tradicional mantida na família e o moderno, quando utiliza em Dom Feliciano os mesmos produtos que jovens poloneses consomem na Polônia atualmente.

### 3.3.2. Uma disposição permanente, transformada ao longo do tempo; disposições para crer e para agir; interferência do efeito diacrônico e sincrônico; *estado de vigília*; desejo inibido; disposição humanista; repertório e dobradura do social.

Não há como negar que a disposição bilíngue de Márcio cresceu, no sentido lato do termo, junto com ele. O menino humilde do interior que tinha vergonha de falar em público, que teve que ficar um longo tempo longe dos bancos escolares, transforma-se, em uma cidade pequena, em uma referência sobre a cultura polonesa. As forças externas, vinculadas ao papel da igreja e a interferência familiar foram fatores essenciais para a constituição do seu sistema disposicional que, ao longo do seu percurso, esteve ligada a uma atualização permanente, que transformou sua disposição bilíngue em uma disposição forte e atualizada, e além disso, passou a ser utilizada como motor principal para ascender socialmente, ou seja, possui ligação com o senso prático vinculado com as suas relações de trabalho.

Lahire (2005) distingue a frequência e a intensidade no uso das disposições, como citado anteriormente, em disposições fracas e fortes. Márcio tinha uma disposição forte na infância, mas desatualizada. No entanto, após contato com pessoas da Polônia, que o corrigem e o ajudam a escrever corretamente, e com dois cursos de idiomas realizados naquele país, sua disposição bilíngue de infância passa a ser atualizada, ou seja, ela é forte, praticamente ao longo de todo o seu percurso, mas passa pelo processo de ser somente uma língua local comum, falada na região de Dom Feliciano para o contexto de ter se tornado uma língua que utiliza para comunicação com a Polônia. Nessa atualização permanente, Márcio consegue ascender socialmente porque conseguiu distinguir-se das demais pessoas na região em que vive, com isso conseguiu contatos internacionais e abriu uma agência de viagens, que é efetivamente rentável, pois o maior desejo da maioria dos descendentes da região é visitar o local de origem de seus antepassados. Devido, também, ao caráter de trabalho voluntário que emprega à língua quando retornou da Polônia para Dom Feliciano e o desempenho em iniciativas populares que realizou no espaço rural do município de Dom Feliciano, conseguiu eleger-se vereador, ou

seja, mais uma vez a língua polonesa é a mola que rege, efetivamente, também suas relações de trabalho.

Um aspecto que não pode ser desconsiderado e que talvez tenha sido a força motriz para essa busca por atualização da língua foi o fato de na infância ter se destacado em relação aos irmãos na fala em polonês, ao que tudo indica por ser o mais curioso, o que mais indagava sua mãe durante as tarefas rotineiras que desenvolvia com a fumicultura: “desde a infância eu fui o que mais ia mantendo, assim, porque eu gostava, alguma coisa me puxava para esse lado. [...] os meus irmãos não queriam aprender, eles riam muito e a minha mãe ensinava assim pra mim e acabei aprendendo”. A partir daquele momento, Márcio crê que consegue destacar-se no uso da língua e transforma esse pensamento em modelo a seguir, em ação prática, pois encontra condições disposicionais favoráveis para a sua concretização. Lahire (2005) distingue as disposições para crer das disposições para agir:

> “É necessário, por isso, fazer um esforço para distinguir os diferentes elementos constitutivos da estrutura complexa que formam as combinações individuais de disposições para agir (hábitos de acção) e de crenças (disposições para crer, hábitos mentais e discursivos), elas próprias mais ou menos fracas ou fortes” (LAHIRE, 2005, p.19)

Com essa distinção pode-se compreender a diferença entre as disposições de Márcio para crer, formada na infância, destacando-se no uso da língua dos seus irmãos, das disposições para agir, formadas na vida adulta. Suas disposições para crer foram efetivamente atualizadas e se transformaram, ao longo de sua trajetória, em disposições para agir.

Outro aspecto importante para compreendermos a constituição disposicional e o modo de vida operacionalizado por Márcio são as relações que desde a infância estabeleceu com o trabalho. Sempre salientou que precisava trabalhar muito, devido as ordens de seu pai, que era rigoroso e organizado, dando indícios de constituição de disposições ascéticas, no entanto, ele gostaria de desenvolver atividades vinculadas ao prazer, como jogar futebol, mas era uma possibilidade refutada pelo seu pai. De acordo com ele: “então o pai dizia, Deus me livre tu ir lá, seria uma vergonha um filho jogar bola no sábado de tarde e não trabalhar. [...] O trabalho era uma afirmação de que era trabalhador, que gostava de passar trabalho”.

Lahire (2004, p. 40) destaca a diferença entre as disposições ascéticas *versus* hedonistas, e as coloca, respectivamente associadas ao “rigorismo *versus* liberalismo” ou “moralismo *versus* displicência”. Dessa forma, no contexto analisado, Márcio teve uma educação rígida, mas suas disposições hedonistas se sobrepuseram e aparecem vinculadas ao seu espírito aventureiro como, por exemplo, já ter morado em vários locais durante a adolescência, talvez tentando uma forma de sair da realidade e jornada dura de trabalho que teve na infância, em que suas disposições hedonistas não podiam ser colocadas em ação. Nesse mesmo sentido, na vida adulta, com a agência de viagens, dá continuidade a esse espírito livre e acompanha os seus clientes em muitas viagens. No entanto, possui também uma mescla com as disposições ascéticas, pois para manter todos seus empregos é organizado e rígido com os horários.

A disposição bilíngue se manteve presente na maior parte da vida de Márcio, mas teve alguns momentos em que foi inibida, mantendo-se, temporariamente em *estado de vigília*: quando vai para escola e passa a ser alfabetizado em polonês e de forma mais intensa quando vai para o seminário, momento em que acaba mudando as forças que agem sobre ele, pois passa a ter novas vivências e deixa, naquele momento, de falar o polonês. Esse período vivenciado em outro contexto acaba por ser frustrante e ele desiste do objetivo de ser padre: “eu não tinha estrutura psicológica naquele momento, eu fiquei muito deprimido e não sabia lidar com aquilo, acho que não fui bem orientado e aí pedi pra voltar pra casa e fui trabalhar e a vida seguiu”. No retorno para o ambiente familiar dá ênfase ao uso da língua e busca atualizar-se com um minidicionário que ganhou de uma freira. De acordo com Lahire (2005), só é possível inibir uma disposição, colocando em *estado de vigília*, se o ator singular possuir uma pluralidade de disposições e atravesse espaços sociais diferentes.

Compreender esses aspectos requer um retorno ao passado incorporado de Márcio a fim de entender porque a língua é fator que rege a sua vida profissional. Essas relações começaram, como ele mesmo evidenciou, na infância e existe uma relação de afetividade, devido ao fato do polonês ter sido sua língua materna, vivenciada no ambiente familiar. A subjetividade desses momentos vivenciados na infância ganha diferentes conotações no momento presente, mas podem ser interpretadas através da materialidade que a casa, tipicamente polonesa, onde

essas relações foram estabelecidas, representa para Márcio na atualidade. Segundo ele, “eu tenho muito a imagem da casa, assim, acho muito bonita e ela me vem muito viva, assim, e colorida e as flores da volta da casa, a casa tinha uma alegria, uma simplicidade que faz falta”. Dessa forma, o peso das relações diacrônicas são elementos constitutivos do modo de vida incorporado por ele no momento atual.

A teoria de Lahire (2004, p. 40) dá pistas para entender a importância que essa disposição representa para Márcio por ter sido criada na sua infância, na medida que, “o retorno ao passado incorporado e à variação diacrônica muitas vezes permite compreender melhor as variações sincrônicas constatadas e os novos contextos presentes que solicitam antigas experiências incorporadas”. É possível compreender que a importância da disposição para Márcio na atualidade e sua necessidade de colocá-la constantemente em ação, vincula-se a diversas mudanças e transformações que sua disposição passou em processo de atualização ao longo de sua vida, buscando no trabalho uma forma de dar legitimidade a isso.

Nesse sentido, no período em que fica longe dos bancos escolares tem muita vontade de retornar ao estudo e há também uma falta de materiais escritos na sua casa e isso repercute na busca incessante por atualização da língua e na objetivação disso através da construção de sua biblioteca pessoal: “nós não tínhamos um livro em casa. Eu te contei que uma vez nós fomos no Retiro e pediram para eu ler e eu não conseguia ler, assim. Nossa! Hoje eu tenho uma biblioteca e vejo como é fácil, não dá nem para acreditar que era assim”.

Também relacionado ao seu passado incorporado estão as dificuldades vivenciadas na infância que permitem compreender a constituição de disposições humanistas no contexto presente. Demostra o desejo de que pessoas do campo, que passam pela mesma realidade que ele próprio já vivenciou, possam mudar seus contextos através de iniciativas humanitárias. Segundo ele, “eu acabo me sentindo, que eu gostaria de ter tido essas oportunidades. Teve o padre que me ajudou na época e me convenceu a fazer a escola de jovens”. Devido as poucas oportunidades vivenciadas na infância, Márcio consegue refletir sobre as dificuldades das outras pessoas e tenta ajudá-las através de iniciativas populares, como os projetos Cinema Popular, Inclusão Digital e aulas voluntárias.

O período em que ficou longe da escola, devido a família não ter condições econômicas de pagar o ônibus para que se deslocasse do interior para a cidade de

Dom Feliciano tem relevância em sua vida e na forma em que encara o estudo quando consegue, aos 17 anos de idade, voltar a estudar: “Eu tinha muita ansiedade de voltar a estudar, tinha dificuldade de escrever porque eu não escrevia, as maiores dificuldades era, eu me lembro, todo mundo escrevendo rápido e eu devagarinho, mas consegui, sabe, voltei e superei isso”. Lahire (2004) explica que algumas frustrações passageiras ou duradouras podem reconstruir disposições inibidas, contrariadas ou contraditas por certas propriedades do contexto. A partir disso, é capaz de “encontrar os sinais ou sintomas de desajustes – ou contradições – mais ou menos bem vivenciados, entre as propriedades da situação (familiar, profissional, escolar...), [...] por outro, mostrar as vontades (disposições e competências) ou desejos ‘inibidos’” (LAHIRE, 2004, p.41). Dessa maneira, cabe destacar que o “desejo inibido” em estudar e poder frequentar a escola, devido suas condições econômico-familiares, irá repercutir, também, na sua busca por conhecimento, refletindo na atualização permanente da sua disposição bilíngue, vinculada a busca de melhoria nas suas condições sociais, eventualmente para não precisar (re) vivenciar as condições sociais da infância.

É importante frisar que os cantos apreendidos com sua mãe na infância enquanto ela desenvolvia trabalhos manuais com o fumo constituiu em Márcio um repertório individualizado que ele continua colocando em ação nas missas, principalmente nas festividades de véspera do Natal, quando esses cantos poloneses são entoados nas celebrações da igreja matriz. De acordo com ele:

> “Era um dos poucos serviços que ela (a mãe) fazia sentada, né, que ela tinha mais tempo, ficava sentada classificando fumo e conversando. Era um momento que eu tinha, que eu perguntava muita coisa pra ela e fugia da rotina, aprendi os cantos e sei até hoje”.

Para Lahire (2003, p.46), os repertórios possuem vínculo direto com experiências socializadoras do passado, eles ficam estocados em quadros delimitados sendo reativados de acordo com a pertinência contextual, que no caso de Márcio são as missas de preparação para o Natal quando esses cantos são entoados.

O fator contextual vinculado ao contexto imigratório repercutiu diretamente em suas condições econômicas-familiares. Residindo durante a infância na casa construída pelos bisavós que vieram da Polônia a família herda como modelo a

sobrevivência vinculada ao trabalho braçal na prática com a agricultura. Durante toda a sua trajetória Márcio tenta romper com as condições sociais históricas herdadas do período imigratório. Márcio é ciente dessas condições dos seus antepassados. Entender a busca por acesso ao conhecimento e a inserção na cultura escrita com atualização permanente da sua disposição bilíngue não pode aparecer deslocada dessa compreensão do contexto geral, que envolve a conjuntura histórico-político-social que marcou o final do século XIX, no Rio Grande do Sul com a inserção da cultura imigrante nessa região e que repercutirá no modo de vida que Márcio buscará romper ao longo da vida. O social dobrado de Márcio, individualizado, é reflexo do social no seu estado desdobrado e confirma a afirmativa de Lahire (2005, p.33), de que “a apreensão do singular passa necessariamente por uma compreensão do geral, e poderíamos dizer que não há nada mais geral do que o singular”.

## 3.4. Leônia BYSTRONSKI

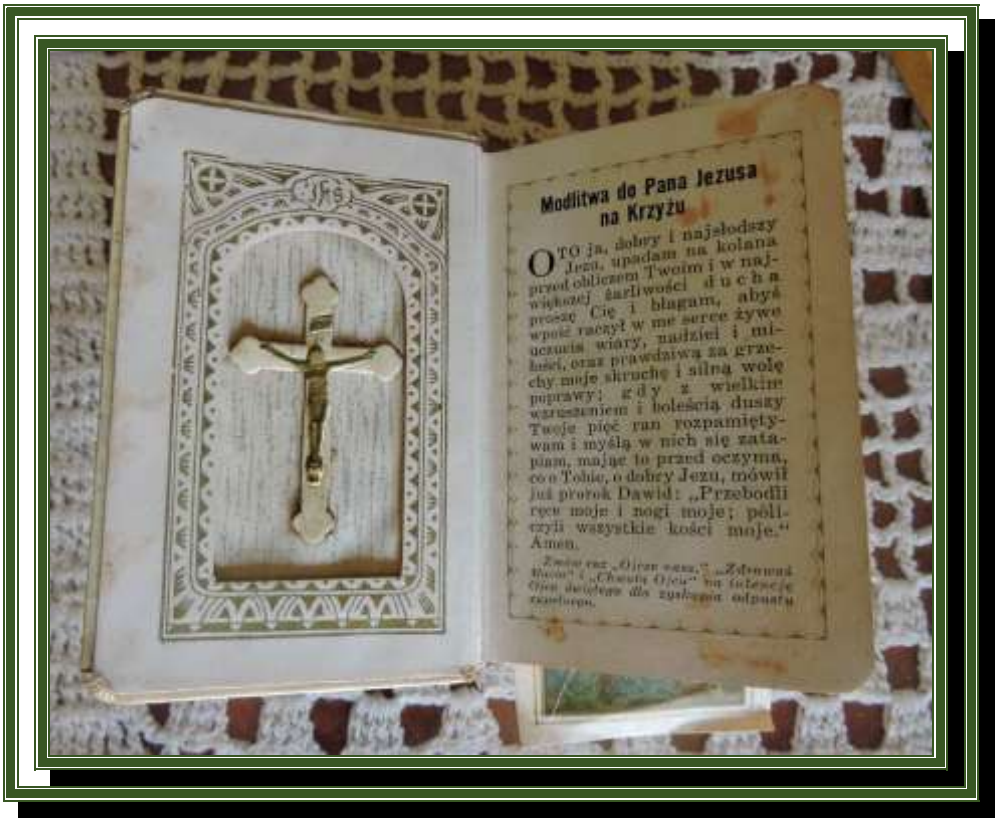



**Figura 21**: Livro de orações em polonês herdado da avó de Leônia, o qual pertenceu aos bisavós imigrantes.
**Fonte:** Autora, 2016.

Leônia participou da entrevista por acaso, pois quem seria entrevistado seria seu pai pertencente a 2ª geração de descendência polonesa, mas devido a idade avançada e por problemas de saúde não teve condições de responder os questionamentos e logo a família comentou que, talvez, Leônia pudesse ajudar. De início já ficou evidente um caráter solidário da família em não deixar de cumprir um compromisso, mesmo que esse não fosse oficial. Com a “nomeação” de Leônia pela mãe e pela irmã ficou evidente também que ela é tida como referência para a família no uso da língua polonesa. Leônia tem 58 anos, pertence a 3ª geração, é professora da rede estadual de ensino, com graduação em Letras e pós-graduação em Pedagogia Gestora e residiu sempre na cidade de Dom Feliciano.

Foram realizados dois encontros com ela, em março e julho de 2016. A primeira entrevista ocorreu na casa dos seus pais, eles estiveram presentes durante todo o tempo, sua irmã também estava presente em boa parte da entrevista. A entrevista durou por volta de uma hora, foi relativamente rápida, havia uma objetividade nas respostas que não davam margem para novos questionamentos, o motivo era que Leônia tinha horário para ir na igreja ensaiar cantos e não queria se atrasar, logo no primeiro contato já ficou evidente a importância da participação religiosa em sua vida.

A segunda entrevista ocorreu na casa de Leônia, ela estava sozinha, com tempo disponível e notei uma maior abertura para responder aos questionamentos. Talvez a presença das pessoas da família e o horário cronometrado o tenha inibido, na primeira vez, de responder determinadas questões. Ficou claro, na segunda entrevista, que ela tem certo constrangimento em falar ao público e não gosta de ser observada, que seria decorrente de um trauma de infância, em que foi obrigada a declamar um poema polonês. Nos locais em que trabalha com o público, na igreja e na escola procura sempre ter algo preparado, pois não gosta de improviso e isso caracteriza traços de sua personalidade. Leônia não mantém a língua no espaço doméstico, pois seu marido, mesmo sendo polonês, não gosta de falar, o que fez com que silenciasse a língua no período pós-casamento, mantendo-a como uma prática recorrente somente no contato religioso, através da leitura e dos cantos poloneses que canta na igreja. Em seus relatos há uma vontade aparente que os filhos sigam o caminho cristão por ser também uma tradição familiar.

### 3.4.1. Uma disposição vinculada à religião, na gênese e na ação.

Leônia é proveniente de uma família que sempre manteve a língua polonesa no ambiente familiar, neta de avô comerciante, dono de um dos primeiros comércios da cidade, teve uma infância de vivências nesse espaço em que o avô lia muito em polonês e falava com os seus clientes em polonês. Segundo ela:

> "Os meus avós sempre falaram em polonês, o avô foi quem preservou mais a língua polonesa, ele era um leitor assíduo, lia romances em polonês, assinava o jornal "*Lud*", que significa povo em polonês e ele lia constantemente, eu lembro dele na loja lendo. Então com o avô eu conversava sempre em polonês, desde pequena, eu que aprendi polonês desde pequenininha, eu só falava polonês, até um certo tempo eu chegava na loja e as pessoas se admiravam que eu só falava em polonês".

Quando foi para a escola e se alfabetiza em português passou a não utilizar o polonês como língua principal. No entanto, no contato com os avós ela mantém o vínculo de falar em polonês em todas as fases da sua vida e fica evidente a importância do fator geracional para a manutenção da língua, pois quanto mais próximo é a descendência com os imigrantes, mais intenso é o uso da língua.

Por falar basicamente em polonês desde a infância Leônia era referência na cidade no uso da língua e recorda de um trauma da infância devido ter sido obrigada a declamar um poema em polonês para uma autoridade da Polônia que veio para Dom Feliciano. Segundo ela, "o padre José veio atrás de mim para eu declamar um poema em polonês, meu deus, foi um terror, eu chorava, não queria, mas tive que decorar o poema em polonês e acabei apresentando isso, faz muitos anos atrás".

Na adolescência mantém o vínculo de falar com os avós em polonês e isso continua na vida adulta até eles falecerem. Depois disso, sem ter mais uma ligação familiar tão próxima com a língua, ela faz um curso de idiomas oferecido na Casa da Cultura e do Imigrante de Dom Feliciano, com uma professora que veio da Polônia. Ao todo foram três anos de curso, com o uso da gramática polonesa, um curso considerado por ela difícil, mas Leônia salientou que não conseguiu utilizar de forma prática esse conhecimento no dia a dia, porque no contexto no qual está inserida não tem como fazer as relações aprofundadas no curso, mas que mantém o vínculo atualmente com a igreja: "mas eu ainda continuo mantendo essa relação com a língua através da igreja, nas missas em polonês, nos cantos em polonês, nas

festividades de Páscoa, Natal são as principais, a gente tem os cantos natalinos que são “Kolend[65]”, tem os cantos marianos”.

Os seus pais não falam o polonês com a mesma intensidade que os avôs falavam, Leônia destacou que falam algumas coisas em polonês. Já ela entende tudo o que é falado na região de Dom Feliciano, mas quando vem alguma pessoa da Polônia tem dificuldade em entender porque a língua deles é diferente, segundo ela é atualizada.

Leônia tem convicção, pelas vivências que possui no uso da língua e pelo curso de gramática que fez, de que a língua polonesa em Dom Feliciano é antiga. “A nossa é do século passado”, diz ela, e em outra entrevista acrescenta: “a gente não atualizou e os termos que a gente sabe já estão em desuso”. Ela diz ter notado essas modificações devido a professora polonesa não saber o significado de várias palavras que os alunos falavam e questionavam. Dessa forma, o grupo de alunos se entendia melhor entre eles do que com a professora.

Leônia teve bastante influência com a língua através de uma tia que foi para Congregação das irmãs polonesas e recorda que nas férias, durante sua infância, quando ia para a casa dos avós maternos, que residiam no interior do município, tinha contato com essa tia que a ensinou os cantinhos poloneses.

Mais tarde, como professora, recorda ter ensinado esses cantos aos alunos: “quando teve a comemoração da imigração polonesa aqui em Dom Feliciano, teve um momento cultural que eu ensinei aos meus alunos e eles cantaram os cantinhos em polonês, então quando tem alguma coisa a gente resgata alguma coisa que ficou”.

Durante os relatos é possível perceber que Leônia sempre faz relação com a cultura polonesa em sala de aula, aborda algumas palavras em polonês e seu significado com os alunos, mostra a eles como se pronuncia seus sobrenomes em polonês, ensina cantos poloneses e religiosos aos alunos, ou seja, sua prática como educadora não está dissociada das suas experiências com a língua.

Alguns cantos poloneses, sem ser os natalinos, foram aprendidos no contato com o avô e Leônia, atualmente, por cantar esses cantos na igreja, segue desempenhando o mesmo papel que ele desempenhava. De acordo com ela:

---

[65] Os Kolend, tradição de entoar os cantos natalinos era realizado pelo padre na casa dos paroquianos no dia de reis.

> “O meu avó cantava os cantos poloneses, tem um canto que é muito triste “*Lágrimas Amargas*” na época da Quaresma que ele cantava e eu não canto, é muito arrastado, [...] e esse canto do “*Godzinki*” o padre Ivanor quando veio para cá ele resgatou e aí ele colocou no primeiro sábado de cada mês e aí ele nos trouxe um cedezinho, nos mostrou e a gente aprendeu no grupo, com o grupo, no início o Paulo Sérgio tocava junto e agora a gente canta assim sem música, mas é só um grupinho de quatro, cinco que cantam, minha tia reza parte da oração que é recitada e a gente canta as estrofes juntas e tem umas partes que eu canto sozinha e eles respondem”.

De acordo com Leônia, esse canto em polonês é cantado no primeiro sábado de cada mês e significa “Horinhas para Nossa Senhora” e são sempre as mesmas pessoas responsáveis por entoar esse canto que, no caso, é Leônia, a mãe dela, uma tia e uma amiga da família, ou seja o canto é entoado, basicamente, pela família de Leônia e se constitui em uma tradição aprendida com o avô paterno que era muito religioso e cantava esse canto na igreja. Ela comenta que o material do canto é reproduzido em folhas que ficam na igreja, mas que a maioria das pessoas não sabem ler e pronunciar porque é um canto antigo. Posteriormente, investigou-se essa tradição do canto polonês na família de Leônia na categoria repertório, pois em momentos diferentes de sua trajetória ela os coloca em ação e é consciente da herança no processo de aprendizagem: “aprendi de ouvir o vô cantando, nunca me esqueço e até me chamou a atenção depois que o padre ensinou quem ficava a frente de tudo era eu porque sou eu que puxo”.

Os cantos natalinos, que se encaixam também na categoria repertório, foram ensinados pela sua tia que participou de uma congregação polonesa, com intuito de tornar-se freira. Leônia recorda que essa tia cuidou dela quando era pequena e então possuem laços bem próximos: “ela escreve em polonês, ela sabe ler. Agora ela mora em Santa Cruz [cidade gaúcha], ela está completamente desligada, ela casou, teve filhos, o marido já morreu”. A intenção da família era realmente que os filhos seguissem o caminho religioso. Leônia aprendeu os cantos natalinos, “cantinhos” como ela mesmo fala, com essa tia que vinha para Dom Feliciano com uma irmã e dava aula para as crianças na creche, como Leônia as acompanhava, acabou aprendendo.

Leônia não recorda do contato com os bisavós que vieram da Polônia, as lembranças que possui são muito vagas. Tem lembranças do bisavô materno que residia no campo, mas consegue lembrar que eram muito religiosos e que esse

bisavô fazia algumas profecias na família. Ela teve maior contato com os avôs e recorda que os maternos tinham oratório onde ela também rezava:

> “Então eles tinham oratório, rezavam e a gente joelhava e rezava junto. Então teve muito essa espiritualidade, muito forte na família. O meu avô era sagrado, aquela roupinha de domingo, sexta-feira já para cantar esses cantinhos, ele botava os livrinhos debaixo do braço e minha avó e iam direto para a igreja, então era assim. Eu lembro disso, me marcou”.

A religiosidade foi muito marcante na família, tanto os avós maternos, que tinham a prática de rezar no oratório todos os dias, quanto os paternos, que eram fiéis assíduos da igreja e dos quais ela herdou o livro de cantos. Leônia reproduziu esses cantos para que demais pessoas pudessem acompanhar essa tradição familiar que hoje é mantida como uma prática religiosa e polonesa nas missas de sábado na igreja matriz.

O modo de vida dos avós paternos acabou influenciando na vida cotidiana de Leônia, tanto no uso de sua disposição bilíngue, voltada para a religiosidade, quanto pelo seu modo de ser, pois herdou valores vivenciados com seu avô: “o avô era muito exigente sabe, ele era muito assim puritano, sabe, coisas muito assim do pudor”. Leônia comenta que atualmente tenta levar com mais naturalidade certos temas como a homossexualidade, a virgindade, mas que na sua juventude eram tidos como tabus. Dessa forma, há uma prática religiosa recorrente na família que irá repercutir em um modo de vida específico e a uma maneira particular de pensar e agir, de acordo com a crença da igreja católica. Nesse sentido, Leônia apresenta o que Lahire (2006, p. 181) chama de “homogeneidade de práticas”, ou seja, ocorre a existência de *habitus* culturais enquanto “sistemas coerentes de disposições”. Dessa forma as disposições culturais de Leônia para crer (vinculadas ao caráter religioso) são coerentes com suas disposições para agir (as que se relacionam com o senso prático vinculado ao uso da língua polonesa na igreja). Isso ocorre de forma transponível em uma esfera do social, no caso religioso, mas não quer dizer que não ocorra esquemas de ações heterogêneos, em outros espaços que ela vive.

Ainda sobre esses momentos compartilhados em família, no contato com os avós paternos, Leônia destaca que:

> “[...] eu tinha esse respeito dele e ele vivia nos ensinando, assim, a língua polonesa, ele vivia puxando conversa, eu acho que te falei da outra vez, ele queria, ele ficava conjugando os verbos atrás de mim, só que na época eu

> não dava importância. Depois eu fiz o curso, se ele estivesse vivo ele me ajudaria. Mas mesmo assim, eu sempre conversava com ele, ele sempre puxava a história da Polônia para contar pra todo mundo. Então a gente estava sempre ouvindo e na loja quando já não trabalhava ele conversava muito com as pessoas, ele gostava de falar sobre isso".

O sonho de seu avô era viajar para a Polônia e ele conseguiu concretizar fazendo isso em uma viagem com padres poloneses que estavam em Dom Feliciano. Leônia recorda que tem alguns objetos de recordação que ele trouxe nessa viagem e que ela os guarda como memória dos momentos de aprendizagem da língua que vivenciou com ele.

O contato com a avó também é muito significativo para Leônia que lembra das broinhas de milho que ela fazia e chamava os netos para comer pronunciando em polonês. Recorda também que a avó tinha um espírito caridoso, de vender muitas coisas fiadas no armazém para pessoas que tinham poucas condições e não anotar no caderno de contas para o avô, que era mais organizado, não ficar sabendo. Seu avô também desenvolvia esse espírito caridoso de forma prática de uma outra maneira:

> "Ele era muito generoso, não sei se te contei, ele praticava o evangelho na vida dele, eu digo, hoje a gente não faz nada disso. O vô se alguém estava com bicheira, que as vezes as pessoas, naquele tempo, pegavam nas casas porque tinha sujeira, aqui nesse morro, ele ia, ele queimava tudo, trocava as roupas das pessoas, levava alimento e ajudava".

Relembra que, em épocas de Natal, o avô distribuía cestas para as pessoas carentes. Dessa forma, Leônia vivenciou na infância uma forte presença religiosa no ambiente familiar, com atribuição pelos avós do caráter teórico-prático das doutrinas que a religião católica prega. Assim, ela utiliza essas vivências no seu cotidiano através da disposição bilíngue voltada para a religiosidade, o que acaba por reger suas esferas da vida social, sendo uma pessoa que está sempre disposta a ajudar o próximo como foi visto com a questão da entrevista.

No contato com os avós paternos e maternos, ocorreu a aproximação de Leônia com as vivências religiosas e esses relatos são marcantes para ela, porque são recorrentes em todas as entrevistas.

Com os avôs paternos, por residirem muito próximos da sua casa, o contato era maior; já com os avós maternos era reservado o período de férias escolares para ficarem juntos. Mesmo sendo períodos de curta duração há uma intensidade na

rememoração desses momentos compartilhados com eles e havia uma espera, na infância, por esses momentos:

> “Tinha que dar comida para os porcos, a gente brincava muito naqueles campos onde tinha as vacas, olhava eles tirarem leite. Então, era bem gostoso e tinha também de noite aquela questão da oração, né, do oratório. Lá com aqueles eu rezava porque a gente posava lá, então fazia a oração junto, rezava à noite, ajoelhava, orações do terço e tinha aquele oratório todo”.

Pelo relato é possível entender o contexto em que seus avôs viviam no início do século passado, com uma economia de subsistência vinculada à agricultura, uma vida simples no campo e uma forte religiosidade mantida no ambiente familiar.

A mulher polonesa, nesse contexto, aparece à frente do seu tempo, como uma “mulher multitarefas”, que é responsável pelo gerenciamento da propriedade, pela criação dos filhos e no cotidiano desenvolve as tarefas, tanto domésticas como as da lavoura: “no meio da noite minha avó corria atrás dos animais, no tempo, ela ficou muito doente porque ela ficava no rigor, ela tinha que consertar as cercas, ela era Maria José, homem e mulher, e ela era, bah, bem ferrenha assim”.

Em outra entrevista, abordando a questão da língua, ela enfatiza essa personalidade da avó, considerando que é uma característica comum em muitas famílias: “o meu avô era mais quieto, a minha avó que falava alto. Ela era tipo aquelas polacas mandonas e tem muito dessas polacas bravas, mandonas, tá cheio dessas, de caráter e personalidade forte, elas comandam o lar”. Leônia também recorda que mesmo residindo no campo sua avó vinha sozinha para a missa:

> “A avó vinha de faite para a missa, sempre a religião muito presente. Eu lembro de tempos de Natal quando a missa era meia noite, então a gente ficava acordado até a missa e vinha aquele barulho aqui na ponte, a ponte de madeira, as pessoas vindo de carroça, eu me lembro muito bem desses detalhes. Todos vindos, porque vinham muito do interior para a missa a meia noite”.

Quando passava as férias na casa desses avôs recorda dos cafés da manhã muito cedo e fartos, consumindo o que era produzido na propriedade. Lembra-se que levava café para o avô na lavoura e que eram dois cafés antes do almoço, que a avó preparava para ela levar. Ao chegar na lavoura ajudava a juntar milho e feijão que era o que eles plantavam na época. No almoço não poderia faltar os pratos tradicionais poloneses que eram apreciados por toda a família:

> "Era a *czarnina*, sempre né, os *pirogue*, essas coisas bem tradicionais, mas era mais a comida caseira. As cucas, né, os pães no forno, essas coisas, as cucas que são coisas bem tradicionais, era assada naqueles fornos redondos, de barro e de tijolos, que é bem tradicional. Essa daqui também fazia no forno e ela assava pra todo mundo as cucas, as carnes e aqueles pãezinhos. Então, era assim uns pãezinhos redondos bem altinhos, um coladinho no outro e todo mundo saía correndo pra pegar o seu pãozinho, isso eu me lembro".

Havia um prato chamado "*Barszcz*[66]", sopa de beterraba, com costela de porco, que Leônia recorda que sua avó que residia no campo fazia, lembra que sua mãe fazia algumas vezes, mas atualmente ninguém mais prepara esse prato, ou seja, algumas tradições, muito particulares, foram se perdendo ao longo do tempo.

De maneira geral, cabe destacar que há uma especificidade no modo de vida das famílias descendentes de poloneses em que as tradições não são mantidas em celebrações específicas, mas no cotidiano familiar e isso acaba por fortalecer o sentimento de pertencimento à cultura polonesa, fazendo com que a língua se perpetue por mais tempo nesses espaços.

Quanto à educação na família materna, os filhos foram muito incentivados a seguir a doutrina religiosa, com o intuito de que se tornassem padres e freiras. A mãe de Leônia não foi enviada para o convento devido a família considerar seu pai uma pessoa boa para ela se casar, a família, assim, consentiu o casamento dela quando tinha 15 ou 16 anos. No entanto, Leônia recorda que o desejo de sua avó era de que todos fossem religiosos. Ela herdou esse desejo familiar de que os filhos sigam o evangelho e os filhos expressarão essa disposição para crer de sua mãe, herdada da família, de uma outra maneira como analisou-se a seguir.

A relação de participação de Leônia na vida religiosa iniciou na infância e esse esquema de ação é constantemente reativado na vida adulta. Ainda mesmo na infância, ela foi convidada a declamar um poema em polonês e como citado anteriormente, isso foi um marco na sua vida por não se sentir plenamente preparada no uso da língua e por ser uma característica própria da sua personalidade, não querer se expor em público. Segundo ela:

> "Eu não gostava de me expor, eu lembro que desde que eu participava na igreja, o padre José andava atrás de mim e as irmãs sempre para eu ler

[66] Escrito conforme o dicionário polonês/português.

> leitura e eu sempre me negava, eu tinha vergonha, eu ficava nervosa, eu era muito nervosa, nossa família é assim e aí eu sempre me esquivava, mas eu não deixava de fazer, eu fazia porque eu não sabia me negar, mas no fundo eu não queria, mas no fundo essa semente foi plantada e eu tô aí".

Leônia sempre comentou que o seu pai sabe muito sobre o processo de formação da cidade de Dom Feliciano, mas não gosta de dar entrevistas por receio de dar uma informação incorreta, ou seja, há uma cobrança individual em busca da perfeição e Leônia irá se portar da mesma maneira que seu pai. Quando aborda suas atribuições como professora de Português e corretora de Gramática nos trabalhos isso fica evidente: "quando a responsabilidade recaí sobre mim eu sempre fico meio com o pé atrás, até hoje assim e tenho medo, mesmo sendo professora de Português, eu tenho medo que alguma coisa ainda falte quando eu faço revisão". Há uma busca pelo perfeição no trabalho, o que acaba por gerar essa cobrança por parte dela.

Quando Leônia se casou passou a frequentar efetivamente a igreja, pois é convidada pelo sacerdote a fazer parte da Liturgia e desde então participa das celebrações desempenando essa função, levando essa atribuição com muita seriedade, pois organiza o repertório de cantos e orações em polonês em pastas e faz cópias desse material para que demais pessoas, durante a missa, possam ter acesso a isso. O empenho em participar das atividades da igreja, com rigidez nos horários e na organização do material a ser disponibilizado aos fiéis, foi responsável por ocasionar atritos com seu cônjuge:

> "Eu disse: olha, isso tu não me proíbe porque eu não vou abrir mão, eu me impus e eu sempre participei. Eu tava grávida participando, eu tinha as crianças pequenas e participava, ele cuidava e eu continuava, desde que entrei eu nunca mais saí, já se passaram não sei quantos padres por mim e eu sempre respeitei porque eu fui ensinada a respeitar os sacerdotes".

Leônia sempre acrescentou que essa participação é muito importante em sua vida, pois cresceu mantendo esse vínculo ativo e ela vê suas atribuições religiosas da mesma forma que um emprego remunerado: "[...] eu sempre tenho que ir antes, eu preciso ver algumas coisas, tenho que ensaiar algumas coisas, tenho que conseguir as pessoas para algumas coisas, eu sempre sou a primeira e as vezes a última a sair". Essa questão de dispor muito tempo para a igreja acaba, de certa forma, incomodando o marido. De acordo com Lahire (2006, p. 405), ocorre uma

interferência e até mesmo variações nas disposições depois dos casamentos e, segundo ele, “os retratos individuais trazem à tona casos de vidas culturais sob influência conjugal”. Leônia não cede a pressão do esposo para diminuir ou mesmo deixar de participar na vida religiosa, mas, no contexto do casamento, não consegue manter a disposição bilíngue no espaço doméstico como fazia quando era solteira e morava na casa dos seus pais.

Esse espírito de doação de Leônia para com a igreja é muito intenso e ela coloca essa participação em primeiro plano em sua vida: “eu sou muito crente, então o que eu tenho que fazer para os outros eu faço, no último, as vezes em detrimento das coisas de casa”. Na sua vida de professora ela passa pelos mesmos problemas, pois é muito organizada e possui o raciocínio rápido e, muitas vezes, segundo diz, os alunos não conseguem acompanhar a rapidez com que expõe seus conhecimentos: “eu não vou para aula sem estar com tudo organizado, não vou para a missa sem saber todos os cantos”.

Diz que essa organização não ocorre no espaço familiar, pois com a vida agitada que têm acaba não tendo tempo de manter uma rotina organizada na família e isso repercute em alguns espaços da casa. Segundo ela, “com meu material em casa, aquela peça ali é a peça da bagunça, só eu me acho, é folha, papel e livro para tudo quanto é lado, só eu indo lá e vendo onde é que botei, aí eu não acho as coisas porque eu largo em outros lugares”. Leônia ressalta que não é organizada também com os afazeres domésticos e como consequência disso não tem tempo de preparar um cardápio e acaba improvisando, na maior parte das vezes seu marido fica responsável pela preparação da comida. Ela somente é organizada quando recebe visitas e mesmo assim salienta que não gosta de ser avaliada: “e aí se tem alguém me olhando eu derrubo tudo (risos) ninguém pode estar me olhando, se não eu já começo a derrubar tampa de panela, queima e é um horror, eu não sou organizada para a cozinha”. Aqui fica evidente que Leônia não gosta de ser avaliada, da mesma maneira que ocorreu na sua infância em que teve problemas em razão de ser obrigada a declamar um poema polonês em público. Ela diz que carregou esse trauma para a vida adulta, mas que não deixa de fazer parte de uma característica de sua personalidade. Lahire (2003) citando Pierre Naville, enfatiza que a personalidade é consequência das atividades reveladas pela observação direta do comportamento durante um período bastante longo para fornecer certos

dados, ou seja, ela é “apenas o produto final dos nossos sistemas de hábitos” (LAHIRE, 2003, p. 29).

Na atuação em sala de aula também não consegue dissociar sua atuação da prática religiosa:

> “Qualquer coisa do meio ambiente eu me lembro que tudo é sagrado e que se seguissem o que Deus pede desde o início da criação não existiria nada disso. Eu sempre faço relação diariamente, eu rezo sempre. Então isso eu coloco para os meus alunos, né? Eu não sei ficar sem essa espiritualidade, então é isso”.

Além da sala de aula, Leônia trabalha também com traduções do português/polonês e vice-versa, no entanto, sempre ressaltou que tem algumas dificuldades com a gramática. Assim, ela vai buscando apoio para interpretar o que não consegue: “um pouco eu sei, alguma coisa eu pergunto para o pai, se é muito difícil eu pergunto para o padre, eu tenho dicionário, eu vou vendo os recursos que eu tenho”. Leônia também pedia auxílio para as irmãs polonesas quando elas residiam na congregação das irmãs Bernardinas em Dom Feliciano, mas sua atuação junto ao hospital não foi mais mantida pela paróquia e elas retornaram para a Polônia. Através do contato com essas irmãs a língua também se atualizava e era possível aprender cantos e introduzir novas palavras ao vocabulário polonês. Leônia ressalta que algumas pessoas confessam em polonês ainda, mas é raro, e que a pessoa que mais sabe falar em polonês é o padre, que é natural da Polônia[67], mas que ela, pela demanda de trabalho, não tem muito tempo de fazer essas trocas com ele como fazia com as irmãs polonesas. Dessa forma, não podemos dizer que a língua se manteve estagnada desde a vinda dos imigrantes para a região, pois existem trocas, mesmo que não atinjam todas as pessoas da comunidade, elas ocorrem de forma frequente com pessoas que estão ligadas a religiosidade e ao contato com a igreja.

Leônia ressalta que a cerimônia do “*Oplatek*” é uma tradição realizada no espaço familiar e que ela também participa desse momento realizado na Casa da Cultura:

---

[67] Os padres da paróquia Nossa Senhora de Czestochowa são poloneses. Se mantem esse hábito desde a imigração polonesa para a região.

> "Isso também tem na casa da cultura, a gente vai com o grupo e canta, tem todo um cerimonial. A gente faz em casa também, porque o padre distribui, então no Natal a gente se reúne com toda a família e aí a gente primeiro faz um momento de oração, depois a gente divide o pãozinho com todos, primeiro o mais velho dá um pedacinho para cada chefe de família, ele distribui para a sua família e depois vão se trocando e desejando que se encontrem todos no próximo ano e depois das orações, a gente põe cantos e começa a fazer a ceia e a gente faz mais os menos cedo porque depois a gente vai para a igreja, então a gente não faz muito tarde".

A família mantém a tradição de se corresponder com os familiares poloneses através da troca de cartões de Natal. Nessa correspondência é enviada também a hóstia para ser compartilhada nessa cerimônia e eles enviam também a hóstia e os desejos de boas festas para a Polônia, há uma ligação familiar que ainda é mantida. Nessa cerimônia são entoados os cantos natalinos: "cantamos "*Hoje em Belém*", "*Vamos todos a arvorezinha de Natal ou pinheirinho*", "*Em alta noite*". São cantos bem tradicionais". Esses cantos são os mesmos entoados na cerimônia da Casa da Cultura. Essa tradição dos cantos natalinos e da cerimônia do "*Oplatek*" analisou-se, posteriormente, na categoria repertório.

Quanto a infância, não há momentos marcantes na sua trajetória vinculados a vida escolar, eles possuem ligação com as vivências familiares, como já foi ressaltado. Ela estudou sempre na cidade de Dom Feliciano e quando concluiu o então Curso Ginasial foi fazer o Curso de Magistério, na cidade gaúcha de Encruzilhada do Sul[68] e enfatiza esse momento, não como marcantemente vinculado ao estudo, mas como um momento difícil em que teve que deixar de morar com a família.

A família, os pais e os avôs paternos, tiveram dificuldade em aceitar sua mudança para outra cidade, Encruzilhada do Sul, para estudar, pois não era comum os filhos saírem de casa nessa época. No entanto, ela teve muita ajuda dos pais quando esteve fora de casa: "eu mandava carta todos os dias e eles me mandavam caixinha todos os dias com coisas boas, o que eu precisava de trabalho o pai já me mandava as coisas pesquisadas, assim. Eles me deram todo o assessoramento".

Mesmo morando longe de casa a relação com a família continua de forma muito intensa. Após esse período, ela vai cursar o ensino superior, o curso de Letras, na cidade de Camaquã[69]. Após, fez um curso de pós-graduação à distância,

---

[68] Município gaúcho distante, aproximadamente, 65 km de Dom Feliciano.
[69] Município gaúcho distante, aproximadamente, 45 km de Dom Feliciano.

em Dom Feliciano, e, atualmente, está finalizando o curso de Teologia, ou seja, os estudos e a aprendizagem é constante em diferentes fases da sua vida.

A respeito das aprendizagens da infância recorda de um senhor que dava aulas em polonês no antigo Clube Rio Branco e como Leônia falava em polonês ele a inscreveu em um programa para receber material de auxílio: “e eles me mandavam muito, mandavam cartas, só que eu nunca quis respondê-las porque eu não sabia, eu achava difícil e eu tinha medo de pegar responsabilidade e não era aquilo que ele disse”. Até os dias atuais ela não gosta de falar em polonês com pessoas que vem da Polônia, pois se sente insegura em relação ao uso correto da língua.

As disposições para crer de Leônia foram repassadas de forma involuntária para seus filhos, pois eles apresentam vínculo religioso de uma outra maneira, não pela participação assídua na igreja como a mãe. A filha, de 27 anos, cursa Letras e é uma leitora assídua de literatura religiosa. Segundo Leônia:

> “Ela sabe muito mais que eu, ela sabe tudo dos santos, ela leu tudo, mas foi um processo de conversão que ela teve, porque aqui ela participava das coisas de apresentação e tudo e ela ia meio na obrigada, mas ela participava das coisas e quando ela foi para Porto Alegre, ela começou a fazer cursinho e começaram a falar mal da igreja, aquela coisa, né, falta deus em toda a parte e aí ela sofria muito porque ela via o meu exemplo e via que não tinha a mesma fé que nós e aí eu comecei a rezar muito, muito, muito para ela se converter e amar a igreja”.

O processo de conversão que ela comenta refere-se ao período em que a filha não acreditava na igreja e depois, através da literatura e da participação na “*Opus Dei”*, passou a aceitar a religiosidade como parte de sua vida.

O filho, atualmente, com 30 anos de idade, também incorporou as disposições para crer da mãe e participa da parte litúrgica nas missas, de acordo com Leônia: “bah ele tem todo o perfil para ser padre, mas na infância a gente não investiu nisso, ele tem perfil, mas não tem vocação. A gente fala e ele não quer e então não dá para forçar”. Aqui fica evidente que os esquemas de ações de Leônia, herdados na família, são repassados para os filhos, inclusive o desejo de que os filhos sirvam à igreja. A seguir são analisados esses aspectos de incorporação pelos filhos, das disposições para crer, herdadas da mãe, sem contudo, apresentar relações com as disposições para agir ligadas ao bilinguismo.

### 3.4.2. Disposições para agir e para crer, *estado de vigília*, transponibilidade dos esquemas de ações, estilo de vida, repertório e dobradura do social.

Após a análise do perfil de Leônia fica evidente que suas disposições para crer - sua crença na igreja - irão conduzir sua vida social, através do vínculo que mantém com a religiosidade. Lahire (2005) distingue as disposições para crer e para agir, de acordo com ele:

> "É proveitoso distinguirmos as disposições para agir das disposições para crer, às quais podemos reservar o nome de "crenças". Estas crenças são mais ou menos fortemente incorporadas pelos actores individuais, mas não podem ser sistematicamente assimiladas a disposições para agir". (LAHIRE, 2005, p. 17)

O que Lahire (2005) explica é que nem todas as disposições para crer (crenças, hábitos mentais e discursivos) podem ser, sistematicamente, transformadas em disposições para agir (hábito de ação). Isso acontece porque, segundo ele, a maioria das disposições para crer estão ligadas a normas sociais produzidas, mantidas e difundidas pelas instituições como a família, a escola e a igreja, por exemplo, e dessa forma, não estão ligadas à constituição do indivíduo. Lahire (2005, p. 18) ainda acrescenta: "Mas a simples consideração das distâncias entre o que os actores dizem sobre o que fazem e o que podemos aprender sobre o que eles fazem através da observação directa dos seus comportamentos, permite pôr em evidência essa ilusão". Essa deformação com a prática, ressaltada por Lahire (2005), não irá compor a realidade de Leônia, pois ela conduz sua vida social, pessoal e profissional, mediada pelos ensinamentos religiosos ligados também ao bilinguismo. Isso ocorre de forma tão contundente que os seus filhos são os melhores exemplos de como ela conseguiu imprimir neles o reflexo de suas disposições para agir, na medida em que eles também constituirão disposições para crer, que irão ser manifestadas de uma outra maneira (através da literatura e da participação na Liturgia), sem contudo, colocá-las em ação, de forma prática.

Os filhos não terão essa relação prática com a disposição bilíngue e religiosa especialmente porque não sabem a língua polonesa. Lahire (2005, p. 18) explica que:

> “Quando estas crenças estão já constituídas, elas são mais ou menos confirmadas pela experiência corrente, mais ou menos sustentadas pelas múltiplas instituições (escolares, religiosas, políticas, médicas...), e a sua força varia em função do seu grau de constituição (aprendizagem), e depois de confirmação (sobre-aprendizagem)”. (LAHIRE, 2005, p. 18)

O grau de constituição da disposição religiosa nos filhos será, dessa forma, diferente das incorporadas por Leônia, porque ela teve, na infância, o contato com a língua polonesa, compartilhada com os avós, vinculada a religiosidade, por isso ela é capaz de manter a tradição das “Horinhas para Nossa Senhora”, o *Godzin*ki, e mantém os cantos natalinos, os *Kolend*, na igreja. Cabe destacar que essas tradições só são mantidas, ainda hoje, porque a constituição das suas disposições para crer estiveram ligadas a um *habitus* incorporado, que é capaz de ser ativado na igreja, porque ali ela encontra os mecanismos para colocá-los em ação, para torná-los hábitos de ação, pois é semelhante as condições nas quais ela aprendeu esses cantos na infância, junto ao oratório, na presença dos avós, em casa ou na igreja.

Cabe salientar que a filha de Leônia, quando começa a preparação para ingresso no ensino superior, colocará suas disposições para crer, herdadas da mãe, em desequilíbrio. Segundo Leônia. Lahire (2005, p. 18) explica essa ruptura que aconteceu: “mas, se é importante não pressupor logo à partida que uma crença é uma disposição para agir, é porque assim não poderíamos compreender fenômenos como a *ilusão*, a *frustração* ou a *culpabilidade* (ou a “má consciência”)”. Ou seja, a filha coloca a questão religiosa em “xeque”, porque existe uma distância entre as suas crenças e as disposições para agir.

Um dos motivos principais para que isso aconteça é que os filhos não sabem falar em polonês, em razão de Leônia não fazer uso da língua no espaço doméstico pós-casamento, pois seu marido não gosta de falar em polonês, como afirmou. Em consequência disso, a língua fica em *estado de vigília* no ambiente familiar e dessa forma não é transmitida para seus filhos. De acordo com Leônia:

> “Meu marido é polonês, mas nunca quis conversar muito em polonês e por isso eu não consegui manter e ensinar as crianças porque a gente não falava. Com ele que eu ficava a maior parte do tempo eu não tinha como praticar, eu vim com o polonês muito forte e parou. Quando eu estava fazendo o curso eu queria praticar e ele não quis saber”.

Isso acontece porque o contexto não é favorável para que a disposição incorporada seja ativada, ou seja, no ambiente doméstico, devido o marido não

gostar de falar, acaba por “ter o poder negativo de deixar no estado de vigília” (LAHIRE, 2003, p. 73). No entanto, em outros contextos, como na igreja, ocorre uma *transponibilidade dos esquemas de ações*[70] de Leônia, que foram herdados na infância. Lahire (2005) explica esse processo:

> A transferibilidade (de um esquema ou de uma disposição) é muito relativa, e a transferência opera-se tanto melhor quanto o contexto de mobilização esteja próximo, no seu conteúdo e na sua estrutura, do contexto inicial de aquisição. As disposições actualizam-se sempre sob condição”. (LAHIRE, 2005, p. 24)

Dessa forma, para que ocorra transferência é necessária uma similaridade com o contexto inicial em que essa disposição foi incorporada que, no caso de Leônia, é o contato religioso que teve na infância com os avós. No entanto, Lahire (2005, p. 24) adverte que não podemos generalizar, pois nem todos os esquemas de ações e disposições são transponíveis de uma situação a outra, pois além da mobilização da disposição é necessária semelhança com o contexto de gênese da aquisição. Nesse sentido, “é, de facto, a ideia segundo a qual os esquemas ou as disposições seriam *todos* e *em todas as ocasiões* transferíveis e generalizáveis, que coloca problemas”. Portanto, somente um estudo profundo sobre a socialização do indivíduo é capaz de tecer análises concretas se de fato houve transferência ou se estas disposições funcionariam da mesma maneira em qualquer outro lugar.

Além desses aspectos levantados, a vida religiosa de Leônia irá reger sua conduta pessoal, social e profissional, que serão norteados de acordo com os preceitos da igreja, caracterizando o que Lahire (2003, p. 22), embasado em Bourdieu (1979), chama de “estilo de vida”, que correlaciona-se com o aspecto unificador do *habitus*[71]*.* De acordo com ele, “o gosto, propensão e aptidão para a apropriação (material e ou simbólica) de uma determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula geradora que está no princípio do estilo de vida [...]”. Assim, não importa os diferentes processos de socialização que o indivíduo irá atravessar, mas a coerência de suas ações nesses espaços, no qual se mantém a mesma intenção expressiva, pois uma determinada visão de

---

[70] Aqui não se está utilizando esquema de ação e disposição como similares. O esquema de ação refere-se a todos os mecanismos incorporados pelo indivíduo ao longo dos seus processos de socialização, que torna possível que a disposição possa ser ativada.

[71] O conceito de *habitus* empregado aqui, na perspectiva de Bourdieu (2003) tem por função dar conta da unidade de estilo que une as práticas.

mundo é mantida. Lahire (2005) salienta, ainda, que esse modelo de interpretação individual não pode ser utilizado como parâmetro para o entendimento de toda uma sociedade, por exemplo, pois as forças que agem sobre um indivíduo não serão as mesmas em outro. Nesse sentido, “o que pode parecer terrivelmente homogeneizador num caso (a sociedade), parece incontestado no outro (o *habitus*, o estilo de vida) (LAHIRE, 2005, p. 24).

Assim, os esquemas de ações e as disposições incorporadas por Leônia nos seus processos de socialização compõem sua singularidade, que é necessariamente plural, pelas vivências que a compõem. Exemplos do seu estilo de vida, relacionadas à religiosidade e à disposição bilíngue, podem ser visualizadas na sua esfera profissional: “eu ensinei os cantinhos poloneses para os alunos e eles se apresentaram, [...] as vezes eu faço alguma relação com fonética e boto alguma palavra no começo da aula, as vezes eu falo em aula, uma palavra para mostrar a pronúncia”; também permeia sua esfera social: “[...] a gente sai para ajudar nas missas polonesas, teve uma vez que a gente foi para a assembleia apresentar cantos poloneses, quando tem algumas coisas desse tipo eu sempre participo”; sua esfera pessoal e a forma de viver em sociedade são dotadas de espiritualidade: “qualquer coisa do meio ambiente eu me lembro que tudo é sagrado e que se seguissem o que deus pede desde o início da criação não existiria nada disso. Eu sempre faço relação diariamente, com tudo, eu rezo sempre”.

A participação na vida religiosa desde a infância tendo como incentivadores os pais e os avós foi essencial para a formação do sistema disposicional de Leônia e dará o impulso para que esses esquemas de ações formados na infância sejam reativados na vida adulta, de uma forma muito particular, como ela mesma revela: “Isso faz parte da minha vida, eu não saberia viver de outra forma, é intrínseco”. É inerente porque está na origem do seu sistema disposicional e por isso ela precisa ativar esses esquemas em diferentes momentos da sua vida, mesmo que isso gere atritos com seu cônjuge, pela dedicação dispensada a esses momentos em que se faz presente na igreja, por exemplo. Nessa passagem Leônia revela o que Lahire (2003) diz ser o essencial para interpretar o sujeito em escala vertical, ser capaz de ir no princípio gerador das ações para conseguir entender “a fórmula geradora das suas práticas” (LAHIRE, 2003, p. 21). Isso somente é possível se levarmos em consideração os papéis interiorizados, de forma tão incisiva por Leônia, ao longo de

sua trajetória. Essas dobraduras sociais, vinculadas à vida de Leônia são singulares, resultado das experiências que ela viveu e interiorizou, pois suas irmãs, que conviveram no mesmo espaço de socialização, por exemplo, não desenvolveram a habilidade para falar polonês e isso confirma o que Lahire (2005) reitera em sua obra de que o espaço de socialização familiar apresenta exigências variáveis, com características variáveis, em que as diferentes gerações do grupo familiar são colocadas perante um leque de posições e de um sistemas de gostos e comportamentos diferentes, como consequência dos indivíduos "viverem experiências variadas, diferentes e, por vezes, contraditórias". Dessa forma, as pessoas ocupam posições diferentes no próprio universo familiar[72] (LAHIRE, 2005, p. 46)

As tradições familiares, como pode-se perceber, foram aprendidas no cotidiano familiar, como a cerimônia do "*Oplatek*" realizada no Natal; a tradição do "*Godzinki*", Horinhas para Nossa Senhora no contato com os avôs; os cantos de Natal ensinados pela sua tia. Dessa forma, são tradições que mesmo ganhando, atualmente, o espaço público tiveram como origem o espaço familiar, o que acaba por fortalecer o vínculo com a descendência polonesa e faz com a língua se mantenha por mais tempo no espaço familiar.

Essas tradições podem ser analisadas através da categoria repertório pois, segundo Lahire (2005, p. 47), esses "conjuntos abreviados de experiências", construídos por cada indivíduo em momentos de socialização anteriores não são necessários em todos os contextos. No caso específico em análise, os cantos de Natal e a cerimônia do *"Oplatek*" estão relacionados a tradição religiosa de nascimento de Jesus que se comemora no Natal e possui como desencadeador essa data festiva para os católicos, em um momento em que a família se reúne, confraterniza e celebra, além do Natal, uma tradição que foi trazida pelos imigrantes poloneses.

[72] Lahire (2005) destaca que existe vários exemplos e contra-exemplos da heterogeneidade de experiências múltiplas que ocorrem no seio familiar: um pai analfabeto e uma irmã na universidade, irmãos e irmãs com êxito escolar e outros com insucesso, etc.

Dessa forma, não é em qualquer contexto social que esses sistemas de hábitos incorporados no passado são efetivados, eles ficam estocados[73], aguardando condições favoráveis para que possam ser mobilizados novamente. Não há como dissociar aqui a presença do passado no presente e a questão da temporalidade/espacialidade vinculadas a um *habitus* familiar religioso interiorizado por Leônia, que foi capaz de compor um "***stock"*** de esquemas de ações que ativa repertórios específicos de acordo com a situação, repercutindo na sua prática religiosa, mas que pela intensidade de apropriação dessas disposições repercutem em diferentes esferas da sua atuação. Portanto, o social dobrado individualizado em Leônia, sofrerá interferência da matriz sociológica familiar e também da instituição religiosa que irá repercutir na sua constituição pessoal e, consequentemente, na sua forma particular de interagir com o mundo e agir sobre ele. Nesse sentido, suas vivências, vinculadas à socialização passada, estão na gênese da constituição das suas disposições para crer (a crença religiosa) e das suas disposições para agir (vinculadas ao uso prático da língua polonesa), que são postas em ação em contextos de atualização variados, pois os meios de interação modificam-se e a transformam constantemente, colocando em evidência que a singularidade de Leônia só pode ser percebida se for considerado os diferentes cenários pelos quais ela atravessou.

[73] Lahire (2005, p. 46) utiliza a metáfora do *"stock*", do armazenamento para explicar que como no mercado um conjunto de mercadorias ficam separadas em locais diferentes. Da mesma forma, os repertórios diferentes uns dos outros estão interconectados e comportam elementos em comuns.

## 3.5. Lorena SLAWSKI

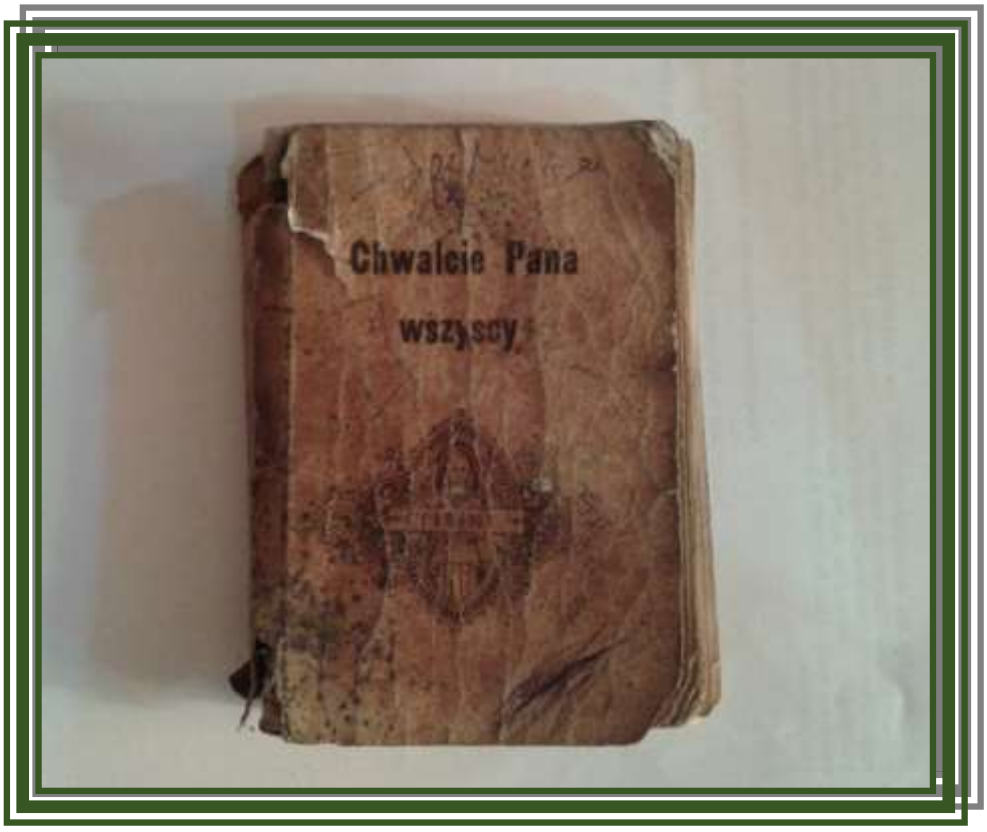



**Figura 22:** Livro que possui cantos entoados em velórios, no entanto mesmo havendo o suporte escrito Lorena utiliza a tradição oral.
**Fonte:** Autora, 2017.

Lorena tem 56 anos, a família se dedica à fumicultura e ela se reveza entre as tarefas domésticas e da lavoura. É bisneta de imigrantes poloneses que se assentaram na mesma região que reside atualmente, na Linha Assis Brasil.

Foram realizados três encontros com Lorena e todos eles ocorreram no ambiente familiar, respectivamente, em março e agosto de 2016 e fevereiro de 2017. Nos encontros foi sempre muito interessante perceber que as práticas agrícolas organizam a vida familiar, pois ocorreu momentos em que a família esteve toda reunida, durante a entrevista, devido as condições ambientais.

No primeiro encontro, como estava chovendo, o marido participou também da entrevista, sendo que essa ocorreu com muitas pausas, um diálogo em família, já que suas duas filhas (de 30 anos e 22 anos) e seu filho (de 31 anos) também estavam em casa. Dessa forma, visivelmente Lorena não estava à vontade para responder alguns questionamentos pessoais sobre sua trajetória social. No segundo encontro, estava presente apenas sua filha mais nova e havia entusiasmo em relembrar fatos do passado, revelando como a língua se manteve na família desde a vinda de seus bisavós imigrantes. O terceiro encontro ocorreu sem roteiros de entrevistas, houve um diálogo em que foi revisto seu livro de cantos para velórios que pertencia a sua avó. Esse, por sua vez, foi repassado a Lorena para que mantivesse a tradição de cantar em polonês quando falecesse algum descendente na família.

Ficou evidente nos encontros a ruptura que ocorreu no uso da língua polonesa quando Lorena se casou e deixou de praticar certos hábitos que ocorriam no contato familiar, devido seu marido não ser descendente de polonês. Dessa forma, sua disposição é colocada em *estado de vigília*, pois ela passa a não se sentir à vontade para falar em polonês na presença do marido.

Lorena também destacou que o cheiro de uma flor a remete para a infância e ao convívio com os avós, fazendo-a recordar da casa em que compartilhou momentos de aprendizagem da língua polonesa. Dessa forma pode-se considerar como um importante desencadeador[74] para manter viva as memórias da infância e, sobretudo, sua disposição bilíngue herdada do passado.

---

[74]O termo é utilizado nesse momento na perspectiva de Lahire (2003), pois o desencadeador está relacionado com os meios e as modalidades necessárias para ativar uma disposição ou um determinado esquema de ação. Pode, por exemplo, ser um aroma, um cheiro, uma lembrança, etc.

### 3.5.1. Uma disposição vinculada ao convívio familiar e em declínio a cada geração

A constituição familiar de Lorena, sendo de uma família com três irmãos, homens, e somente ela de mulher, em uma família que residiu no campo e sobreviveu da agricultura, não a coloca em situação de vantagem frente ao trabalho agrícola pelo fato dela ser a única mulher; ao contrário, ela se igualava aos irmãos no trabalho desempenhado na lavoura e ainda precisava desenvolver as tarefas domésticas, tendo, então, dupla jornada de trabalho. Lorena recorda que a introdução no trabalho na lavoura e no serviço doméstico se deu muito cedo, ainda na infância. Segundo ela:

> “Desde pequena, naquele tempo se plantava milho de cova, a gente ia para a escola de manhã e de tarde ia para lavoura, cada um tinha um potinho com a sementinha e ia plantando. Eu ia tanto para a lavoura, como fazia os afazeres de casa, ajudava a fazer comida, de tardezinha cada um tinha a sua tarefa. [...] Não tinha distinção, eu ia junto para a lavoura, mas em casa as mães achavam que o filho homem não tinha que se meter nas tarefas”.

No relato fica evidente que não havia igualdade de gênero na sua família e que os homens eram poupados das tarefas domésticas por questões culturais. Mesmo tendo convivido nesse ambiente, Lorena terá uma outra visão na educação dos filhos.

Ela recorda que aprendeu o polonês, principalmente no contato com os avós maternos: “eu lembro, o contato com os avós era muito forte, a gente toda a semana ia nos avós e tinha um carinho muito especial por eles, a gente aprendeu a falar o polonês muito com eles, a rezar com eles porque meus pais não usavam muito o polonês”. Os seus pais não falavam muito em polonês porque, segundo ela, havia vizinhos que falavam em português. Lorena destaca que os momentos vividos na casa dos avós eram dotados de sentido, porque, de acordo com ela, “o próprio ambiente era típico polonês”. Quando refere-se à isso remete-se também ao modelo arquitetônico das primeiras casas que foram construídas pelos imigrantes que introduziram um modelo de construção peculiar desse período: casas grandes, com mais de três quartos, sala grande para os momentos festivos e de perdas familiares, cozinha e despensa para guardar os mantimentos também é comum nessas primeiras construções. Normalmente o uso da língua vincula-se a esse ambiente,

em primeiro lugar pela questão geracional, pois os primeiros descendentes mantêm, de forma muito corrente, o uso da língua polonesa; em segundo lugar, eles mantêm, nesse espaço, algumas das tradições do país de origem.

Sobre essas tradições, Lorena coloca que: “as festas da família era nessa casa, me lembro de passar a Páscoa, Natal e os aniversários poloneses”. Os aniversários poloneses, segundo ela, eram comemorados no dia do santo, ou seja, se esperava para comemorar a data do aniversário no dia do santo mais próximo: “[...] o meu avô se chamava Ladislau, então era 20 e poucos de junho e ele comemorava no dia do santo, o aniversário do meu pai que a gente comemorava era dia de são José, 19 de março. Era tradição dos meus bisavós fazerem assim”. Essa tradição se manteve até a segunda geração, posteriormente, na família de Lorena, não mantiveram mais esse hábito e passaram a comemorar no dia do nascimento da pessoa mesmo.

Outra tradição familiar que se perdeu na terceira geração também foi a cerimônia do “*Oplatek*”, que, de acordo com Lorena, era realizada na casa dos avós maternos. Com a morte do avô e a mudança da avó para Porto Alegre, a família acabou deixando de se reunir e, consequentemente, realizar a cerimônia: “a gente aprendeu o polonês graças aos avós, eles liam em polonês, meu avô recebia da Polônia cartas e para o Natal ele recebia o “*Oplatek*”, nós fazíamos a ceia juntos, nós marcava o horário e eles morava lá na Polônia e a gente fazia aqui”. A família confraternizava através da partilha da hóstia e mantinha a cerimônia que era realizada na Polônia. Essa cerimônia era realizada com orações polonesas e cantos poloneses de Natal. Segundo Lorena:

> “Se rezava o pai nosso e depois se cantava aqueles cantos natalinos, colenda[75]. Uma coisa que não lembro se falei daquela vez, que tinha um tempo em que o padre visitava as casas e aí cantava em polonês, entre o Natal e o dia 06 de janeiro e naquele tempo aquilo era bem forte e faziam os reis que eles saiam nas casas e cantavam, aquilo era tão bonito, tudo se foi”.

Como foi ressaltado acima, a aprendizagem do polonês foi realizada no contato com os avós que tinham acesso a materiais escritos em polonês, como a assinatura do jornal polonês, o “*Lud”*; recebiam cartas e cartões poloneses; tinham

[75] Escrito conforme a pronúncia de Lorena. Em polonês a escrita correta, de acordo com dicionário polonês é “Kolend” e significa canções de natal.

livros, de acervos familiares, que foram trazidos da Polônia. Dessa forma, a disposição bilíngue é mantida com maior proeminência quanto mais próximo for o fator geracional em relação aos imigrantes e quanto maior for o contato desses antepassados com o material escrito e com as tradições trazidas do país de origem, ou seja, mesmo que atualmente a língua seja basicamente oral, ela possui relação com a interferência que o escrito teve no local que esses imigrantes se estabeleceram.

Como na família de Lorena a maior influência é dos avós maternos, porque os paternos, segundo ela, “eram pouco estudados”, a pessoa mais fluente no polonês na casa dos pais foi a sua mãe. Ela recorda desses momentos em família: “[...] quem falava mais em polonês era a mãe porque ela veio com isso muito forte. Quando recebia visitas só se falava em polonês, nós velórios mantinha a tradição de rezar em polonês e mantém ainda”. Atualmente, Lorena é que continua com a prática de cantar e rezar em polonês nos velórios[76] da família ou quando morre um conhecido polonês, ela é chamada para esse momento. Lorena possui um livro de cantos herdado da família, mas não utiliza nenhum tipo de material escrito na cantoria ou oração:

> “A gente sabe de cor, eu tenho esses livrinhos, mas a gente não usa, não sei onde está (risos). Quando a tia Marta morreu eu trouxe um preto, e ela disse: pode ser que tu vai usar. A minha avó tinha os livros básicos, igual de primeiro ano e eu adorava livros, tinha cantinhos, tudo em polonês”.

Outro aspecto interessante é que a família paterna, por terem uma situação econômica menos favorável que a materna, não tinham o hábito de reunir os familiares e também não possuíam materiais escritos em polonês, o que repercutirá negativamente no uso da língua polonesa na família.

As pessoas mais fluentes na família de Lorena são a avó, a mãe e a tia, um trio de mulheres que se tornarão as mantenedoras e propulsoras da língua na família. Lorena ressalta que a avó chegou a estudar em escola bilíngue, na linha Evaristo Teixeira e por isso aprimorou o que aprendeu com seus pais, pois lia, escrevia e falava fluentemente. Sobre sua mãe, recorda que não existia mais o ensino nas duas línguas, mas que ela e sua tia falavam bem porque aprenderam

---

[76] Esses cantos mantidos por Lorena através da oralidade serão analisados na categoria repertório.

com sua avó. Lorena também destaca que a personalidade das mulheres na família era muito forte, pois elas administravam os negócios e cuidavam também da parte doméstica: “a mãe era mais rígida, o pai era quieto, se ele tinha que dar a última palavra ele dava, o que a mãe dizia a gente sabia que tinha que ser, tinha que obedecer”. O papel da mulher polonesa aparece sempre ligado a uma personalidade forte, participante ativa das tarefas da casa e da lavoura, como também a responsável pela administração financeira.

Sobre a vida escolar de Lorena, ela conseguiu estudar somente até a 4ª série, pois era o nível máximo que era oferecido na região. Ela sempre ressaltou que estudar naquela época não era fácil, porque precisava levantar muito cedo e não havia transporte no deslocamento até a escola, caminhavam aproximadamente 4 km a pé. Ela estudou em uma sociedade fundada pelos imigrantes na Linha Assis Brasil[77] e diz: “as minhas duas professoras eram polonesas, a professora Lídia, ela só conversava com as crianças em polonês porque nenhum entendia, eu e meus irmãos nós falava um pouco em polonês e o português a gente dominava bem e a maioria das crianças não”.

Lorena ingressou na primeira série com 6 anos, em 1953[78], recorda que um ano após o ingresso o polonês passou a ser proibido na escola. Como afirmou-se, esse período refere-se à política de restrição no uso da língua por imigrantes e seus descendentes imposto pelo governo Getúlio Vargas. Lorena e os irmãos dominavam um pouco do português quando foram para a escola, pois tinham vizinhos que falavam em português e acabaram aprendendo um pouco, mas ela relembra que havia crianças que não falavam em português. De acordo com Lorena, “tinha uma família, da família Grabowski, todos eles, cinco filhos, eles perderam um ano porque não sabiam o português. A professora exigia o português, era por ordem né”. A educação, nesse período, de acordo com Lorena, era diferenciada, pois os alunos eram engajados em todas as atividades realizadas na escola, desde a limpeza até

[77] A foto desse local está no capítulo 1, página 38.

[78] Quanto ao uso do polonês na região de Dom Feliciano, levou-se em consideração os relatos dos entrevistados mesmo sabendo que a política coercitiva de Getúlio Vargas no âmbito nacional começou a partir de 1930. Acredita-se que no caso específico de Dom Feliciano realmente os relatos dessa proibição tardia pode vir a ser verídica, pois analisou-se no capítulo 4 que ocorreu construção de uma sociedade polonesa, Sociedade da Linha Amaral Ferrador, no ano de 1941. Para além disso, no Plano de Desenvolvimento Educacional de 1964 consta que as aulas da Linha Assis Brasil eram ministradas na sociedade polonesa ainda. Somente no Decreto Municipal de 1977 (Anexo D) as Sociedades não são mais mencionadas como local de ensino. Dessa forma, com base nesses documentos considera-se um processo de nacionalização mais tardio.

mesmo a produção do que era servido na merenda, dessa forma, havia uma valorização maior da escola.

A educação possuía também um viés marcadamente religioso, como ela afirma: “a gente chegava na escola e fazia fila para entrar, aí rezava abria os cadernos para estudar, para sair para o recreio rezava, voltava do recreio e rezava e na saída rezava. Tinha muita influência”.

Lorena teve toda a sua vida dedicada à agricultura, recorda que os avós praticavam a agricultura de subsistência e que seus pais também, com plantio de milho e feijão; posteriormente, quando ela era maior, introduziram a cultura do fumo: “a gente sempre trabalhou com a agricultura, quando éramos pequenos, a gente não plantava fumo, plantava milho e feijão”. Os produtos cultivados pela família possuem relação com os que eram comercializados na região de Dom Feliciano, em meados dos anos 1960. Essa prática agrícola é modificada com a inserção da cultura do fumo na década de 70, quando Lorena tinha, aproximadamente, 10 anos[79]. A partir desse momento o destino da produção é a comercialização e a atividade passa a ser subsidiada por uma empresa multinacional, a qual fornece os subsídios agrícolas com o intuito de que a safra seja vendida, exclusivamente para a empresa.

A rotina da família, quando ela morava na casa dos pais, era adaptada às tarefas destinadas por sua mãe a ela e aos irmãos:

> “Nós levantava cedo e cada um tinha a sua tarefa, a mãe racionava o bicharedo, eu fazia o café e os meus irmãos e o pai iam preparar as coisas para ir para a lavoura e de tardezinha depois era a mesma coisa: o irmão mais velho pegava o terneiro, isso desde pequeno, o mais novo era o encarregado de arrumar o graveto para no outro dia acender o fogo, eu de botar a lenha para dentro de casa, o João que cortava a lenha, cada um tinha a sua tarefa e a mãe racionava os porcos e o pai cuidava dos cavalos”.

A peculiaridade de vivência no campo, em que cada um fazia sua tarefa de forma isolada, não deixava espaço para o diálogo e o uso da língua polonesa se restringia aos espaços em que a família estava reunida no lar, principalmente no momento das refeições e à noite. Lorena recorda que na hora das refeições lembra muito dos pais utilizarem o polonês como forma de manter sigilo sobre algum assunto que deveria ser tratado de forma reservada e particular, com a finalidade de

[79] Ver a produção agrícola para o período na Tabela 1 – Apêndice C.

impossibilitar os filhos de um entendimento pleno do assunto, o que na maioria das vezes não acontecia, pois eles entendiam tudo o que eles estavam falando. Segundo ela:

> “Se falava em polonês nos momentos do almoço, café e janta, mas me lembro que se falava mais quando se queria falar alguma coisa mais sigilosa entre eles e a gente ficava antenado para conseguir pegar alguma coisa, é verdade. Eles falavam mais quando não queriam que os outros entendessem (filha de Lorena: e a mãe e a vovó também faziam isso). Eu com a minha mãe conversava em polonês, eu sempre gostei de conversar”.

A filha mais nova de Lorena interfere nessa passagem da entrevista e diz que Lorena e a avó tinham esse hábito entre elas, quando não queriam que as outras pessoas da família ficassem sabendo o que estavam conversando. Devido ao fato de ela não dominar a língua não conseguia entender o diálogo entre a mãe e a avó. Dessa forma, percebeu-se a partir dos relatos da mãe e da filha, a presença do uso da língua no espaço familiar de uma forma diferenciada, usada para tratar de assuntos que não podiam/podem ser comuns a todos os integrantes da família.

Além disso, é possível verificar que a questão geracional, vinculada ao uso da língua, aparece de forma muito incisiva, pois a prática de falar em sigilo na segunda geração não é obtida com êxito, pois os filhos compreendiam a língua; já na terceira geração Lorena e a sua mãe podem tratar dos assuntos particulares em polonês, pois as filhas, pertencentes a quarta geração, não entendem o que elas falam.

Confirmando a importância da dimensão geracional, Lorena destaca que o uso da língua era maior no contato com os avós, nos encontros na casa deles, enquanto suas tias, fluentes na língua, eram vivas também. Diz ela: “assim, quando todo mundo conversava só em polonês era naqueles encontros de família em que todos iam, no Natal e Páscoa, dia das mães e dos pais, aniversários que a gente ia nos avós e lá fechava o polonês”. A língua é colocada em ação e aparece vinculada a uma data religiosa, a uma reunião do coletivo familiar e à tradição das comidas típicas.

Atualmente, Lorena não tem muitas pessoas da família para conversar em polonês, uma vez que suas tias, irmãs da sua mãe, que falavam, basicamente só em polonês, já faleceram. Ela tem somente algumas irmãs do seu pai, as quais, quando se encontram, mantêm o uso do polonês: “[...] tem as irmãs do pai que eu ainda converso, elas conversam melhor em polonês do que em português, só que muito,

muito não falo por causa do Ademar, acham que estão excluindo o Ademar ou algo assim, mas eu converso bastante coisa". Essas tias de Lorena são pessoas mais velhas, com cerca de 80 anos, criadas em famílias de descendentes que utilizavam o polonês como língua principal no espaço familiar: "[...] elas com os filhos conversam em polonês. O meu primo tem 30 e poucos anos e conversa em polonês e se a gente se encontra lá por Dom Feliciano conversa em polonês". É possível entender, a partir desse relato, que até a terceira geração a língua ainda aparece de forma muito proeminente na família, o mesmo processo em relação ao domínio da fala, que ocorreu com Lorena, aconteceu também na família dos irmãos do seu pai e de sua mãe.

Essas pessoas dão continuidade ao vínculo com a língua e Lorena comenta que a cada geração sente, paulatinamente, a diminuição no domínio da fala em polonês, porque com a morte das pessoas mais velhas da comunidade não há pessoas para dar continuidade ao uso da língua e também as tradições, como a de cantar em polonês nos velórios, por exemplo.

Lorena sempre destacou que aprendeu esses cantos ouvindo a avó materna cantar, que era uma polonesa de personalidade forte, decidida, que participava ativamente das tarefas de casa e da lavoura, participante ativa nas atividades da comunidade. Herdeira do livro de cantos da avó e mantenedora dessa tradição na comunidade, Lorena também apresenta características semelhantes às de sua avó e se destaca pelo espírito colaborativo nas festas de padroeiro[80] e na tradição de cantar em polonês nos velórios, e por isso ela é uma pessoa muito conhecida na comunidade. Além de ser uma pessoa importante e que desempenha papéis relevantes no local em que reside, Lorena também fazia parte do movimento das mulheres camponesas (MMC) como uma das coordenadoras do movimento em Dom Feliciano: "eu já participei em Brasília que a gente foi nos encontros e tudo e depois foi mudado de Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) para Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)". O espírito colaborativo de Lorena ultrapassa a atuação na comunidade e aparece vinculado a um grupo de abrangência nacional.

---

[80] As festas do padroeiro das comunidades demandam organização dos fiéis para receber os convidados. As mulheres se dedicam ao preparo das cucas, pães, bolos, tortas, saladas e doces, enquanto os homens se dedicam ao preparo da carne para o churrasco que é servido no dia do padroeiro, domingo ao meio dia.

No caso da família de Lorena, sua avó materna não possui a escrita em polonês no túmulo, os demais da família ela não sabe onde estão enterrados. O uso da escrita em polonês ficou restrita ao período em que os imigrantes eram vivos e ao período em que se manteve no município as escolas bilíngues. A importância da escrita para a família pode ser relacionada com o seu uso no momento da morte, uma vez que, algumas famílias faziam questão que a escrita da lápide fosse em polonês[81]. Lorena ressalta que:

> "Os meus bisavós vieram da Polônia, mas não sei onde estão enterrados, mãe da minha avó eu sei onde, mas os outros não sei. Mas antes, quando iniciou o cemitério em Dom Feliciano, era o cemitério dos imigrantes poloneses e aí eles compravam as chacras, era por chacra, cada um tinha cada família, então a família da minha mãe era Latosinski Tiroski, então estão todos ali".

Havia uma organização dos lotes, por sobrenome da família, para serem enterrados no cemitério. Dessa forma, os descendentes que não foram enterradas nesse lote da família há dificuldade na identificação, especialmente para as futuras gerações.

Um divisor no uso do polonês na trajetória de Lorena foi seu casamento, pois como casou-se com um "brasileiro"[82], como ela mesmo comenta, acabou por não praticar a fala no ambiente familiar. Isso teve muitas consequências, pois além da língua ficar em *estado de vigília*, ela não foi repassada para seus filhos. Lorena somente fala em polonês quando encontra algum parente, o que é bastante raro: "minha tia, nossa!... ela vinha muito aqui em casa e eu lá e nós conversava e o meu marido dizia assim, quem sabe eu estava de língua torta de tanto conversar o polonês porque ele acha que é uma língua muito difícil". Em uma das entrevistas o marido disse entender todo o contexto de uma conversa em polonês, mas como Lorena salientou ele acha, na verdade, a língua muito difícil, possivelmente, pelo convívio deve entender o significado de algumas palavras em polonês, mas não tem o domínio da língua.

Lorena sempre destacou que a família não teve problemas em aceitar seu marido por ele ser "brasileiro" porque seus pais já conviviam com vizinhos que não

---

[81] Esse aspecto será analisado no capítulo 4.

[82] Os descendentes de poloneses, como no caso de Lorena, pertencente a 3ª geração de nascidos no Brasil, não se reconhecem como brasileiros e sempre frisam uma distância entre brasileiros e poloneses.

eram poloneses e se adaptaram bem. O que ficou evidente em todas as entrevistas é que as tradições polonesas, no seu casamento, não foram seguidas, porque as famílias dos noivos possuíam costumes diferentes e, como afirmou, “a tradição também não teve porque o Ademar não é polonês, aí a gente não fez. Mas isso ficou como uma coisa que fez falta, o meu não tinha”. Sobre essas tradições, Lorena destaca que nos casamentos poloneses é necessário ter as marchinhas em polonês, a benção dos noivos do pão e do vinho e uma tradição presente nas famílias e que no dela não teve foi a derrubada do forno: “isso é uma tradição polonesa. Isso molhavam com cachaça, abençoavam o forno e minha nossa. Assim, que eu lembro bem dessa, foi da minha dinda que foi aqui o casamento, isso eu me lembro aquela folia de derrubar o forno”. Esses fornos eram feitos, especificadamente para o casamento com a finalidade de assar os pães, cucas e carnes. De acordo com Lorena, quando era a filha única ou a última filha da família que casava era feito o ritual de quebrar o forno, pois não teria mais casamentos na família[83]. Essa celebração era marcada pela música em polonês. Lorena comenta que uma tradição que é mantida atualmente é a de passar o sapato da noiva para arrecadar dinheiro com os músicos tocando marchinhas polonesas[84], quando o noivo não é polonês se canta nas duas versões, em polonês e em português.

O casamento de Lorena foi realizado na casa dos seus pais e recorda que havia toda uma preparação antecipada para este dia, os parentes e vizinhos vinham ajudar para que no dia do casamento a comida estivesse toda preparada para receber os convidados. De acordo com ela:

> “Quando estava perto do casamento se botava o boi para engordar, leitões e não era churrasco, era carne de panela, se matava o boi na quinta e já se fazia, depois tinha que esquentar aqueles panelões, se assava no forno e se esquentava no panelão e aí era com café da manhã, com cuca, leitão assado e as morcilha branca, depois o almoço e o café da tarde. Faziam uns bife enrolado com toucinho, almôndegas. O bolo era sempre cortado na mesa e tinha aquelas bolachinhas com merengue”.

O aspecto mais importante era conseguir preparar a comida para todas as refeições ao longo dia, os convidados chegavam muito cedo e eram recepcionados

---

[83] Cabe destacar que essa tradição era comum nos casamentos feitos na casa dos pais da noiva, atualmente, a maioria dos casamentos ocorre em salões.
[84] Essas marchinhas estão contidas no Anexo B.

com café da manhã, normalmente com pães, cucas e carnes, ao meio dia era servido o almoço e de tarde o café da tarde, com bolos, roscas e merengues[85].

Após o casamento no ano de 1984, Lorena foi morar com seus pais e com a chegada do primeiro filho, dois anos após, relembra que teve algumas dificuldades, pois não havia água encanada e luz elétrica na residência. Posteriormente, mudou-se e teve suas filhas em outro local, no mesmo em que concedeu as entrevistas para esta pesquisa. Um ano após o nascimento do primeiro filho (hoje com 31 anos) teve uma filha (hoje com 30 anos) e oito anos depois, nasceu a filha caçula (atualmente com 22 anos). Ela diz: “a gente tinha que ir para a lavoura com eles e eu levantava bem cedo e fazia tudo e ainda ia no arroio lavar as fraldas antes de ir para a lavoura e tudo a gente deu conta e trabalhou”.

As filhas que estavam presentes na segunda entrevista relembram os momentos em que iam junto para a lavoura e ficavam brincando enquanto os pais trabalhavam. As filhas conseguem romper a lógica familiar de trabalho com a agricultura e possuem formação acadêmica, já o filho se dedica, junto com os pais, à fumicultura. Lorena também rompe com o método de divisão de tarefas em que foi criada e todos participam de forma igualitária das tarefas domésticas.

Outra particularidade é referente ao vestuário, Lorena comenta que durante a sua infância não compravam a roupa, mas sim o tecido e sua avó confeccionava suas roupas. Através dos relatos é possível perceber que Lorena acha uma diferença entre a educação que teve e a que existe agora, primeiro porque “no seu tempo” era difícil conseguir estudar, então ir para a escola era muito importante para ela; seus materiais escolares eram muito bem cuidados porque eram poucos e difícil de comprar; suas roupas eram produzidas no contexto familiar e todos esses aspectos possuem uma atribuição de sentido que Lorena traz para o seu cotidiano atual, sempre tentando produzir o que consome na sua própria propriedade a exemplo das experiências que viveu na infância, na família e na escola.

---

[85]É impossível não recordar dos casamentos poloneses que fui na minha infância, a lógica se manteve a mesma: os convidados eram muito bem servidos e o importante era ter todas as refeições com fartura. Me recordo dos músicos cantando as marchinhas em polonês na chegada dos noivos, os noivos sendo abençoados pelos pais com pão e vinho e do orgulho da família em oferecer o melhor para seus convidados. Não era com certeza somente um casamento, era um casamento constituído dentro de uma especificidade própria, onde cada procedimento realizado era dotado de sentido, sempre vinculado à descendência polonesa.

Na família, seus avós e pais sempre tiveram o hábito de ter uma horta, onde eram cultivados verduras e cereais para o consumo da família. Lorena também mantém esse costume herdado na infância e produz muitas coisas em sua horta, o que possibilita que a família consuma produtos orgânicos e que não precise comprar produtos básicos, como os hortifrutigranjeiros de todos os tipos.

Lorena comenta que no tempo dos avós se produzia muito mais na propriedade e também consumiam mais comidas polonesas. Como a comida polonesa requer produtos frescos da propriedade, talvez aí esteja o motivo para consumirem com maior frequência. Lorena sabe fazer alguns pratos tradicionais como a *czernina* (sopa de sangue de pato), *pierogi* (pastel de queijo) e *rósol* (sopa de galinha). Ela comenta que não os faz com frequência, a *czernina* faz quando tem pato gordo e no período de inverno, sendo que não pode faltar o tempero manjerona e a massa feita em casa para ser igual aquela que consumia na infância. Ela deixa para preparar esse prato quando as filhas[86] vêm de férias para casa, porque elas gostam muito. Elas apreciam o prato, mas não se envolvem no seu preparo. Lorena ressalta que existe uma receita que foi se perdendo ao longo do tempo, um prato que sua avó fazia, mas que ela não sabe mais fazer que é o *Barszcz* (sopa de beterraba). Segundo ela, a família consumia muito esse prato feito à base de beterraba e de costelinha defumada: “não tenho nada escrito, foi tudo de ver a mãe fazendo, a vó fazendo e eu auxiliava”. São pratos que foram aprendidos pela tradição oral, no contato com a avó e com a mãe. Há também pratos que foram incorporados de outra cultura, como o preparo da cuca, tipicamente alemã, que Lorena faz no forno de barro atualmente para comercializar.

O retorno à infância é feito por um desencadeador que coloca Lorena em situações semelhantes às vivenciadas durante a infância,

---

[86] A filha mais velha de Lorena sabe todo o preparo do prato, mesmo não fazendo, efetivamente, ela aprendeu de ver a mãe fazendo, da mesma forma que Lorena aprendeu: “Lorena: a preparação é assim: mata o pato e depena e lava (filha: primeiro tem que tirar o sangue do pato), tira aquele sangue e tudo e depois bota a cozinhar e depois quando já está cozido, já no caldo, temperado e tudo, aí tu mistura farinha naquele sangue e bate bem, desmancha, bota no caldo, ferve. (Filha: É que o sangue é a última coisa que se coloca, quando levantar fervura, já está pronto porque ele já está cozido, né). É só isso, sangue e pato? Se se come com massa vai massa, se come com batata doce, mas ali na panela se faz separado, se sobra com massa vai ficar ruim, vai secar”.

> “Eu me lembro até hoje na casa dos meus avós tinha, em polonês a agente chama de *povuia* (escrito conforme a pronúncia), aquilo é madressilva eu acho e aí tinha e ali nós brincava debaixo e em cima das árvores tinha aquelas tocas a gente entrava e aquele cheiro tão gostoso, o avô gostava muito e depois lá nos meus pais não tinha e quando a gente vai no cemitério em Dom Feliciano, lá perto onde era o irmão dele, lá tinha na beira da estrada e eu lembro que a agente ia de carroça e a mãe descia e apanhava aquelas florzinhas e levava para o meu avô”.

O cheiro da flor desencadeia em Lorena esquemas de ações que a fazem relembrar os momentos em que viveu na casa dos avós. Abordou-se esses aspectos com base em Lahire (2003) em seguida.

Quanto a escrita na família, eles escrevem basicamente em português. A filha relatou que chegou a fazer um curso de gramática polonesa, mas que a escrita é muito difícil e o que dificulta a aprendizagem e o uso, ainda mais, é o fato de não colocarem a escrita constantemente em prática: “a escrita em polonês é muito difícil, nesse curso que a gente fazia eu sempre achei muito difícil, a parte mais difícil é a escrita”. Lorena comentou que um grande elemento de incentivo para a escrita era um programa de rádio realizado por um padre, “no tempo do padre Ivanor tinha um programa “´Nossa Polska’ e a gente escrevia pra lá, ele dizia uma frase em português e mandava escrever em polonês, ou vice versa e a gente escrevia. Muita coisa, ele dava frase, textos para traduzir”. O programa de rádio era realizado aos sábados e era um importante incentivador para que as famílias continuassem tendo o hábito de manter a escrita em polonês, Lorena possui muitos materiais que ganhou como brinde pela sua participação no programa como, por exemplo, uma bíblia e um álbum com pontos turísticos da Polônia, materiais com a escrita em polonês.

### 3.5.2. Disposição em transformação a cada geração: a mudança de forte para fraca; repertório; desencadeador; *estado de vigília* e dobradura do social.

A constituição do perfil de Lorena revela um aspecto fundamental: a importância do fator geracional para a constituição disposicional. Quanto mais distante o parentesco familiar com os bisavós poloneses menor será a influência disposicional no cotidiano dos descendentes na sua família. Isso se dá,

sobremaneira, devido a interferência de alguns fatores que é possível inferir do perfil de Lorena, em que aparecem reunidos fatores materiais e simbólicos nessa constituição. A importância da casa dos avôs é um elemento importante, uma vez que será nesse local que irá ocorrer as reuniões de família e serão dotadas de sentido, uma vez que há simbolismo nas cerimônias que ocorriam nesse local.

Outro aspecto relevante é que os bisavós e avôs assinavam jornal polonês, recebiam cartas, ou seja, havia momentos de leitura e escrita nesse ambiente que os pais de Lorena não conseguiram manter. Diz ela: “depois a minha avó ficou viúva e já não recebeu mais o jornal, [...]. Os pais, no caso só falavam e eu mais só falo e leio alguma coisa ainda. Se perdeu a leitura e a escrita nos meus pais”.

A disposição bilíngue de Lorena se nutre desses elementos e será enfraquecida no momento em que ocorre uma distância desse círculo de influências que está na gênese de sua constituição. Lahire (2005) aborda a importância dessas interferências ou, se forem vistas de forma mais ampla, dessas “matrizes” que são capazes de reter no corpo de cada indivíduo o produto de suas experiências passadas, sem as quais, não é possível entender o sentido de suas ações no tempo presente.

Nesse sentido, Lorena é reflexo das experiências que vivenciou no passado e sua disposição bilíngue possui especificidades, pois não se manteve de forma uníssona ao longo de sua vida: sua disposição teve um período de atuação forte durante a infância; no período de adolescência, por volta dos 14/16 anos com a morte dos avós, foi amenizada, pois ficou restrita ao convívio familiar na casa dos pais; teve momentos em que ficou em silenciamento, no pós-casamento, se constituindo, atualmente, como uma disposição fraca.

Lahire (2004; 2005) aborda a existência de disposições fortes e de disposições fracas, em que sua força e sua fraqueza vão estar vinculadas, como visualizado no perfil de Lorena, à recorrência de sua atualização. O autor (2005, p. 21) ainda especifica que “não incorporamos um hábito durável em apenas algumas horas, e certas disposições constituídas podem enfraquecer ou apagar-se pelo facto de não encontrarem condições para a sua actualização”. O fato essencial para Lorena manter sua disposição é o contato familiar, ela precisa de pessoas que também falem em polonês para poder praticar a sua disposição e colocá-la em ação. Aspecto que corrobora para isso é a importância que o coletivo tem em sua vida.

Durante a entrevista, todos os seus relatos foram realizados em 3ª pessoa, é como se ela não se visse como um ser individual, mas coletivo. Isso engendra sua perspectiva familiar e social, pois sua disposição se nutre do convívio, uma vez que, ela foi constituída dessa maneira. O único espaço que Lorena coloca, atualmente, sua disposição em coletivo é durante os velórios da família, pois é uma das poucas pessoas na comunidade que ainda canta em polonês. Cabe ressaltar que sua constituição disposicional formada no convívio familiar é também constituinte de sua personalidade[87], Lorena é uma mulher participativa e atuante na sua comunidade e no grupo de mulheres da região, ou seja, sua constituição disposicional rege sua forma de ser e viver em comunidade, ganha também outras nuances, para além do bilinguismo, mas que possui uma origem em comum.

A tradição do *"Oplatek"*, a partilha do pão, realizada na casa dos seus avôs, não foi perpetuada por Lorena. A única tradição que é mantida por Lorena é a tradição de cantar em polonês. Essa tradição aprendida com sua avó e colocada em ação no presente constitui-se um repertório individualizado que, de acordo com Lahire (2003), são esquemas construídos em contextos de socialização anteriores, mas que não são efetivados em todos os momentos. No caso específico para desencadear esse repertório é necessário a perda de um ente querido para colocar os cantos aprendidos na infância em ação novamente. É interessante pensar que essa é uma das únicas tradições familiares que Lorena consegue, efetivamente, dar continuidade na família, as demais, como a tradição do "*Oplatek*", dos aniversários serem festejados no dia dos santos e as próprias tradições vinculadas aos casamentos, como a benção do pão e vinho e da quebra do forno, não foram continuadas na sua geração. Talvez Lorena conseguiu levar adiante a tradição de cantar em polonês nos velórios porque se tornou um aspecto individual, ou seja, ela precisou aprender os cantos e depois entoá-los, porque os familiares estarão, efetivamente, reunidos nesse momento de perda. Como Lorena mesma ressaltou os cantos são mantidos de cor, mesmo que tenha o livro doado pela sua tia que pertencia a sua avó, ela não o utiliza.

Lorena possui um desencadeador que a faz recordar os momentos vividos durante a infância que é o cheiro da flor que existia na casa dos seus avós. Toda a

[87] Personalidade utilizada aqui no mesmo sentido de Lahire (2003), como uma soma de atividades reveladas pela observação do comportamentos e como produto dos nossos sistemas de hábitos.

vez que sente o cheiro da flor Lorena ativa esquemas sensoriais que fazem o retorno a essas vivências, sem contudo, colocá-los em ação. Dessa forma, todas essas experiências passadas que a constituem como um ser singular atualmente estão registradas na memória de Lorena, acessadas quando em contato com essa flor. Lahire (2003, p. 67) destaca que “o campo de investigação aqui proposto abre a questão das modalidades de desencadeamento dos esquemas de acção incorporados (produzidos ao longo do conjunto das experiências passadas)”. Nesse sentido, o passado incorporado por Lorena se torna constante, mesmo que ela não tenha mais condições de colocar essa unicidade de vivências passadas no contexto presente porque suas relações estabelecidas serão outras.

Fator importante para entender a mudança de sua disposição bilíngue ao longo do tempo será o seu casamento. Como Lorena não se casou com um descendente polonês não há meios para manter o uso da língua no espaço doméstico, o que acaba por limitar também os filhos do contato com a língua. Sua disposição forte no convívio com os avós, passa a ser uma disposição fraca, pois ela não tem com quem falar em polonês e sua disposição fica, temporariamente, em *estado de vigília*. De acordo com Lahire (2003), as disposições ficam em *estado de vigília* devido a ausência de desencadeadores ou a presença de outros desencadeadores diferentes. No caso específico de Lorena, ela não tem com quem ativar sua disposição e não se sente à vontade em conversar com outra pessoa em polonês na presença do marido, pelo fato dele não compreender a conversa. Lahire (2003) enfatiza que para entender um sistema disposicional é preciso compreender essas permanências e rupturas ao longo da trajetória individual. Dessa forma é necessário procurar “sempre as manifestações e as contramanifestações dessas disposições, circunscrevendo os seus campos de activação e os seus campos de inibição” (LAHIRE, 2003, p. 76).

O social dobrado, individualizado, de Lorena, será formado por e a partir das relações estabelecidas durante a sua infância no contato familiar, onde tem origem seu sistema disposicional bilíngue no contato, principalmente, com os avós maternos. Nesses momentos em família, também sob influências dos pais, Lorena formará esquemas de ações (hábitos práticos) e repertórios (como os cantos mantidos pela tradição oral), que irá carregar consigo ao longo de toda a sua vida; sua personalidade e aptidões para produzir comidas típicas polonesas também terão

origem nesses momentos familiares. Interessante destacar que a filha de Lorena aprende a preparação da *czernina* de forma involuntária pela tradição de ver a mãe fazer, pois quando questionada se sabe preparar o prato diz que não, mas no decorrer da entrevista interrompe a mãe e dá dicas de como deve ocorrer o seu preparo.

Outra matriz que estará na constituição disposicional de Lorena será a escola, ela ingressa com seis anos com o intuito de acompanhar os irmãos mais velhos e se adapta bem à escola, principalmente porque os colegas são poloneses e as professoras também falam com os alunos em polonês. No segundo ano, por volta de 1954, ocorre a restrição no uso da língua como consequência de uma política nacional de incentivo ao uso de português em regiões que passaram pelo processo de colonização estrangeira. Lorena viu muitos colegas que tinham o polonês como língua principal reprovarem, mas conseguiu obter êxito na escola por ter vizinhos próximo a sua casa que a ensinam o português. Dessa forma, Lorena será produto das experiências vivenciadas na sua vida social, principalmente sob influência da família e da escola.

# 4. O BILINGUISMO NA PRÁTICA SOCIAL

## 4.1. REPERTÓRIOS

Nesse capítulo centra-se a atenção para análise da categoria repertório, os resumos de experiências do passado reativados no tempo presente em situações singulares, mobilizados por desencadeadores específicos. Analisou-se os cantos mantidos pela tradição oral tendo como desencadeador os velórios na família dos descendentes de poloneses e deu-se atenção também aos cantos natalinos entoados na igreja, os quais contam com auxílio de material escrito reproduzido para os fiéis (folhas de cantos para o Natal). Por último, considerou-se a Cerimônia do *Oplatek* que mesmo tendo passado por modificações ao longo do tempo, do espaço familiar para o espaço público, conseguiu manter-se como repertório individualizado entre os descendentes pelos ritos específicos que ainda são desencadeados ao longo da celebração.

Cabe ainda destacar que os cantos mantidos nos velórios, são constituídos como repertórios individualizados, que de acordo com Lahire (2003), se constituem pelo vínculo com o passado incorporado em que essa tradição foi apreendida e mantida nos dias atuais em uma situação específica que é a morte na família. Não descartando a importância da constituição dos repertórios individualizados para que ainda se cante em polonês nos velórios, buscou-se suporte também na teoria de Zumthor (1993), no intuito de entender o canto como um constituinte histórico mantido num circuito de relações que envolvem o escrito e a voz.

### 4.1.1. A teoria de Paul Zumthor

Para Zumthor (1993) – estudioso das tradições orais através das canções de gesta do século XII[88] – é fundamental dar importância a tradição oral para conseguir interpretar contextos sociais historicamente diferentes. O autor ressalta que entre a oralidade e a escrita deve-se dar importância a voz e destaca que prefere o termo vocalidade em vez de oralidade, uma vez que "vocalidade é a historicidade de uma voz: seu uso (ZUMTHOR, 1993, p. 21)". Nesse sentido, a voz passa a ser valorizada como portadora de linguagem, pois é a voz que confere autoridade aos fatos e é portadora de materialidade, capaz de articular as sonoridades importantes.

Zumthor (1993, p.9) explica que a voz é portadora de sentido e que "[...] "a oralidade" é uma abstração, somente a voz é concreta, apenas a sua escuta nos faz tocar as coisas". Nesse sentido, o autor prefere a expressão poética da voz, que seria menos reducionista do que literatura oral.

A historicidade do uso da voz nos traz as vozes do passado que são (re) analisadas ou (re) inventadas em um novo contexto. O autor supracitado diz que "o distanciamento dos tempos, essa tão longa ausência, força-nos a perseguir o que sabemos não poder atingir; é então que em nós decide-se a sorte do paradoxal conhecimento ao qual assim aspiramos (ZUMTHOR, 1993, p.21)". Dessa forma, o autor teoriza que implicitamente somos marcados pela presença do passado nas diferentes vozes (cantos, músicas, etc) que ecoamos, no entanto, segundo ele, "mas é outra voz – outra escuta, à qual nos convida nossa música mais recente[89]". É uma projeção do passado em um novo espaço, onde a voz não pode ser recuperada na sua forma original, mas pode ser interpretada através da análise de suas permanências e rupturas ao longo do tempo.

No contexto de transformações e mutações as vozes misturam-se, Zumthor (1993, p. 25) distingue que "toda sociedade humana passa a ser considerada um sistema de comunicação". No entanto, essa sociedade será definida de acordo com

---

[88] Poesia medieval praticada de forma oral no núcleo territorial correspondente ao império carolíngio, com prolongamentos na península Ibérica, na Itália central e meridional, na Inglaterra central e sudeste. O autor trabalha com escritos literários das regiões ibéricas, italianas e alemãs, que ganham importância por estarem misturadas ao elemento mediterrâneo, onde o papel atribuído a voz tem relação com a fundição do império Bizâncio e Ocidental (ZUMTHOR, 1993). Os escritos dessas regiões guardam resquícios de oralidade e é a isso que o autor se propõe a pesquisar.

[89] Idem.

dois critérios: a natureza das técnicas para a transmissão das mensagens e a natureza das formas para diferenciá-las. No que se refere as técnicas serão a voz e a escrita; quanto as formas serão as diversas estruturas sociais e mentais, ou, restritivamente, políticas e estéticas. (ZUMTHOR, 1993, p. 25)

Para uma análise criteriosa das comunidades orais, Zumthor (1993, p.18) distingue três tipos de oralidade que são correspondentes a três situações de cultura. A *primária* que não possui relação nenhuma com a escrita e se encontra apenas em sociedades sem nenhuma simbolização gráfica ou em grupos sociais isolados e analfabetos Zumthor classifica como pertencente a essa categoria os setores do mundo camponês medieval, que comportou uma poesia de oralidade primária com inexistência de fragmentos.

Os outros dois tipos de oralidade coexistem com a escritura, “a oralidade *mista,* quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada; e oralidade *segunda*, quando se recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário (ZUMTHOR, 1993, p. 18)”. Para o autor espaço e tempo constituem-se como neutros nessas diferentes categorias, é onde são depositados os sons.

Esses graus de oralidade são utilizados pelo autor para a análise da poesia medieval que era recitada e muitas vezes encenada, por isso sua análise vincula-se à uma linguagem poética, resultante de uma tradição que transcende o tempo pela sua poeticidade. Segundo Zumthor (1993, p. 19), em uma sociedade que conhece a escritura, todo texto poético que é transmitido ao público é submetido a seguinte condição: “cada uma das cinco operações que constituem sua história (a produção, a comunicação, a recepção, a conservação e a repetição) realiza-se por via sensorial, oral-auditiva, seja por uma inscrição oferecida à percepção visual, seja - mais raramente - por esses dois procedimentos [...]. Quando a *comunicação* e a *recepção* coincidem no tempo, temos uma situação de performance[90]”. É importante considerar que essas cinco operações podem ser transladadas para o universo de análise de outras comunidades orais, que utilizam cantos e tradições mantidas pela memória coletiva do grupo. As formas em que o texto é transmitido – via sensorial, oral-auditiva e percepção visual – abrange diferentes modalidades de recepção.

---

[90] De acordo com Zumthor (1993) é a marca da leitura, com os valores que ela significa e mantém. O teatro seria a performance completa.

Zumthor (1993, p. 35) destaca que, anterior ao elemento escrita, as sociedades orais apresentam uma rede de tradições. Salienta que “de resto, acontece-nos frequentemente perceber no texto o rumor, vibrante ou confuso, de um discurso que fala da própria voz que carrega”. Assim, o texto comporta *índices de oralidade*, o que para o autor, significa dizer que os textos, em seu interior, são capazes de informar sobre a intervenção da voz humana. A escrita está direta ou indiretamente relacionados a voz para transmitir seus sentidos.

Esses sentidos, no caso das comunidades orais apresentam uma relação temporal/espacial muito próxima ao momento em que estão vivendo, os conceitos são pouco abstratos e estão fortemente ligados à realidade cotidiana e a memorização coletiva. Zumthor (1993, p. 139) ressalta a importância da memória para a sobrevivência de um grupo social e sua integração nos discursos comuns, possuindo uma faculdade ambígua: “a memória, por sua vez, é dupla: coletivamente, fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Dessas duas maneiras, a voz poética é *memória*”. Na visão do autor a memória intercepta o vivido e desempenha importante papel nas culturas de transmissões orais.

No medievo a memória era considerada muito importante e chegaram a instituir “profissionais que eram herdeiros da memória”, na escola era utilizado o ensino retórico para corrigir as fraquezas da memória. Nos séculos XIV e XV invadirá o campo da escolástica, destinada a universalidade do saber, “a arte da memória”. O público que tem contato com esses discursos é um público restrito dos iniciados a escritura. De acordo com Zumthor (1993, p. 141), “[...] a concepção de memória que transmitem implica a ideia de uma presença real dos corpos: um laço, em particular, entre a memória e a vista, fundado sobre a função da imagem e de suas relações com a palavra”. Posteriormente com o surgimento da imprensa o uso da escritura passa a ser justificado pela fragilidade da memória humana e o vocal integra-se no escrito, pois as primeiras escrituras, sagradas, estão embasadas em discursos (ZUMTHOR, 1993, p. 140).

> Até por volta do século XII, a escritura é o único veículo do saber mais elevado: o poder passa pela voz. A partir dos séculos XII e XIII, a relação se inverte: ao escrito, o poder; a voz, a transmissão viva do saber. Mas na virada dos séculos XV e XVI ou até XVI e XVII, nenhum desses dois feixes de forças e de valores conseguiu eliminar inteiramente o outro (ZUMTHOR, 1993, p. 155)

A passagem do vocal para o escrito coloca em convergência os dois modos de comunicação, no entanto um se alimentou do outro mutuamente. Zumthor (1993, p. 144) apresenta, na sua obra, também um importante conceito para entender as diferentes nuances da memória que é a *movência*, qual seja, "o conjunto de relações móveis de um texto registrado pela escritura, '"ouvindo-a" como uma rede vocal imensamente extensa e coesa; como, à distância literalmente o murmúrio desses séculos". Esse conceito permite entender que um texto histórico, tal qual o conhecemos passou por produções múltiplas ao longo do tempo, assim como nele há impressões da vocalidade[91], como de alteração ou troca de palavras, ou seja, a presença de outros textos ou outras vozes dentro de um mesmo texto. Dessa forma, o texto está em constante criação/mutação.

Nessas relações de transformações e de rupturas para além dos espaços-tempos, Zumthor (1993) destaca a importância dos cantos, pois eles possuem a característica de movimento e difusão de um texto através de um timbre sonoro.

> Todavia, o canto, mais que o dizer, amplia a zona de recepção das frases que ele traz – até além das fronteiras da incompreensão. Os modelos musicais são mais largamente móveis: trazidos, é certo, pela voz (e, portanto, implicando as palavras de uma língua), mas confirmados pelos instrumentos. Fora mesmo de todo contexto propriamente musical, os ritmos poéticos, puros efeitos vocais, transmitem-se e viajam sem que intervenha necessariamente a natureza da linguagem formalizada (ZUMTHOR, 1993, p. 151).

A importância da liturgia nesse sentido foi fundamental para a disseminação das melodias e as diferenças entre as línguas, segundo o autor, através dos cantos não há obstáculos para que a transferência seja realizada, "é da boca ao ouvido, na emissão e percepção dos ritmos (ZUMTHOR, 1993, p. 151)". Há um conjunto de relações complexas ao longo do tempo que estão vinculadas por diferentes gerações de narradores da tradição oral.

Zumthor (1993) analisa que as canções de gesta possuem um tipo de melodia particular, semelhante às das canções de santos. Para ele, "[...] as canções de santo" subsistentes representariam a recuperação desses traços pela igreja, dentro da vasta ação dramática que era sua liturgia (ZUMTHOR, 1993, p. 42)". Dessa

---

[91] O autor usa nesse caso o termo *intervocalidade* em consonância com a intertextualidade, no qual considera seu aspecto de troca de palavras e de conivência sonora; polifonia percebida pelos destinatários de uma poesia que lhes é comunicada (ZUMTHOR, 1993, p. 144)

maneira, o peso histórico da igreja é muito importante pela influência nas relações oral/escrito, ouvir/falar ou até mesmo acabou influenciando os gêneros textuais antigos e os atuais.

Essas tradições só são mantidas através da memória e a memória constitui a tradição. Zumthor (1993, p. 140) afirma que a memória é “palavra viva”, que constitui o homem e a sua história, pessoal e coletiva. A memória tanto vocalizada quanto escrita transcende o espaço-tempo porque ressoa outras vozes ouvidas ou silenciadas em outros tempos, não há um autor comum, é inacabada. Dessa forma, “não há nenhuma dúvida sobre a antiguidade e a oralidade da tradição” (ZUMTHOR, 1993, p. 153)

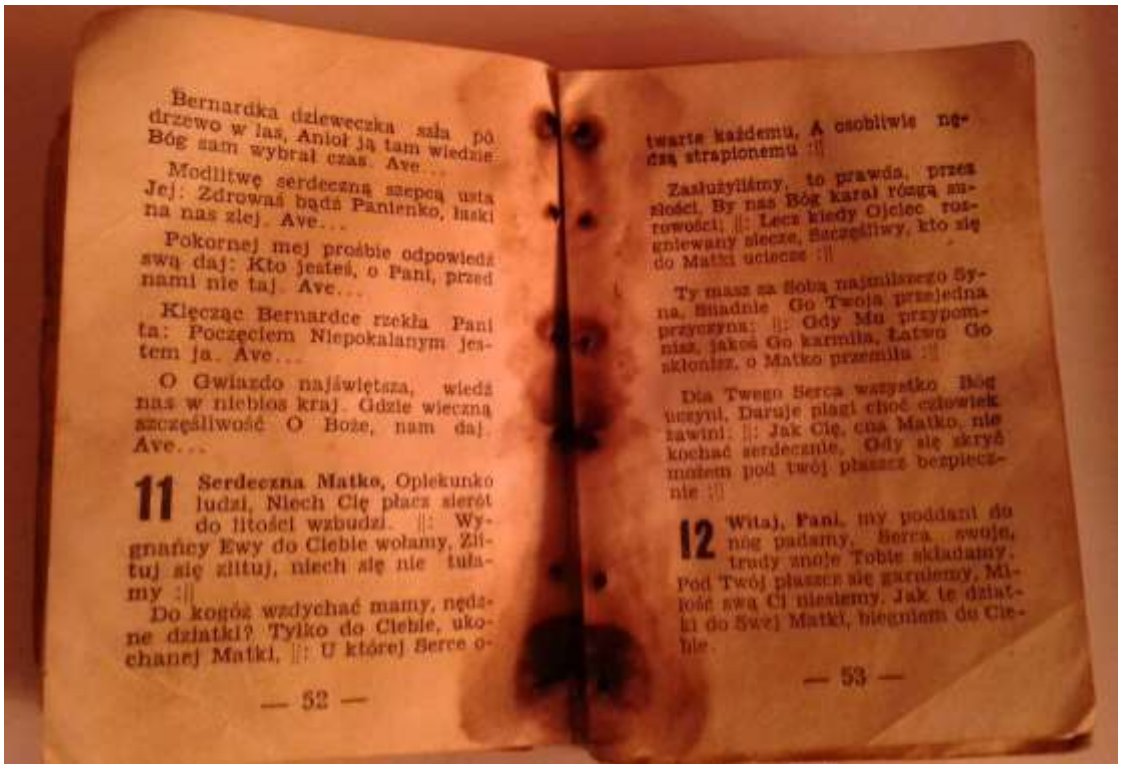
Nesse sentido, todos os conceitos trabalhados pelo autor servem para ressaltar que existe a presença do oral no escrito e do escrito na voz. Assim, Zumthor (1993) analisa as marcas que fazem induzir que um determinado texto surgiu da tradição oral. Essa visão abrangente nem sempre foi a utilizada pelos pesquisadores, pois houve um longo período de dicotomia nas relações de oralidade e escrita.

Muitos estudos buscavam classificar as culturas a partir do papel que nelas ocupava o oral e o escrito. Segundo Galvão (2007), alguns autores chegaram a considerar o advento da escrita como um fato divisor entre o pensamento considerado “civilizado” e o pensamento “selvagem”. Essa visão, tradicionalmente instituída, entre as sociedades orais e escritas, vem sendo substituída por uma visão mais articulada entre ambas e que compreende a coexistência entre esses dois modos de expressão.

Desde 1960, de acordo com Galvão (2007), vêm sendo realizados, em diferentes países, estudos sobre as relações existentes entre culturas orais e letradas, como também os estudos ampliaram o campo de visão sobre as consequências da introdução da escrita e da imprensa nas sociedades tradicionais e sobre a constituição de modos diversos de pensamento em culturas diferentes. Após essa abordagem teórica de Zumthor (1993) temos suporte para entender os repertórios desencadeados pelos descendentes de poloneses nos velórios da família, que possuem relação com a oralidade e a escrita. Dessa forma, analisou-se alguns cantos ainda mantidos nesse espaço de socialização familiar.

### 4.1.2. Os cantos entoados nos velórios poloneses: conjunção entre oralidade e escrita

Um dos aspectos interessantes que foi ressaltado ao longo da constituição de dois perfis sociológicos foi a presença marcante dos cantos mantidos através da oralidade nos velórios dos descendentes de poloneses. Dessa forma, faço um breve relato de como chegou-se nesses materiais: Lorena possui um livro que pertencia a avó e foi repassado de uma geração para outra no grupo familiar. Trata-se de um livro de cantos, alguns são utilizados em velórios e outros em celebrações de Natal. Ela sempre enfatizou nas entrevistas que quando morre alguém da família tem que cantar um pouco em polonês. Ela possui o livro, mas não o utiliza para cantar no velório. Eva sabe os cantos de cor e não possui o livro. Assim, na tentativa de investigar se os cantos que Eva sabe cantar são os mesmos do livro de cantos de Lorena foi mostrado um áudio daquela para essa, afim de tentar localizar se os que são entoados de forma oral estão no livro de cantos. O primeiro canto é identificado por Lorena como “Mãe Carinhosa” em polonês “Serdeczna Matko”, o canto número 11 do livro, na página 52 (Figura 23).



Bernardka dzieweczka sala po drzewo w las, Anioł ją tam wiedzie Bóg sam wybrał czas. Ave...

Modlitwę serdeczną szepcą usta Jej: Zdrowaś bądź Panienko, łaski na nas zlej. Ave...

Pokornej mej prośbie odpowiedz swą daj: Kto jesteś, o Pani, przed nami nie taj. Ave...

Klęcząc Bernardce rzekła Pani ta: Poczęciem Niepokalanym jestem ja. Ave...

O Gwiazdo najświętsza, wiedź nas w niebios kraj. Gdzie wieczną szczęśliwość O Boże, nam daj. Ave...

**11** **Serdeczna Matko,** Opiekunko ludzi, Niech Cię płacz sierót do litości wzbudzi. ||: Wygnańcy Ewy do Ciebie wołamy, Zlituj się zlituj, niech się nie tułamy :||

Do kogóż wzdychać mamy, nędzne dziatki? Tylko do Ciebie, ukochanej Matki, ||: U której Serce o-

— 52 —

twarte każdemu, A osobliwie nędzą strapionemu :||

Zasłużyliśmy, to prawda, przez złości, By nas Bóg karał rózgą surowości; ||: Lecz kiedy Ojciec rozgniewany siecze, Szczęśliwy, kto się do Matki ucieczę :||

Ty masz za Sobą najmilszego Syna, Śmiadnie Go Twoja przejedna przyczyna; ||: Gdy Mu przypomnisz, jakoś Go karmiła, Łatwo Go skłonisz, o Matko przemiła :||

Dla Twego Serca wszystko Bóg uczyni, Daruje plagi choć człowiek zawini; ||: Jak Cię, ona Matko, nie kochać serdecznie, Gdy się skryć mniemem pod twój płaszcz bezpiecznie :||

**12** **Witaj, Pani,** my poddani do nóg padamy, Serca swoje, trudy swoje Tobie składamy. Pod Twój płaszcz się garniemy, Miłość swą Ci niesiemy. Jak te dziatki do Swej Matki, biegniem do Ciebie.

— 53 —

**Figura 23:** Livro de Canções, com cantos que são entoados em velórios.
**Fonte**: Autora, 2017.

Segundo Lorena, que também canta em polonês nos velórios, Eva cantou somente a primeira estrofe, disse que costumam cantar as duas primeiras estrofes. Ela tentou traduzir o texto, segundo ela, a primeira estrofe diz: “Nós filhos de Eva com fervor bradamos, vem socorrermos, nós te suplicamos”. Ela diz não conseguir traduzir o resto devido não ter muito contato com a escrita.

A tradução do canto 11 dá página 52, segundo uma pesquisadora[92] da cultura polonesa, que reside na Polônia é:

*Mãe Cordial, Protetora das Pessoas*
*Deixá-lo chorando órfãos para despertar piedade.*
*Filhos de Eva para você clamamos:*
*Tem misericórdia, tem misericórdia, não deixa-nos vaguear.*

*Para quem suspiramos nos crianças pobres?*
*Só por você, querida Mãe,*
*Com o coração aberto a todos,*
*E especialmente os míseros.*

*Merecemos, é verdade, pela raiva,*
*Para nós, Deus puniu com uma vara de gravidade,*
*Mas quando o pai ataca com raiva,*
*Feliz é aquele que foge para a Mãe.*

*Você tem atrás o Filho muito amado,*
*você pode convertê-lo facilmente,*
*Quando você lembrá-lo como você alimentá-lo,*
*É fácil convertê-lo, ó Mãe agradável.*

*Por seu Filho Deus vai fazer tudo,*
*não enviará a derrota, embora um homem vai pecar,*
*Como querida Mãe poderíamos não te amar com sinceridade,*

Cabe destacar que segundo a tradutora foi difícil realizar essa tradução, pois o idioma é muito antigo e característico para a língua religiosa, com algumas palavras que já entraram em desuso no vocabulário polonês atualmente.

Como pode-se notar, a tradução de Lorena, embora parcial, e a tradução da pesquisadora são diferentes por dois fatores: pela redução do canto entoado por

[92] A pesquisadora polonesa Karolina Bielenin Lenczowska esteve na Universidade Federal de Pelotas no ano de 2016, pois estava fazendo uma pesquisa sobre os poloneses no Paraná. Pela proximidade com a temática fizemos contato e trocamos e-mails. Posteriormente, em 2017, fiz contato novamente pedindo auxílio para tradução dos cantos entoados nos velórios. Ela foi solícita e realizou as traduções dos cantos que fazem parte desse trabalho. Agradeço a sua disponibilidade e solidariedade.

Eva em relação ao do livro e pela diferença das palavras utilizadas pela tradutora e por Lorena. No entanto, a atribuição de sentido é muito semelhante quando se analisa a primeira estrofe do canto. Na tradução da pesquisadora: “Filhos de Eva para você clamamos: Tem misericórdia, tem misericórdia, não deixa-nos vaguear”; Lorena entende a primeira estrofe como: “Nós filhos de Eva com fervor bradamos, vem socorrermos, nós te suplicamos”. A tradução de Lorena, mesmo não sendo na íntegra, dá a ideia geral que o canto transmite, pois suplica pela proteção à Maria, nos momentos difíceis. Dessa forma, ao longo de 124 anos, a ideia central do canto utilizado em velórios manteve-se na memória dos descendentes, mesmo que a falta de contato com a escrita tenha-os distanciado do entendimento integral de todas as estrofes do canto, pois manteve-se o que pela repetição foi memorizado. Nota-se, de acordo com Zumthor (1993), que a memória desempenhada pelas transmissões orais foram sustentadas pela voz, o que fez com que os cantos se mantivessem ao longo do tempo, constituindo-se “palavra viva”, pois se conservou a coerência de sentido atribuído ao canto no passado.

Outro canto que possuem a tradição de cantar e também se encontra no livro é “ Gwiasdo Sliezna” ou “Estrela Celestial”, o número 3 da página 47 do livro de canções. Como se pode perceber a parte que possuem a tradição de cantar é a terceira parte de um conjunto de cantos em louvor a Virgem Maria (Figura 24).

PIEŚNI ku czci NAJŚWIĘTSZEJ MARYI PANNY

1 Chwalcie, łąki umajone, Góry, doliny zielone; Chwalcie, cieniste gaiki, źródła i kryte strumyki.

Co igra z morza falami, W powietrzu boją skrzydłami, Chwalcie z nami Panią świata. Jej dłoń nasza wieniec splata.

Ona dzieł Bożych korona, Nad Anioły wywyższona; Choć jest Panią nieba ziemi, nie gardzi dary naszymi.

Wdzięcznym strumyki mruczeniem, Ptaszęta słodkim kwileniem, I co czuje, i co żyje, Niech z nami sławi Maryję.

2 Cześć Maryi, cześć i chwała, Pannie świętej cześć. Śpiewaj, śpiewaj, dziatwo mała, hołd Jej śpiesz się nieść.

Ten, co stworzył świat wspaniały, W niej swą Matkę czcił, Jej Go ręce piastowały, Gdy dziecięciem był.

— 46 —

On jak matkę Ją miłował, W posłuszeństwie żył. Każde słowo Jej szanował, Chociaż Bogiem był.

Dziatki lube, jeśli chcecie Błogi żywot wieść, Dajcie, jako Jezus Dziecię, Pannie świętej cześć.

3 Gwiazdo śliczna, wspaniała, Częstochowska Maryja, Do Ciebie się uciekamy, o Maryja, Maryja.

Słyszeliśmy wdzięczny głos, Jak Maryja woła nas: "Pójdźcie do mnie, moje dzieci, Przyszedł czas, ach, przyszedł czas.

Gdy ptaszkowie śpiewają Maryję wychwalają, Słowiczkowie wdzięcznym głosem, śpiewają, ach śpiewają.

I my też zgromadzeni, Pokłon dajmy Maryji, Czyste serce Bożej Matce, Darujmy, ach, darujmy.

— 47 —

**Figura 24:** Livro de Canções, com cantos que são entoados em velórios.
**Fonte**: Autora, 2017

De acordo com a entrevistada Lorena, desse canto também possuem a tradição de cantar somente as duas primeiras estrofes porque já são poucas as pessoas que o entoam e então preferem cantar, segundo ela, os trechos que tem mais segurança, ou seja, os que foram efetivamente memorizados. De acordo com Lorena, a tradução da primeira estrofe seria: “Oh estrela celestial, Oh Maria! Vossos rogos nós ouvimos, vossos doces chamados!”.

Tradução:

*Estrela bela, maravilhosa,*
*Maria de Czestochowa,*
*Para você podemos fugir,*
*O Maria, Maria*

*Ouvimos uma voz bonita,*
*Como Maria nos chama:*
*"Vinde a mim, meus filhos,*
*Chegou a hora, oh! Chegou a hora. "*

*Quando os passarinhos estão cantando,*
*Maria estão louvando,*
*Rouxinóis com voz graciosa*
*Eles cantam, ah! Eles cantam.*

*E também nos reunidos*
*Vamos adorar a Maria,*
*Um coração puro Mãe de Deus*

Cabe destacar que nesse canto não existe uma relação direta e sequencial entre as duas traduções. No entanto, há alguns aspectos importantes como, por exemplo, o destaque para a ideia central que aparece na tradução sucinta de Lorena: a de relacionar Maria a uma estrela. Quando Lorena destaca "Oh estrela celestial, Oh Maria!", há correlação com a primeira e, respectivamente, última parte da primeira estrofe do canto: "Estrela bela, maravilhosa/ O Maria, Maria". Já o restante da tradução de Lorena "Vossos rogos nós ouvimos, vossos doces chamados!", possui relação com o sentido da primeira e segunda frase da segunda estrofe do canto: "Ouvimos uma voz bonita/Como Maria nos chama". Dessa forma, Lorena não consegue traduzir o texto abordando a tradução direta[93] de cada palavra, mas consegue, em algumas partes, fazer a mesma atribuição de sentido que o canto tem na sua tradução original. Assim, com essa linguagem fragmentada e com a atribuição de sentido que dão ao canto, conseguem utilizá-lo nos velórios de família, com o significado que o canto, realmente, possui. Nesse sentido, há um trânsito entre a voz e a escritura, que na interpretação de Zumthor (1993, p. 273), "[...] conserva a lembrança mitificada de uma palavra original, saída de um peito vivo, do sopro de uma garganta singular". A tradição atualmente mantida pelas famílias é evidentemente oral, mas pelo sentido revelado na tradução de Lorena nota-se que ocorreu o contato, em algum momento da história dessas famílias, com o escrito. Disso resulta toda uma *performance* na utilização desses cantos que atualmente são entoados em momentos de sofrimento, no entendimento de Zumthor (1993, p. 273), "uma retórica da voz e a uma gramática dos movimentos dos corpos".

---

[93] Lahire (1997; 2002; 2003; 2004; 2005; 2006) ao longo de toda a sua obra analisa como as disposições estão vinculadas à prática, ou seja, a fórmula geradora da ação que faz o indivíduo pensar, agir e sentir de uma tal maneira. Nesse caso específico que envolve a tradução do canto por Lorena existe toda uma especificidade incorporada por ela em momentos anteriores, desde a infância, por isso possui relação com o passado e com a manifestação prática dessas disposições no presente, vinculadas a leitura e a tradução do escrito. Lahire (2005, p. 13) destaca que essas disposições são "postas em prática segundo o contexto da acção", ou seja, vincula-se às esferas de atividades pelas quais o indivíduo é levado a percorrer. Dessa maneira, quando se utiliza o termo "tradução direta" está relacionado aos esquemas de ações incorporados de forma específica por Lorena ao longo de sua trajetória.

Outro canto que possuem a tradição de cantar no final do enterro é “Descanso Eterno” (Dobry Jezu), quando ocorre a saída do corpo (Figura 25). Segundo Lorena costumam cantar três vezes a mesma estrofe:

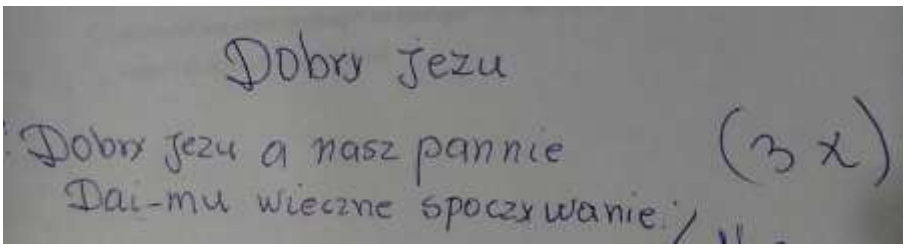



**Figura 25:** Anotação do canto polonês que não está no livro de canções
**Fonte**: Autora, 2017.

Tradução:

*“Dobry Jezu a nasz Panie,*
*daj im (ou jej, ou jemu) wieczne spoczywanie.”*

De acordo com a tradutora, o verso significa: “Bom Jesus e nosso Senhor dá a eles (ou para ela ou para ele) o descanso eterno”. Os poloneses de Dom Feliciano cantam esse verso até hoje (3 vezes repetido) nos funerais, da mesma forma que a tradutora disse cantarem atualmente na Polônia.

Esse canto foi redigido à mão por Lorena e o que mais impressiona é que sem material escrito para embasamento, Lorena redigiu o canto praticamente igual a versão transcrita pela tradutora. A atribuição de sentido é a mesma, “dar o descanso eterno” e a repetição da estrofe três vezes também se mantem. Apenas ocorreu uma pequena modificação na grafia de “daj im” para “dai-um”, provavelmente pela falta de contato ocorreu uma aproximação com o verbo “dar” no português.

Esse canto não foi encontrado no livro de canções e algumas questões precisam ser levantadas: Esse canto faz parte de outro livro de canções ou foi uma estrofe que se manteve na memória repassado através da tradição oral? Essas questões precisam ser levantadas, embora seja difícil de chegar a uma conclusão, pois são poucos os materiais escritos nas casas das famílias polonesas, de cinco famílias entrevistadas esse foi o único registro de livro de cantos localizado. O que é evidente, ao verificar os cantos que são mantidos de forma oral e os registros desses cantos no livro de canções nas páginas 47 (Figura 24) e 52 (Figura 23), é que ocorreu uma redução ao que é cantado de cor e o canto escrito na íntegra, pois

como foi salientado são poucas as pessoas que cantam e elas preferem cantar somente o que sabem mais, ou seja, o que foi oralmente memorizado.

A pergunta que fica é: quem vai rezar e cantar na próxima geração? Estão na terceira geração e essa prática se tornou comum entre as mulheres polonesas mais velhas. Dessa forma, ao que tudo indica, com o passar do tempo essa tradição tende a desaparecer.

Para Zumthor (1993) escrita e oralidade caminham juntas, pois existe oralidade na escrita e um apagamento (ocultamento) da escrita no oral, mas ambas possuem relações diretas. Dessa forma, o conceito de oralidade ganha outra conotação e o autor destaca a presença da voz como marcador de comunicação que se caracteriza também pela expansão do corpo. O conjunto de sentidos, os gestos e os olhares também são expressões de oralidade. No caso em análise, é possível verificar essa via de mão dupla que Zumthor ampliou em sua discussão, pois existe nos cantos analisados a presença do oral no escrito e o ocultamento da escrita no oral, uma vez que nos velórios os cantos são entoados de cor. Há toda uma temporalidade, vinculada a acontecimentos passados que através da memória são reativados no presente.

Para Zumthor (1993), a análise de materiais antigos, e diga-se tanto os orais como escritos, nos coloca em uma situação desfavorável em relação as posturas históricas que tendem a reconstruir uma realidade passada, pois somos impelidos a modelização dos documentos do passado, pois imprimimos a nossa própria historicidade na projeção do passado no espaço moderno. Como afirma o autor: “minha própria voz importa aqui e o sentimento que tenho dela importa ao que posso dizer dessa outra voz (ZUMTHOR, 1993, p. 24)”. A voz não será recuperada em seu sentido original, mas em processo de construção com outras vozes ao longo de tempo.

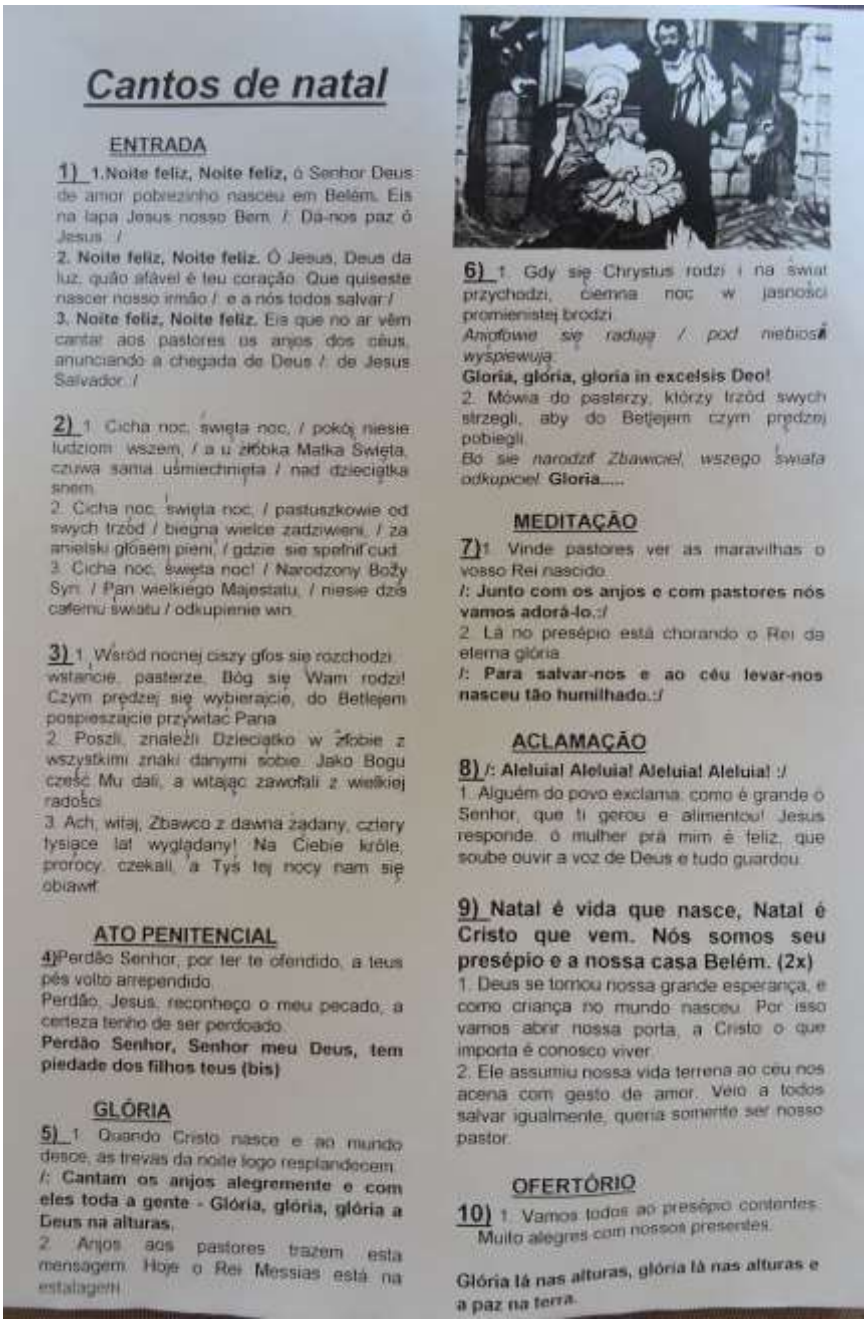
Entender essa historicidade no uso da voz projetada no tempo presente destacada por Zumthor (1993) pode ser também relacionada a uma preocupação que tangencia os estudos de Lahire (2003, 2005) por um outro enfoque (mas que chega também na ação), na busca por compreender como o passado incorporado é ativado no presente, levando em consideração o que de fato “se incorpora”, os mecanismos que estão na origem do sistema disposicional e regem a prática cotidiana, as molas mestras que nos regem, que fazem ser o que somos, que

movem nosso pensamento, nossa personalidade e nossa ação como, por exemplo, para que ainda se cante em polonês nos velórios. Essas relações possuem uma gênese profunda (para Zumthor, históricas) imbricadas ou constituídas de forma singular em cada indivíduo porque depende da forma em que cada um interiorizou sua relação com o mundo e com os outros. Na sequência analisou-se os cantos mantidos na igreja.

### 4.1.3. Os cantos entoados na igreja: repertórios individualizados que aproximam oralidade, leitura e escrita.

Conforme Zumthor (1993), como já destacou-se, os cantos possuem a característica de transcender os tempos-espaços e possuem o poder de se propagarem mantendo determinados aspectos através da voz. Fundamental para essa difusão, desde os tempos mais remotos, está a interferência da igreja, através da liturgia. Nesse momento a discussão procura centrar-se em mostrar os cantos entoados na igreja e que foram destacados pelos indivíduos pesquisados como cantos apreendidos na infância. Além de serem entoados na língua polonesa vinculam-se a experiências sociais incorporadas pelos descendentes em quadros de socialização anterior, principalmente relacionados à presença de seus pais, avós ou bisavôs imigrantes, o que Lahire (2003) conceitua como repertórios de esquemas de ação.

Pergunta-se porque esses cantos, aprendidos na infância pelos descendentes, estão vinculados a uma data específica do ano, como o Natal, e não foram esquecidos ao longo do tempo? Lahire (2003) ajuda a elucidar essa questão quando enfatiza que os repertórios, armazenados ao longo da trajetória, não são necessários em todos os contextos. Esses esquemas ficam em reserva, estocados, guardados à espera dos desencadeadores de sua efetivação. O desencadeador desse repertório armazenado, nesse caso, é a igreja que materializa uma tradição apreendida na infância, de forma oral, através do escrito, pois as folhas com os cantos natalinos são distribuídas aos fiéis na missa. Essas folhas de cantos não são utilizadas por todas as pessoas que frequentam a missa, pois existe a influência do fator geracional que será abordado a seguir. (Figura 26 e 27)



# Cantos de natal

## ENTRADA

**1)** 1.**Noite feliz, Noite feliz,** ó Senhor Deus de amor pobrezinho nasceu em Belém. Eis na lapa Jesus nosso Bem. /: Da-nos paz ó Jesus. :/

**2. Noite feliz, Noite feliz.** Ó Jesus, Deus da luz, quão afável é teu coração. Que quiseste nascer nosso irmão /: e a nós todos salvar :/

**3. Noite feliz, Noite feliz.** Eis que no ar vêm cantar aos pastores os anjos dos céus, anunciando a chegada de Deus /: de Jesus Salvador. :/

**2)** 1. Cicha noc, święta noc, / pokój niesie ludziom wszem, / a u żłóbka Matka Święta, czuwa sama uśmiechnięta / nad dzieciątka snem.
2. Cicha noc, święta noc, / pastuszkowie od swych trzód / biegna wielce zadziwieni, / za anielski głosem pieni / gdzie sie spełnił cud.
3. Cicha noc, święta noc! / Narodzony Boży Syn. / Pan wielkiego Majestatu, / niesie dziś całemu światu / odkupienie win.

**3)** 1. Wśród nocnej ciszy głos sie rozchodzi, wstancie, pasterze, Bóg się Wam rodzi! Czym prędzej się wybierajcie, do Betlejem pospieszajcie przywitać Pana.
2. Poszli, znaleźli Dzieciątko w żłobie z wszystkimi znaki danymi sobie. Jako Bogu cześć Mu dali, a witając zawołali z wielkiej radości.
3. Ach, witaj, Zbawco z dawna żądany, cztery tysiące lat wyglądany! Na Ciebie króle, prorocy, czekali, a Tyś tej nocy nam się objawił.

## ATO PENITENCIAL

**4)** Perdão Senhor, por ter te ofendido, a teus pés volto arrependido.
Perdão, Jesus, reconheço o meu pecado, a certeza tenho de ser perdoado.
**Perdão Senhor, Senhor meu Deus, tem piedade dos filhos teus (bis)**

## GLÓRIA

**5)** 1. Quando Cristo nasce e ao mundo desce, as trevas da noite logo resplandecem.
**/: Cantam os anjos alegremente e com eles toda a gente - Glória, glória, glória a Deus na alturas.**
2. Anjos aos pastores trazem esta mensagem. Hoje o Rei Messias está na estalagem.

**6)** 1. Gdy się Chrystus rodzi i na świat przychodzi, ciemna noc w jasności promienistej brodzi.
*Aniołowie się radują / pod niebios wyspiewują.*
**Gloria, glória, gloria in excelsis Deo!**
2. Mówia do pasterzy, którzy trzód swych strzegli, aby do Betlejem czym prędzej pobiegli.
*Bo się narodził Zbawiciel, wszego świata odkupiciel.* **Gloria.....**

## MEDITAÇÃO

**7)** 1. Vinde pastores ver as maravilhas o vosso Rei nascido.
**/: Junto com os anjos e com pastores nós vamos adorá-lo.:/**
2. Lá no presépio está chorando o Rei da eterna glória.
**/: Para salvar-nos e ao céu levar-nos nasceu tão humilhado.:/**

## ACLAMAÇÃO

**8) /: Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia! :/**
1. Alguém do povo exclama: como é grande o Senhor, que ti gerou e alimentou! Jesus responde: ó mulher prá mim é feliz, que soube ouvir a voz de Deus e tudo guardou.

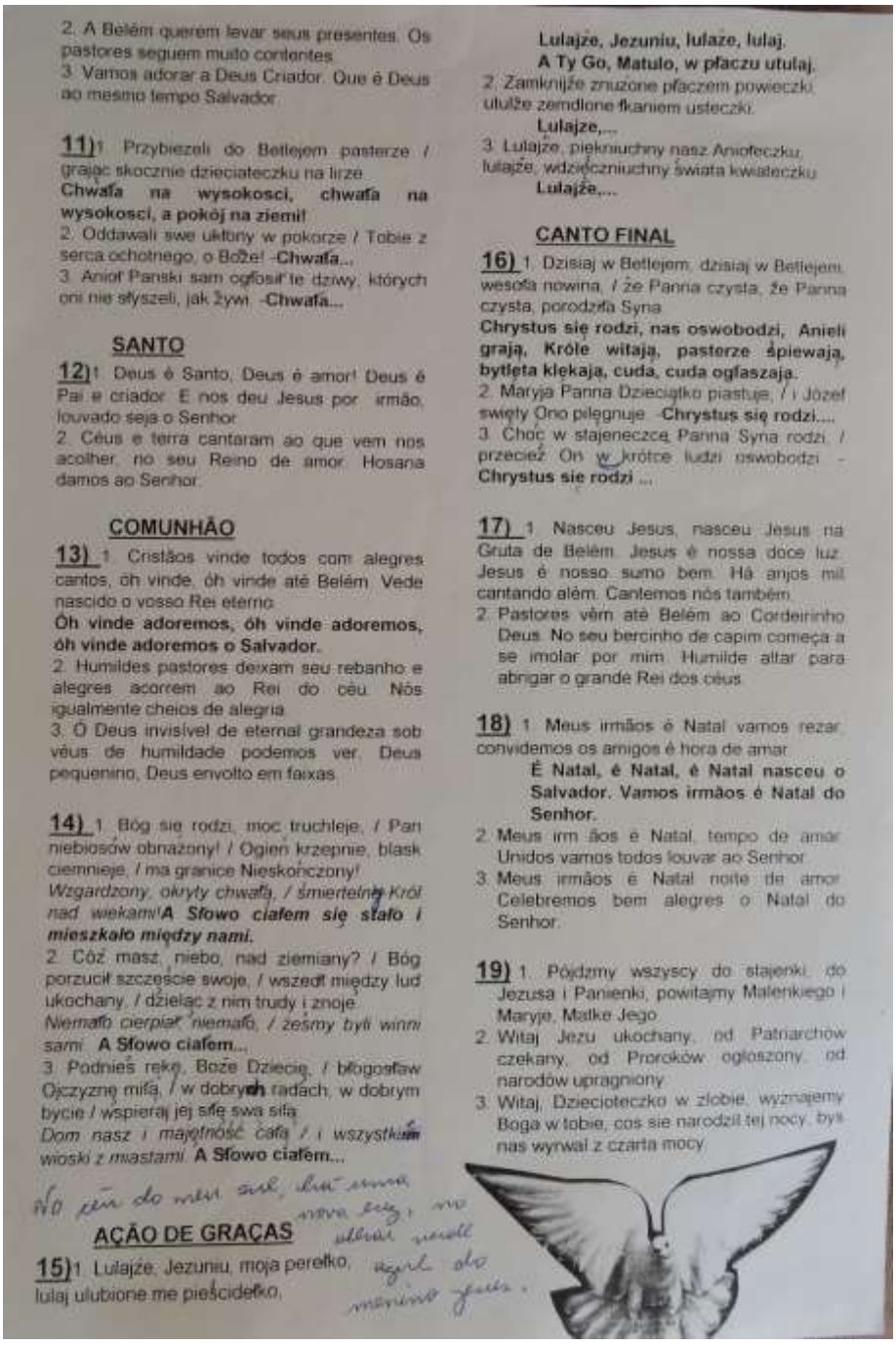
**9) Natal é vida que nasce, Natal é Cristo que vem. Nós somos seu presépio e a nossa casa Belém. (2x)**
1. Deus se tornou nossa grande esperança, e como criança no mundo nasceu. Por isso vamos abrir nossa porta, a Cristo o que importa é conosco viver.
2. Ele assumiu nossa vida terrena ao céu nos acena com gesto de amor. Veio a todos salvar igualmente, queria somente ser nosso pastor.

## OFERTÓRIO

**10)** 1. Vamos todos ao presépio contentes. Muito alegres com nossos presentes.

**Glória lá nas alturas, glória lá nas alturas e a paz na terra.**

**Figura 26:** Frente da folha de cantos natalinos pertencente ao acervo da igreja
**Fonte**: Autora, 2017.



2. A Belém querem levar seus presentes. Os pastores seguem muito contentes.
3. Vamos adorar a Deus Criador. Que é Deus ao mesmo tempo Salvador.

**11)** 1. Przybiezeli do Betlejem pasterze / grając skocznie dzieciateczku na lirze.
**Chwała na wysokosci, chwała na wysokosci, a pokój na ziemi!**
2. Oddawali swe ukłony w pokorze / Tobie z serca ochotnego, o Boże! -**Chwała...**
3. Anioł Pański sam ogłosił te dziwy, których oni nie słyszeli, jak żywi. -**Chwała...**

## SANTO

**12)** 1. Deus é Santo, Deus é amor! Deus é Pai e criador. E nos deu Jesus por irmão, louvado seja o Senhor.
2. Céus e terra cantaram ao que vem nos acolher, no seu Reino de amor. Hosana damos ao Senhor.

## COMUNHÃO

**13)** 1. Cristãos vinde todos com alegres cantos, óh vinde, óh vinde até Belém. Vede nascido o vosso Rei eterno.
**Óh vinde adoremos, óh vinde adoremos, óh vinde adoremos o Salvador.**
2. Humildes pastores deixam seu rebanho e alegres acorrem ao Rei do céu. Nós igualmente cheios de alegria.
3. Ó Deus invisível de eternal grandeza sob véus de humildade podemos ver. Deus pequenino, Deus envolto em faixas.

**14)** 1. Bóg się rodzi, moc truchleje, / Pan niebiosów obnażony! / Ogień krzepnie, blask ciemnieje, / ma granice Nieskończony!
*Wzgardzony, okryty chwałą, / śmiertelnej Król nad wiekami!* ***A Słowo ciałem się stało i mieszkało między nami.***
2. Cóż masz, niebo, nad ziemiany? / Bóg porzucił szczęście swoje, / wszedł między lud ukochany, / dzieląc z nim trudy i znoje.
*Niemało cierpiał, niemało, / żeśmy byli winni sami.* **A Słowo ciałem...**
3. Podnieś rękę, Boże Dziecię, / błogosław Ojczyznę miłą, / w dobrych radach, w dobrym bycie / wspieraj jej siłę swą siłą.
*Dom nasz i majętność całą / i wszystkim wioski z miastami.* **A Słowo ciałem...**

## AÇÃO DE GRAÇAS

**15)** 1. Lulajże, Jezuniu, moja perełko, lulaj ulubione me pieścidełko.
**Lulajże, Jezuniu, lulaże, lulaj.**
**A Ty Go, Matulo, w płaczu utulaj.**
2. Zamknijże znużone płaczem powieczki, ululże zemdlone łkaniem usteczki.
**Lulajze,...**
3. Lulajże, pięknuchny nasz Aniołeczku, lulajże, wdzięczniuchny świata kwiateczku.
**Lulajże,...**

## CANTO FINAL

**16)** 1. Dzisiaj w Betlejem, dzisiaj w Betlejem, wesoła nowina, / że Panna czysta, że Panna czysta, porodziła Syna.
**Chrystus się rodzi, nas oswobodzi, Anieli grają, Króle witają, pasterze śpiewają, bydlęta klękają, cuda, cuda ogłaszają.**
2. Maryja Panna Dzieciątko pieszcuje, / i Józef święty Ono pielęgnuje. -**Chrystus się rodzi....**
3. Choć w stajeneczce Panna Syna rodzi, / przecież On w krótce ludzi oswobodzi. -**Chrystus się rodzi ...**

**17)** 1. Nasceu Jesus, nasceu Jesus na Gruta de Belém. Jesus é nossa doce luz. Jesus é nosso sumo bem. Há anjos mil cantando além. Cantemos nós também.
2. Pastores vêm até Belém ao Cordeirinho Deus. No seu bercinho de capim começa a se imolar por mim. Humilde altar para abrigar o grande Rei dos céus.

**18)** 1. Meus irmãos é Natal, vamos rezar, convidemos os amigos é hora de amar.
**É Natal, é Natal, é Natal nasceu o Salvador. Vamos irmãos é Natal do Senhor.**
2. Meus irmãos é Natal, tempo de amar. Unidos vamos todos louvar ao Senhor.
3. Meus irmãos é Natal noite de amor. Celebremos bem alegres o Natal do Senhor.

**19)** 1. Pójdźmy wszyscy do stajenki, do Jezusa i Panienki, powitajmy Malenkiego i Maryję, Matkę Jego.
2. Witaj Jezu ukochany, od Patriarchów czekany, od Proroków ogłoszony, od narodów upragniony.
3. Witaj, Dzieciąteczko w żłobie, wyznajemy Boga w tobie, coś się narodził tej nocy, byś nas wynwal z czarta mocy.

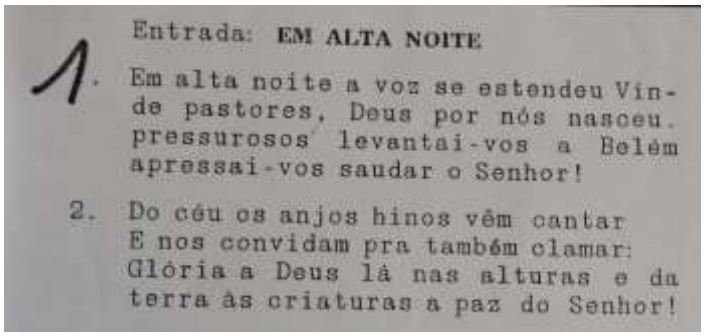
**Figura 27:** Verso da folha de cantos natalinos pertencente ao acervo da igreja
**Fonte**: Autora, 2017.

É interessante também destacar que as relações que se estabelecem com esse material escrito na missa é diferente entre as diferentes gerações. Em observação realizada na chamada Missa do Galo[94], em 24 de dezembro de 2016, evidenciou-se que a maior parte dos fiéis são pessoas mais idosas e que não

[94] A Missa do Galo é celebrada pelos católicos na véspera do Natal que começa a meia noite do dia 24 para 25 de dezembro.

utilizam o material impresso como apoio, pois sabem os cantos de cor. Já os mais jovens que estavam presentes mantinham as folhas de cantos consigo. Há uma temporalidade passada que se sobrepõe ao presente e marca a oralidade nesse local.

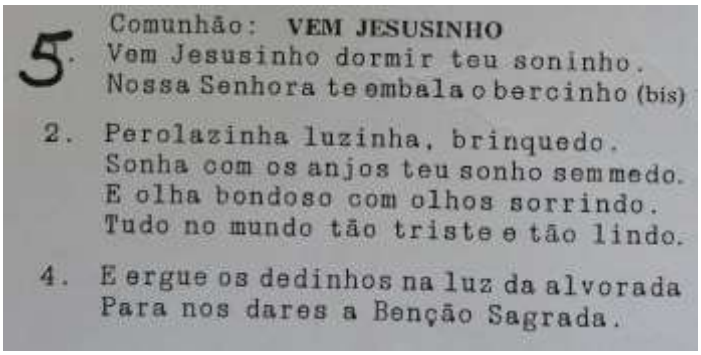
Na análise da folha de cantos, figuras 26 e 27, evidencia-se a presença do bilinguismo, uma vez que há cantos em polonês, com a tradução em português, como o canto Noite Feliz (1) e sua versão em Polonês (2); o Glória (5), com tradução em polonês (6); o Ofertório (10) e sua versão em polonês (11). Para além desses em polonês/português, há cantos somente em português como os números: 4, 7, 8, 9, 12, 13, 17 e 18 das figuras 26 e 27; como há cantos somente em polonês como os números: 3, 14, 15, 16 e 19 das figuras 26 e 27. Cabe destacar que, segundo uma integrante do grupo de cantos poloneses[95], "Spiewajmy Panu" (Cantemos ao Senhor), os cantos que possuem tradição de serem entoados na igreja são os que possuem versão em polonês/português destacados acima. Para além desses, são entoados também o canto número 3, Em Alta Noite, e o canto número 15, Vem Jesuzinho das figuras 26 e 27, ambos com tradução para o português em outra folha de cantos, conforme os trechos abaixo (Figuras 28 e 29).



1. Entrada: **EM ALTA NOITE**

1. Em alta noite a voz se estendeu Vin-
de pastores, Deus por nós nasceu.
pressurosos levantai-vos a Belém
apressai-vos saudar o Senhor!

2. Do céu os anjos hinos vêm cantar
E nos convidam pra também clamar:
Glória a Deus lá nas alturas e da
terra às criaturas a paz do Senhor!



5. Comunhão: **VEM JESUSINHO**

Vem Jesusinho dormir teu soninho.
Nossa Senhora te embala o bercinho (bis)

2. Perolazinha luzinha, brinquedo.
Sonha com os anjos teu sonho sem medo.
E olha bondoso com olhos sorrindo.
Tudo no mundo tão triste e tão lindo.

4. E ergue os dedinhos na luz da alvorada
Para nos dares a Benção Sagrada.

[95] Foi entrevistada a integrante do grupo de cantos poloneses, Lúcia Rosinski.

**Figura 28 e 29:** Cantos entoados em polonês e que possuem tradução para o português em outra folha de cantos para o Natal.
**Fonte**: Autora, 2017.

Os cantos entoados em polonês que foram destacados pelos entrevistados e que se caracterizam como repertórios individualizados por serem acessados no seu *stock* somente nesse período do Natal são os cantos: Noite Feliz (2), Quando Cristo nasce (6) e Vamos todos ao presépio (11), assim denominados pelos entrevistados durante a pesquisa. Os cantos citados, “Quando Cristo Nasce” e “Vamos todos ao presépio” são respectivamente em português os cantos Glória (5) que começa com a frase “Quando Cristo nasce...” e Ofertório (10) que começa com a frase “Vamos todos ao presépio...”, (Figura 26). Dessa forma, ocorreu uma aproximação para destacar o nome do canto em polonês com o início do canto em sua versão no português, mostrando que a importância do canto em polonês está associado à sua tradução em português.

Esses cantos, armazenados nos esquemas de ações, são colocados em prática porque os descendentes encontram no tempo presente elementos desencadeadores nas missas em polonês que são capazes de ativá-los à consciência, mesmo que não o utilizem em outras celebrações, somente no Natal Sobre esses desencadeadores, Lahire (2003) explica:

> A simples encenação num cenário ordinário (paisagem, espaço, urbano, apartamento...), a visão de um pormenor (um gesto, um objeto, uma peça de roupa...), uma estimulação auditiva (uma voz, uma risada, um barulho...), gustativa ou olfactiva (um gosto ou um odor naturais ou artificiais) podem desencadear uma lembrança (e ocasionar por ela própria uma grande emoção), reabrir todo um bocado de passado que críamos ter esquecido (o <<isso lembra-me isto ou aquilo>>) ou impelir a acção, de um hábito (o <<isso faz-me agir desta ou daquela maneira>>) (LAHIRE, 2003, p. 94).

Além de reativar um passado incorporado, o elemento desencadeador pode ativar sensações análogas já vivenciadas e um conjunto de experiências as quais essas lembranças estavam vinculadas. O interessante é que, nesse caso em análise, os descendentes de poloneses se deslocam tanto da cidade como do interior do município para a Missa do Galo, realizada na Igreja Matriz e rezada em polonês, pois nesse local rezam e rememoram esses cantos natalinos, muitos deles vinculados ao período de vivência da infância quando aprenderam a língua

polonesa. Nesse caso, Lahire (2003) enfatiza que o passado se faz presente de forma invisível e imperceptível, através da ação exatamente pelo desencadeamento dos esquemas de ações, vinculados aos hábitos de pensamento, de linguagem, de movimento, etc, transmitidos em contextos anteriores.

A seguir investigou-se que em outros locais, como na cerimônia do *Oplatek*, outros repertórios constituídos no passado são também atualizados.

### 4.1.4. A cerimônia do *Oplatek:* atualização do passado incorporado

Essa cerimônia é uma tradição polonesa em que a família se reúne para a partilha do pão abençoado. De acordo com os entrevistados, quando os seus bisavós e avós ainda viviam era costume reunirem-se antes da ceia de Natal para realizarem a partilha da hóstia e chegavam até mesmo a marcarem um horário específico com os familiares da Polônia para realizarem essa celebração no mesmo instante. De acordo com os eles, no momento que as gerações antigas foram desaparecendo, com a morte de seus bisavós e avós, essa tradição deixou, paulatinamente, de ser realizada no espaço familiar. No entanto, atualmente eles participam dessa celebração no espaço público, pois ela é realizada na Casa da Cultura e do Imigrante Polonês. De acordo com a Secretária da Cultura de Dom Feliciano, Luciana Novinski, esse evento é muito importante para os familiares descendentes:

> "A Casa da Cultura do Imigrante e a BRASPOL local ainda preservam um costume antigo trazido pelos Imigrantes na época do Natal, que é a Cerimônia do "Opłatek", onde desde os mais remotos tempos na Polônia se comemora a vigília de Natal, de uma maneira muito linda. A cerimônia religiosa da ceia de natal acontecia numa atmosfera familiar, com a partilha do PÃO ABENÇOADO – "OPŁATEK". Que tem seu significado no perdão mútuo, na união e na vivência fraterna da família. A partilha do "Opłatek" pode também ser realizada nas Sociedades ou em certos grupos, onde exista o clima de compreensão e fraternidade, como fazemos na Casa da Cultura até os dias de hoje. O profundo conteúdo da partilha do PÃO ABENÇOADO – "OPŁATEK"., nasce no mistério central do cristianismo, a EUCARISTIA, chamada biblicamente a partilha do pão[96]".

[96] Trecho disponível em seu blog: http://lunovinski.blogspot.com.br/p/braspol-representacao-central-da.html. No qual disponibiliza informações sobre o município de Dom Feliciano.

Ela ainda destaca, em entrevista realizada no dia 26/07/2017, que essa tradição tem certos ritos a serem seguidos e que são mantidos pela Casa da Cultura, pois essa cerimônia deve ser realizada na véspera do Natal, quando surge a primeira estrela no céu deve começar a vigília natalina com essa cerimônia (Figura 30). No ambiente familiar o pai de família deveria fazer a leitura do Evangelho de São Lucas, já em comunidade o padre é o responsável por esse papel. Após a benção do pão ázimo[97] todos fazem a troca entre si e desejam votos de paz. Quando começa a ceia deve ser colocado um prato vazio à mesa, lembrando a fraternidade de Jesus Cristo e a importância de ajudar o próximo (Figura 31).

**Figura 30:** Cerimônia do Oplatek realizada em 2011 na Casa da Cultura e do Imigrante Polonês. Acima a abertura do cerimonial, abaixo a benção do pão realizada pelo padre e ao lado o grupo de cantos da igreja, “Spiewajmy Panu” (Cantemos ao Senhor) e o Terno de Reis, “Orzel Byali” entoando cantos natalinos em polonês.
**Fonte**: Acervo da Secretária de Cultura, Luciana Novinski, disponível em seu blog: http://lunovinski.blogspot.com.br/

[97] É um tipo de pão assado sem fermento que faz parte da tradição judaico-cristã, muito utilizado nas celebrações de partilha.

**Figura 31:** As fotos representam a partilha da hóstia pelos descendentes, em que todos devem repartir o pão ázimo, desejam votos de fraternidade e posteriormente ceiam em comunhão.
**Fonte**: Acervo da Secretária de Cultura, Luciana Novinski, disponível em seu blog: http://lunovinski.blogspot.com.br/

A cerimônia é permeada por ritos, leitura bíblica e cantos natalinos[98], estes entoados em língua polonesa. Os principais cantos são “Noite Feliz” e “Glória”, em polonês, respectivamente o número 2 e 6 da folha de cantos de Natal (Figura 26). No livro local de Lempek (1998, p. 101) há referência a essa cerimônia quando acontecia ainda no espaço familiar. Segundo ele: “a ceia de Natal com pratos típicos poloneses é servida aos familiares e amigos. Nessa ceia, reparte-se o <<Oplatek>> (Pão semelhante a uma hóstia) entre todos os membros da família pedindo a Deus que conserve a todos unidos”.

Mesmo que ao longo do tempo tenha acontecido uma modificação da cerimônia, passando do espaço privado/familiar para o espaço público, o sentido atribuído a esses ritos ainda se mantem. Associando esses aspectos com a abordagem de Lahire (2003, 2005), esses ritos são mantidos de forma incisiva

[98] Há o grupo de cantos da igreja, “Spiewajmy Panu” (Cantemos ao Senhor) e o Terno de Reis, “Orzel Byali” que participam dessa cerimônia, os quais, ambos, tiveram um integrante entrevistado nessa pesquisa.

porque relacionam-se a vivências anteriores, que por organizarem-se em repertórios únicos em cada indivíduo são (re) acessados no espaço público, exatamente pelas condições análogas às que aconteciam no ambiente familiar, as quais estão na origem da formação desses esquemas de ações, organizados na forma de repertórios. Lahire (2003) explica a importância de entender o passado de cada ator plural a fim de interpretar suas ações no presente:

> A nossa intenção é por isso tomar a cargo teoricamente a questão do passado incorporado, experiências socializadoras anteriores, evitando ao mesmo tempo negligenciar ou anular o papel do presente (da situação), fazendo como se todo o nosso passado agisse, <<como um único homem>>, em cada momento da nossa ação. (LAHIRE, 2003, p. 60)

Não há como entender a permanência da cerimônia do Oplatek nos dias atuais e a quantidade de descendentes que a frequentam de forma descontextualizada do passado, pois o princípio unificador dessa prática vincula-se à uma historicidade construída ao longo do tempo. No entanto, passado e presente são heterogêneos, uma vez que são contextos diferentes, que envolve pessoas e espaços (re) significados nesse momento de confraternização. Ainda de acordo com Lahire (2003, p. 67), entender a mobilização desses repertórios individualizados nessa situação especifica é fundamental para compreender "[...] a questão das maneiras como uma parte – e apenas uma parte – das experiências passadas incorporadas é mobilizada, convocada, despertada pela situação presente". Dessa forma, os desencadeadores mobilizados nessa cerimônia, como os ritos que são seguidos, as bênçãos e os cantos entoados em polonês são capazes de atualizar esses repertórios ou resumos de experiências passadas de forma que eles se mantenham como momento importante entre diferentes gerações dos descendentes de poloneses.

Cabe destacar que os três enfoques destacados nessa sessão: os cantos mantidos em velórios, os cantos entoados na igreja e os cantos mantidos na cerimônia do *Oplatek* são constituintes de repertórios individualizados, como já ressaltou-se.

É importante frisar também que os cantos entoados nos velórios, como ensina Zumthor (1993), constituem uma importante tradição oral mantida pela voz. Mesmo que exista a presença do escrito no vocal, os descendentes entoam os cantos de cor.

Há também a presença do oral nos outros dois segmentos aqui analisados, cantos da igreja e cerimônia do *Oplatek*. Contudo, nessas cerimônias existe a presença do canto escrito materializado através das folhas distribuídas aos fiéis e mesmo que as pessoas não o utilizem (por vários fatores, até mesmo por não saberem mais ler em polonês), não se pode segmentá-los. Nessas diferentes manifestações a escrita está direta ou indiretamente relacionados a voz para transmitir seus sentidos, coexistindo o oral no escrito e o escrito na voz.

## 4.2. AS DOBRAS SINGULARES DO SOCIAL

*"Após ter desdobrado o social, por vezes pode ser útil dobrá-lo de novo".*

*(Bernard Lahire, 2004, Prólogo).*

Para entendermos os "vincos" mais singulares do social, de acordo com Lahire (2005), é necessário compreendermos o indivíduo como produto complexo de experiências socializadoras múltiplas. Sem reducionismos, a teoria nos ensina que o entendimento do social não deve pautar-se no coletivo ou no geral, mas que o social se encontra nos traços mais singulares de cada indivíduo. As forças externas às quais cada indivíduo é submetido desde o nascimento estão na origem do sistema ou patrimônio disposicional[99] e são responsáveis pela forma de sentir, agir e pensar. Esse patrimônio é continuamente reajustável ao longo da vida podendo, as disposições, serem silenciadas, substituídas, acumuláveis e colocadas em ação de acordo com o contexto. De acordo com Lahire (2005, p. 33):

> A partir do momento em que tentamos aprender a realidade do social incorporado (individualizado) – a interrogação podendo centra-se tanto nos grandes números como em casos particulares, tanto em casos estatisticamente frequentes como em casos estatisticamente atípicos ou marginais – somos obrigados a redefinir os instrumentos de análise e nomeadamente a concepção que temos do que são essas "pequenas máquinas produtoras" de práticas, essas matrizes disposicionais (comportamentais, cognitivas, afectivas, apreciativas...) retendo no corpo de cada indivíduo o produto das diferentes séries de experiências passadas (LAHIRE, 2005, p. 32).

Nessa perspectiva, para entender a singularidade dos indivíduos é necessário analisar o social. Na concepção de Lahire (2005), para compreender o social no seu estado dobrado, individualizado, é necessário o conhecimento do social no seu estado desdobrado, alargado. A relação de cada indivíduo com o social será única e dependerá da forma em que interiorizou os processos de socialização ao longo de

---

[99] Por patrimônio disposicional, Lahire (2005), entende a experiência dos indivíduos aos contextos plurais e não homogêneos, por vezes, contraditórios que são levados a evoluir, constituindo um sistema disposicional, de hábitos e de capacidades não unificado.

sua existência. Dessa forma, cada indivíduo é portador de um “espaço social amassado”. Como uma via de mão dupla, interior e exterior se complementam, segundo Lahire (2003, p. 259), “para compreender o <<interior>>, existe então apenas uma solução: fazer o estudo mais rigoroso, mais circunstanciado e mais sistemático possível do <<exterior>>”. Após a análise individual com a constituição dos perfis sociológicos, o interesse centrou-se em compreender as amassaduras do social e as marcas deixadas através da ação, impressas pela leitura e pela escrita. Se já desdobrou-se o social através do entendimento individualizado, com a constituição dos perfis, é preciso dobrá-lo novamente para compreender a realidade de forma complexa.

### 4.2.1. Leitura: o jornal polonês “*Lud”* e *“Gazeta Polska”*

Não é possível continuar a análise referente à manutenção da língua entre os descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano sem entender a interferência que o escrito teve nesse espaço. Muitas das tradições ainda mantidas como referência de identificação entre os descendentes possuem relação com a circulação de materiais em polonês, muitos deles trazidos pelos antepassados da Polônia. Mesmo que, atualmente, muitas dessas tradições sejam perpetuadas somente de forma oral elas possuem relações com o escrito.

Dessas relações estabelecidas com o escrito, a maioria dos entrevistados, pertencentes a 3ª geração, relatou que os bisavós e avós assinavam o jornal polonês *“Lud*”, que significa “povo” em português. Infelizmente, nenhum dos entrevistados conservou esse material em sua família. No entanto, como era um jornal de ampla circulação no período pós imigração foi investigado também se não havia esse material em outras instituições sociais, como na Casa da Cultura e do Imigrante Polonês e na Secretaria da Educação, nas quais as duas tentativas foram sem êxito. Na Casa da Cultura foi citado que um descendente da 2ª geração poderia ter esse material, no entanto, quando investigado ele revelou que há pouco tempo ele se desfez do jornal devido problemas com a conservação do material. Foi mostrado a ele a foto do jornal polonês abaixo (Figura 32) e ele confirmou que era

exatamente igual a esse o que a família assinava e que possuía ampla circulava na comunidade.

LUD

Organ Spółki Wydawniczej

KURYTYBA, DNIA 2 MARCA 1937

Wychodzi dwa razy na tydzień

Nr. 16.

Brasil

Szósty Walny Zjazd Związku „Oświata" w Kurytybie.

Z Brazylji.

Kurytyba.

Rio de Janeiro.

**Figura 32**: Jornal polonês "Lud", pertencente ao convento dos padres vicentinos no Paraná.
**Fonte**: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones, acesso em 03/08/2017.

As lembranças reveladas pelos descendentes em Dom Feliciano, em relação a esse jornal, na maior parte dos entrevistados, é a mesma: o jornal servia para informar as notícias da Polônia e do Brasil. Alguns ainda lembram que, passado uma fase em que era apenas em polonês, teve momentos que era escrito tanto em português, quanto em polonês, bilíngue, portanto[100]. É interessante, nos relatos, que o jornal era aguardado ansiosamente pelas famílias. No momento da entrega do jornal, a família se reunia para ouvir a leitura, como relatado por Maria, em que sua mãe, 1ª geração de imigrantes, era a escolhida para ler o jornal para seu avô, que não sabia ler; ou seja, havia um momento de leitura coletiva do jornal, no qual os que sabiam ler anunciavam as notícias para os demais familiares. Como pode ser visto na imagem abaixo (Figura 33), pertencente ao acervo dos padres vicentinos no Paraná, essa era uma prática também recorrente nas colônias daquela região.

[100] De acordo com a Gazeta do Povo em 1947 o jornal passou a ser bilíngue e em 1999, devido pressões políticas deixou de circular. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbg , acesso em 29/04/2017.

**Figura 33:** Leitores do *"Lud*" nas colônias do Paraná.
**Fonte**: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones, acesso em 03/08/2017

A leitura do jornal contribuía para a manutenção da língua, uma vez que como havia pessoas que não sabiam ler, estes dependiam que fosse feita uma leitura em voz alta. O que mais nos interessa em relação a esse jornal é que de fato ele circulou na comunidade e foi, talvez, um material importante para que a língua, mantida de forma oral, mas com suporte no escrito, se perpetuasse até o contexto atual. Muitos dos entrevistados eram crianças pequenas nesse período de circulação do periódico e recordam desses momentos de leitura realizados em família[101].

É importante também ressaltar que foi encontrado na escola Padre Constantino Zaikowski, na Linha Amaral Ferrador, um jornal polonês com a escrita em português, *"Gazeta Polska W Brazylii – Gazeta Polonesa[102]"* do ano de 1941, com edição em Curitiba no Paraná (Figura 34). De acordo com o site *"Gazeta do Povo*[103]", o jornal *"Lud"* teve sua circulação até 1940, quando teve sua publicação interrompida por pressões impostas pelo período de regência de Getúlio Vargas e

[101] Isso aparece no capítulo XXX, no perfil dos entrevistados.
[102] Disponível no Anexo C.
[103] Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbgu, acesso em 25/10/2017.

sua política de nacionalização. No entanto, volta a circular em 1947 até 1999 mantendo um formato bilíngue. O que podemos destacar dessa edição encontrada na escola com ano de edição de 1941 é que provavelmente a Gazeta Polonesa circulou no período de 1940 a 1947, quando foi proibida a circulação de materiais que não fossem em língua nacional. Confirma isso o fato do jornal possuir a escrita em português, mesmo que seu conteúdo seja sobre a situação da Polônia e os entraves dessa durante o período da Segunda Guerra Mundial. No site “Gazeta do Povo” não é feita referência a essa edição de 1941, apenas é encontrado que, em 1892, um imigrante polonês fundou a *“Gazeta Polska w Brasilii”* e que, posteriormente, em 1920, os padres vicentinos assumem a sua publicação e dão o nome de *“Lud*” e que esta possui um caráter contrário ao jornal *“Polak”*, por afirmar independência ideológica.

ANO 58.o — CURITIBA, QUARTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 1941 — NUMERO: 42.

GAZETA POLSKA
W BRAZYLJI
Gazeta Polonesa

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Emiliano Perneta — n. 842. — Caixa Postal: — E. CURITIBA — PARANA'

SEMANARIO ILUSTRADO, FUNDADO EM 1892

Diretor: PEDRO OLIVEIRA SAPORSKI — Redator: AFONSO WISNIEWSKI.

V «O espirito daraça polonesa continùa sendo imortal»

MISSIVA DO SR. EDEN AO GENERAL SIKORSKI

LONDRES (R.) – O sr. Anthony Eden, ministro das Relações Exteriores, escrevendo ao general Sikorski, chefe do governo da Polonia, sobre "a impressionante marcha de unidades mecanizadas e blindadas" durante a recente visita que fez ao exercito polonês, sediado na Escocia, diz:

CONCLAMO-VOS PARA A LUTA ARMADA

Proclamação do General Sikorski

POLONESES !

Jefferson Caffery

**Figura 34**: Jornal “*Gazeta Polska w Brasilji*” do ano de 1941.
**Fonte**: Localizado no armário da Escola Padre Constantino Zaikowski em setembro de 2017.

A partir desse dado pode-se concluir que quando o *“Lud*” parou de circular, por pressões políticas, o jornal retornou ao seu formato original e às mesmas concepções ideológicas de sua origem, com a escrita em português, o que de acordo com o site “Gazeta do Povo” deixava, com a modificação na língua para o português, de estimular a formação de núcleos poloneses no Brasil.

O importante, ao ter encontrado esse jornal, é a possibilidade de constatar que, tanto o *“Lud*”, como sua versão posterior, a *“Gazeta Polska”*, eram jornais de circulação no município de Dom Feliciano, por um longo período, entre 1890, que marca a chegada dos imigrantes, até 1941, ano da edição do jornal encontrado na pesquisa.

Lahire (2003) contribui com o entendimento da importância das relações estabelecidas com a leitura em cada indivíduo. Ele aborda as diferenças da experiência literária, principalmente, as relacionadas aos modos populares de apropriação dos textos. No seu esquema interpretativo, ancorado em estudos filosóficos e sociológicos, ele divide as disposições vinculadas a leitura em disposições estéticas e disposições ético-práticas. No caso das disposições estéticas, o estilo, a forma artística do texto é privilegiada pelo leitor em relação ao conteúdo; já nas disposições ético-práticas é desconsiderado a parte estética do texto pelo leitor e o que importa é a identificação do leitor com o texto e com os personagens do mesmo.

Nesse momento, não é possível uma classificação desses modos de ler indicados por Lahire (2003). No entanto, é possível uma aproximação com alguns dos pontos por ele abordados, a fim de elucidar a importância que esse jornal polonês teve e tem para a manutenção do bilinguismo em Dom Feliciano. Um aspecto importante é que Lahire (2003) prioriza sua análise nos modos de leitura dos meios populares. De acordo com ele, esses meios populares são reveladores de uma forma muito particular de leitura:

> O seu modo de leitura dos textos literários parecia-nos muito particularmente revelador dessa disposição ético-prática, que supõe uma participação, uma identificação, uma ancoragem do texto nos elementos da experiência quotidiana passada ou presente (LAHIRE, 2003, p. 119)

Aqui é possível aproximar com a ideia de que existe um fator contextual muito relevante para que a grande parte dos entrevistados nesta pesquisa teve algum tipo de contato com o jornal *“Lud”*, pois, além desse ser uma forma de aproximação dos antepassados com o contexto polonês, para até mesmo saber da situação local e política em que se encontrava a Polônia, era, talvez, uma das únicas formas de contato com a língua polonesa na região, uma vez que, conforme abordado no capítulo 1, eles ficaram isolados do contato com outras cidades.

Outro fator relevante e que possui relação com esses aspectos destacados por Lahire (2003), é o que revelaram as entrevistadas Lorena e Maria. De acordo com elas, não possuem dificuldade em ler em polonês, mas escrever não conseguem mais, somente com material de apoio. Isso acontece porque a leitura era prática recorrente nas suas famílias, diferentemente da escrita. Dessa forma, atualmente, são capazes de recuperar o que Lahire (2003, p. 120) chama de "esquemas de sua própria experiência", ou seja, a capacidade de ler e de escrever vai depender do *stock* de esquemas incorporados, das experiências sociais anteriores[104].

Nesse sentido, a leitura é vista como uma experiência singular e o que os indivíduos leem reflete o que eles são a partir de suas vivências únicas. Para entender esse universo de projeção na leitura, em que as experiências do leitor estão vinculadas com situações que os afetam, Lahire (2003) utiliza-se dos estudos de Strauss (1993) sobre os sonhos acordados (*daydreams*) dos seus estudantes. Para o autor, os sonhos acordados são cenas imaginárias projetadas em momentos de inatividade ou distração. Dessa forma, os atores podem imaginar agir de maneira diversa a uma determinada circunstância ou imaginar como poderiam representar cenas que os contrariaram, imaginando como poderiam ter se colocado de forma diferente em uma ação. Lahire (2003) se utiliza desses argumentos para propor a investigação sobre a sociologia da experiência literária. Segundo ele:

> Com efeito, as obras literárias fornecem suportes a tais sonhos acordados. Mais do que criar os seus argumentos <<com todas as peças>>, em vez de se inspirar nas suas experiências passadas para <<rememorar>> cenas vividas, os actores podem apropriar-se das cenas, das intrigas, das personagens, das tramas das acções... que outros escreveram para eles, e continuar a fazer trabalhar os esquemas de suas experiências pessoais. (LAHIRE, 2003, p. 126)

Nessa linha relacional de sentido, o que interessa aqui, para entender a importância da leitura do jornal *"Lud*", é que ele permitia, entre os descendentes, retornarem aos seus esquemas disposicionais construídos no país de origem. Com isso o jornal era um suporte de leitura utilizado no grupo familiar e foi um meio empregado para transladar e repassar esses esquemas da experiência da leitura em

---

[104] Dessa forma, Lahire (2003) enfatiza que para ele a leitura deve ser analisada como experiência social e a investiga através das categorias da teoria da ação.

polonês dos imigrantes para seus descendentes, uma vez que, muitos dos entrevistados, nascidos no Brasil, participavam como leitores no momento de reunião familiar em que se lia o jornal[105]. Lahire (2003, p. 128) completa esse raciocínio quando enfatiza que "a situação de leitura é um quadro social". Nesse sentido, os esquemas de ações incorporados por cada indivíduo podem ser colocados em ação também através da experiência com a leitura.

### 4.2.2. A escrita no cemitério como registro da vida

*"O escrito continua a assinalar a nossa presença mesmo quando o nosso corpo está ausente".*
*(Bernard Lahire, 2003, p. 172)*

Lahire (2003) propõe, em suas análises, a busca constante pelo entendimento das lógicas sociais através da interpretação dos esquemas de disposições mentais e sociais, matizadas pelas práticas cotidianas. Nesse sentido, a escrita registrada na lápide dos cemitérios de poloneses e alemães, assim separados espacialmente no município de Dom Feliciano, remete para a interferência que os fatores de ordem contextual possuem para a gênese disposicional e vice-versa. Além disso, através desses registros é possível contextualizar a historicidade do tempo e da língua.

De acordo com Lahire (2003, p. 158), "as práticas de escrita e gráficas introduzem uma distância entre o sujeito falante (ou o actor que age) e a sua linguagem e fornecem-lhe os meios para dominar simbolicamente o que ele dominava praticamente até aí: a linguagem, o espaço e o tempo". O registro, tanto no cemitério dos poloneses, quanto no de alemães apresenta essa característica: a de registrar a importância que a língua tinha entre os imigrantes, pois o registro demarca a questão da identidade entre as diferentes culturas. Para além disso, delimita, especialmente no território gaúcho, a rivalidade vivenciada entre poloneses

[105] Sobre esses detalhes da leitura do *"Lud"* em família retornar ao perfil da entrevistada "Maria Topaczewski".

e alemães no contexto europeu do século XIX e XX e que culminou com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista.

Os dois cemitérios são territorialmente distantes: o de poloneses localiza-se na cidade de Dom Feliciano e o de alemães localiza-se, aproximadamente, a 15 km de distância, na Linha Amaral Ferrador, localidade do município de Dom Feliciano (Figura 35, 36).

**Figura 35:** Vista geral do cemitério de poloneses, localizado na cidade de Dom Feliciano.
**Fonte:** Autora, 2017.

**Figura 36:** Vista geral do cemitério dos alemães, localizado na Linha Amaral Ferrador, localidade do município de Dom Feliciano.
**Fonte:** Autora, 2017.

As marcas deixadas por esse período também estão impressas nas lápides dos túmulos e para entender essa espacialidade que envolve esses dois grupos sociais, que mesmo após a morte, precisam demarcar sua descendência, vincula-se ao que Lahire (2005, p. 25) destaca em sua teoria: “o singular é necessariamente plural”, em decorrência da importância do social para a formação desses espaços. Nesse sentido, as lápides dos túmulos, através do registro escrito na língua do país de origem, em ambos os cemitérios revela a importância de interpretar o indivíduo constituído por disposições incorporadas em diferentes momentos e, nesse caso, colocadas em ação através do registro escrito, que vincula-se às amassaduras do social incorporadas por esses indivíduos no contexto em que estiveram inseridos. (Figuras 37, 38).

**Figura 37:** Túmulo da família Lysakowski, com a escrita em polonês.
**Fonte**: Autora, 2017.

**Figura 38:** Lápide de Wilhelm Schroder, com a escrita em alemão.
**Fonte**: Autora, 2017.

As datas de nascimento e de morte nas lápides das figuras 37 e 38 indicam que esses indivíduos eram imigrantes ou seus primeiros descendentes e, possivelmente, viveram conflitos territoriais nos seus países de origem, trazendo consigo essa rivalidade do contexto europeu, que repercutiu na separação territorial dos cemitérios. No caso dos poloneses, como ressaltado no capítulo 1, vieram para Dom Feliciano em 1890. Quanto aos alemães, não há registro da sua vinda para Dom Feliciano. No entanto, leva-se em consideração que o marco imigratório

alemão para o Rio Grande do Sul foi o ano de 1824, se estendendo, com algumas interrupções, até o ano de 1914[106].

Quanto a análise da figura 37, cabe considerar que podem ser notadas diferenças no registro escrito em polonês na lápide do túmulo[107]. A lápide dos imigrantes "Wladyslaw Lysakowski" e "Maria Lysakowski" possui muitas informações com a escrita em polonês, como "Aqui descansam Wladislau Lysakowski (1858 – † 6-8-1942); Maria Lysakowski (1873 – † 15-6-1948). Eterna paz para as suas almas. Elevam preces para Deus. Toda a família.

Da mesma família, ao lado, a lápide de "Maksim Lysakowski, já não possui a benção em polonês, "Maximiliano Lysakowski, nasceu no dia 19 de março de 1894 e morreu no dia 15 de outubro de 1928". No mesmo túmulo também estão enterrados "Roberto Lysakowski (27-03-1902; † 04-10-1973) e Isabel Janovik (09-03-1929; † 13-07-2008)". Estes, já não possuem a escrita em polonês, o que corrobora com a afirmativa da importância geracional para a manutenção da escrita, ou seja, a escrita era comum entre os imigrantes e seus primeiros descendentes.

Quanto a figura 38, os túmulos no cemitério dos alemães possuem a mesma característica dessa imagem e as datas de nascimento são todas do século XIX, com variações de datas que vão de 1860 até 1898. O registro em alemão e a data de nascimento nos dão indícios de que para ser enterrado nesse local deveria ser alemão ou descendente dos imigrantes e isso pode ser notado pela antiguidade dos túmulos e pela escrita da lápide toda em alemão.

Como o indivíduo é plural, em relação a interferência dos diferentes contextos em que vive, analisou-se as lápides de duas famílias constituintes do perfil sociológico nessa pesquisa: a família Bystronski e a família Topaczewski.

No primeiro caso, da família Bystronski (Figura 39), há também o registro na lápide com a escrita em polonês e o túmulo abriga várias pessoas da família.

---

[106] Sobre esse tema ver mais em: BARROS, Eliane C.; LANDO, Aldair M. "Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul". In: DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

[107] As traduções das lápides da família Lysakowski e Bystronski foram realizadas por Leônia Bystronski. Agradeço a sua disponibilidade e solidariedade.

**Figura 39:** Túmulo da família Bystronski, com a escrita em polonês.
**Fonte**: Autora, 2017.

O túmulo acima pertence aos bisavós imigrantes de Leônia Bystronski e, curiosamente, apresentam na lápide somente a data de falecimento, sem nenhuma menção aos seus nascimentos. Isso permite o questionamento de que, talvez, seus documentos, com a data de nascimento, tenham sido perdidos no translado para o Brasil, ou entraram aqui com outra nacionalidade[108] e esses registros não poderiam ser revelados. Importante considerar, também, que as bênçãos em polonês são diferentes nas lápides. Duas delas, as mais antigas, de Bronislawa Bystronka, falecida em 1953, e de Franciszek Bystronki, falecido em 1927, possuem a mesma benção escrita em polonês: “Aqui descansa Bronislava Bystronska. Santa lembrança. Eterno descanso dignai-vos dar-lhe Senhor”; “Aqui descansa Francisco Bystronski. Santa lembrança. Eterno descanso dignai-vos dar-lhe Senhor”. Já na lápide de Julian Bystronski, irmão de Franciszek, falecido em 1975, há o registro de outra benção: “Aqui descansa Juliano Bystronki. Santa lembrança. Que descanse

[108] Aspectos levantados no capítulo 1.

em paz". Essas diferenciações podem indicar que a família dominava a escrita em polonês, pois não se detinha em repetir a mesma lápide para todos os seus familiares.

Como pode ser observado com os exemplos das lápides aqui expostas, era comum os imigrantes e seus descendentes deixarem registrada a sua origem através da escrita em polonês, gravando o nome, identificação de nascimento, morte e o desejo de bênçãos e de vida eterna dos seus familiares.

Uma visita ao cemitério dos poloneses em Dom Feliciano revela que isso era uma prática comum, pois são inúmeros túmulos antigos com a escrita em polonês e que mantém a tradição de sepultar várias pessoas da mesma família em jazigos.

No entanto, uma das famílias entrevistadas para a constituição do perfil sociológico desta pesquisa, a família Topaczewski, nos revela que mesmo os imigrantes sendo fluentes no polonês, não fizeram registro da lápide em polonês para todas as gerações da referida família (Figuras 40 e 41).

**Figuras 40 e 41:** À esquerda lápide dos bisavós paternos de Maria, imigrantes poloneses. À direita lápide dos avós maternos de Maria, que vieram pequenos da Polônia.
**Fonte:** Autora, 2017.

Como pode ser observado através da análise das lápides dos bisavós paternos de Maria Topaczewski e avós maternos, que vieram ainda jovens da Polônia, não há o uso da escrita em polonês na lápide, mesmo Maria ressaltando

que falavam somente o polonês na família. Esse aspecto se mantém em todas as gerações da família.

Maria ressaltou na entrevista que os descendentes, os filhos dos imigrantes, já não sabiam escrever corretamente em polonês e, por isso, a escrita passou a ser feita na língua nacional. Outro aspecto interessante para atentar é o sobrenome dos seus bisavós paternos, “Bil”, que não corresponde à nomenclatura dos sobrenomes poloneses, terminados com “ki” no final[109]. Provavelmente, ocorreu uma mudança na nacionalidade para conseguir deixar o país, fato comum, como foi ressaltado no capítulo 1. Nas gerações sequentes a família paterna adota o sobrenome “Borowicz”, provavelmente o sobrenome verdadeiro do bisavô paterno na Polônia (Figura 42).

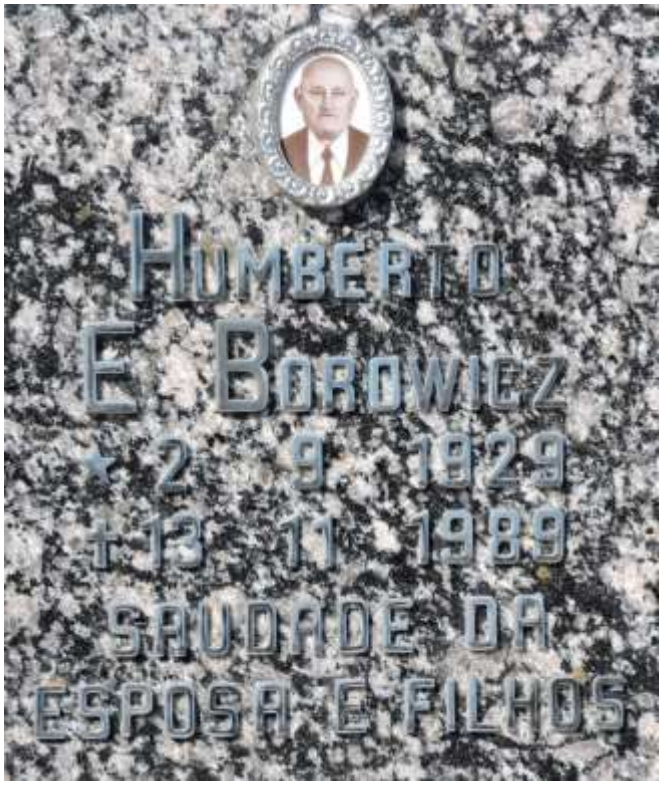



**Figura 42**: Lápide do pai de Maria, com o sobrenome “Borowicz”
**Fonte:** Autora, 2017.

Através da análise dos túmulos podemos entender a importância que a escrita em polonês apresentava para os imigrantes e seus descendentes, assim como a falta dela pode dar indícios do esquecimento/não aprendizagem da escrita em polonês, a cada geração na família. Outros fatores aqui destacados possuem

[109] Ver anexo A, com as famílias que vieram para Dom Feliciano.

relevância para entender o período de vinda e inserção no Brasil, como a falta da data de nascimento nas lápides e o sobrenome que se difere da nomenclatura usual dos poloneses e que deixa de ser registrado, posteriormente, pelos próximos descendentes da família.

### 4.2.3. *Estado de vigília*: a língua silenciada no contexto educacional

Analisou-se, na constituição dos perfis sociológicos, que as disposições podem ficar, por determinados períodos, em estado de vigília. Lahire (2005, p. 38) enfatiza que isso acontece porque “podem ser produzidas situações de crise pelas múltiplas ocasiões de desajustamento, de separação entre o que nós incorporamos e o que as situações exigem de nós”. No caso dos descendentes de poloneses que constituíram os perfis sociológicos para esta pesquisa, a escola foi também responsável pelo silenciamento e restrição da língua ao ambiente familiar.

Os sujeitos da pesquisa tiveram esse processo de inibição vinculado à política imposta pelo governo de Vargas, como no caso de Eva que ingressou na escola no ano de 1948, na Sociedade da linha Amaral Ferrador, e Lorena, que ingressou em 1954, na Sociedade Linha Assis Brasil e também era proibido o uso do polonês nesse local. Dessa forma, a disposição bilíngue foi inibida por um fator contextual, resultante das amassaduras que o social é capaz de gerar em cada indivíduo.

Nesse momento, investigou-se a influência no local da política imposta pelo governo, o papel das sociedades comunitárias para a transmissão da língua polonesa, os materiais em português/polonês que circulavam na comunidade vinculados à questão educacional e os registros de como a escrita se mantém atualmente entre os descendentes.

De acordo com Bomeny (1999), o projeto de governo iniciado no Estado Novo, a partir de 1930, tinha como fator principal a construção da nacionalidade e a valorização da brasilidade. Obviamente uma das dimensões para o avanço e concretização desse projeto de governo era através da educação. Para Bomeny (1999, p. 151), havia dois obstáculos para colocar esse projeto em prática: “a sobrevivência de uma prática regionalista e a presença de núcleos estrangeiros em zonas de colonização”. A primeira dificuldade seria transposta com a padronização do ensino e centralização das atividades escolares; a segunda pela tentativa de

“abrasileiramento do ensino”, com total intolerância às diferenças dos estrangeiros (BOMENY, 1999).

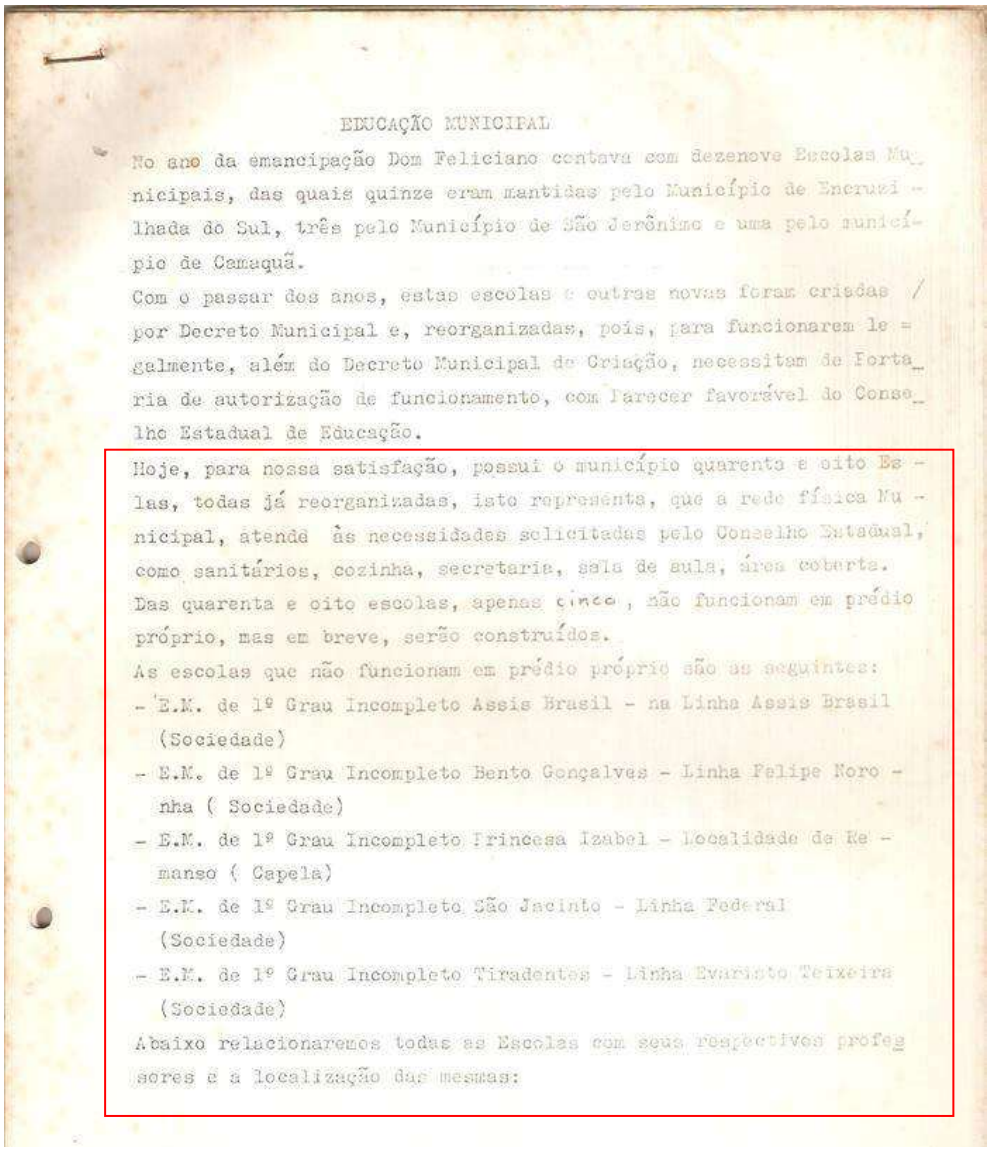
Os núcleos colonizatórios, tanto de poloneses como de alemães e italianos, organizavam a vida comunitária a partir da construção da igreja ou capela e das escolas. No caso dos poloneses, organizaram-se nas linhas, localidades onde estabeleceram-se as chamadas Sociedades (vide capítulo 1), o qual contava de início com educação bilíngue. Uma alternativa para impedir o crescimento das escolas que educavam na língua do país de origem era a oficialização das escolas primárias e criação das escolas nacionais, a fim de conter o desenvolvimento dos núcleos de colonização. Essa política foi fortemente adotada nos núcleos alemães com total cerceamento do uso da língua e da queima de escolas e materiais em alemão (BOMENY, 1999).

No caso de Dom Feliciano, há também relatos de uma sociedade que foi queimada, a Sociedade Adão Mickiewicz, na Linha Laurentino Freire, construída no ano de 1928, mesmo que os descendentes, atualmente, não saibam o motivo. Possivelmente esteve vinculada a esses acontecimentos, no período. No entanto, o processo de substituição das sociedades pelas escolas foi de forma lenta, se entendendo até a segunda metade do século XX, como se pode ver através dos documentos oficiais[110]

O plano educacional de Dom Feliciano dos anos de 1964 a 1990 também foi localizado nesta pesquisa. O mesmo encontra-se na Escola Padre Constatino Zaikowski. O documento com 15 páginas, que não foi localizado na Secretaria de Educação de Dom Feliciano, faz parte dos documentos escolares dessa escola, localizada na Linha Amaral Ferrador. O documento redigido em máquina de escrever, com gráficos produzidos de forma manuscrita, dá o panorama geral desse período, número de escolas, total de professores, nível educacional dos mesmos, número de alunos por escolas. A partir da análise do documento abaixo notou-se a preocupação em institucionalizar o ensino, pois é destacado na primeira página do documento as escolas que ainda não possuem prédio próprio e, como consequência disso, as atividades de ensino ainda precisam se manter nas Sociedades (Figura 43). Segundo o documento:

---

[110] Ver lista com ano de início de funcionamento das escolas municipais de Dom Feliciano (ANEXO D) e ver lista de fundação das sociedades (APÊNDICE D).



EDUCAÇÃO MUNICIPAL

No ano da emancipação Dom Feliciano contava com dezenove Escolas Mu_ nicipais, das quais quinze eram mantidas pelo Município de Encruzi - lhada do Sul, três pelo Município de São Jerônimo e uma pelo municí- pio de Camaquã.

Com o passar dos anos, estas escolas e outras novas foram criadas / por Decreto Municipal e, reorganizadas, pois, para funcionarem le - galmente, além do Decreto Municipal de Criação, necessitam de Porta_ ria de autorização de funcionamento, com Parecer favorável do Conse_ lho Estadual de Educação.

Hoje, para nossa satisfação, possui o município quarenta e oito Es - las, todas já reorganizadas, isto representa, que a rede física Mu - nicipal, atende às necessidades solicitadas pelo Conselho Estadual, como sanitários, cozinha, secretaria, sala de aula, área coberta.

Das quarenta e oito escolas, apenas cinco, não funcionam em prédio próprio, mas em breve, serão construídos.

As escolas que não funcionam em prédio próprio são as seguintes:

- E.M. de 1º Grau Incompleto Assis Brasil - na Linha Assis Brasil (Sociedade)
- E.M. de 1º Grau Incompleto Bento Gonçalves - Linha Felipe Noro - nha ( Sociedade)
- E.M. de 1º Grau Incompleto Princesa Izabel - Localidade de Re - manso ( Capela)
- E.M. de 1º Grau Incompleto São Jacinto - Linha Federal (Sociedade)
- E.M. de 1º Grau Incompleto Tiradentes - Linha Evaristo Teixeira (Sociedade)

Abaixo relacionaremos todas as Escolas com seus respectivos profes - sores e a localização das mesmas:

**Figura 43**: Primeira página do Plano de Desenvolvimento Educacional de 1964 a 1990 mostrando as escolas que ainda funcionam nas sociedades e suas respectivas localizações.

**Fonte**: Documento pertencente à Escola Padre Constantino Zaikowski na Linha Amaral Ferrador.

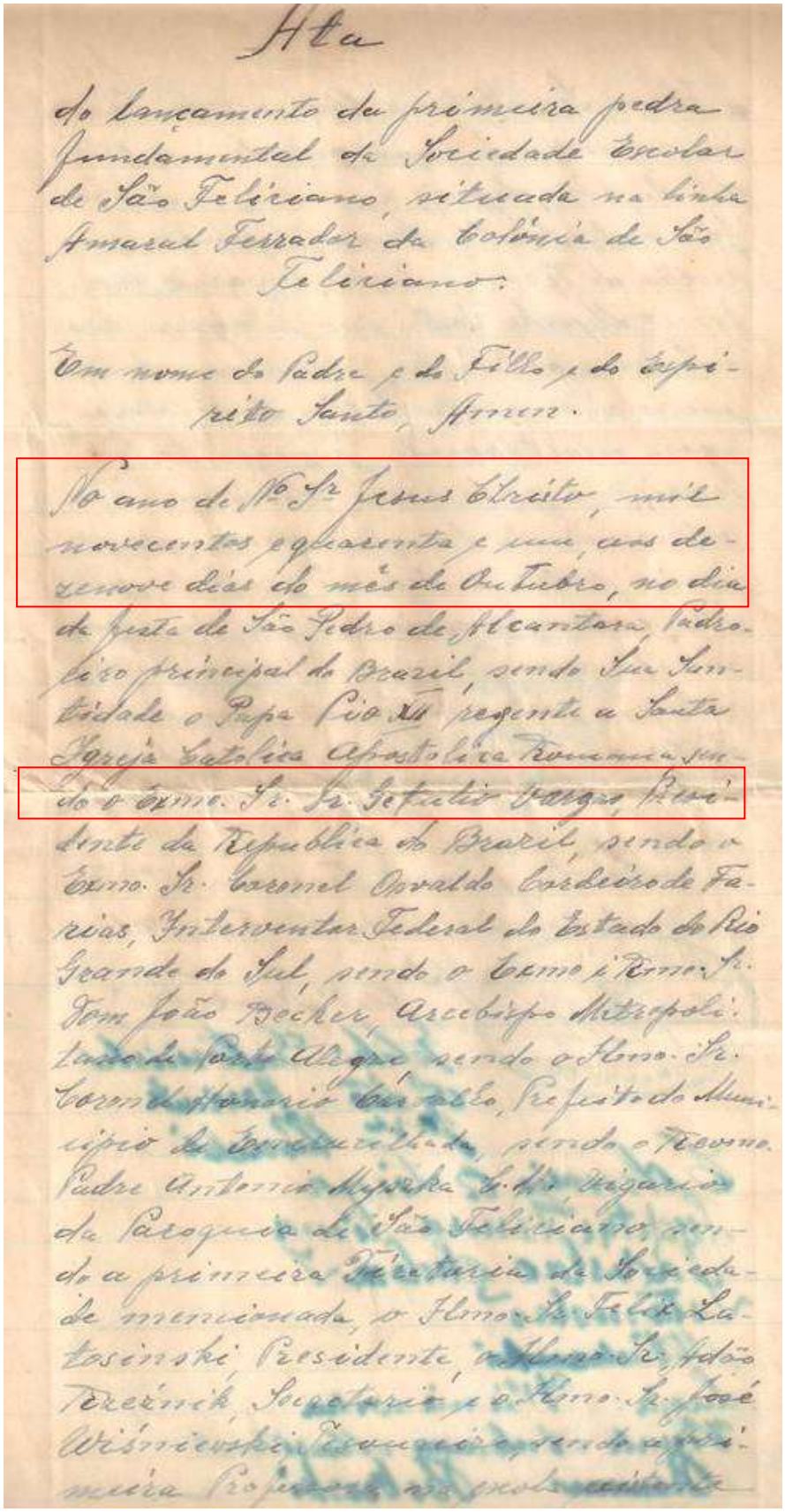
> Hoje, para nossa satisfação, possui o município quarenta e oito Escolas, todas já organizadas, isto representa, que a rede física Municipal, atende às necessidades solicitadas pelo Conselho Estadual, como sanitários, cozinha, secretaria, sala de aula, área coberta.
> Das quarenta e oito escolas, apenas cinco, não funcionam em prédio próprio, mas em breve, serão construídos.
> As escolas que não funcionam em prédio próprio são as seguintes:
> - E.M. de 1º Grau Incompleto Assis Brasil – na Linha Assis Brasil (Sociedade)
> - E.M. de 1º Grau Incompleto Bento Gonçalves – Linha Felipe Noronha (Sociedade)
> - E.M. de 1º Grau Incompleto Princesa Izabel – Localidade de Remanso (Capela)
> - E.M. de 1º Grau Incompleto São Jacinto – Linha Federal (Sociedade)

> - E.M. de 1º Grau Incompleto Tiradentes – Linha Evaristo Teixeira (Sociedade)
> Abaixo relacionaremos todas as Escolas com seus respectivos professores e a localização das mesmas:

Muitas das sociedades polonesas foram desativadas e no mesmo local foram construídas escolas, pois as sociedades localizavam-se em pontos estratégicos para conseguir aglomerar as crianças das regiões vizinhas. Esse fato ocorreu com a sociedade São Feliciano, construída em 1941, onde no mesmo terreno foi construída a Escola Municipal Padre Constantino Zaikowski no ano de 1977.

Seyferth (1999) enfatiza que a política coercitiva se estendeu da década de 1930 por um longo período nas regiões de colonização estrangeira de forma institucionalizada. Anterior a esse período, durante a República Velha (1889-1930), já ocorriam medidas restritivas, principalmente nas colônias alemãs, com intervenção na imprensa e nas escolas dos imigrantes. Nota-se que no caso de Dom Feliciano, há duas datas indicadas pelos indivíduos que constituíram o perfil sociológico, como de proibição no uso da língua, 1948 e 1954, que ficam fora do período de vigência do Estado Novo (1930-1945), mas possivelmente foi influenciado por esse período.

Outro aspecto interessante é a construção da Sociedade da Linha Amaral Ferrador, no ano de 1941, fora do parâmetro da maioria das sociedades, que foram construídas até a década de 1920, conforme pode ser visualizado no apêndice D. Essa Sociedade foi construída no período de vigência do Estado Novo, quando a política nacional previa a proibição dessa forma de ensino. Os documentos oficiais de inauguração da Sociedade, encontrados na Escola Padre Constantino Zaikowski, não deixam dúvidas sobre a importância do polonês nessa localidade, uma vez que o mesmo foi redigido em português e em polonês. (Figuras 44)



Ata

do lançamento da primeira pedra fundamental da Sociedade Escolar de São Feliciano, situada na linha Amaral Ferrador da Colônia de São Feliciano.

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, Amen.

No ano de Nº Sr Jesus Christo, mil novecentos e quarenta e um, aos dezenove dias do mês de Outubro, no dia da festa de São Pedro de Alcantara, Padroeiro principal do Brasil, sendo Sua Santidade o Papa Pio XII regente a Santa Igreja Catolica Apostolica Romana, sendo o Exmo. Sr. Sr. Getulio Vargas, Presidente da Republica do Brasil, sendo o Exmo. Sr. Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Sul, sendo o Exmo. e Revmo. Sr. Dom João Becker, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, sendo o Exmo. Sr. Coronel Honorio Carvalho, Prefeito do Municipio de Encruzilhada, sendo o Revmo. Padre Antonio Mysiak S.D.B. Vigario da Paroquia de São Feliciano, sendo a primeira Secretaria da Sociedade mencionada, o Exmo. Sr. Felix Latasinski Presidente, o Exmo. Sr. João Perezinck, Secretario e o Exmo. Sr. José Wisniewski Tesoureiro, sendo a primeira Professora [illegible]

**Figura 44**: Parte da ata de construção da Sociedade São Feliciano, na Linha Amaral Ferrador, redigida em português com evidência para o ano de 1941, fazendo menção a Getúlio Vargas, em pleno regime do Estado Novo.

**Fonte**: Autora, 2017.

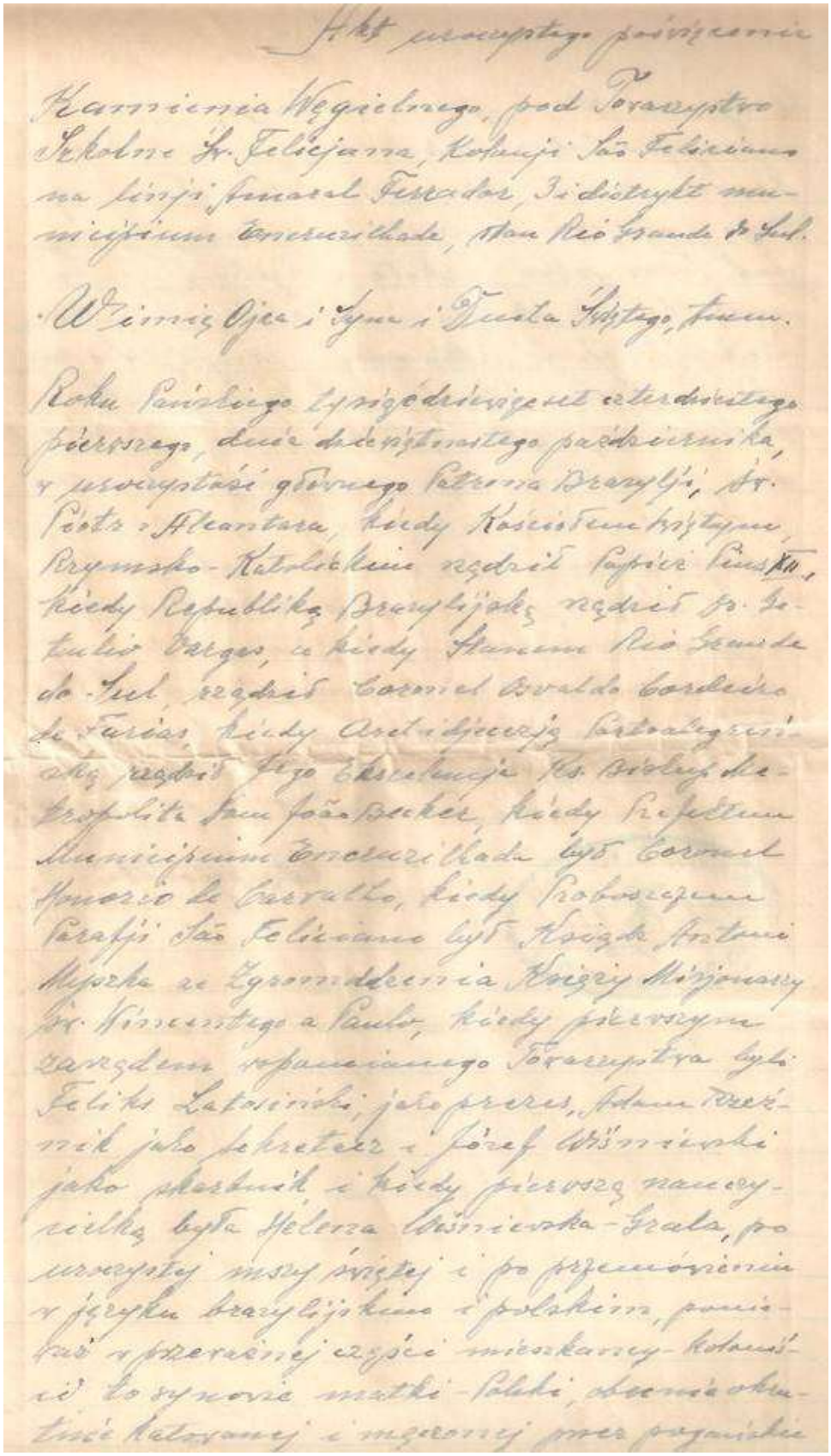


**Figura 45**: Parte da ata de construção da Sociedade São Feliciano, na Linha Amaral Ferrador, redigida em polonês.

**Fonte**: Autora, 2017.

O período de vigência do uso do polonês nessa escola ficou restrito a pouco tempo, pois no ano de 1948 já não se podia ministrar o ensino nas duas línguas, tampouco falar em polonês. De acordo com o perfil de Eva que estudou nesse local, ela e os colegas esperavam o momento de volta para casa, depois da aula, para poderem falar, ou seja, "ativar a disposição", pois no espaço escolar era proibido o uso da língua polonesa.

Sobre esse período, Seyferth (1999) enfatiza que os poloneses estabeleceram seus ideais com base na fé católica e no uso da língua materna. Assim, segundo a autora, "a 'escola polonesa', a imprensa produzida para as comunidades, o clero polonês, o uso cotidiano da língua materna, produziram um ideal de polonidade, uma afirmação de identidade étnica" (SEYFERTH, 1999, p. 207). Mesmo que Seyferth (1999) refira-se aos poloneses no Paraná o modelo destacado por ela se assemelha a realidade dos imigrantes e seus descendentes no município de Dom Feliciano, com expressão da nacionalidade através da língua e pela fé, com construções de capelas no campo e igreja na cidade, construídas em um curto período de tempo depois da chegada na região, como foi ressaltado no capítulo 1.

Essa intensidade no uso da língua polonesa refletia nas ações e consequentemente ia de encontro à política de nacionalização[111]. A forma principal de retaliação, levando em consideração a constituição dos perfis, foi por meio da educação com o uso obrigatório do português no espaço escolar e colocando, em consequência disso, a língua polonesa, temporariamente, em estado de vigília. Com isso, ela passa a ser mais utilizada no espaço familiar, mantendo essa característica até os dias atuais.

Um dos aspectos mais relevante nessa análise é que há um fator contextual, a interferência das estruturas planas – o social desdobrado –, considerando a política imposta pelo movimento de nacionalização do ensino, a partir da década de

[111] De acordo com Seyferth (1999, p. 220), a política de coerção teve medidas pontuais para conter a expressividade estrangeira: "a obrigatoriedade do ensino em língua vernácula e a instituição sucessiva de medidas intervencionistas através de decretos estaduais e da legislação federal nos anos de 1938 e 1939 inviabilizaram as escolas etnicamente orientadas. Muitas tiveram de encerrar suas atividades porque não cumpriram as principais exigências contidas na nova legislação: todas as escolas deviam ter nomes brasileiros, só brasileiros natos podiam ocupar cargos de direção, os professores deviam ser brasileiros natos ou naturalizados graduados em escolas brasileiras, as aulas deviam ser ministradas em português, sendo vetado o ensino de línguas estrangeiras para menores de 14 anos, as subvenções de governos e instituições estrangeiras foram proibidas" (SEYFERTH, 1999, p. 220)

1930, interferindo num longo período (até mais precisamente a década de 1970, quando se institucionaliza de fato as escolas primárias[112]), nas amassaduras singulares do indivíduo. Assim, pode-se dizer que o social dobrado repercute diretamente na ação, pois o fator contextual irá influenciar no uso da disposição bilíngue. A metáfora do pregueado, utilizada por Lahire (2003, 2005), permite entender, nesse caso, a correspondência das lógicas plurais, na sua forma incorporada e que as ações são o resultado da interferência de diferentes contexturas.

A política de coerção mesmo impedindo o ensino bilíngue nas sociedades e substituindo-as pelas escolas municipais, com educação exclusiva na língua portuguesa, não consegue coibir ações que ocorrem com o uso da língua nas residências das famílias polonesas. O caso de constituição do perfil de Leônia revela que existia correspondência da família Bystronski com pessoas na Polônia, mediadas por um professor polonês, que pedia cartilhas e livros de gramática, os quais foram utilizados na alfabetização polonesa de Leônia, em meados de 1967. Nessa data, ela ingressou na escola regular e já era alfabetizada em polonês (Figura 46).

[112] Levou-se em consideração a década de 1970, pois o Decreto Municipal de 1977 (ANEXO D) que nomeia as escolas municipais não menciona mais as Sociedades como local de ensino, assim como são destacadas no Plano Municipal de 1964.

**Figura 46:** Cartilhas polonesas utilizadas na alfabetização de Leônia, com datas de publicação de 1962 e 1966.
**Fonte:** Autora, 2016.

Ao folhar essas cartilhas há marcas de escrita, que no presente trabalho não detectou-se se são marcas realizadas no período de alfabetização ou em período posterior. Há marcas de escrita em todas as cartilhas com a reprodução do alfabeto, a nomeação de objetos e animais, a escrita de frases e de pequenos textos e a pintura dos desenhos (Figura 47). Dessa forma, considerou-se o relato de Leônia de que essas cartilhas foram utilizadas para a sua alfabetização em polonês. Mesmo que nesse período a escola de Leônia não tivesse mais o ensino bilíngue na cidade de Dom Feliciano, ela foi alfabetizada em polonês, no contexto familiar, com o auxílio de material que foram enviados por correspondência para a sua família no Brasil. Nesse caso específico, a relação com a língua se mantem mesmo que a conjuntura da época seja de cerceamento e restrição da sua aprendizagem. Assim, ações locais vinculadas ao contexto familiar foram importantes para a manutenção no uso da língua na atualidade.

**Figura 47**: Parte interna de uma das cartilhas “Cwiczenia – Elementarzowe II” com os registros do preenchimento escrito.
**Fonte**: Autora, 2016.

Um aspecto relevante a ser considerado é o de que atualmente, entre as famílias descendentes de poloneses, a escrita em polonês não é comum, quando precisa ser realizada é necessário o auxílio de um material de apoio, como gramática ou dicionário. Como algumas famílias não possuem muita disponibilidade de material escrito em polonês, a escrita não está muito presente na comunidade.

Interessante, nesse sentido, é também o caso da família de Leônia, que os pais pertencem à segunda geração e mantém correspondência com os familiares na Polônia, principalmente em datas religiosas como o Natal e a Páscoa, em que recebem no cartão a hóstia a ser partilhada em família. Para a escrita do cartão a ser enviado à família na Polônia, utilizam como suporte o cartão recebido, reproduzindo os mesmos votos. (Figura 48 e 49)

**Figura 48:** Cartão recebido da Polônia com a descrição: “Para toda nossa família no Brasil.”

**Fonte:** Autora, 2016.

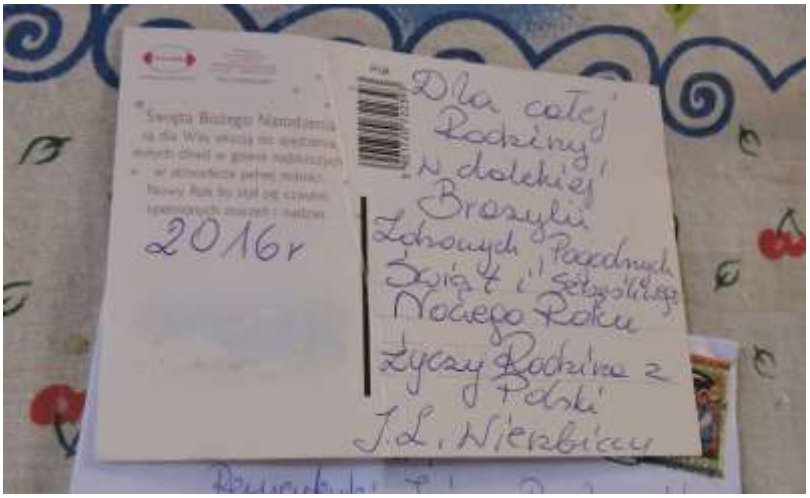



**Figura 49:** Cartão a ser enviado para a Polônia com a descrição “Para toda a família distante do Brasil.”

**Fonte**: Autora, 2016.

Outro exemplo da escrita como reprodução pode ser notado no caso de Maria, que possui o dicionário de Gramática polonês/português. Ele foi utilizado pelo bisavô que era professor nas primeiras escolas no campo. O livro data de 1924 e corresponde ao período em que o ensino era realizado nas duas línguas. A entrevistada faz uso desse material quando precisa escrever um bilhete ou quando quer saber o significado de uma palavra em polonês ou em português (Figuras 50 e 51).

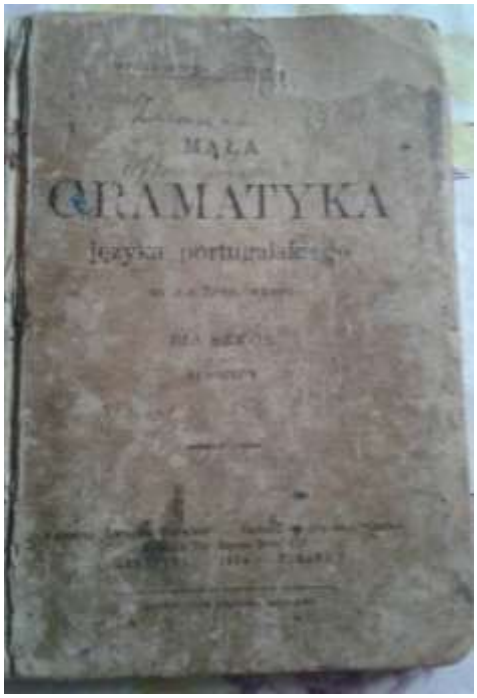



**Figura 50:** Capa do dicionário de Gramática

**Figura 51:** Bilhete encontrado dentro do livro

**Fonte**: Autora, 2016.

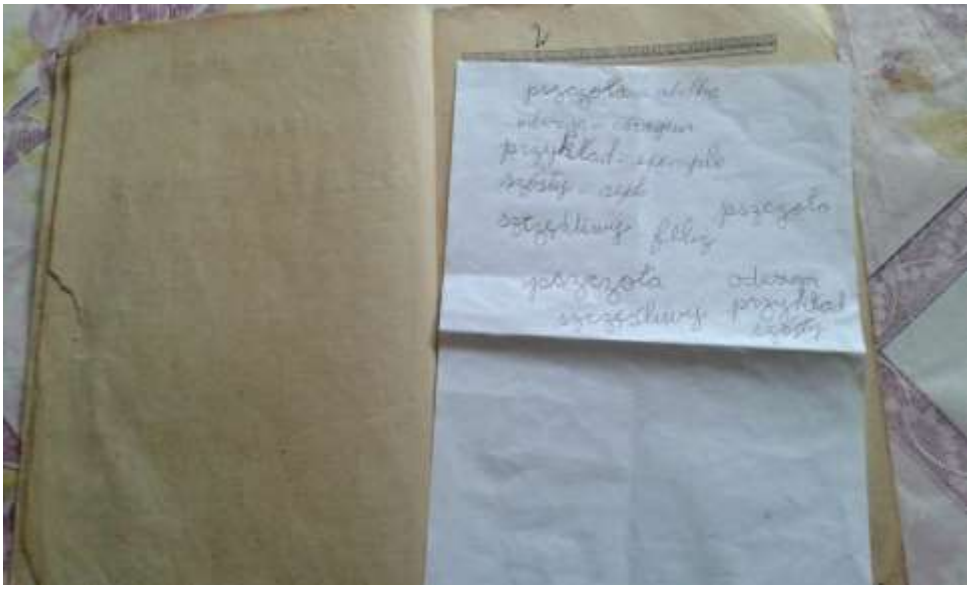


**Figura 52:** Rascunho no interior do livro com palavras em polonês e seu significado em português

**Fonte**: Autora, 2016.

A figura 51 exemplifica o intento de Maria em escrever um bilhete em polonês para o filho. As palavras significam “witamy-bem-vindo”, “bardzo-muito” e “serdecny-caloroso”. Mesmo tendo encontrado as palavras que queria no dicionário, elas não estão organizadas conforme foi a sua intenção de formar uma frase.

A figura 52, um rascunho encontrado no interior do dicionário, revela a preocupação em saber o significado de algumas palavras em português, algumas aparecem com a tradução e outras não. Nesse sentido, é preciso considerar as marcas feitas por Maria nesse material, pois a escrita tenta ser recuperada no presente. Dessa maneira, é possível inferir que a escrita, mesmo com essa particularidade apresentada, existe em algumas famílias de descendentes de poloneses e se articula na relação com a tradição oral.

A escrita que é perceptível nesses exemplos é uma escrita como reprodução, pois a escrita que era mantida pelos imigrantes foi se perdendo um pouco a cada geração, tendo a escola como uma das responsáveis por isso, uma vez que o uso do português era oficial. Uma prova disso é que os descendentes utilizam a língua no contexto familiar e quando a utilizam na esfera pública é em contextos específicos, como nos velórios e em cerimônias festivas.

Dessa forma, o tecido social (dobrado/desdobrado) é reflexo da interferência de lógicas plurais, no caso em análise sob influência das condições históricas da época da imigração e da nacionalização do ensino, mas que engendra também outras tantas dimensões, como as culturais, políticas, econômicas, sociais e religiosas. A relação transcende ao tempo e devido a incorporação individualizada, há marcas na ação através da fala, leitura e escrita em cada descendente de forma singular pela permanência ou ruptura dos aspectos por eles vivenciados e que estão em constante transformação no momento atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordou-se ao longo deste trabalho que o ator plural é o resultado da incorporação em forma de esquemas de ações, de experiências vivenciadas em situações diferentes da sua trajetória social. Para interpretar essa realidade, vinculada à disposição bilíngue dos descendentes de poloneses, foi preciso uma imersão no contexto social do indivíduo, porque correlato ao aporte teórico-metodológico de pesquisa era necessário "levar em conta experiências passadas incorporadas por cada ator, [...], buscando sempre as manifestações e contramanifestações dessas disposições, circunscrevendo seus campos de ativação e seus campos de inibição" (LAHIRE, 2002, p. 58). Para entender a ativação e inibição da disposição bilíngue foi necessário ir em busca de cenas sociais diferentes da trajetória singular de cada indivíduo.

Mesmo que o objetivo metodológico fosse trabalhar com as grandes matrizes socializadoras para entender as modificações no uso da disposição em diferentes esferas sociais, notou-se, nos relatos das trajetórias individuais, uma transgressão espaço–temporal, uma vez que as vivências na família, escola, trabalho e esfera social mostraram-se entrelaçadas, pois a disposição bilíngue não se mostrou sincrônica ao longo do tempo, mas com correlação ao senso prático em diferentes segmentos de vivência dos indivíduos pesquisados. Dessa forma, mesmo que os relatos se mostrassem atemporais, as matrizes apareceram como marcos importantes das vivências e possuem relação com as variações disposicionais de um universo para outro.

Nesse sentido, essa tese buscou investigar como ocorre a constituição disposicional para o bilinguismo nos descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano e como a disposição para o bilinguismo é colocada em ação através da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita.

Com base na teoria da ação, da qual a teoria do ator plural de Bernard Lahire faz parte, buscou-se embasamento téorico-metodológico para investigar o objeto de estudo.

Na primeira parte da análise, através da elaboração dos *perfis sociológicos*, compreendeu-se as *forças internas*, ou seja, como se deu a constituição *disposicional* para o bilinguismo polonês/português.

Na segunda parte da análise de dados, buscou-se compreender como o bilinguismo é colocado em ação, ou seja, compreender como as *forças externas*, contextuais são capazes de imprimir amassaduras singulares em cada indivíduo. O que precisa ficar claro é que na própria constituição dos perfis já há pistas de como ocorre essa interferência do social em relação à prática da língua polonesa. No entanto, a segunda parte da análise é necessária para compreender a relação entre "as estruturas objectivas do mundo social e as práticas dos indivíduos" (LAHIRE, 2005. 13).

Cabe destacar que os retratos sociológicos construídos ao longo deste trabalho podem vir a ser diferentes das impressões que esses atores fazem de si mesmos, pois foi considerado à luz da teoria todo o contexto da trajetória social e não somente os fatos mais relevantes, os mais longamente abordados, destacados pelos entrevistados. Dessa forma, primeiramente destaca-se os aspectos comuns entre os entrevistados, que foram considerados na elaboração de seus perfis, para posteriormente entender as disposições que os singulariza.

Um ponto comum que interliga os constituintes dos cinco perfis é que a disposição bilíngue foi formada na infância. Para os de mais idade como, por exemplo, Eva e Maria, elas tiveram esse contato com os imigrantes, seus bisavós. No caso de Maria, com os avós que também eram imigrantes. Já no caso de Lorena, Leônia e Márcio, o contato que possibilitou a aprendizagem da língua foi com os avós, que eram a primeira geração de descendentes nascidos no Brasil.

Outro aspecto que possuem em comum é o fato da disposição ser aprendida em família e a oralidade estar atrelada a festividades com, por exemplo, em celebrações de aniversários, casamentos, Natal, Páscoa, velórios, porque justamente nesses momentos a família estava toda reunida e em razão disso se falava somente em polonês. No momento em que os avós falecem, a família deixa de se reunir, começa a haver poucas pessoas para manterem a fala e a disposição bilíngue enfraquece.

É interessante também a relação com a agricultura, pois a maior parte dos entrevistados possui vínculo com o trabalho desenvolvido no campo, como no caso

de Eva e Lorena, que trabalham até hoje na agricultura; já outros, como Márcio e Maria tiveram períodos de trabalho na lavoura: Márcio durante a infância e adolescência e Maria durante o casamento momento em que se dividia entre as tarefas docentes e o trabalho na lavoura. Leônia, por ser filha de pais comerciantes não teve vivências de trabalho na lavoura, mas teve experiências em sua trajetória vinculadas ao contato com os avós que residiam no campo, local que se deslocava para passar as férias da escola. Nota-se, com isso, o reflexo da lógica histórico-político-social que marcou o final do século XIX no Rio Grande do Sul, com a inserção da cultura imigrante, com finalidade que desenvolvessem trabalhos agrícolas. Muitos dos descendentes serão herdeiros dessa trajetória até os dias atuais.

Mais um fator que é preciso salientar como resultado da pesquisa é o de que esses atores foram para a escola falando, basicamente, somente o polonês, sua língua materna. No caso específico de Eva e Lorena, a disposição bilíngue foi formada de forma peculiar, vinculada a um modo de vida específico no campo que torna possível constantemente a presença do passado no presente. Isso foi/é incorporado através do preparo da comida típica polonesa, da importância dos temperos conhecidos somente em polonês, das relações entre os integrantes da família, de se reunirem nos momentos das refeições, por exemplo, e numa forma específica de operacionalizar a pequena propriedade, com tarefas distintas a serem executadas por cada pessoa da família. Todos essas experiências são também vivenciados no caso de Maria, no entanto ela desvincula-se da rotina no campo após a morte do marido, mas a preparação da comida polonesa se mantém, assim como a importância dos temperos para o preparo da *czernina*, prato tradicional elaborado a partir do sangue de pato.

O caso dos temperos permite uma aproximação com o passado incorporado e com a constituição disposicional, pois, para Eva e Maria, eles somente são conhecidos em polonês, sem operacionalizarem a escrita e sem conhecerem a que temperos se referem em português. Isso nos dá indícios da incorporação de experiências passadas, transmitidas no convívio familiar de forma oral, os quais foram interiorizados na forma de esquemas de ações e ativados no presente para a ação, ou seja, a disposição bilíngue é utilizada com sentido prático.

O caso de Lorena, mesmo utilizando os mesmos temperos, ela sabe sua tradução para o português, ou seja, ela não fica restrita a uma prática incorporada no passado.

Ainda outra particularidade ligada ao preparo da comida pode ser identificada através das entrevistas. No caso de Maria, houve modificações no preparo das receitas devido, especialmente, ao tamanho da família, pois no tempo dos bisavós e avós a *czernina* era feita com o sangue do pato, no qual no final se acrescentava a massa feita em casa. Atualmente, como é somente ela e a mãe, são cozinhadas separadamente e misturadas no prato na hora de comer, para evitar desperdício.

No caso de Eva, ela mantem ainda a mesma forma de cozinhar tradicional e sua nora prepara esse prato para comercializar na cidade, dando uma nova característica nos tempos atuais, uma vez que era preparada e consumida apenas em família.

Em ambos os casos, assim como no caso de Lorena, seu preparo está vinculado ao cotidiano no campo e na disponibilidade do ingrediente principal, que é o pato. As mudanças geracionais também puderam ser identificadas através da comida, uma vez que a filha de Lorena relata, em detalhes, como se dá o preparo do prato, mesmo que não o faça. Outro prato tradicional, o "*Barszcz*", sopa de beterraba, de acordo com Lorena e Leônia, deixou de ser consumido pela família e os relatos nos dão indícios de que não foi mais produzido a partir da segunda geração, revelando que uma tradição oral de preparo da receita que se perdeu ao longo do tempo.

As disposições ligadas ao comportamento e que consequentemente vinculam-se a modelação da personalidade e a forma de estar no mundo também foram identificadas nesta pesquisa. Nos casos de Eva, Maria e Lorena, de forma mais branda, notou-se um ascetismo herdado da mãe de forma implícita e colocado em ação de forma subjetiva na educação dos filhos, gerenciamento das finanças e da propriedade, caracterizando um perfil de mulher polonesa como a que comanda o lar, a educação dos filhos e a organização da propriedade.

No caso específico de Márcio vimos que esse ascetismo vinculou-se à figura masculina do pai, relacionadas ao trabalho árduo na lavoura, que se contrapôs a suas disposições hedonistas, relacionadas ao prazer de se divertir com

os amigos. Na vida adulta, Márcio convive com esses dois aspectos, na medida em que seu patrimônio disposicional é constituído por forças desiguais, pois coexistem disposições ao compromisso, porque possui vários trabalhos, com rigidez no cumprimento dos horários, disposições vinculadas à liderança política e, ao mesmo tempo, existe uma entrega pessoal, humanista, mas também hedonista vinculada ao prazer de viajar, por exemplo.

Merece destaque também o fato da língua polonesa, nesses atores, passar por determinados períodos em *estado de vigília* devido o contexto educacional, para alguns de forma mais incisiva como no caso de Eva, Lorena e Maria, que vivenciaram a política de nacionalização do ensino na década de 1940 que se estendeu nos períodos seguintes, sob influência das forças contextuais.

Márcio e Leônia não vivenciaram de forma tão incisiva a proibição no uso da língua, no entanto, não havia atenção especial ao aluno que chegasse falando a língua materna, pois precisaram se adequar a língua portuguesa.

Vinculado também ao aspecto educacional, Maria viveu na escola, quando passou a estudar no regime de internato em outra cidade (Camaquã), momentos de contradição disposicional, devido uma condição de mobilidade social, por ir estudar em uma escola urbana, privada, com alunos com características sociais, culturais e econômicas diferentes das suas. Relata que sofreu preconceito pelo sotaque polonês e por suas características físicas e sociais que a identificam como descendente de poloneses e residente no campo.

Lahire (2005) exemplifica que os *"trânsfugas de classe*" é um caso evidente de pluralidade disposicional, devido a variação intergrupos de um mesmo indivíduo. Nesse sentido, fica evidente que as disposições de Maria são heterogêneas, provenientes de aspectos ou de momentos diversos de socialização. Também relacionado ao fator escolar, no caso de Márcio, devido suas condições econômicas tem na adolescência seu *"desejo inibido*" de estudar e poder frequentar a escola e isso repercutiu na sua busca por conhecimento, refletindo na atualização permanente da sua disposição bilíngue na vida adulta.

Ainda em relação ao aspecto de silenciamento da língua polonesa, há os casos de três mulheres desta pesquisa que deixaram a língua em *estado de vigília* no espaço doméstico no pós-casamento por motivos diferentes: Leônia, devido ao marido não gostar de falar em polonês; Lorena, pelo fato de o marido não ser

polonês; e Maria, em razão de que marido não queria que os filhos falassem a língua e passassem por problemas de incompreensão na esfera social.

Ainda no âmbito de encontrar similaridades com os atores, a maior parte deles relatam uma infância de muitas dificuldades, exceto Leônia, que viveu uma situação social privilegiada em relação aos demais, por ser filha de pais comerciantes e ter tido mais acesso aos meios materiais da cultura escrita o que possibilitou ser alfabetizada em polonês. Assim, a maior parte dos entrevistados, Eva, Maria, Márcio e Lorena, rememoram que tiveram uma infância de muitas dificuldades. Isso ficou evidenciado nas entrevistas quando se referem ao cuidado com os materiais escolares, com a roupa e calçados que eram escassos, com a própria economia na alimentação cotidiana. Esses aspectos vivenciados na infância marcam suas vivências no presente, seus modos de ser, pensar e agir, pelos esquemas de ações interiorizados no passado e repercutem, sobremaneira, principalmente na educação dos filhos, pois adquiriram de forma implícita, uma maneira muito semelhante de educar, baseada na moral, nos valores e na disciplina.

Outro aspecto evidenciado na pesquisa, no caso de Eva e Maria, é a atualização da língua polonesa com suas sogras. A sogra aparece, nesses dois casos, como a detentora dos bens materiais da cultura escrita, como uma pessoa com aptidão para a leitura e a escrita. Segundo hipótese levantada pela mãe de Maria, sua sogra lia e escrevia muito bem em polonês porque veio adulta da Polônia, dessa forma ela já imigrou para o Brasil com a disposição formada e atualizada. Nos dois casos, destacou-se que a biblioteca pessoal das sogras era vasta, com grande quantidade de bibliografias polonesas, que nos dois casos possivelmente teve o mesmo fim, qual seja: teriam sido queimadas. A inquietação das duas entrevistadas, durante os relatos, era do motivo pelo qual fizerem isso com seus bens materiais pessoais. O que não pode ser descartado é que talvez manter esses materiais em períodos de represália, no período de nacionalização, imposto pela ditadura de Vargas, poderia colocar em risco a vida de toda a família.

Há também uma materialidade comum entre os atores aqui analisados que é a relação afetiva com a casa que viveram momentos de confraternização com a família, na infância. Todos eles destacaram com precisão como eram os cômodos da casa antiga, pertencente aos avós ou bisavós e que alguns chegaram até mesmo a residir nesse local durante a infância.

Alguns dos entrevistados como Eva, Lorena, Maria e Márcio rememoraram momentos de festas de casamentos, que duravam praticamente uma semana. Os momentos de sofrimento com a perda de familiares também aparece associada a essa materialidade representada pela casa polonesa, todas elas mantendo um mesmo padrão arquitetônico: casas altas, com paredes feitas de tijolos de barro, rebocadas e pintadas, normalmente a cal, telhas de barro e janelas de madeira. Nesse local, a família se reunia nos momentos de alegria e de dor, em ambos havia a comida tradicional e a fala em polonês, especialmente porque estavam em família.

As disposições para crer e para agir também aparecem associadas à disposição bilíngue em dois entrevistados de forma distinta: no caso de Márcio e de Leônia. No caso de Márcio, ele crê que conseguiu se destacar entre os irmãos, durante a infância, no uso da língua polonesa e transformou essa crença em modelo a seguir na vida adulta, buscando aperfeiçoamento e vinculando a língua ao senso prático, ou seja, a ação.

No caso de Leônia, aparecem vinculadas ao caráter religioso, pelo modo de vida incorporado no contato com os avós paternos e maternos, ambos muito religiosos. Seus pais também deram prosseguimento a esse vínculo com a igreja. Assim, as disposições para crer, vinculadas à religião, andam em conformidade com suas disposições para agir, vinculadas ao senso prático, em todas as esferas do seu contato social. Cabe destacar que os filhos de Leônia incorporam essas disposições para crer da mãe: a filha através da leitura e o filho através da participação da Liturgia, no entanto, sem apresentar relações com a língua polonesa.

Após o destaque desses pontos em comum, cabe ressaltar que se a homogeneidade nas ações os unifica enquanto grupo social, a heterogeneidade disposicional os singulariza e somente pode ser entendida considerando os diferentes cenários que cada ator vivenciou. Dessa forma, após a análise podemos inferir que as disposições são múltiplas e que em cada ator haverá um mecanismo diferente, os *princípios da ação*, responsável por manter esse sistema disposicional para o bilinguismo português/polonês ativo ou não.

No caso, de dona Eva a sua disposição se tornou permanente e está associada a um modo de vida peculiar de vivências no campo, porque nesse local seu passado incorporado se faz presente cotidianamente.

Para Maria, a disposição foi moldada no convívio familiar e escolar, no qual sua disposição foi ativada e inibida em diferentes momentos de sua trajetória, sendo que os papéis diferentes que ela ocupa nesses dois segmentos, como filha, como aluna, como esposa, como professora são fundamentais para entender sua constituição bilíngue.

No caso de Márcio, sua disposição foi permanentemente atualizada e utilizada como mecanismo para ascender socialmente, através do trabalho, pois a língua polonesa rege a sua vida profissional.

Para Leônia, sua disposição foi formada no contato religioso e isso irá reger sua conduta na esfera social, seu *estilo de vida*, que precisa da igreja como meio para fazer a *transferibilidade dos seus esquemas*, devido a similaridade com o contexto inicial em que sua disposição foi incorporada.

No caso de Lorena sua disposição evidencia a mudança de *forças* ao longo de sua trajetória, em que sua disposição varia de forte para fraca ao longo do tempo, correlata a importância do fator geracional, dos materiais escritos e do matrimônio, essenciais para entender a diminuição da recorrência no uso da língua. Nesse sentido, essa pesquisa reafirma a teoria do ator plural, para o qual “o ator individual possui disposições múltiplas, que são desencadeadas diferentemente, conforme o contexto e suas infinitas sutilezas e complexidade”. (LAHIRE, 2004, p. 329)

Em um segundo momento de análise, após os perfis, o esforço foi o de compreender o uso do bilinguismo vinculado ao senso prático, na perspectiva de entender os *fatores contextuais*. Para isso, destacou-se três categorias de análise: os *repertórios*, as *dobraduras do social* e como parte integrante desta, o *estado de vigília*, pois a língua é silenciada na escola devido a interferência da política nacional, imposta pela ditadura de Vargas na década de 1940. Na categoria *repertório* analisou-se os cantos entoados nos velórios poloneses, os cantos de Natal entoados na Igreja Matriz e a Cerimônia do *Oplatek*, pois estes mantiveram-se nos entrevistados como resumos de experiências do passado reativados no tempo presente em situações singulares, mobilizados por desencadeadores específicos (Lahire, 2002). Como os cantos, principalmente os entoados nos velórios poloneses, são mantidos pela tradição oral foi necessário suporte também na teoria de Zumthor (1993), no intuito de entender o canto como um constituinte histórico que transpassa o tempo.

Dessa forma, são necessárias ainda algumas considerações sobre esse aspecto, na medida que a oralidade polonesa, analisada na categoria repertório, ocorre nos espaços públicos: velórios, missas e Cerimônia do *Oplatek*, havendo, nesses espaços, uma relação intrínseca entre oralidade e escrita e cabe destacar dois desses momentos:

1) Os cantos entoados nos velórios ocorrem sem utilização de material escrito, no entanto a escrita foi apropriada oralmente como se percebeu na análise dos cantos. Houve também uma redução das estrofes, mas o sentido atribuído aos cantos se manteve ao longo do tempo.

2) Os cantos utilizados nas missas são entoados com uso de material escrito, embora a maioria das pessoas responda oralmente e não saiba ler o folheto, como foi relatado na entrevista de Leônia.

O que se pode inferir dessas duas constatações é que ocorreu a perda, ao longo do tempo, da escrita e da leitura polonesa entre os descendentes, embora ela esteja apropriada oralmente. A manutenção dessa tradição possui relação com importantes conceitos analisados por Zumthor (1993), como o de *memorização, movência e performance*. Dessa forma, os cantos foram mantidos através da memorização e repetição em várias celebrações, historicamente diferentes, que ocorreram ao longo do tempo nas famílias. Por envolver tempos diferentes houve modificações, *movência* na estrutura do canto e disposição das palavras, no entanto, não ocorreu transformação na atribuição de sentido dos mesmos. Quanto a *performance,* os cantos mantidos pela tradição oral em velórios, de acordo com Zumthor (1993, p. 180), coincidem com“[...] gestos vocais reconhecíveis em toda parte, como uma linguagem internacional dos corpos e sons”. Ao logo do tempo, desde a vinda dos imigrantes (1890), houve deslocamentos e transformações, no entanto, esses cantos continuam a serem utilizados em um momento específico que é a morte e envolve uma simbologia da linguagem dos corpos.

No que tange as dobras singulares do social, vimos que para compreender o *social refractado num corpo individual*, é preciso entender cenas diferentes do social e o campo de forças e de lutas que engendram essa constituição. Assim, as amassaduras do social, o social dobrado de cada indivíduo deixou marcas através da ação, impressas pela leitura e pela escrita. Fundamental para isso foi constatar a importância da leitura do jornal polonês *“Lud”*, responsável por manter a língua

materna, informar sobre os acontecimentos da Polônia nas guerras mundiais e foi, também, um mecanismo que, possivelmente, ajudou a manter a pronúncia em polonês por mais tempo, uma vez que, na maior parte dos relatos dos entrevistados, foi enfatizado que a leitura era feita em voz alta por um integrante da família que dominava a leitura e a escrita, pois havia muitos imigrantes que não sabiam ler.

Com o jornal polonês *"Gazeta Polska"*, foi possível evidenciar que a circulação de material escrito entre os descendentes ocorreu até pelo menos 1941, ano de circulação do exemplar localizado na pesquisa.

Em relação à escrita, através dos registros nas lápides dos cemitérios de poloneses e alemães, assim separados espacialmente no município de Dom Feliciano, foi possível constatar a interferência que os fatores de ordem contextual, no âmbito mundial, possuem para gerir a vida das pessoas. Devido as rivalidades na Segunda Guerra Mundial, são separadas em cemitérios distintos e a escrita em polonês e alemão revela essas amassaduras singulares do social.

Quanto a localização geográfica das residências dos entrevistados, sendo dois da cidade (Leônia e Márcio) e três do campo (Eva, Lorena e Maria), cabe considerar que devido o método de análise que investigou em profundidade as experiências singulares dos entrevistados, não é possível fazer generalizações que considerem uma distinção entre esses dois espaços. O que se considerou é que no caso específico dos entrevistados que habitam o campo há um modo de vida particular de experiências nesse local ao qual a disposição bilíngue está relacionada, como no preparo das comidas tradicionais, no cuidado com os temperos e na forma de operacionalizar a propriedade. Assim, a disposição bilíngue é mantida, principalmente através da oralidade e vincula-se a experiências sociais do passado. Já no caso dos que vivem na cidade, a disposição bilíngue vincula-se a existência de materiais escritos em polonês o que possibilita uma transformação da língua, como no caso de Márcio que a utiliza no trabalho e Leônia relacionada ao contato religioso e na realização de algumas traduções.

Nas contribuições desta pesquisa, especialmente para o campo educacional, é importante salientar a relação articulada entre oralidade e escrita na análise dos cantos mantidos nos velórios dos descendentes poloneses. Dessa forma, espera-se contribuir com os estudos que buscam romper com uma visão, tradicionalmente instituída, entre as sociedades orais e escritas. Além desses aspectos, os relatos

dos entrevistados destacaram detalhadamente um modelo de educação e os materiais escolares de um determinado período, mostrando as rupturas no uso da língua polonesa sob influência do modelo político da época. As relações estabelecidas entre leitura e escrita também são importantes para o campo da educação e revelam um modo de vida particular mantido com a inserção da cultura imigrante no Rio Grande do Sul.

Por fim, é preciso reafirmar que essa pesquisa buscou compreender a disposição bilíngue dos descendentes de poloneses e sua ação. Todas as análises realizadas procuraram ser atentas e cuidadosas com os relatos dos entrevistados, os quais foram interpretados através da teoria escolhida para potencializar os dados da realidade pesquisada. Cabe salientar que essa é apenas uma visão do social, que se mostrou permeado pela conjunção de diferentes tempos, assim como os atores investigados são produtos das suas experiências do passado. Esses aspectos caracterizam de forma única seus sistemas disposicionais e, consequentemente, a forma em que vão inscrever suas práticas em diferentes espaços.

## REFERÊNCIAS


AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. In: **Sociedade e Cultura**. Vol. 11, número 001. Universidade Federal de Goiás, 2008. Brasil PP. 13-21.

BARROS, Eliane C.; LANDO, Aldair M. "Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul." In: DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

BOM, Jussara Maria de Farias. **Conhecimentos historicamente herdados:** um estudo da relação escola e a cultura italiana no município de Celso Ramos (sc) ' 01/10/2012 155 f. mestrado acadêmico em educação instituição de ensino: Universidade do Oeste de Santa Catarina.

BOMENY, Helena, M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: **Repensando o Estado Novo**. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COUTO, Regina Célia do **O currículo como produtor de identidade e de diferença: efeitos na fronteira Brasil-Uruguay.** / Regina Célia do Couto; Orientador: Jarbas Santos Vieira. – Pelotas, 2012. 207f.

FERREIRA, Darlene Ap. de Oliveira; ROMANATTO, Maria José; SOUZA, Anderson Raphael Bento de Souza. A cidade e o campo em seus limites, o rural e o urbano em suas interações. IN: MARAFON, Glaucio José & PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (org.); **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais**: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano. Uberlândia: Assis Editora, 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei (orgs.). **Cultura escrita e letramento***.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GARDOLINSKI, Edmundo. "Imigração e Colonização Polonesa". IN: BECKER, Klaus. **Imigração – Enciclopédia Rio-grandense**. Canoas: Regional Ltda,1958.
GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIRON, Loraine Slomp. "A imigração italiana no RS: fatores determinantes". In: DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de; GOMES, Ana Maria Rabelo. Clifford Geertz: piscadelas entre história e antropologia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria. **Pensadores sociais e a história da educação II.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004. LEMPEK, Renato Tubino. **Do Francisco ao Rafael, 100 anos de Imigração Polonesa- 1898-1998/** Renato T – Rio Grande: Ed.,1998.

GRAZIANO DA SILVA, J. F. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: Coleção Pesquisa, 1997.

GROSJEAN, François. Bilingüismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e dilys Karen Rees. **Revista UFG.** Ano X, n.5, dez.2008. pp. 163-176.

JUNIOR, Edson Santos da Silva. **Identidade e representação linguística na educação bilíngue: um estudo sociolinguístico na situação de contato português-ticuna**. ' 01/12/2011 155 f. mestrado acadêmico em estudos de linguagem. Universidade Federal Fluminense.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares:** as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

_____, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____, Bernard. **O Homem Plural: as molas da acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003

_____, Bernard. **Retratos sociológicos:** disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____, Bernard. Patrimônios Individuais de Disposições: para uma Sociologia à Escala Individual**. Sociologia, Problemas e Práticas**, n.49, 2005, p.11-42.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

LIMA JUNIOR, Paulo. **Evasão do ensino superior de física segundo a tradição disposicionalista em sociologia da educação**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Física. Porto Alegre, 2013.

MANKE, Lisiane Sias. **História e sociologia das práticas de leitura: A** trajetória de seis leitores oriundos do meio rural / Lisiane Sias Manke; Orientadora: Eliane Teresinha Peres. –Pelotas, 2012.

NUNES, Rozele Borges. **A influência da educação-escolar e familiar – para a construção da identidade cultural dos descendentes de poloneses:** um estudo do município de Dom Feliciano-RS / Monografia. -Pelotas, UFpel, 2008.

NUNES, Rozele Borges Nunes. **A cultura do silêncio:** um estudo na escola estadual de ensino médio Dom Feliciano/ Dissertação de Mestrado – Rio Grande, FURG, 2011.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 2013.

REIS, Carla Silva, 1973- **Trajetórias em contraponto: uma abordagem microssociológica da formação superior em piano em duas universidades brasileiras**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2014.

RENK, Valquiria Elita. **Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná**. 11/12/2009 243 f doutorado em educação: Universidade Federal do Paraná, 2009.

ROSA, Eliane Kreutz. **Fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no município de Missal Paraná** ' 01/11/2011 194 f. mestrado acadêmico em letras -linguagem e sociedadeinstituição de ensino: universidade estadual do oeste do Paraná biblioteca depositária: biblioteca central – Unioeste.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: **Repensando o Estado Novo**. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Ap. de. Revisitando o tema da pequena cidade: em busca de caminhos metodológicos. IN: MARAFON, Glaucio José & PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (org.); **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais**: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano. Uberlândia: Assis Editora, 2008.

SOUZA, Maria José Francisco de, 1969- **Modos de participação nas culturas do escrito em uma comunidade rural no norte de Minas Gerais** / Maria José Francisco de Souza. - UFMG/FaE, 2009.

SOUZA, Maria José Francisco de. Uma aprendizagem sem folheto: quem ainda vai rezar e benzer em Barra do Dengoso? In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira [et. AL.] (orgs.) **História da Cultura Escrita**: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2007.

STAWINSKI, Alberto Victor**. Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)**. Caxias do Sul: UCS, 1976.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filologia e Linguística Portuguesa. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.

THIES, Vania Grim . **Arando a terra, registrando a vida:** os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores / por Vania Grim Thies. – 2008.

TOPACZEWSKI, Ladislau. **Memórias de nosso torrão natal**. Dom Feliciano, 1961.

TWORKOWSKI, Irene & RAKOWSKI, Zeno. **Dom Feliciano**. Dom Feliciano, 1984.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. O conflito étnico/ cultural e interlinguístico de descendentes de poloneses. **Espéculo. Revista de estúdios literários**. Universidad Complutense de Madrid, 2005. Disponível em: http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero31/polones.html. Acesso em 19 jun 2015.

ZUMTHOR, Paul**. A letra e a voz***:* A "literatura" medieval. Tradução Amálio Pinheiro.

Jrusa Pires Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Aspectos relevantes que foram considerados na realização das entrevistas

| Questões centrais | | O que pesquisar? | Como pesquisar? |
|---|---|---|---|
| **Matrizes socializadoras** | **Disposição para o bilinguismo** | *Família;<br><br>*Escola;<br><br>*Trabalho;<br><br>*Vida social. | Entrevistas em profundidade, de 4 a 6 com o mesmo indivíduo a fim de entender como a disposição bilíngue foi formada e contextualizada no momento atual. Analisar em conjunto as dobraduras do social (momentos do contexto social que o bilinguismo foi incorporado, mantido e atualizado) e o conceito de repertório (desencadeadores da prática bilíngue). |
| **Categorias** | **Leitura** | *Leem somente em polonês.<br><br>*Leem somente em português.<br><br>*Leem em português e polonês.<br><br>*O que leem, em quais momentos e com qual objetivo?<br><br>*Analisar materiais de leitura. | *Entrevista e observação dos momentos de leitura. Se for permitido será também filmado.<br><br>*Analisar os materiais que leem: livros, cartilhas, receitas, Bíblia, etc.<br><br>*Documentar quantos são, onde estão e momentos que são utilizados. Fotografar e escanear passagens importantes.<br><br>*Verificar a localização desses materiais se existirem. |
| | **Escrita** | *Escrevem somente em polonês.<br><br>*Escrevem somente em português.<br><br>*Escrevem em polonês e | *Entrevista e observação.<br><br>*Analisar os materiais escritos: cadernos, agendas, receitas, etc. Fotografar e escanear passagens importantes.<br><br>*Verificar a localização desses materiais se existirem. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | português.<br><br>*O que escrevem, em quais momentos e com qual objetivo?<br><br>*Analisar material escrito. | |
| | **Audição** | *Somente entendem e não falam em polonês/ se comunicam em português.<br><br>*Entendem e falam em polonês.<br><br>*Não entendem o polonês e falam em português.<br><br>*Quais os momentos que essa aptidão é posta em ação? | *Entrevista e observação. |
| | **Fala** | *Falam em polonês em quais momentos?<br><br>*Falam em português em quais momentos? | *Entrevista e observação. Se for permitido será também filmado. |
| | **Contexto social** | *Missa;<br><br>*Baile;<br><br>*Festas comunitárias. | *Entrevistas e observação. Se esses eventos forem essenciais para a manutenção do bilinguismo registrar esses indivíduos durante essas práticas. |
| | **Contexto familiar** | *Comidas típicas;<br><br>*Celebrações;<br><br>*Algum repertório específico citado na entrevista. | *Entrevistas, observação e filmagem se for permitido.<br><br>*Quanto a comida: Como é feito o preparo, quem faz, utiliza receita, de quem é a receita, ocorre alteração na receita. (Se a comida for um repertório importante aprofundar a abordagem teórica). |

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Variáveis** | | | |
| | **Geração** | *A distância familiar de acordo com os primeiros imigrantes que aportaram na região. | *Entrevista. |
| | **Sexo** | *Masculino/ feminino. | *Entrevista. |
| | **Localização** | *Campo/Cidade | *Entrevista. |

## APÊNDICE B – Relação dos trabalhos pesquisados no Banco de Teses e Dissertações da Capes

| Termo | Letras | 22 registros |
|---|---|---|
| Bilinguismo | 1.<br>**Rosa, Eliane Kreutz. Fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no município de missal Paraná ' 01/11/2011 194 f. mestrado acadêmico em letras.**<br>2.<br>Liss, Margarida. Diversidade cultural, bilinguismo e política linguística em discursos escolares indígenas do estado do paraná: a identidade em governamentalidade. ' 01/10/2011 166 f. mestrado acadêmico em letras.<br>3.<br>Brentano, Luciana de Souza. Bilinguismo escolar: evidencias de controle inibitório ' 01/12/2011 127 f. mestrado acadêmico em letras.<br>4.<br>Kramer, Rossana. Effects of bilingualism on inhibitory control and working memory: a study with early and late bilinguals. ' 01/10/2011 179 f. mestrado acadêmico em inglês:estudos lingüísticos e literários.<br>5.<br>Mourao, Jucelma da Silva. O bilinguismo para os surdos brasileiros: a libras e a língua portuguesa na política de educação um estudo exploratório ' 01/11/2012 97 f. mestrado acadêmico em letras-<br>6.<br>Pinto, Julia de Vasconcelos Magalhaes. "Literature of the non-word": the paradox of bilingualism in samuel beckett's fiction ' 01/02/2012 73 f. mestrado acadêmico em estudos literários.<br>7.<br>Jesus, Daniela Brito de. The effect of l2 proficiency on the declarative and procedural memory systems of bilinguals: a psycholinguistic study ' 01/09/2012 108 f. mestrado acadêmico em inglês:estudos lingüísticos e literários.<br>8.<br>Ribeiro, Sandra Teixeira Gomes. Narrativas de professoras indígenas reconstruindo histórias de identidade e preconceito ' 01/03/2011 134 f. mestrado acadêmico em letras.<br>9.<br>Pianta, Patricia Balestra. O desenvolvimento da consciência metalínguística analisado em diferentes contextos bilíngues no brasil ' 01/04/2011 106 f. mestrado acadêmico em letras.<br>10.<br>Santos, Veronice Batista dos. Libras e língua portuguesa: a configuração do texto escrito do aluno surdo na perspectiva do bilinguismo ' 01/03/2011 138 f. mestrado acadêmico em estudos de linguagens. sul<br>11.<br>Rodrigues, Lucia Maria Silva. Educação bilíngue em território waiwai / aldeia tawanã ' 01/11/2012 118 f. mestrado acadêmico em letras: lingüística e teoria literária.<br>12.<br>Martins, Marcia Gomes da Silva. Estudo das crenças na educação escolar: reflexos na escrita de textos produzidos por indígenas guarani/kaiowá do ms ' 01/05/2012 104 f. mestrado acadêmico em | |

| | |
|---|---|
| | letras.<br>13.<br>Almeida, Severina Alves de. A educação escolar apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural: um estudo sociolinguístico das aldeias são josé e mariazinhaa educação escolar apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural: um estudo sociolinguístico das aldeias são josé e mariazinha ' 01/12/2011 197 f. mestrado acadêmico em letras.<br>14.<br>Alves, Andreia Lourenco. Entre os muros da escola experiências linguísticas bilíngues em uma escola pública em ponta porã/ms ' 01/03/2011 120 f. mestrado acadêmico em letras.<br>15.<br>Silva, Camila Andre do Nascimento da. O uso de neologismos por empréstimos em kaiwá: um estudo preliminar da versão do novo testamento bíblico ' 01/08/2011 184 f. mestrado acadêmico em letras.<br>16.<br>Preuss, Elena Ortiz. Acesso lexical e produção de fala em bilíngües português-espanhol e espanhol-português ' 01/06/2011 178 f. doutorado em letras<br>17.<br>Cunha, Patricia Socorro da Costa. Bilinguismo: discurso de professores em área de froanteira, bonfim-rr ' 01/03/2012 115 f. mestrado acadêmico em letras.<br>18.<br>Gubert, Antonio Luiz. Influências do italiano no português brasileiro de vargeão (sc): um estudo sobre variação no nível fonético ' 01/03/2012 93 f. mestrado acadêmico em letras.<br>19.<br>Benedetti, Luis Angelo Lima. Ensino aprendizagem de línguas: espaços de sentido ' 01/05/2012 109 f.mestrado acadêmico em letras.<br><br>20.<br>Flores, Olga Viviana. O programa escola intercultural bilíngue de fronteira: um olhar para novas políticas linguísticas ' 01/03/2012 127 f. mestrado acadêmico em letras.<br>21.<br>Abreu, Marta Virginia de Araujo batista. Situação sociolinguística dos krahô de manoel alves e pedra branca: uma contribuição para educação escolar ' 01/12/2012 180 f. mestrado acadêmico em letras.<br>22.<br>Caceres, Glenda Heller. O papel da experiência lingüística na relação entre alcance de memória de trabalho e compreensão leitora ' 01/05/2012 141 f. mestrado acadêmico em letras. |

| | | |
|---|---|---|
| Bilinguismo | Educação | 14registros |
| | **1.Bom, Jussara Maria de Farias. Conhecimentos historicamente herdados: um estudo da relação escola e a cultura italiana no município de celso ramos (sc) ' 01/10/2012 155 f. mestrado acadêmico em educação.**<br><br>**2. Couto, Regina Célia do. O currículo como produtor de identidade e de diferença: efeitos na fronteira Brasil-Uruguay. / Regina Célia do Couto; Orientador: Jarbas Santos Vieira. – Pelotas, 2012. 207f** | |

| | |
|---|---|
| | 3.<br>Pinheiro, katia lucy. Práticas pedagógicas bilingue na educação infantil do instituto cearense de educação de surdos ' 01/02/2012 110 f. mestrado acadêmico em educação.<br>4.<br>Silva, Ílma Maria de oliveira. Os cursos de magistério indígena do estado do maranhão e as implicações na formação dos professores krikati numa perspectiva específica e diferenciada ' 01/07/2012 138 f. mestrado acadêmico em educação<br>5.<br>Simionato, Marta Maria. O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola ' 01/06/2012 280 f. doutorado em educação.<br>6.<br>Witkoski, Silvia Andreis. Educação de surdos e preconceitos: bilinguismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque ' 01/06/2011 255 f. doutorado em educação.<br>7.<br>Magaldi, Jose Carlos Miraglia. Surdez e inserção profissional: representações sociais de universitários surdos ' 01/04/2011 90 f. mestrado acadêmico em educação.<br>8.<br>Guedes, Adriana Vieira. Professores(as) pomeranos(as): um estudo de caso sobre o programa de educação escolar pomerana proepo desenvolvido em santa maria de jetibá/es ' 01/11/2011 198 f.mestrado acadêmico em educação.<br>9.<br>Silva, Renato Izidoro da. O impossível material de algumas proposições para a realidade da educação indígena: aporias, alquimias e ideologias. ' 01/02/2011 273 f. doutorado em educação.<br>10.<br>Filho, Delci da Conceicao. Análise de um programa de inclusão de alunos surdos no ensino médio em uma escola pública da cidade de londrina ' 01/04/2011 123 f. mestrado acadêmico em educação.<br>11.<br>Castro, Mariana Goncalves Ferreira de. A representação social da libras em surdos bilíngues ' 01/04/2012 120 f. mestrado acadêmico em educação.<br>12.<br>Bambirra, Vera lucia de Magalhaes. Tamãkãyã: aproximações entre epistemologias e culturas em cruzeiro do sul - ac niterói ' 01/08/2012 293 f. doutorado em educação.<br>13.<br>Facundo, Josiane Junia. Libras na formação de professores: percepções dos alunos e da professora ' 01/04/2012 150 f. mestrado acadêmico em educação.<br>14<br>Gianini, Eleny. Professores surdos de libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação. ' 01/03/2012 203 f. doutorado em educação. |

| | | |
|---|---|---|
| Bilinguismo | Linguística | 08 trabalhos |
| | 1.<br>**Junior, Edson Santos da Silva. Identidade e representação linguística na educação bilíngue: um estudo sociolinguístico na situação de contato português-ticuna. ' 01/12/2011 155 f. mestrado acadêmico em estudos de linguagem.** | |

| | |
|---|---|
| | 2.<br>Pereira, Lisiane Neri.. A relação do bilinguismo com capacidades cognitivas: memória de trabalho, atenção, controde inibitório e processamento de discurso ' 01/03/2012 131 f. mestrado acadêmico em linguística.<br>3.<br>Merode, Paola Davi Nolasco Rodrigues.Bilinguismo e interpretação simultânea: uma análise cognitiva do processamento da memória de trabalho e da fluência verbal ' 01/01/2012 105 f.mestrado acadêmico em linguística.<br>4.<br>Silva, Moana de Lima e.Português indígena kaingang: uma questão de concordância" ' 01/06/2011150 f. mestrado acadêmico em linguística.<br>5.<br>Vanzo, Tatiana de Oliveira Nino. Socialização linguageira, aspectos culturais e uso de code-switching em uma criança bilíngue ' 01/04/2011 163 f. mestrado acadêmico em linguística.<br>6.<br>Cury, Patricia de Cuzzo. Linguagem dirigida à criança pequena: a argumentação em foco ' 01/07/2011140 f. mestrado acadêmico em linguística.<br><br>7. Oliveira, Renata Alves de. Programa escolas bilingues de fronteira: das generalizações do documento às especificidades da fronteira entre foz do iguaçu e puerto iguazu ' 01/10/2011 128 f.mestrado acadêmico em linguística.<br><br>8.<br>Nobre, Rundesth Saboia. processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica de sinais em sign writing. ' 01/06/2011 235 f. mestrado acadêmico em linguística. |

| Bilinguismo | Linguística Aplicada | 04 registros |
|---|---|---|
| | 1.<br>Kuhn, Paula Cristiane Bueno. A percepção de vogais do inglês por falantes monolíngues (português) e bilíngues (pomerano/português) e o papel do bilinguismo no processamento grafo-fônico-fonológico da l3 ' 01/12/2011 90 f. mestrado acadêmico em letras.<br>2.<br>Patel, Samima Amade. Um olhar para a formação de professores de educação bilingue em moçambique: foco na construção de posicionamentos a partir do lócus de enunciação e actuação" ' 01/02/2012 268 f. doutorado em lingüística aplicada.<br>3.<br>Barbosa, Livia Sousa. a transferência em sala de aula: os efeitos na aquisição de l2 em contexto de imersão ' 01/04/2012 110 f. mestrado acadêmico em lingüística aplicada.<br>4.<br>Dantas, Wendel Mendes. Erros de escrita em inglês por brasileiros: identificação, classificação e variação entre nívei ' 01/05/2012 163 f. mestrado acadêmico em lingüística aplicada e estudos da linguagem. | |

Pesquisa realizada no portal Domínio Público.

| Educação/ Cultura | Educação | 2 registros importantes |
|---|---|---|
| | 1.<br>Proposta curricular de educação bilíngüe: ponto de partida para uma educação intercultural em moçambique?<br>2.<br>Deutsche schule, a escola alemã de curitiba: um olhar histórico (1884-1917). | |

| Educação/ Imigração | Educação | 07 registros importantes |
|---|---|---|
| | 1.<br>Silva, Eliana Nunes da. Na transição rural-urbana, a passagem da escola mista do bairro felipão na história da educação pública campineira" ' 01/11/2012 227 f. doutorado em educação.<br>2.<br>Pagani, Carlo. A imigração italiana no rio de janeiro e em petrópolis e a educação para os filhos dos imigrantes (1875 1920) ' 01/05/2012 150 f. mestrado acadêmico em educação.<br>3.<br>Storti, Wanessa Margotti Ramos. Educação árabe em curitiba: a escola islâmica do paraná (1969-1972). ' 01/03/2011 131 f. mestrado acadêmico em educação.<br>4.<br>Silva, Adriana Aparecida Alves da. O campo e a cultura escolar de pilar do sul e a imigração japonesa (1934 1976) ' 01/06/2012 187 f. doutorado em educação.<br>5.<br>Quitzau, Evelise Amgarten. "educação do corpo e vida associativa: as sociedades ginás- ticas alemãs em são paulo (fins do século xix, primeiras dé-cadas do século xx)" ' 01/06/2011 111 f.mestrado acadêmico em educação física.<br>6.<br>Silva, Rafael da silva e. A educação japonesa na cidade de santos (1908-1943) ' 01/02/2011 100 f.mestrado acadêmico em educação.<br>7.<br>Wiederkehr, Alessandra Helena. A escola de origem alemã: gênese e dinâmica do processo de escolarização dos teuto-brasileiros em blumenau, sc (de 1850 a 1938). ' 01/08/2012 266 f. doutorado em educação. | |

## APÊNDICE C – Produção Agrícola em Dom Feliciano no ano de 1970

### Tabela 1: Produção Agropecuária no ano de 1970

| Município (Dom Feliciano) | Colheita, tipo de cultivo e valor da produção dos principais produtos | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Produção no ano de 1970, segundo as microrregiões e os municípios | | | |
| | Total | | | |
| | Informantes | Quantidade (T) | Área (Ha) | Valor (mil cruzeiros) |
| **Soja** | 27 | 28 | 49 | 10 |
| **Arroz** | 295 | 570 | 327 | 160 |
| **Trigo** | 1666 | 3467 | 5998 | 1446 |
| **Fumo** | 155 | 385 | | 627 |
| **Milho** | 2524 | 10192 | 11291 | 1483 |

**Fonte:** Produzida a partir dos dados do censo 1970, o qual disponibiliza a produção dos municípios da região sul.
Disponível em: http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!pesquisa=0

### Figura 1: A inserção do sul na produção fumageira

Tabela 283 - Produção vegetal e Área colhida dos estabelecimentos agropecuários por tipo de produção vegetal - série histórica (1920/2006)

Variável = Produção vegetal (Toneladas)

Tipo de produção vegetal = Fumo em folha

| Brasil, Grande Região e Unidade da Federação | Ano | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1920 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1975 | 1980 | 1985 | 1995 | 2006 |
| Brasil | 73.647 | 52.493 | 102.772 | 153.689 | 218.816 | 292.932 | 326.191 | 408.394 | 451.418 | 1.109.039 |
| Sul | - | - | - | - | 147.594 | 223.946 | 277.727 | 356.405 | 413.342 | 1.049.724 |
| Rio Grande do Sul | - | - | - | - | 80.714 | 108.422 | 125.778 | 164.824 | 196.904 | 448.534 |

Nota:

1 - Os dados da série histórica disponibilizados nesta tabela são reflexo das publicações disponíveis à época. Especificamente para o ano de 1995, pequenas correções foram feitas após a publicação, o que pode ocasionar uma diferença mínima entre estes e aqueles disponíveis em outras tabelas cujos dados foram tabulados posteriormente à divulgação oficial.

2 - Nos censos de 1920 até 1996 foi levantada a produção de café em coco; no censo de 2006 foi levantada a produção de café em grão.

3 - A produção de **laranja** em 2006 está em mil frutos; para conversão utiliza-se o fator de 6,25 frutos por 1 Kg.

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

Disponível em: http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!pesquisa=0

## APÊNDICE D – Localização e ano de fundação das sociedades polonesas[113]

1. Linha São Brás/Tigre: Sociedade João Poniatowski (1909);
2. Evaristo Teixeira: Águia Branca (1919);
3. Júlio de Castilhos: Sociedade Rei João Sobieski (1920), depois passou a chamar-se São João Batista;
4. Linha Felipe Noronha: Sociedade José Pilsucki (1920);
5. Linha Assis Brasil: Sociedade Santo Isidoro (1922);
6. Linha Graxaim: Sociedade Boleslau Chrobry (1925);
7. Linha Correia Neto: Sociedade Santo Estanislau Bispo (1927);
8. Lopo Neto: Sociedade escolar Estanislau Kostka (1928);
9. Linha Laurentino: Sociedade Adão Mickiewicz (1928);
10. Linha Federal: Sociedade São Jacinto (1929);
11. Linha Amaral Ferrador: Sociedade São Feliciano (1941);
12. Linha Perdiz: Sociedade São Casemiro (1932);
13. Localidade de São Valentim: Sociedade São Casemiro (1932);
14. Linha Bela Vista: Sociedade Bela Vista (1948);
15. Localidade de Erval: Sociedade Santa Cecília (1970);
16. Linha Cavadeira: Sociedade Nossa Senhora de Fátima (sem data de fundação);
17. Colônia Pinheiro: Sociedade São Pedro (sem data de fundação);
18. Dom Feliciano: Sociedade colonial São Feliciano (sem data de fundação).

**Fonte:** Topacczewiski (1961) e Tworkowski (1984).

[113] Localizadas no espaço rural, foram criadas pelos imigrantes para que seus filhos pudessem estudar (TWORKOWSKI, 1984).

# ANEXOS

**ANEXO A – Relação da distribuição dos poloneses por linhas, onde foram concedidos os lotes coloniais**[114].

**RELAÇÃO DOS PIONEIROS**

No Arquivo Histórico do RS em Porto Alegre, encontra-se a listagem no Livro 227, onde consta a relação desses nomes dando como destino a Colônia de São Feliciano e solicitando a concessão de Lotes.

Essa relação foi extraída do cadastro da concessão dos Lotes já corrigidos até 1904, pois, como se constatou, muitos trocavam de Linhas e Lotes.

LINHA ANÁPIO

01 Antoniio Mendelski
02 Faustino Bonetti
03 Juvêncio Peixoto da Silveira
04 José Kurowski
05 Gustavo Marth
06 Estanislau Choinski
07 Francisco Niemczewski
08 Frederico Neuman FL.
09 Francisco Niemczewski
08 Frederico Milke
11 Valentim Tanski
12 Máximo Frederico dos Passos
13 João Olk
14 João Batista de Melo
15 Pedro Blumberg
16 João Kellerman
17 Pedro Blumberg
18 Serafim do Nascimento Prestes
19 Luiz Lensem
20 Estanislau Uznanski
21 Edmundo Schulz
22 Miguel Kidricki
23 Adão Zakowicz
24 Otto Mayer
25 Guilherme Marth
26 Pedro Olewski
27 Gottlieb Langer
28 João Pereira Neves

LINHA APOLINÁRIO

01 Ricardo Schmidt
02 Anna Rusch
03 Ricardo Schmidt
04 Theodolindo Joaquim da Silva
05 Miguel Kunz
06 Leonardo Szulczewski
07 MiguelKunz
08 Carlos Kruger
09 Francisco Valdomiro Lorenz
1O Augusta Kraszewski
11 Francisco Valdomiro Lorenz
12 Manoel Zacher
13 William Kosang
14 Guilherme Jacob Mass
15 Francisco Albrech
16 Guilherme Mass
17 Rafael Vicente
18 Otto Mayer
19 Antônio Riege
20 Otto Gericke

[114] LEMPEK, Renato Tubino. *Do Francisco ao Rafael, 100 anos de Imigração Polonesa- 1898-1998*/ Renato T – Rio Grande: Ed.,1998.

## LINHA ASSIS BRASIL

01 João Kalicki
02 Martin Brzozowski
03 José Pinho Brinhol
04 FélixSierakowski
05 Antônio Nowakowski
06 José Iszkewcz
07 João Wawzyniak
08 João Smolarek
09 Francisco Geórgio do Nascimento
**10 Wojcieck Bobrowski**
11 Bernardino Vasconcelos
12 Antônio Parulski
13 João José da Silva
14 Francisco Muzykant
15 Francisco Rosiak
16 MiguelPodel
17 Thomas Kwatkowski
18 Francisco Kendzierski
19 Pedro Studzinski
20 Alexandre Kalinowski
21 Antônio Nowakowski
22 Simão Holewa
23 Miguel Koszelewski
24 Viúva Pogorzelski
25 Estanislau Dostatni
26 Estanislau Tomaszewski
27 Francisco Podel
28 João Grala
29 Antônio Ilecki
30 Nicolau Ostrowski
31 Ladislau Zbrowski
32 Epifácio José Pereira
33 Felipe Ianhowski
34 loio Milczarek
35 José Krajewski
36 Pedro Grala·
37 André Przyczinski
38 André Gapinski
39 Francisco Wichrowski
40 Stasinski
41 Mateus Brys
42 Silvio José Rodrigues
43 Manoel José Rodrigues
44 Inácio José da Gama
45 José Brys
46 Quirino Rodrigues Lopes
47 Ludovico Kowalski
48 Augusto Malkowiak
49 Ludovico Kowalski
50 Martim Fischer
51 João Brzozowski
52 André Kendzierski
53 Valentim Szymanski
54 Félix Olszewski
55 Constante Witkowski

## LINHA CARLOS FERREIRA

01 Miguel Matuszewski
02 Augusto Antonovicz
03 Miguel Matuszewski
04 Francisca Kornalewski
05 João Kellermann F°
06 Francisca Kornalewski
07 Leão Jasinski
08 Carolina Zwiezynski
09 João Zajkowski
10 Valentin Wichrowski
11 João Zajkowski
12 Antônio Bialy
13 Antônio Tarnowski
14 Severino Barbosa
15 Estanislau Wichrowski
16 José Melchiades da Silva

## LINHA CORREA NETO

01 José Scislewski
02 Pedro Soares de Barcellos
03 Casemiro Kowalski
04 Ernesto Félix
05 Irineo Domingos Boeira
06 Emilio Pedro Kruge
07 Lourenço Skieresz
08 Antônio Tamborski
09 Estanislau Groselak
10 Theodoro Scislewski
11 Woicieck Stasiak
12 Jacob Chebowski
13 Wojcieck Slasiak
14 João Glombowski
15 Pedro Dozervski
16 João Glombowski
17 Francisco Kawczynski
18 Pedro Iaskulski
19 Estaninlau Kawczynski
20 Antônio Horna
21 Estanislau Kawczynski
22 Francisco Newojuzak
23 Francisco Horna
24 Francisco Newojuzak
25 Alexandre Kwiecinski
26 Estanislau Skopinski
27 AntônioLusak
28 João Kaminski
29 José Zajkowski
30 André Skieres
31 Martim Szortyka
32 Blasej Kolozinski
33 José Przygozinski
34 Oscar Langhanz
35 Antônio Ligocki
36 Pedro Olszewski
37 Estanislau Zajkowski
38 Wojcieck Majewski
39 Carlos Wasielewski
40 João Tomczak
41 Carlos Wasielewski
42 Eslanislau Zajkowski
43 Ana Verônica Mathias
44 Mathias Szortyka
45 Miguel Wichrowski
46 Ana Verônica Mathias
47 Miguel Wichrowski
48 André Makowski
49 Manoel Rodrigues da Silva
50 Agostinho Ignácio dos Santos

## LINHA EUZÉBIO DORNELES

01 Lourenço Kuligowski
02 Inácio Tysjbowski
03 Lourenço Moczulski
04 André Dylewski
05 André Dylewski
06 José Szudelski
07 Miguel Stowk
08 João Lesniczuk
09 Miguel Strouck
10 Francisco José Almeida
11 Jesuino José Abreu

## LINHA FERNANDES

01 Evaristo Custódio Fernandes
02 Francisco Antônio Oliveira
03 Narciso Sérgio Bastos
04 Ludovico Chmielik
05 José Galvão Vicente
06 Manoel Maná
07 Ovídio Nunes

## LINHA EVARISTO TEIXEIRA

01 Francisco Olszewski
02 Alexandre Slawski
03 Miguel Sobierajski
04 Francisco Latosinski
05 Pedro Czemanski
06 Martins Stobienia
07 Luiz Moch
08 Ladislau Sobierajski
09 André Bolinski
10 Alexandre Zabiella
11 Martim Niemczewski
12 Henrique Bekcr
13 Adão Rodzinski
14 Teófilo Maliszewski
15 Antônio Gablowski
16 Adão Puchalski
17 Pedro Gornicki
18 Valentim Niewiewinski
19 Pedro Stozemieczny
20 Antônio Balczarek
21 Cândido Soares
22 Valentim Ulanowski
23 Francisco Zelazkiewicz
24 Vicente Nicozwicki
25 Vicente Zubricki
26 Vicenle Ciesluk
27 Hipólilo Maliszewski
28 Miguel Czarnecki
29 Estevam Binkowski
30 Miguel Bartosiak
31 José Stiborski
32 André Strzemieniczny
33 José Milkowski
34 Vicente Kozywnanski
35 Wladislau Zwiecinski
36 Estevam Kotkowski
37 Alexandre Szarblewski
38 André Tozesztowslu
39 Alexandre Szarblewski
40 Eslanislau Helminski
41 Thomaz Dworzecki
42 José Dombrowski
43 Adão Racki
44 Stanislau Kulesza
45 Martim Maciejewski
46 André Siwinski
47 Szczepan Garstka
48 Estanislau Semanski
49 André Bonczynski
50.Carlos Puchalski
51 Tomaz Bentkowski
52 Teófilo Szarblewski

## LINHA FEDERAL

01 FranciscoZacher
02 Antônio Gornicki
03 Estevam Fabis
04 João Germanski
05 AntônioWalczak
06 Miguel Ogiba
07 MiguelMakowski
08 Miguel Ogiba
09 InácioBinkowski
10 Paulo Tyszka
11 Estanislau Bentkowski
12 Paulo Tyszka
13 Antonio Wisniewski
14 João Witkowski
15 Francisco Wisniewski
16 Wojcieck Neugebauer
17 Inácio Szczepaniak
18 Félix Dombrowski
19 Antônio Rekus
20 Martim Witkowski
21 Antônio Rekus
22 Valentim Tanski

23 José Lapinski
24 Francisca Rutkowski
25 José Lapinski
26 Adão Zawadzki
27 Lourenço Rutkowski
28 Pedro Semczuk
29 Lourenço Rutkowski
30 João Nowinski
31 João Makowski
32 João Makowski
33 Pedro Malinski
34 Dionisio Danowski
35 Inácio Tomczyk
36 Inácio Galon

## LINHA FELIPE NORONHA

01 Lourenço Gostynski
02 Leão Walnet
03 Estanislau Chrostowski
04 José Stachlewski
05 Antônio Wlaziel
06 Alexandre Rostkowski
07 Francisco Kwiatkowski
08 Miguel Dziedziezak
09 José Leimann
10 Constante Kalinowski
11 Leão Niewierowski
12 Melchior Chrostowski
13 Leão Niewierowski
14 Leão Niewierowski
15 Mathias Rosinski
16 Miguel Loba
17 Bronislau Leimann
18 Inácio Kwiatkowski
19 Francisco Szewczynski
20 João Adamczyk
21 Alexandre Rostkowski
22 José Wisniewski
23 Nicolau Zultowski
24 Gregório Klinski
25 Ladislau Wasielewski
26 Ladislau Bucinski
27 Vicente Ientczak
28 Wojcieck Ientczak

## LINHA JÚLIO DE CASTILHOS

01 Genokonye Enúl Patzlof
02 José Browski
03 Gabriel Laurent
04 Alexandre Janovik
05 Adão Markowski
06 João Uszacki
07 Antônio Burkacki
08 Julião Zimnoch
09 Constane Strzykalski
10 Julião Zimnoch
11 Maria Staniecka
12 Estevam Kapczynski
13 Inácio Tandecki
14 Francisco Killa
15 Nicolau Pawlowski
16 Francisco Markowski
17 Wojciek Kapczynski
18 Ladislau Sokolowski
19 José Staniescka
20 Alexandre Trreszkowski
21 Maria Przybylska
22 Wojcieck Kapczynski
23 Baltazy Lesczynski
24 José Juretko
25 João Rosiak
26 Miguel Wojciechkowski
27 José Siemionko

# LINHA LAURENTINO FREIRE

01 Venceslau Szulczewski
02 Alexandre Kuczynski
03 Frederico Neumann
04 Frederico Knuth
05 João Bull
**06 Mathias Lempek**
**07 Francisco Lempek**
08 Wojciack Andrzejewski
09 João Huk
10 Ludovico Karasiewicz
11 Pedro Lasek
12 Ladislau Lysakowski
13 Apolônia Brzozowski
14 Adão Sendrowski
15 Tomaz Gryszewski
16 João Wolowski
17 Francisco Slelmach
18 Sigismundo Deunowicz
19 Constante Wolowski
20 Miguel Majewski
21 Henrique Otto
22 Francisco Zembrzuski
23 Thomaz Cichocki
24 Boleslau Zembrzuski
25 Miguel Proszek
26 José Zembruski
27 Constante Kalicki
28 João Kolesny
29 Lourenço Kalicki
30 João Tanski
31 Aloiza Sosnowska
32 Estanislau Twardowski
33 João Kolesny
34 Francisco Niewinski
35 Francisca Wawrzyniak
36 Jacob Szczepaniak
37 Francisco Iplynsiki
38 Jacob Iplynski
39 Franciso Tomkowski
40 João Pielich
41 Alexandre Tarnowski
42 Miguel Pawlowski
43 João Goryszewski
44 Valentim Ulinowski
45 José Karasek
46 Mariano Uniewski
47 João Ulinowski
48 Antônio Corrêa
49 Valente Karasek
50 Estanislau Subda
51 Estanislau Karasek
52 Francisco Bolesta
53 João Grabowski
54 Simão Kendzierski
55 Félix Stnozniski
56 Pedro Biancki
57 Martim Skerecki
58 Bernardo Janowski
59 Josi Berlikowski
60 Estanislau Nieborak
61 Florentino Pedroso de Lacera
62 Joào Subda
63 Maria Chelmicka
64 Antônio R da Silva
65 Alexandre Goldasz
66 Apolônia José Rodrigues
67 Casemiro Goldasz
68 José Antônio Oliveira
69 Theodoro Gonçalves de Magalhães
70 Estevam Bergmann

71 João Ruskowski
72 Jacob Nieozidlkowski
73 José Budziarek
74 Estanislau Gajewski
75 Salvador Ferreira Lopes
76 Eufrosina Maria dos Santos
77 Nieborak
78 Honorato José de Sampaio
79 José Ramos de Oliveira
80 Celestino José de Sampaio
81 Manoel Reginaldo de Moraes
82 Rita Gonçalves de Magalhães

## LINHA LOPO NETO

01 Antônio M. Correa
02 José Lucas
03 Bento Manoel Corrêa
04 Félix José Lucas
05 Ladislau Paruslki
06 Pedro Alexandre Ribeiro
07 Francisco Kaminski
08 Miguel Janeczek
09 Estanislau Tysszka
10 Francisco Bystronski
11 Maria Cardoso da Silva
12 Francisco Bystronski
13 Adão Killa
14 Estanislau Kozesinski
15 Salvador Ferreira Lopes
16 José Szczesny
17 Pedro Jesniewicz
18 Antonio Thoduardo Familiar
19 Manoel de Deus Fernandes
20 Ricardo Nickhorn
21 Januário Ribeiro da Silva
22 Graciliano Soares Sodré
23 Januário do Valle
24 Francisco Lewandowski
25 José Desidério Majeng
26 Wojciecki Kubaszewski
27 Thomaz Rembowski
28 Simão Tyszka
29 Marcolina L. Koning
30 Julião Tyszka
31 Antônio Wolowski
32 Antônio Effenberg
33 Estevam Gornicki
34 José Dzielinski
35 FranciscoKucharski
36 Antônio Zebrzuski
37 João Baginski
38 Marcelo Romanczyk
39 Thomaz Tyszka
40 Manoel dos Santos Soares
41 Miguel Marciniak
42 Constante Obraszewski
43 Antônia Zembrzuski
44 João Guilherme Potumea
45 João Marciniak
46 José Theodoro Hugo
47 Lucas Nowak
48 José Hugo
49 Lourenço Gawlinski
50 João Nowak
51 Alexandre Gawlinski
52 Francisco Pogorzelski

53 Brornislau Gawlinski
54 Martim Kendzierski
59 Manoel José Martins
55 Francisco Jezierski
56 Clementino Luiz Lemos
57 Venerando Félix Martins
58 Antônio Cândido Martins

## LINHA NICOLAU PEDERNEIRAS

01 Mariana Raskowski
02 Francisco Brudeburski
03 Ludovico Siemionko
04 Eduardo Szczecinski
05 Wojcieck Zalewski
06 Eduardo Szczecinski
07 Ludovico Siunionko
08 Ludovico Siunionko
09 Miguel Czarnecki
10 Thomaz Staniecki
11 Francisco Ray
12 Theodoro Klejnowski
13 José Kober
14 Estanislau Szewczynski
15 Feliciano Biadaszkiewicz
16 Feliciano Biadaszkicwicz

## LINHA SCHNEIDER

01 Custódio Ribeiro da Silva
02 José: Maria Leal
03 João Soares Bastos
04 Anaurelino Antunes Ferreira
05 Estanislau Rembowski
06 Ramão Krzymanski

## LINHA THOMAZ FLORES

01 Christiano Bockr
02 João Soares dos Santos
03 Afonso José Rodngues
04 Leonardo Biedzickj
05 José Jorge da Siqueira
06 Constante Biedzicki
07 João Bokinski
08 João Kasanowski
09 Silvestre Kasanowski
10 Otília Carrard
11 Valente Pietruszewski
12 Miguel Sierakowski
13 José Kaminski
14 Nicolau Lowicki
15 André Cieerck
16 Estanislau Tymbinkowski
17 Inácio Kneciel
18 João Viatrowski

## LINHA GERAL

01 Antônio Kulczynski
02 Maria Helena Szulctewska
03 Stanislau Chrostowski
04 Bernardo Kidricki
05 Wenceslau Szulczewski
06 Pedro Blumberg Filho
07 José Militão Borges

## LINHA SILVESTRE CORREA

01 Estevam Kwiecinski
02 Antônio Wroblewski
03 Kasimis Drosdowski
04 José Ienczak
05 Bento Roque da Silva
06 Valentim Karpinski
07 Martim Andrejewski
08 José Dwornecki
09 Ignácio Lukowski
10 José Dworzecki
11 Felippe Bandarz
12 José Dwortecki
13 Wojcieck Szymczak
14 José Dwonecki
15 Wladislau Paczkowski
16 José Kasprzak
17 Gaspar Francisco Lopes
18 Mathias Kacznarek
19 José Szymanski
20 Wojcieck Olejnik
21 José Szymanski
22 Wojcieck Szymanski
23 Estêvam Kwiecinski
24 Thomaz Szczepanski
25 TeophiloPaczkowski
26 Teófilo Paczkowski
27 João Pakulski
28 Ludovico Pakulski
29 Lourenço Pakulski
30 Casemiro Przygodzinski
31 Caserniro Przygodzinski

## ANEXO B – Marchinhas polonesas entoadas nos casamentos[115]

- Dobrypan=> Marcha usada para a coleta em dinheiro com a finalidade de ajudar aos noivos. Enquanto se passa o sapato da noiva e do noivo para arrecadar dinheiro se toca e canta esta música.

- Marsz w kościele=> Música tocada sempre na chegada dos noivos na cerimônia religiosa na igreja

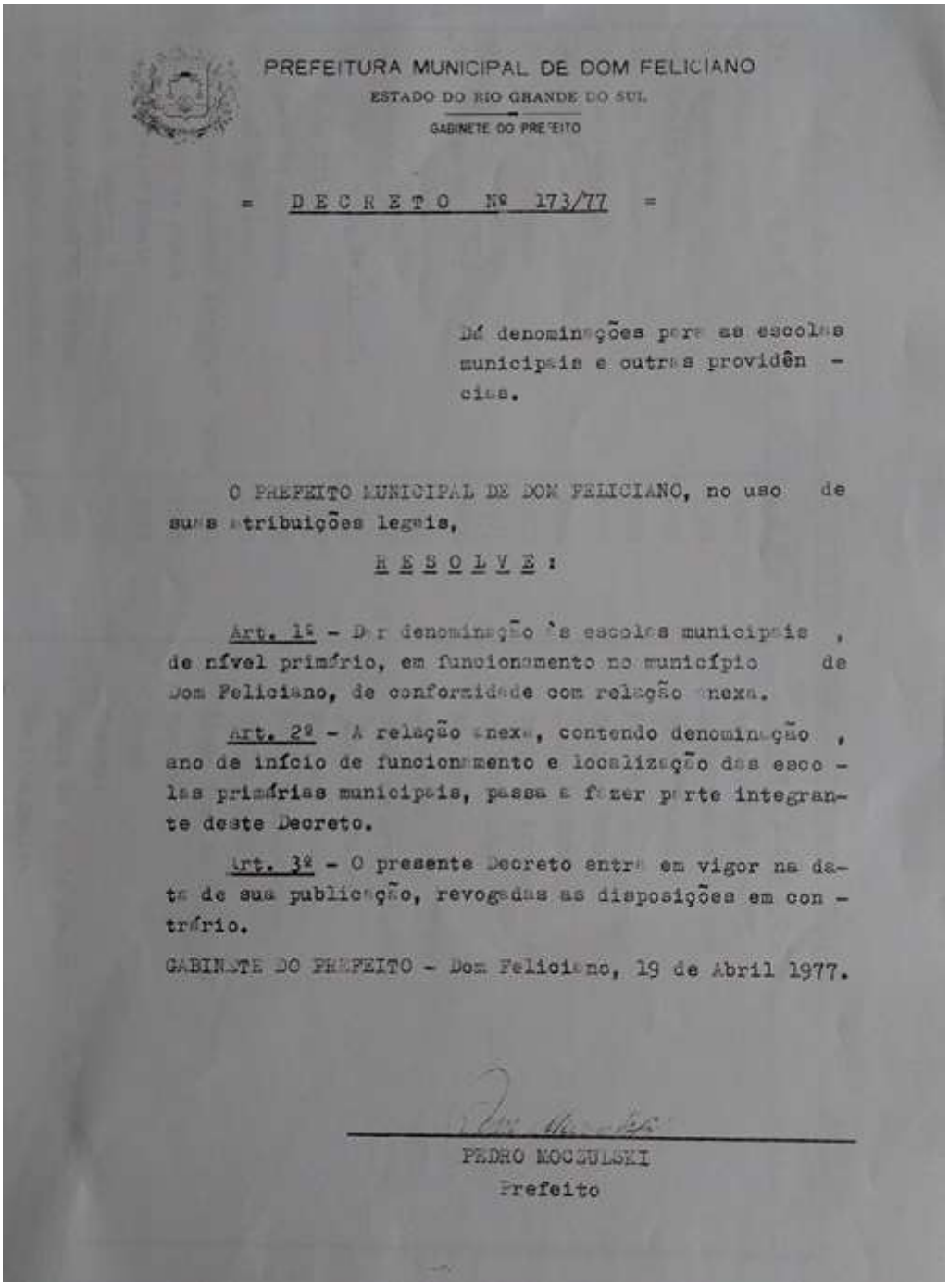
- Marsz dla Gosci=> Música tocada na recepção dos noivos na festa do casamento.

- Marsz koscielny=> Música tocada na saída dos noivos da igreja até o local a serem recepcionados pelos convidados.

[115] Essas marchinhas encontram-se também de forma digital nesse trabalho. O acesso ao significado dessas músicas e as próprias músicas em forma digital foram conseguidas através de entrevista realizada com integrante do grupo polonês “Terno de Reis Orzel Bialy”, Paulo Sérgio Lasek, o qual disponibilizou esse repertório de marchinhas utilizadas nos casamentos poloneses para esse trabalho.

## ANEXO C – Jornal polonês *“Gazeta Polska”*

**ANEXO D – Decreto que nomeia as escolas municipais com a data de fundação das respectivas escolas.**



PREFEITURA MUNICIPAL DE DOM FELICIANO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
GABINETE DO PREFEITO

= DECRETO Nº 173/77 =

Dá denominações para as escolas municipais e outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE DOM FELICIANO, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

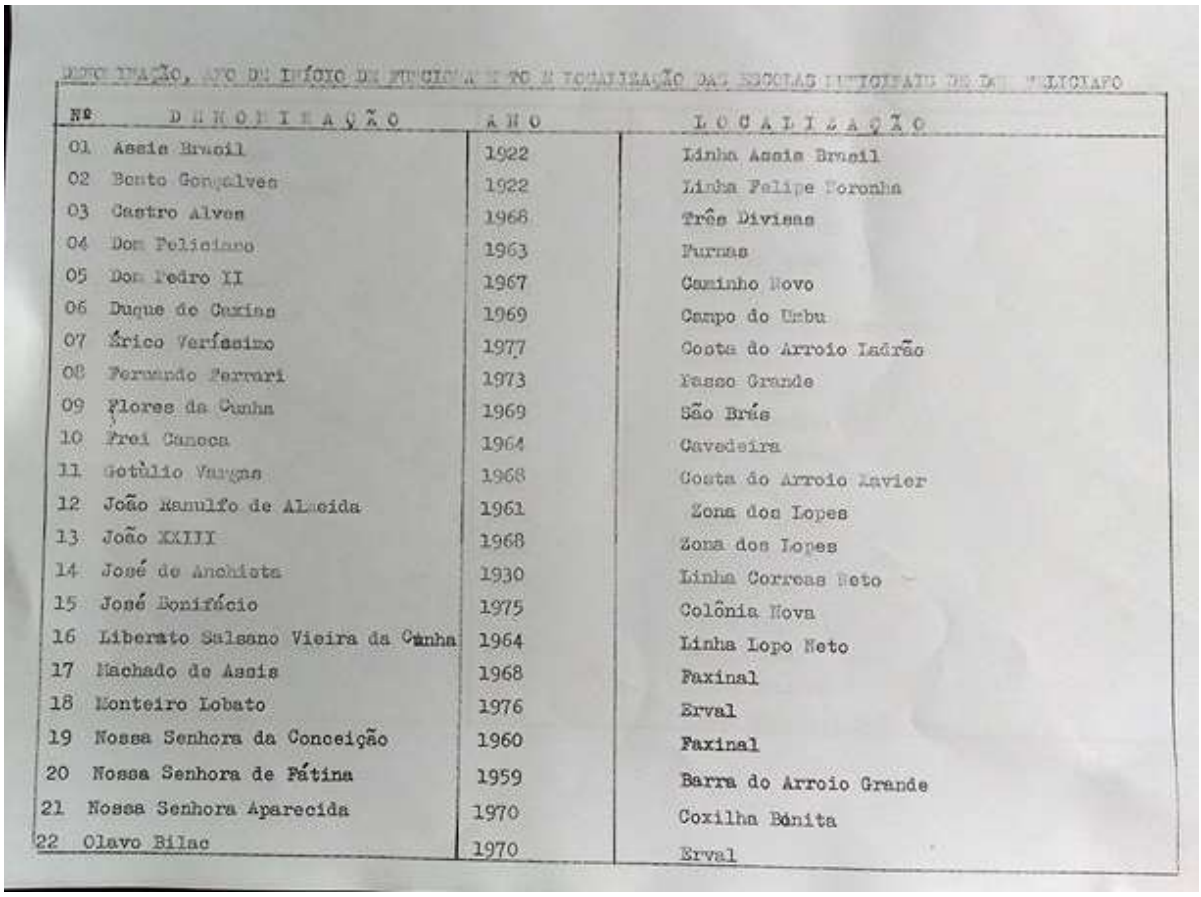
Art. 1º - Dar denominação às escolas municipais, de nível primário, em funcionamento no município de Dom Feliciano, de conformidade com relação anexa.

Art. 2º - A relação anexa, contendo denominação, ano de início de funcionamento e localização das escolas primárias municipais, passa a fazer parte integrante deste Decreto.

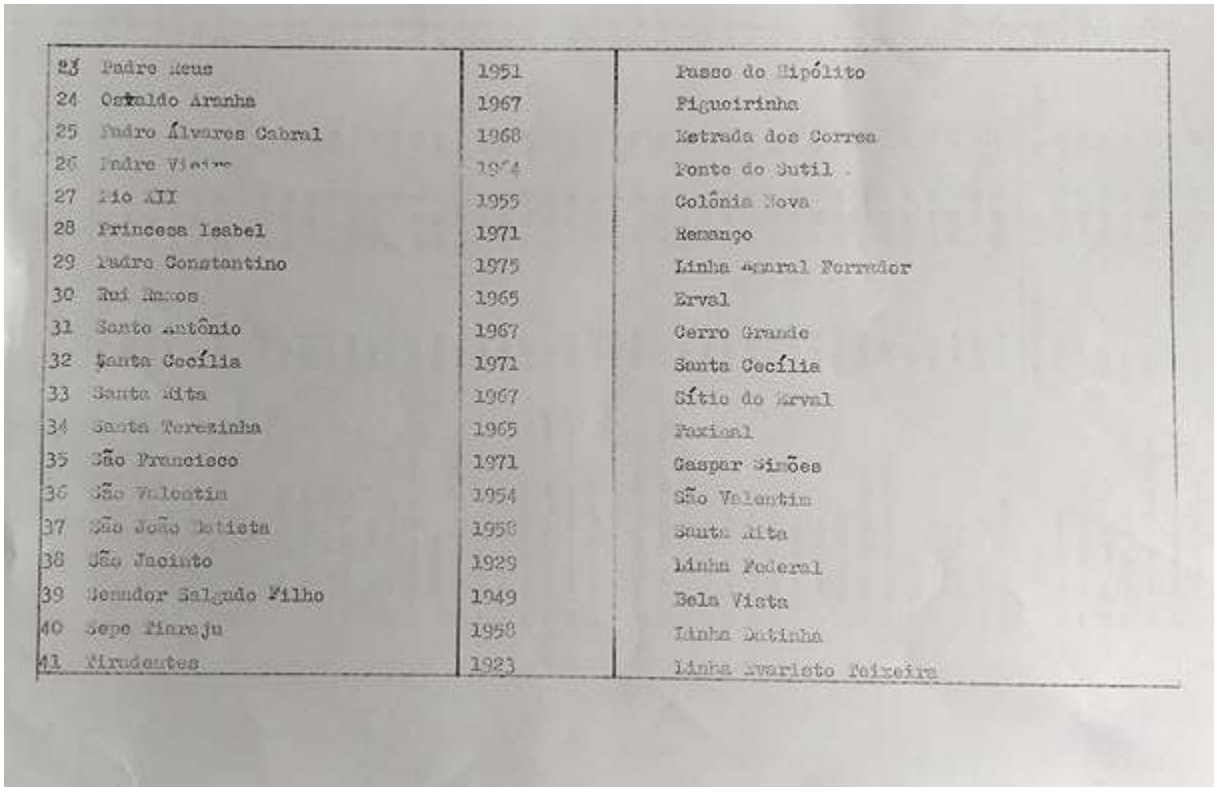
Art. 3º - O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO - Dom Feliciano, 19 de Abril 1977.

PEDRO MOCZULSKI
Prefeito



| Nº | DENOMINAÇÃO | ANO | LOCALIZAÇÃO |
|---|---|---|---|
| 01 | Assis Brasil | 1922 | Linha Assis Brasil |
| 02 | Bento Gonçalves | 1922 | Linha Felipe Noronha |
| 03 | Castro Alves | 1968 | Três Divisas |
| 04 | Dom Feliciano | 1963 | Furnas |
| 05 | Dom Pedro II | 1967 | Caminho Novo |
| 06 | Duque de Caxias | 1969 | Campo do Umbu |
| 07 | Érico Veríssimo | 1977 | Costa do Arroio Ladrão |
| 08 | Fernando Ferrari | 1973 | Passo Grande |
| 09 | Flores da Cunha | 1969 | São Brás |
| 10 | Frei Caneca | 1964 | Cavedeira |
| 11 | Getúlio Vargas | 1968 | Costa do Arroio Xavier |
| 12 | João Manulfo de Almeida | 1961 | Zona dos Lopes |
| 13 | João XXIII | 1968 | Zona dos Lopes |
| 14 | José de Anchieta | 1930 | Linha Correas Neto |
| 15 | José Bonifácio | 1975 | Colônia Nova |
| 16 | Liberato Salzano Vieira da Cunha | 1964 | Linha Lopo Neto |
| 17 | Machado de Assis | 1968 | Faxinal |
| 18 | Monteiro Lobato | 1976 | Erval |
| 19 | Nossa Senhora da Conceição | 1960 | Faxinal |
| 20 | Nossa Senhora de Fátima | 1959 | Barra do Arroio Grande |
| 21 | Nossa Senhora Aparecida | 1970 | Coxilha Bonita |
| 22 | Olavo Bilac | 1970 | Erval |



| | | | |
|---|---|---|---|
| 23 | Padre Reus | 1951 | Passo do Hipólito |
| 24 | Osvaldo Aranha | 1967 | Figueirinha |
| 25 | Pedro Álvares Cabral | 1968 | Estrada dos Correa |
| 26 | Pedro Vieira | 1964 | Ponte do Butiá |
| 27 | Pio XII | 1955 | Colônia Nova |
| 28 | Princesa Isabel | 1971 | Remanço |
| 29 | Padre Constantino | 1975 | Linha General Ferreira |
| 30 | Rui Ramos | 1965 | Erval |
| 31 | Santo Antônio | 1967 | Cerro Grande |
| 32 | Santa Cecília | 1971 | Santa Cecília |
| 33 | Santa Rita | 1967 | Sítio do Erval |
| 34 | Santa Terezinha | 1965 | Faxinal |
| 35 | São Francisco | 1971 | Gaspar Simões |
| 36 | São Valentim | 1954 | São Valentim |
| 37 | São João Batista | 1958 | Santa Rita |
| 38 | São Jacinto | 1929 | Linha Federal |
| 39 | Senador Salgado Filho | 1949 | Bela Vista |
| 40 | Sepé Tiaraju | 1958 | Linha Butinha |
| 41 | Tiradentes | 1923 | Linha Avarioto Teixeira |